Quando a vez é do MAR

Carlos Lúcio Gontijo

ECOS DO TEMPO

www.carlosluciogontijo.jor.br

Eis aí o resultado de garimpagem de frases sobre o trabalho literário de Carlos Lúcio Gontijo. Tais análises foram extraídas de prefácios e "orelhas" de livros editados a partir de 1977.

Carlos Lúcio Gontijo possui uma linguagem própria, sem escolas e sem influência. Inventa. É apenas poeta, com um compromisso muito sério com a criação.

Bueno de Rivera (Poeta mineiro nascido em Santo Antônio do Monte).

Poesia anunciadora, diferente, algumas vezes agressiva, no bom sentido, incomum até na sua formulação, original no seu ritmo e, sobretudo, trazendo em cada palavra uma imensa mensagem de humanidade, protesto, de crítica e de profunda ironia.

José Egydio Farinha (Jornalista, folclorista e crítico literário).

Só pode ser de seu primeiro livro (Ventre do Mundo), repleto de lirismo e antíteses como esta: "um dia o riso lhe veio, mas ele o enxugou pensando ser pranto", que nasceu toda a obra literária de Carlos Lúcio Gontijo.

Berenicy Raelmy Silva
(Psicóloga e jornalista).

Com habilidade artesanal, consciência social e profunda visão de mundo, "... fiando assunto linha afora", Carlos Lúcio Gontijo vai envolvendo e provocando o leitor. "Há duas espécies de livros: uns que os leitores esgotam, outros que esgotam os leitores" – diz-nos Mário Quintana. Os de Carlos Lúcio estão entre os primeiros.

Therezinha Casasanta (Escritora).

A obra literária de Carlos Lúcio Gontijo é verdadeiro "Coquetel Molotov", é nitroglicerina pura, ao subliminarmente nos induzir a condenar a discriminação em todas as suas odiosas formas.

José Carlos Alexandre (Jornalista).

Carlos Lúcio, você lutou, venceu e vai brilhar ainda muito mais, pois tem luz própria como o sol. Nada vai apagar a claridade que vem de dentro de você e que o acompanhará para sempre, sem se intimidar com as intempéries do dia a dia.

Clélia Souto (Primeira professora do autor).

Li e reli com muito gosto. Adorei como diz a meninada de hoje. Carlos Lúcio Gontijo se nos apresenta com versos de grande beleza, graça e sensibilidade, grande criatividade e profundamente humanos. A gente começa a ler e não consegue parar...

Aluísio Pimenta (professor, ex-ministro da Cultura e ex-reitor da UFMG e UEMG. É membro da Academia Mineira de Letras).

Quando a vez é do MAR

Carlos Lúcio Gontijo

Prefácio do poeta Antônio Fonseca

Quando a vez é do MAR

Carlos Lúcio Gontijo

OBSERVAÇÃO:

Este romance é seguido por um apanhado bem resumido dos 13 livros anteriores do autor, que foi espontaneamente elaborado pela profissional de relações públicas Ângela Maria Sales Dias, residente em Nova Lima, Minas Gerais, intitulado **CARLOS LÚCIO GONTIJO NA BATEIA DE UMA LEITORA.**

Capa e ilustrações
Nivaldo Marques Martins
Contracapa/Poema "Mantra de Drummond"
Carlos Lúcio Gontijo
Programação visual e diagramação
Nivaldo Marques Martins
Digitação
Conceição Nina de Oliveira
Revisão
Berenicy Raelmy Silva

Carlos Lúcio Gontijo
Quando a vez é do mar
1ª edição - 400 páginas

Copyright by CLG 2012
Rua Belchior Francisco, 67
Santo Antônio do Monte – MG
CEP 35.560-000
www.carlosluciogontijo.jor.br

Quando a vez é do MAR

Carlos Lúcio Gontijo

Este romance é uma obra de fi cção. Pode lembrar ou confundi r-se com a reali dade, mas jamai s dei xará de ser resultado da i magi nação do autor – poeta, escri tor e jornali sta – que, como se numa redação de jornal esti vesse, transforma, parafrasei a e "paracontextuali za" tanto a bi bli ografi a em que busca i nformação quanto a própri a vi da que o rodei a.

Dedicatória

Pai é o homem que dos filhos cuida. Como não os carregou no ventre e, portanto, não se beneficia do pleno contato com a vida em formação, vê-se na contingência de conquistar a real condição de pai no dia a dia, após o nascimento do rebento.

Pode afirmar-se, técnica e psicologicamente, que todo pai verdadeiro é aquele que adota o filho e o torna o melhor dos amigos, porque diz respeito à amizade fertilizada pelo divino halo do ato da concepção, através do qual são transmitidas as heranças genéticas e biológicas – que permitem o reconhecimento da paternidade ou filiação, por intermédio do DNA –, mas não detém poder para conferir o definitivo diploma de pai, uma outorga que só a espontânea convivência e a adoção bilateral, envolvendo o fecundante e a criatura fecundada, podem conceder em tangível magnitude.

Meu pai José Carlos Gontijo preencheu ao longo do tempo todos os quesitos, dando-me alimento, educação, amor, carinho e principalmente exemplos de sensibilidade, tolerância, compaixão, gratidão, além da indispensável noção de comportamento íntegro e ético no relacionamento com as pessoas. Devo ao meu pai a edição e o lançamento de muitos de meus livros, constituindo-se tal procedimento em núcleo de luz destinado a nos unir ainda mais, pois a arte literária é seiva de minha existência e o próprio ar que respiro.

Depois da morte de minha mãe Betty Rodrigues Gontijo, meu pai aproximou-se ainda mais de minha labuta literária. Não impulsionado pelo fato de possuir recursos para me auxiliar, mas estimulado por algo maior, por energia emanada do desejo de ser útero, de ser mãe Betty, abrigar e guarnecer, em abrangente processo de adoção, o filho Carlos Lúcio Gontijo – o Lúcio, como sou chamado pelos familiares e amigos mais íntimos.

Enlevado pela minha fecundação, fruto de sua união, pai, com mulher tão bem escolhida para ser minha mãe, eu regozijo por minha integral adoção como seu filho legítimo; eu me ponho "enjanelado" e eternamente grato pelo zelo na criação e pelo alicerce de lar verdadeiro em que você ergueu nossa morada e construiu a história de nossa sagrada família (toda família é sagrada), através da qual ainda hoje eu percebo Jesus e o milagre do amor todos os dias.

Obrigado, meu pai José Carlos Gontijo.

PAI E FILHO

Ser pai é correr docemente atrás
Da realidade natural de não ser mãe
É saber que a fecundação carnal
Somente se transforma em paternidade
Sob o aval do brilho da amizade sincera
Quimera que ao final une pai e filho
No mesmo varal de almas...

(Nota: Poema publicado em 1993, no livro "Aroma de Mãe")

O PAI

Presença de pai diante dos filhos
Licença para ceder ou tomar a palavra
Sair para pescar em rio sem peixes
E voltar com feixes de sabedoria
Pois que criar às vezes não é dar
É gerar alegorias e possibilidades
Alegrias e realidades imateriais

(Nota:Poema publicado em 2009, no romance "Jardim de Corpos")

Agora, um poema em louvor ao lar que você,
pai Zé Carlos (juntamente com mãe Betty),
me deu para crescer – e cresci .

MEU LAR

Mamãe me ensinava a andar
Mas ao meu lado voava
Papai me dava lições de homem
Mas ao meu lado esvoaçava
Meu lar sempre foi cantoria e verso
O reverso da realidade ruim
Nele o longe chegava pra perto
Certo do aconchego de cais
Liberado no abraço de meus pais...

Carlos Lúci o Gonti jo

Sem a grandeza de cri ança, adulto algum
consegue ser gente grande.

Bom jangadeiro é aquele
que sabe quando a vez é do mar!

****

Quando acertamos
a bússola dos passos,
nossos pés abraçam
os mares do caminho.

****

Aprender a ir embora
é a primeira lição
de navegante que
deseja chegar.

****

Nos mares da vida,
as pessoas são a nossa
verdadeira pátria; sem elas
temos apenas o espaço
geográfico.

****

O homem é mesmo um animal político,
mas todas as vezes em que age
politicamente, navega como simples animal
pelos mares da vida.

****

Como se fôssemos nuvens, o sopro dos ventos
cotidianos varrem os mares da existência,
dando-nos uma face nova a cada dia.

Sumário

PREFÁCIO 15
INTRODUÇÃO 19
CAPÍTULO I 21
Arca de Noé
CAPÍTULOII 29
Oceano
CAPÍTULO III 37
Escafandrista
CAPÍTULO IV 45
Pedaços de Mar
CAPÍTULO V 53
Mar nas Mãos
CAPÍTULO VI 61
Cais de Corpo
CAPÍTULO VII 71
Navegador Trêmulo
CAPÍTULO VIII 81
Tudo é Mar
CAPÍTULO IX 89
Mar de Berço
CAPÍTULO X 99
Mar da Distância
CAPÍTULO XI 107
Mar de Retalho
CAPÍTULO XII 113
Riacho
CAPÍTULO XIII 121
Velas ao Mar
CAPÍTULO XIV 127
Rio Acima
CAPÍTULO XV 133
Mar de Grãos
CAPÍTULO XVI 139
Beijo de Mar
CAPÍTULO XVII 147

Mãos Navegantes
CAPÍTULO XVIII 157
Bolso de Mar
CAPÍTULO XIX 169
Mar Aberto
CAPÍTULO XX 179
Mares do Amanhã
CAPÍTULO XXI 193
A Vez do Mar

Apêndi ces 209
As ci dades do meu canto: 210
Samonte em Revi sta 210
Mi nha BH Interi or 211
Homens-Arrudas 211
Flor de Mandacaru 212
Contagem 213
Mi lagre de Mari ana 214
Pelas Ruas de Mari ana 214
Sangue Montense 215
Fruto Jogado 216
O Poeta Bueno de Ri vera 217
Bi ografi a 220
Jesus Salvador 222
CARLOS LÚCIO GONTIJO NA BATEIA DE UMA LEITORA
(Por Ângela Mari a Sales Di as)
Da pági na 223 à pági na 384
Agradeci mento à lei tora ÂngelaMari a 384
Artigos jornalísticos
A manei ra de cami nhar 386
Reci clagem de estado 388
Nação não di spensa méri to 390
Obras de Carlos Lúci o Gonti jo 393
Bi bli oteca CLG 394
Li vro novo 395
Patrocíni o em famíli a 397

Prefáci o

Estou aqui numa função um tanto di fíci l: prefaci ar o déci mo quarto li vro do ami go, jornali sta, croni sta, poeta, romanci sta e erudi to Carlos Lúci o Gonti jo.

Foi bastante i nteressante o nosso pri mei ro contato. Se ti vesse si do há décadas, teri a ganhado uma conotação mai s ínti ma, poi s só poderi a ter si do pessoalmente, ai nda não usávamos a i nternet. Nosso pri mei ro contato foi vi rtual. Um ami go dele deu-me um exemplar do romance *Cabine 33*, o qual li de uma sentada. Antes da lei tura não ti nha a pretensão de fazer contato com o autor, mas me apai xonei pela hi stóri a e pelo esti lo leve e si mples de narrar a sua li teratura. Vi ajei naquele trem na cabi ne ao lado dos personagens. Compus um poema com o título "Cabi ne 34". Conheci os protagoni stas na i nti mi dade e vi , na hi stóri a, o cunho soci al e a preocupação do autor com a harmoni a entre os povos.

E essa preocupação, que se desenrola em toda sua obra, não fi cari a de fora no QUANDO A VEZ É DO MAR. Em li nguagem poéti ca e fi losófi ca, o autor desenvolve a hi stóri a com a mesma desenvoltura erudi ta e leveza com que descreveu em outros li vros de sua autori a e que ti ve o prazer de lê-los. Cada capítulo precede de um poema e em todos eles a palavra mar está presente, autenti cando o título da obra. Poemas que seguem a mesma li nha fi losófi ca da narrati va. Penso que todo poeta é assi m. Não se leem poesi as que fazem apologi as às i ntri gas e desarmoni as, do contrári o não seri am poesi as. Nasceu, então, em mi m, uma necessi dade de fazer contato com o autor, de quem recebi , em 2009, na AMI, meus exemplares autografados do "Jardi m de Corpos" e do "Duducha e o CD de Mortadela", mas pri nci palmente seu abraço cari nhoso. Passamos, então, a trocar mensagens vi rtuai s.

Em 2010, com mui ta honra, parti ci pei da sua posse como membro efeti vo da Academi a de Letras do Brasi l–Mari ana (ALB-Mari ana), onde ti ve a oportuni dade de conhecer outros escri tores renomados como Carlos Lúci o Gonti jo.

Di as antes dessa posse, recebi o convi te de prefaci ar esta obra maravi lhosa. Acei tei consci ente da responsabi li dade de colocar meu nome ao lado de prefaci adores famosos como Bueno de Ri vera, Aluísi o

Pi menta, Terezi nha Casasanta, Celso Brant, José Carlos Alexandre, João Si lva de Souza e Ângela Mari a Rodri gues Mesqui ta.

Tenho fei to testes com meus alunos. Di stri buo alguns li vros para que, após a lei tura, respondam perguntas em torno de: A dedi catóri a do li vro foi para quem? Quem escreveu o prefáci o? Qual o nome do autor? Perguntas fácei s que não sabem responder, comprovando mi nhas suspei tas. Eles começam a ler os li vros pelo pri mei ro capítulo. Desprezam todas as i nformações da obra, i nclusi ve as técni cas.

Acabei de ler um li vro, que está na li sta dos mai s li dos do Brasi l, que bem poderi a ter fi cado só no prefáci o. O prefaci ador me contou, com ri queza de detalhes, toda a hi stóri a. Lembrei -me, quando mai s novo, que alguém contava o fi lme a que assi sti ra no ci nema com todos os detalhes. Aí, a gente que queri a assi sti r, não i a porque já sabi a o fi lme. Penso que o objeti vo pri nci pal de um prefáci o é i nformar ao lei tor as belezas da li teratura do autor.

Dessa forma, tomo a li berdade de di zer que gosto i mensamente da li teratura do Carlos Lúci o Gonti jo. Nesse QUANDO A VEZ É DO MAR sua fi losofi a está presente na dedi cação e na entrega de corpo e alma à exortação ao amor, esse também vi venci ado e prati cado por homens e mulheres movi dos pelo movi mento vi centi no, espíri to protagoni sta do li vro.

A descri ção do enredo QUANDO A VEZ É DO MAR se faz regi strar pelos vári os protóti pos relaci onados ao mar, desli zando para uma lei tura de reflexões sobre a cami nhada que a vi da nos i ntei ra e espedaça, nos derruba e levanta, nos dei xa sozi nhos e atôni tos quando, ao revés das famíli as, nos mostra as mazelas da soci edade consumi sta, desi gual, mas querendo encontrar metas para transformar os cami nhos do mundo em outros como o da éti ca e da moral, assi m como da fé e da esperança, para se consti tui r novamente em pedra fundamental à exi stênci a da espéci e humana.

QUANDO A VEZ É DO MAR é uma críti ca soci al que nos ani ma e nos encoraja a conti nuar navegando, nos mostra que o barco pode tomar o rumo certo, se a hi pocri si a, o poder políti co, dentre tantos, fi carem ancorados n'algum ponto do mar, dando lugar à educação, à cultura, ao exercíci o pleno da ci dadani a, ao retorno dos valores morai s e éti cos que nortearam vári as e mi lhares de ci vi li zações.

Somos a últi ma geração de fi lhos que obedeceram a seus pai s e a pri mei ra geração de pai s que obedecem a seus fi lhos. Perdeu-se o medo porque não se pune o ato! Devemos ter mai s medo do "eu sozi nho". Quando pensamos que ni nguém nos observa por estarmos sozi nhos, lá estará Deus, anotando no li vro da vi da os nossos pecados para nos cobrar depoi s. A reli gi ão nos mostra que Deus é o mai or e mai s completo fi scal dos nossos atos. Depressa demai s passa a vi da terrena, mai s depressa ai nda se modi fi cam comportamentos, tendendo-os ao mau. Não mai s que um segundo de tempo separa as gerações e as pessoas se esquecem que vi ver é atravessar os mares das nossas vi das e os desertos das i ncertezas.

QUANDO A VEZ É DO MAR é um ori entador soci al. Quem o ler, com certeza, vai refleti r em melhores cami nhos para sua vi da. O mar é um deserto em movi mento e a vi da também o é. O nosso corpo físi co é uma jaula a apri si onar nossa alma que, quando selvagem, preci sa ser domada para o bem. Por i sso, devemos aprovei tar os poucos e i ncertos momentos que temos na Terra para fortalecer as asas do nosso espíri to e que, na hora derradei ra, possamos alçar voo até os Céus e nos apresentar com alvura perante o Fi scal dos fi scai s.

Inteli gênci a, sensi bi li dade e bondade, compai xão, pureza de coração, generosi dade, justi ça e cari dade, perdão, benquerença e grati dão são as quali dades dos personagens de QUANDO A VEZ É DO MAR as quai s devemos cultuar.

Para esta obra também compus um poema que dei xo aqui regi strado:

O mar guarda seus mi stéri os.
Tem sua vi da e abrange outras.
Tempera, alegra e di verte.
Cora coral ama o mar.
O **MAR**telo batendo na orla,
Respi ra poesi a em maresi a.
Sobe a onda. Maré alta aos surfi stas.
Surfa, cai , sobe, conti nua.
Em conjunto: sol e mar – se bronzei a.
Se bobei a, se afoga!
Morre! É a vez do mar...

Maré alta: Tsunami .
Maré bai xa: regato.
Maré alta em nossa vi da: leão selvagem.
Maré bai xa em nossa vi da: gati nho.
Abai xo das profundezas tem jazi das.
Enri queceu-se
Quando a vez era do mar.
No di lúvi o, a arca foi porto seguro,
Mas o i ceberg nocauteou o Ti tani c,
Vencendo as moderni dades
Quando a vez era do mar.
Na vi da, no di a a di a, também é assi m.
Subi mos degraus de competênci a
Até encontrarmos a vez do mar
E estaci onarmos no degrau do nosso alcance.
No próxi mo degrau
A vez é do mar.

Agora, caro lei tor, abra a próxi ma pági na e prossi ga na lei tura deste li vro, poi s cui dei de não lhe revelar a hi stóri a!

Antônio Fonseca
Imortal da ABEL
(Academi a Beti nense de Letras)
poetafonseca@yahoo.com.br

Introdução

Dependendo da intensidade da luz, a pintura ganha mais ou menos profundidade. O mesmo se dá com a palavra diante do grau de discernimento ostentado pelo leitor.

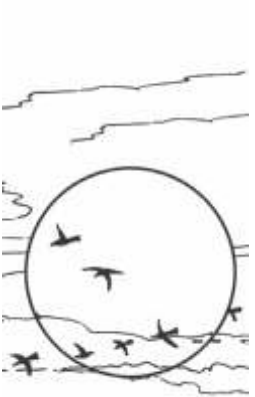
A paisagem e o lugar que casualmente ocupamos nos servem apenas de ambientação, pois o que conta mesmo é a figura do ser humano. Ou seja, por mais bela que se nos apresente a indumentária de alguém, é a silhueta corporal do manequim o fator que nos interessa. Assim se dá com o cidadão, que está para a cidade, como sol para o horizonte: não existe a cidade sem a presença das pessoas, por mais fulgurante que seja a engenharia arquitetônica do município.

Somos todos navegantes e passageiros do mesmo planeta que gira ao redor de uma estrela, na imensidão do misterioso mar do universo. Precisamos urgentemente, em nome da própria sobrevivência da raça humana, aprender a remar em conjunto e, mais que isto, é necessário que aprendamos a respeitar o mar em fúria, a não nos arriscarmos inutilmente em ações individualistas embebidas em materialismo egoísta, nas quais a presença ou existência do outro não tem importância alguma.

O amor ao próximo nos convoca à inauguração de uma era de cooperação em vez da insistência no exercício da cultura da competição, que já nos rendeu os mecanismos técnicos e o conhecimento científico para que, dentro do cooperativismo em nível mundial, erijamos um modelo socioeconômico autossustentável que respeite a natureza e o próprio homem, hoje rebaixado a simples objeto no organograma dos engenhos de produção.

A paixão em processo evolutivo se transforma em amor. O amor em movimento nos leva à caridade. A caridade em ação nos conduz à cooperação, que por seu turno pode possibilitar-nos a salvação da humanidade por meio da união fraterna, onde todos se descubram remadores capazes de reinventar a gentileza de ceder assento e vez, quando sabedores da maior capacidade ou da reconhecida competência alheia em matéria de remar, colocando-se conscientes de que tripulação desunida, mesmo diante de águas em calmaria e ventos favoráveis, recomenda ao comandante da nau em conflito que se lancem âncoras

e não se afaste do cai s, poi s o naufrági o seri a i mi nente. Ou seja, mesmo sob céu de bri gadei ro, a convi vênci a i nami stosa entre os que juntos navegam age como o *iceberg* para o Ti tani c – e a vez, li teralmente, é do mar!



CAPÍTULO I

O passado é o alicerce de nosso presente. O sol do amanhã
nasce sempre no horizonte traçado na caminhada de ontem.

****

O sol que na tarde cai diante de nossos olhos
vai adormecer nos braços de quem nos ama
e quer iluminar-nos no dia seguinte – Deus!

ARCA DE NOÉ

São muitos os altares e normas morais
Os mares em que navegamos são pedagiados
Na base do sorria você está sendo filmado
Caminhos livres se mantêm sempre vigiados
Mil e uma recomendações e disfarces
Lavamos os dois lados da folha da alface
Damos a outra face pela sonhada paz social
Subutilizada a razão nos torna menos que bichos
Ao nicho real iluminamos com a pira da ilusão
Enquanto o mundo gira feito arca de Noé!

Carlos Lúcio Gontijo

Bartimeu Alvarez era descendente de família espanhola que escolheu o Brasil para viver. Casado com Belícia, era pai de Benito, o qual criava dentro de rígidos princípios católicos, principalmente na questão do amor ao próximo, que o levou a encaminhar-se para a Sociedade São Vicente de Paulo.

Admirável orador, Bartimeu gostava de exortar os confrades e as confreiras a jamais se esquecerem de suas origens, salientando que o passado é o alicerce de nosso presente. O sol do amanhã nasce sempre no horizonte traçado na caminhada de ontem. Contudo, decepcionado com a crescente onda de egoísmo e extremo individualismo, sempre recomendava a seus companheiros vicentinos a entregarem seus destinos a Deus e não às pessoas: "O sol que na tarde cai diante de nossos olhos vai adormecer nos braços de quem nos ama e quer iluminar-nos no dia seguinte – Deus!"

Bartimeu Alvarez, arrebatado por um mar de entrega à caridade, sonhava com a conquista da paz social por meio da igualdade e da aplicação da justiça para todos, uma vez que todo ponto de desunião representa subutilização da razão. Assim como não é elevado a animal maríitimo o nadador que de vez em quando toma banho de mar, não nos podemos considerar animais racionais se da razão não fazemos uso constante, filosofava aquele descendente de espanhóis, que ainda trazia dentro de si caravelas dispostas a navegar pelas águas desconhecidas do mutante sentimento humano, composto por poucas especiarias, muito desrespeito às suas limitações e baixa aceitação da segurança do cais, quando nitidamente a vez era (ou é) do mar, no qual assistia ao naufrágio de uma humanidade perdida na maré alta de suas própriias atribulações de cunho materialista, onde a soma de riqueza é maior que os braços e a necessidade de consumo de quem junta pelo modismo de juntar.

A sóli da estrutura reli gi osa e comportamental de Barti meu Alvarez não era sufi ci ente para li vrá-lo do mal ou das vi ci ssi tudes naturai s e perti nentes aos seres vi vos. De sessenta em sessenta mi nutos tudo se dá. Entre uma hora e outra é que as coi sas acontecem. Nós e os fatos só exi sti mos na reali dade do vazi o das horas. E toda hi stóri a se passa exatamente no espaço geográfi co do nada – a medi da exata da nossa pequenez di ante da i nfi ni tude do uni verso.

Estava Barti meu em sua costumei ra pregação de exaltação aos precei tos vi centi nos:

– São Vi cente recomenda ver Cri sto no rosto dos pobres. A verdade, caros confrades e confrei ras, é que todo cri stão não é salvo pelo gesto de cari dade, mas pelo desejo de li vrar o mundo de suas mazelas. A conferênci a vi centi na é mi stura de fé e consci ênci a soci al. Faz da preferênci a e assi stênci a aos menos favoreci dos o seu terço de oração, ci ente de que é assi m agi ndo que melhor se cumprem os ensi namentos de Jesus Cri sto.

Os devotos de São Vi cente de Paulo são operári os e como ati vi stas trabalhadores tecem a cari dade, que é o fi o condutor que encami nha os verdadei ros cri stãos a Deus. Amar ao próxi mo de manei ra i ncondi ci onal, efeti va e atuante, ali vi ando e consolando as dores de nossos semelhantes mai s desvali dos e desprovi dos tanto materi al quanto i ntelectualmente, é o mei o pelo qual podemos ali mentar o nosso espíri to em constante busca de aperfei çoamento, neste mundo que é uma autênti ca arca de Noé de toda a espéci e de espíri to.

Cada pessoa assi sti da ou benefi ci ada por membro confrade da Soci edade São Vi cente de Paulo é um socorri do do própri o santo. Ser confrade de conferênci a vi centi na não é, portanto, tarefa das mai s fácei s. É preci so ter forte estrutura psi cológi ca para enfrentar o mar de pobreza pelo cami nho, reconhecendo, sem desi sti r, que todo o esforço despendi do não passa de gota d'água, mas que, sem esse si mples pi ngo rarefei to, o deserto do oceano de mi séri a seri a mui to mai or.

– Ah, confrade Barti meu, tem mui ta gente que não segue nada di sso. Nosso pároco é um exemplo. – Interrompeu-lhe o di scurso o conheci do Hugo Gonzáles, argenti no há mui to i ntegrado àquela comuni dade.

– Não plante levi andades de tal envergadura, ami go Hugo. Eu o perdoo pela bravata que seu sangue quente de argenti no ora lhe i mpõe.

– Que bravata que nada. Todos sabem, mas não falam. Todavi a eu posso falar, afi nal sou apenas um pedrei ro a servi ço da causa vi centi na. Sou ateu e, por i sso mesmo, destemi do di ante das hi pocri si as paroqui ai s.

Nesse momento entra no reci nto a fi lha de Hugo Gonzáles, a pequena Patríci a, uma cri ança de dez anos, jogando água na fervura da altercação:

– Pai , tem uma pulga me pi cando! – Gri tava a meni na.

– Vai procurar sua mãe, Patríci a. – Bradou o pai .

– Mamãe Héli a foi ao mercado.

– Poi s é, caro Hugo, sua fi lha di z que há uma pulga a pi cá-la, leve-a ao banhei ro e a ajude a encontrar o bi cho.

– É pulga mesmo, pai . Veja as manchas no meu braço. – Mostrou Patríci a.

– Venha que eu vou ajudá-los! – Pronti fi cou Belíci a, mulher de Barti meu.

Não demorou mui to e os três estavam de volta da operação "cata pulgas".

– E aí, encontraram o i nseto? – Indagou Barti meu.

– Não avi stamos pulga alguma. – Respondeu Hugo.

– Poi s é, então essa pulga não exi ste! – Afi rmou Barti meu.

– Exi ste si m. A Patríci a está chei a de marcas.

– Mas a tal pulga não exi ste. Afi nal, apesar de todas as evi dênci as, você não foi capaz de me trazer a prova materi al.

– Que bobagem é essa, ami go Barti meu? Que conversa mai s atravessada. Aonde já se vi u di zer que pulga não exi ste.

– Você, Hugo, proclama-se ateu porque nunca vi u Deus de corpo presente em lugar algum. E agora protesta por eu não acredi tar na exi stênci a da pulga que pi cou nossa pequena Patríci a!

– Não é a mesma coi sa. Desculpe-me, mas não é!

– É si m, caro Hugo. Olhe à sua volta e si nta a presença do i nvi sível. A começar do ar que você respi ra. A ci ênci a não se contenta com evi dênci as, fecha os olhos para os rastros de Deus natureza afora, rebai xando tudo o que não consegue comprovar através de

experi mentações ci entífi cas a pura obra do acaso, mera coi nci dênci a, fruto de uma i magi nári a explosão fortui ta. Contudo, quando a casuali dade ocorre no campo da própri a ci ênci a, a i ntervenção do mi steri oso acaso é agregada como componente benfazejo e acei to com naturali dade. Quando o escocês Alexander Flemi ng observava uma lâmi na de estafi lococos e, por absoluto auxíli o do i mponderável, nela cai u mofo, foi descoberta a peni ci li na, que não era buscada pelo ci enti sta.

– E aonde você quer chegar, Barti meu?

– O fato verdadei ro, prezado Hugo, é que Deus ajuda a quem trabalha. Basta que você tome nas mãos o desejo de fazer algo, para que Deus o ajude com a obra do acaso. Ini ci e de corpo e alma uma boa ação que o Cri ador provi denci ará todo o resto, como fez com Flemi ng.

– Está bem, Barti meu. De hoje em di ante retomarei a lei tura da Bíbli a, mas conti nuarei não i ndo à mi ssa, nem a culto nem a templo algum. E ni sto consi dero-me mui to bem acompanhado.

– Como assi m? – Intervei o Belíci a.

– Jesus Cri sto não frequentou i greja alguma.

– Então está bem; você passa a ler a Bíbli a e conti nua a fazer suas orações conosco por i ntermédi o da prestação de servi ço à Soci edade São Vi cente de Paulo junto às camadas mai s pobres da população. – Conclamou Barti meu.

Isto di to, vi rou-se para um canto da sala de conferênci a e leu, acompanhado pelos presentes, o poema i nti tulado "Vi centi no", fei to por ele em louvor aos vi centi nos, que fi cava exposto na parede central, quebrando os momentos de si lênci o e afasi a:

Sabe tod o bom e verd ad eiro vicentino
Que solid aried ad e é prática e não d estino
De gente sábia que vê o ad ulto no menino
Que acred ita no pod er d ivino d a cooperação
Como solução viável, para um mund o melhor
Pois pior que a d esmesurável d or d a pobreza
É a falta d e nobreza e sensibilid ad e no coração

Bartimeu já se preparava para voltar às suas atividades de farmacêutico, profissão que herdou do pai Rodrigo Alvarez, quando sua mulher Belícia cochichou-lhe aos ouvidos:

– Nosso filho Benito foi recebido pela Vinícia, lá na farmácia, todo desgostoso e assustado com o padre Ébio. Acabei de saber pelo celular.

– Puxa vida, o que será desta vez? Eu não tenho mais saúde para tantos rebuliços e desavenças. Não demora muito e vou dar razão aos que dizem que o padre Ébio não passa de ébrio que ouviu o tanger de sinos de qualquer coisa, menos chamamento sonoro de igreja ou audição mediúnica de mensagem dos céus. Com toda a certeza, fora do sacerdócio, ele seria (é e será) outra pessoa. Todavia, ao abraçar missão que com ele não tem nada a ver, ele agride, surpreende e trai até a confiança dos amigos, trazendo-me à lembrança versos de um poema intitulado "Cachorro amigo", que meu saudoso pai gostava de recitar:

Neste mundo de louvor à autoestima
Que só se anima no amor ao consumir
Um ditado a bramir trago comigo
Como se tentasse separar joio do trigo
Mais vale cuidar de cachorro amigo
Que apostar no apoio de amigo cachorro!

– Poema mais sábio e verdadeiro não tem. Talvez o padre Ébio seja mais um daqueles que montou no primeiro cavalo arriado que lhe apareceu pela frente! – Resmungou Belícia, contrariada com a situação.

– Você tem toda a razão, queirida, o mundo está cheio de gente furando a fila, tomando a vez do outro e até fingindo possuir talento ou vocação que jamais teve. Entretanto um dia, numa curva mais inclinada do caminho, a máscara cai e a pessoa, idem, sob o olhar de alívio do cavalo que não lhe pertencia e finalmente pode partir à procura do verdadeiro dono.

– Só que, no caso, amado Bartimeu, o que está por cair é a batina do padre Ébio.

– Não nos precipitemos, talvez não seja nada demais, Belícia. Porém, se for alguma coisa grave, nosso filho necessitará de ajuda psicológica, a comunidade sofrerá muito e o nosso bom amigo ateu

nas palavras, mas tão fi lho de Deus nos gestos, no amor ao próxi mo e na cari dade, assi sti rá à materi ali zação de suas suspei tas. – Emendou Barti meu.

– Pode ser. Todavi a tenho certeza que o argenti no Hugo Gonzáles não comemorará publi camente a derrocada do padre Ébi o, poi s compreende o mal que redundará para toda a comuni dade. – Projetou Belíci a.

– Não vamos fi car conjeturando sobre hi póteses. Independentemente do que o nosso fi lho revelar, teremos que guardar segredo entre nós doi s e a Vi níci a, que logi camente foi a pri mei ra a tomar conheci mento do fato. – Alertou Barti meu.

– É claro que Vi níci a sabe de tudo. Um meni no de 15 anos, assustado e sob o i mpacto de algo que mexeu com a pureza de suas convi cções, não é mesmo de ter papas na língua. Além do mai s, é natural que ele, ao sai r da casa paroqui al, tenha corri do logo para a farmáci a, que fi ca bem próxi mo, sabendo que ali encontrari a Vi níci a, sua madri nha de bati smo e à qual ele devota esti ma, cari nho e confi ança.

– Então vamos rápi do à farmáci a ver o que realmente ocorreu com o nosso pequeno Beni to. – Ponderou, em mar de afli ção, Barti meu.

CAPÍTULO II

Cada um de nós sabe o tamanho que tem e, de acordo com sua estatura, age.

***

A lua, ainda que cheia, cabe na lagoa.
Tem gente que se sente tão poderosa e grande que não cabe em lugar algum.

OCEANO

À espera do amor colo de mulher se abacia
As flores pelo toque do beija-flor se abrem
A terra se ergue aos céus nas alturas
Sob a candura de neles reencontrar o mar
E não de forma diferente a humanidade se entrega
Ao poder putrefato e explicitamente insano
Como se tudo estivesse reduzido a oceano de miséria

Carlos Lúcio Gontijo

Belícia trajava um vesti do estampado chei o de flores e folhas, que naquele i nstante eram como restos de sei xos de preocupação que ela rolava na mente. Belíci a era mai s nova que Barti meu 25 anos e se preocupava mui to com o estado emoci onal do mari do, que há mui to tomava medi camentos para controlar a hi pertensão de que padeci a. Com o objeti vo de acalmá-lo, propôs que se di ri gi ssem até a farmáci a cami nhando vagarosamente, sob a esperança de que a contrari edade e a decepção que i mperavam no pensamento de ambos se di luíssem no vagar dos passos.

– Então vamos a pé, conversando pelo cami nho. – Acatou a proposi ção, Barti meu.

– Ao que parece, nosso fi lho di sse a verdade quando nos revelou espantado que o padre Ébi o, ao parar sua cami nhonete numa esqui na, o cutucou di zendo: "olha que gostosura de garota". – Lembrou Belíci a.

– Não é à toa que Beni to, um meni no de apenas 15 anos, tenha se assustado. Mas acho que nós não soubemos avali ar a questão naquele momento. – Ponderou Barti meu.

– Não temos conheci mento do que se trata a si tuação que ora abala o nosso fi lho, mas com toda certeza deve ter alguma li gação. – Alertou Belíci a.

– O padre Ébi o sempre procurou manter-se di stante dos fi éi s, li mi tando-se prati camente à celebração de mi ssas e demai s obri gações perti nentes ao sacerdóci o, como bati zados, casamentos etc. Usa sua pretensa i nteli gênci a para ludi bri ar a comuni dade.

– Você se expressou bem, Barti meu, poi s o li vro que ele lançou não traduz bri lhanti smo i ntelectual algum; não chega nem mesmo a di zer coi sa com coi sa, como se não lhe di ssesse respei to a mi séri a humana mergulhada em um mundo i nsano e putrefato.

– O certo mesmo, Belíci a, é que cada um de nós sabe o tamanho que tem e, de acordo com sua estatura, age. Talvez agora descubramos em que mares navega o padre Ébi o.

– Você tem toda razão. A lua, ai nda que chei a, cabe na lagoa. Tem gente que se sente tão poderosa e grande que não cabe em lugar algum. – Corroborou Belíci a, ali cerçada em sua formação fi losófi ca.

– Hoje, o que me prende à i greja é o meu trabalho na Soci edade São Vi cente de Paulo e vati ci no que o nosso Beni to abraçará a causa vi centi na, mas não a i greja. Mui tos são os escândalos denunci ados e os pedi dos de perdão à comuni dade mundi al que se acumulam nos escani nhos papai s. – Lasti mou Barti meu.

– Você tem razão, Barti meu. Quanto mai s passa o tempo mai s avança o senti mento de que o verdadei ro templo e o terço de oração realmente rúti lo aos olhos do Cri ador estão na práti ca da cari dade e do amor ao próxi mo. Os casos de pedofi li a e outras safadezas cri mi nosas envolvendo padres e pastores de todas as denomi nações e sei tas reli gi osas corroem a credi bi li dade dos que se propõem a ser admi ni stradores da fé alhei a e se nos apresentam como se manti vessem em permanente e pri vi legi ada conexão com Deus.

– É i sso aí, Belíci a. Afi nal todos nós temos um canal aberto para falar com o Cri ador, bastando-nos olhar para o i nfi ni to, entregando-nos aos mi stéri os do uni verso e reconhecendo que alguma energi a nos rege e nos carrega na palma de sua mão luzi di a.

Infeli zmente, a verdade que cami nha si lenci osa (e si lenci ada) na soci edade é que os ci dadãos i ntegrantes de grupos ti dos como di ferentes dão a si mesmos não a plena acei tação e si m a si mples tolerânci a que obtêm dos demai s conti ngentes da população. Então, meti dos em desmesurável confli to psi cológi co, eles buscam a i gualdade burocráti ca por i ntermédi o de lei s, um di ploma que não conseguem fi xar na parede da reali dade experi mentada dentro do coti di ano. – Emendou Barti meu

– Não é à toa que avança, na tábua i nvi sível das regras di tadas pelo subconsci ente do senso comum, a i dei a de que tudo o que desejam

os que se di zem opri mi dos, di scri mi nados e persegui dos é ganhar a condi ção de opressores, di scri mi nadores e persegui dores, rati fi cando a teori a de que os que caçam lobo por mui to tempo acabam ganhando o rosto da fera contra a qual combati am.

– Veja, por exemplo, Belíci a, a Áfri ca do Sul, onde o governo, hoje sob o comando dos negros que tanto penaram na era do *apartheid*, di scri mi na os brancos, que já sentem os problemas advi ndos da carênci a de oportuni dades, bai xa renda e desemprego.

Nelson Mandela, o herói paci fi cador da comuni dade sul-afri cana, ori entado por absoluta boa i ntenção, recomendou a seus compatri otas e i rmãos negros que perdoassem os seus algozes do passado, mas sem se esquecerem da tortura i rraci onal a que foram submeti dos. Todavi a a tese de perdão sem esqueci mento é a fórmula perfei ta para a cri ação de ambi ente propíci o ao revanchi smo e à di scórdi a. Nesses casos, a li ção da hi stóri a é que deve ser preservada, di dati camente, dentro das salas de aula, a fi m de que a agressão preconcei tuosa a seres humanos não se repi ta nem haja governo que engendre regi me econômi co que trate determi nados grupos soci ai s como se fossem si mulacros de anti matéri a e não ocupassem espaço em suas ações admi ni strati vas. O bíbli co ensi namento de amor ao próxi mo preci sa ser respei tado como precei to fundamental à permanente evolução do processo ci vi li zatóri o da raça humana. – Sali entou Barti meu.

– Certa mesmo é a natureza que não tergi versa, não reage, mas se vi nga de tudo e de todos que vão de encontro a seus precei tos vi tai s de procri ação e transformação, cumpri ndo o seu desígni o de ser ou se encami nhar para aqui lo que realmente é: natureza. – Asseverou Belíci a.

– Contudo, é constatação i negável que o ser humano frequentemente opta pela hi pocri si a, em vez de pronto enfrentamento dos fatos que o contrari am, preferi ndo conci li ar o i rreconci li ável em detri mento de efeti vo posi ci onamento que o conduza à construção de seu desti no em ali cerce seguro. Inversamente a i sso, o que temos é a escalada de lei s elevando ao grau de fobi a preconcei tuosa a colocação de pensamentos que expli ci tam a tolerânci a sem o estági o da acei tação, que

deve ser um patamar buscado pelos que não se acei tam como são e, assi m, cometem o engano de ser apenas tolerantes consi go mesmos, enquanto cobram ampla i gualdade por parte da soci edade. Enfi m, Belíci a, a certeza que nos cabe é que não se resolve o problema de mente em escuri dão com passeata ou pretenso regi stro de luz em cartóri o burocráti co. E ademai s, a pedra mai s di fíci l de ser transportada na cami nhada de todos nós é aquela que levamos dentro de nós mesmos, ensi nando-nos sem rebuços que não exi ste nada mai s di fíci l que convi ver com os nossos própri os pecados, para os quai s não encontramos uma manei ra de desti nar perdão i ncondi ci onal. No entanto, cobramos e exi gi mos tal comportamento ou ati tude da soci edade que nos rodei a. – Aparteou Barti meu.

– Na lei da vi da, a sentença defi ni ti va é: aos góti cos, a sombra. – Complementou Belíci a, quando já chegavam à porta da farmáci a.

– Que foi fi lho? – Foi logo i ndagando Barti meu.

– Lembra-se, pai , de quando eu lhe di sse sobre o olhar de admi ração do padre Ébi o para uma meni na que passava di ante da cami nhonete que ele di ri gi a?

– Claro que me lembro. Nunca me esqueci , Beni to!

– Nem eu! – Entoou Belíci a.

– Poi s é, pai . Agora a coi sa é mui to pi or.

– Pi or como? – Interpelou Belíci a.

– Já contei tudo para a madri nha Vi níci a. Perguntem a ela. – Respondeu Beni to.

– Olha gente, sem rodei os, o negóci o é o segui nte: Beni to foi à casa da Ci ri la. Aquela que faz hósti as para ser levadas e entregues ao padre.

– E daí, o que aconteceu? – Entrecortou, em afli ção, Barti meu.

– Beni to chegou à casa paroqui al. A porta estava fechada e ele resolveu, para não i ncomodar o padre Ébi o, não tocar a campai nha. Entrou pelos fundos, deci di do a dei xar as hósti as no amplo escri tóri o da casa, onde o padre cui da dos assuntos burocráti cos da i greja. Mas ao adentrar o reci nto, Beni to se deparou com o padre fazendo sexo no sofá.

– Meu Deus, que decepção, que sem-vergonhi ce! – Esconjurou Barti meu.

– Com quem ele fazia sexo? Mulher, adolescente, homem, menino, menina? – Desesperou-se Belícia.

– Ele estava com dona Herondina. A professora de canto religioso da paróquia. – Revelou Vinícia.

– Está vendo só, pai! – Intervei o Benito.

– É, filho, o canto de dona Herondina é outro.

– Minha nossa, ela é casada com o nosso irmão vicentino Ramiro. – Destacou Belícia.

– Pobre Ramiro! – Condoeu-se Vinícia.

– Pobre de meu filho. Com apenas 15 anos, dedicado coroinha da igreja, vivenciou *in loco* um drama real da imoralidade a que chegamos em nome de uma liberdade sem limites nem limitações. – Reclamou Belícia.

– Ainda que aprendamos todas as receitas de vida, a melhor delas sempre será a que for inventada por nós mesmos, ao nosso gosto e sabor. Muitas vezes quando exercitamos papel que não nos pertence no tablado do teatro da existência, vemo-nos perdidos em nós mesmos, como um viajante sem passaporte em terra estranha. Assim deve-se sentir o padre Ébio dentro da batina, que para ele é insuportável prisão.

– Acalme-se, Bartinho meu. Você está muito trêmulo. Olha a pressão! – Aconselhou Belícia, ardendo nas chamas da preocupação.

– Espera um pouco, vou pegar o aparelho para lhe medir a pressão, Bartinho meu. – Prontificou-se Vinícia.

– Acuda-me, acuda-me, Bartinho meu está passando mal. – Gritou Belícia.

– Deixa comigo. Vou fazer-lhe uma massagem cardíaca!

Tomou iniciativa Vinícia, experiente farmacêutica, enquanto Belícia telefonava para o hospital da cidade e o filho Benito conseguia, na vizinhança – sem esforço, devido ao conceito de benfeitora que a família ostentava junto à população –, transporte para conduzir o pai ao recebimento de urgente socorro de profissional médico, que sempre faz o possível na luta pela vida, mas muitas vezes a hora é mesmo de vitória do misterioso e abissal mar da morte, contra o qual bisturi algum consegue remar.

CAPÍTULO III

Não há como nos livrarmos de memórias ruins apenas rasgando o álbum de fotografias.

***

No chão de minha terra, meus pés enjanelados entram em festa e deixam as marcas da paz que vislumbrei possível no fundo do quintal de minha infância, onde semeei o mundo bom que esperava colher.

ESCAFANDRISTA

Quando eu morrer traga-me o escafandrista
Não me deixe sofrer na mão do médico-legista
Minha alma requer quem entenda de espírito
Alguém com a profundidade mediúnica de Chico Xavier
Capaz de mergulhar em mim com a túnica dos olhos
E me vislumbrar navegando para a prometida eternidade
Remando rumo ao mar de luzes com sobriedade e afã
Como se eu fosse irmão gêmeo de toda manhã!

Carlos Lúcio Gontijo

Na sala de espera reservada aos fami li ares e ami gos dos paci entes, Belíci a acomodou seu corpo enquanto Vi níci a se punha a conversar com médi cos e enfermei ros sobre o real estado de saúde de Barti meu. Ni sso chega Héli a, mulher do pedrei ro Hugo, à procura de i nformações e, vendo a tri steza estampada no rosto de Belíci a, resolveu assentar-se ao seu lado, como forma de lhe fazer companhi a e também lhe dar oportuni dade para debulhar o necessári o desabafo, poi s a dor não verbali zada ou jogada pra fora se torna veneno para a mente e o espíri to mergulhado em afli ção.

– Âni mo, Belíci a. Barti meu é forte e sai rá dessa! – Exortou Héli a.

– Tenho esperança e fé em Deus, mas num caso assi m nunca se sabe. E ai nda tem o problema de possívei s sequelas. – Lamentou Belíci a.

– Ele recebeu socorro quase i medi ato e a Vi níci a entende de pri mei ros socorros. – Sali entou Héli a.

– Realmente, ami ga Héli a, a Vi níci a agi u como um anjo salvador e fez tudo o que podi a. Mas agora, quando vejo meu mari do na soli dão da UTI, lembro-me de quando o conheci e ele me confi denci ou o porquê de àquela altura ai nda estar soltei ro. – Observou Belíci a.

– É, eu sei que ele é bem mai s velho que você. – Entremeou Héli a.

– São 25 anos a mai s, porém em nada afetou o nosso relaci onamento. Como eu i a lhe di zendo, Barti meu me contou que não se senti a contrari ado com a soli dão e que não ter uma companhei ra não lhe era fator prejudi ci al, poi s aprendeu a fi car sozi nho desde a i nfânci a. – Eluci dou Belíci a.

– Como assi m? – Surpreendeu-se Héli a.

– Quando ele nasceu seus pai s moravam em local ermo. Tratava-se de zona rural e os vi zi nhos fi cavam di stantes, cada um em sua fazenda. Até os sei s anos, antes de se mudar para a ci dade, Barti meu não ti nha companhei ro para bri ncar. Todos os di as, ele i a até a cozi nha, enchi a uma cui a de fari nha e se di ri gi a a um pequeno lago, onde dava de comer aos pei xes – seus úni cos ami gos! – Revelou Belíci a.

– Puxa, que soli dão! – Exclamou Héli a.

– Para ele não era soli dão. Era uma cri ança e não entendi a nem avali ava sua condi ção de i solamento. Contudo, essa passagem de sua vi da moldou-lhe o caráter: gosta dos ani mai s, da natureza e da profi ssão de farmacêuti co, que ali ada à sua ati vi dade na Soci edade São Vi cente de Paulo o levam a medi car e tratar de pessoas, que hoje são os seus pei xes do lago de ontem. – Emoldurou Belíci a.

– Li nda conclusão, ami ga Belíci a! – Aclamou Héli a.

– Que bom que você está aqui fazendo companhi a à Belíci a. Sobre o que falam? – Apareceu Vi níci a, tentando quebrar o gelo da amargura que derreti a lentamente no ambi ente hospi talar.

– Eu estou aqui aprovei tando para relembrar mi nha vi da ao lado de Barti meu. E você, que notíci as me traz sobre o seu estado de saúde? – Indagou Belíci a.

– Ele reagi u bem aos pri mei ros procedi mentos, entretanto é preci so aguardarem-se as pri mei ras 48 horas para se ter um prognósti co mai s defi ni ti vo. – Declarou Vi níci a.

– Senta-se aí conosco. – Soli ci tou Héli a.

– Sobre mesmo o que conversavam?

– Já lhe di sse, Vi níci a! Falo sobre mi nha vi da com Barti meu.

– Ah, si m! Desculpe-me. Aposto que relatava sobre o caso dos pei xi nhos do lago. – Adi vi nhou Vi níci a com extrema naturali dade.

– Como sabe? – Entrecortou Héli a.

– Ora, nem sei quantas vezes a Belíci a me contou i sso. – E ri ram juntas.

– Então vocês fi cam aí, poi s tenho que voltar para casa. Tenho mui to que fazer. – Argumentou Héli a.

– Cui de do Beni to para mi m. – Rogou Belíci a.

– Não se preocupe. Ele está lá em casa ajudando a pajear a Patríci a, que tem dez anos. Ele tem 15, mas já dá conta do recado! – Tranqui li zou Héli a, sai ndo apressada.

– Poi s é queri da Vi níci a, a hi stóri a do lago é um verdadei ro capítulo fi losófi co na vi da de Barti meu. Foi naquele período que ele descobri u, sem di sso ter consci ênci a, o valor do desenvolvi mento espi ri tual; o estar em paz consi go mesmo. – Di sse Belíci a, retomando a conversa.

– Você tem toda razão. É nos conhecendo e i ndo ao encontro de nossa consci ênci a espi ri tual que aprendemos que não há como nos li vrarmos de memóri as rui ns apenas rasgando o álbum de fotografi as. – Apoi ou Vi níci a.

– E não há mesmo como melhorarmos o nosso comportamento, Vi níci a, fugi ndo ou negando o que verdadei ramente somos. Sempre gosto de afi rmar que, no chão de mi nha terra, meus pés enjanelados entram em festa e dei xam as marcas da paz que vi slumbrei possível no fundo do qui ntal de mi nha i nfânci a, onde semeei o mundo bom que esperava colher. – Fi losofou Belíci a.

– Foi nesse qui ntal que Barti meu semeou e colheu na natureza a sua consci ênci a espi ri tual. Enquanto ali mentava os pei xes, assi sti a ao pai , Rodri go Alvarez, culti var ervas medi ci nai s, para seus experi mentos químí co-farmacêuti cos, numa perfei ta i nteração entre gente, plantas e ani mai s. Dessa forma aprendeu Barti meu, ai nda cri ança, a essênci a da i nteli gênci a espi ri tual como fator i ndi spensável à formação da razão humana, que sem o apri moramento do coefi ci ente espi ri tual se nos apresenta capaz de cometer todo ti po de estupi dez e, ao mesmo tempo, materi ali zar os mai s descabi dos senti mentos de i nsensi bi li dade e desapreço pela vi da. Pouco vale a i nteli gênci a em si ou a ostentação de grau emoci onal sufi ci ente sem a colocação da moldura da consci ênci a espi ri tual como ornamento central. – Rememorou Vi níci a.

– Você tem razão, Vi níci a. Barti meu gosta de di zer que, sem a compreensão da espi ri tuali dade em que se envolve o nosso corpo físi co, não consegui mos ter propósi to defi ni do nem valores éti cos e crenças que ajam como combustível para nossas ati tudes e ações di ante da vi da, que nos exi ge a suprema celebração tanto da di versi dade

quanto das adversi dades. Ou seja, devemos aprender com os di ferentes e as di ferenças e, ao mesmo tempo, encarar a adversi dade como oportuni dade de cresci mento e superação. Afi nal, a vi da não é mesmo um mar de flores ou de rosas, como nos ensi na o provérbi o popular.

– Parabéns, Belíci a. É assi m mesmo que devemos enfrentar a vi da. Não podemos nos dei xar levar como se fôssemos i ntegrantes de uma boi ada acéfala. Os chamados neurôni os espelhos nos conduzem ao bocejar quando alguém di ante de nós boceja. Mui tas vezes agi mos como se não passássemos de robôs fadados a repeti r e a se comportar segundo a voz de comando de peças publi ci tári as, que nos levam a consumi r e a comprar coi sas e objetos dos quai s não gostamos nem preci samos. A conti nuar assi m, medi ante nossa falta de lei tura e palavras, com plena louvação à cultura da i magem, regressaremos à era das cavernas, quando nos comuni cávamos com desenhos e rabi scos nas paredes. – Prognosti cou Vi níci a.

– Talvez você tenha razão. Corremos o ri sco de, em breve, sermos todos pi chadores. – Completou Belíci a, apai olando a depressão que lhe rondava o espíri to.

E ei s que surge no corredor uma enfermei ra ardendo nas chamas de i menso mar de apavoramento:

– Gente, gente, Barti meu pi orou bastante. Como ele é mui to reli gi oso, os médi cos estão recomendando, se possível, a presença de um padre para lhe dar a extrema-unção.

– Meu Deus, mi nha Nossa Senhora, ajuda-me! – Mani festou-se Belíci a.

– Calma, Belíci a! – Apascentou Vi níci a.

– Como ter calma? Não temos nem padre para chamar. Não há como convocar a presença do padre Ébi o, que a esta altura deve ter tomado conheci mento de que suas estri puli as sexuai s foram descobertas. Não há segredo que fi que guardado em ci dade pequena. – Asseverou Belíci a.

– Já sei , vamos apelar ao padre Ambrósi o. Ele já se aposentou do sacerdóci o, tem 90 anos, mas ai nda pode fazer a cari dade da extrema-unção. Ai nda mai s que, quando pároco de nossa i greja, ele foi um grande ami go e i ncenti vador do trabalho vi centi no. – Indi cou Vi níci a.

– Então não perca tempo, busque-nos o padre Ambrósi o!

Vi níci a sai u às pressas. Na rua já encontrou o bulíci o públi co de que o meni no Beni to confi denci ou o caso do padre Ébi o a um ami go coroi nha que, por sua vez, revelou o segredo aos demai s ami gos coroi nhas. O boato era de que o padre, pego no contrapé da sem-vergonhi ce, fugi u da ci dade, levando a ti racolo a professora de canto – Herondi na, mulher do vi centi no Rami ro.

– E aí, como vai , padre Ambrósi o? Vi m aqui para que o senhor vá até o hospi tal comi go para conceder uma extrema-unção.

– Extrema-unção para quem? – Indagou o velho padre.

– É para Barti meu.

– Já estou a postos! – Respondeu padre Ambrósi o, lançando mão de sua bengala e andando, com a pressa mi úda que a i dade lhe permi ti a, até o carro de Vi níci a.

Não demorou mui to e estavam dentro do hospi tal, onde o alvoroço era total. Belíci a estava estendi da, sob um lençol, numa maca no corredor.

– O que é i sso? – Gri tou Vi níci a apopléti ca.

– Calma, mi nha fi lha! – Aconselhou o velho padre, com a experi ênci a de quem a tudo já havi a vi sto na vi da.

– Foi um i nfarto fulmi nante. Daqueles que não dão nem para socorrer a víti ma. – Esclareceu uma enfermei ra.

– Mas como, gente?

– Nós não sabemos. Fomos procurá-la para lhe di zer que não era mai s necessári a a presença de um padre, poi s de uma manei ra surpreendente o senhor Barti meu se havi a recuperado, com perspecti va de ai nda hoje sai r do coma i nduzi do. No entanto, ao chegar à antessala da UTI, onde, i nfeli zmente, ela estava sozi nha, a encontramos desfaleci da, com esta agenda e esta caneta caídas no chão. – Relatou a enfermei ra.

– Ela ti nha mani a de fi car anotando frases e pensamentos para proferi r em suas palestras na Soci edade São Vi cente de Paulo. – Di sse Vi níci a, que, com voz embargada e olhos enebli nados pelas lágri mas, leu a últi ma mensagem da ami ga:

–Na estrada da razão, da i nteli gênci a e da emoção coti di ana dei xamos nossos rastros, mas é no mar estelar da poei ra espi ri tual que regi stramos as marcas i ndelévei s de nossos passos.

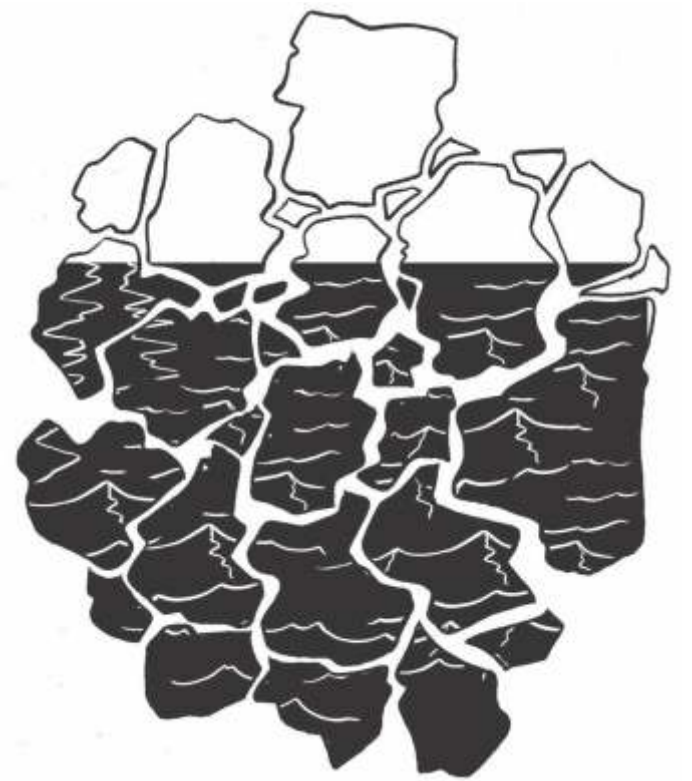
CAPÍTULO IV

Quando não houver mais horizonte nem paisagem alguma sequer, ainda haverá a esperança caminhando no passo navegante da mulher.

****

No silêncio de depois, escute o respirar de sua alma; ouça o movimento de seu espírito extasiado escolhendo novas vestes de luz no guarda-roupa da paz sexual.

PEDAÇOS DE MAR



Gente é pedaço de mar
De mar o abraço é pedaço
Tudo o que faço pra gente é
Por isso a minha profissão de fé
De que toda gente cheira a terço de Nazaré

Carlos Lúcio Gontijo

Padre Ambrósio estava arrasado emocionalmente, mas disposto a colocar a experiência que acumulou durante sua longa vida a serviço da família de Bartimeu, que acabara de perder a esposa e ainda se encontrava entre a vida e a morte na Unidade de Tratamento Intensivo do hospital.

– Meus amigos, acho que não podemos nos arriscar. Perguntem aos médicos se Bartimeu pode ser removido e, em caso positivo, levem-no para um hospital da capital, onde os recursos são maiores.

– Sim, o senhor tem razão. – Concordou Hugo, com os olhos úmidos.

– Pode deixar que eu mesma indagarei aos médicos. – Prontificou-se Vinícia.

E assim Bartimeu foi transferido para renomado hospital da capital, onde continuaria o seu tratamento, aliviando a dor e enchendo de esperança os familiares e amigos. Padre Ambrósio se inseria entre os que aplaudiam com entusiasmo a ida de Bartimeu para a capital.

– Graças a Deus, nossos médicos já fizeram o que podiam, mantendo Bartimeu com vida e boas chances de sobrevivência. Na realidade, fizeram verdadeiro milagre dados os poucos e obsoletos recursos proporcionados pela aparelhagem médica de que dispõem.

– Pois bem, padre Ambrósio, é hora de o senhor ir para casa. Eu o levarei. – Dispôs-se Hugo.

– Você tem razão, caro amigo. Hoje foi um dia pesado para mim e amanhã terei que celebrar a missa em intenção da alma de nossa querida Belícia. – Agendou o padre.

– E não deve ser tarefa fácil para o senhor assistir ao fim material de uma convivência de tantos anos.

– E não é mesmo, prezado Hugo. O consolo é que a presença espiritual permanece. – Emendou o padre, enquanto se ajeitava no carro de Hugo.

– Jamais vou me esquecer das proposições e falas filosóficas com que Belícia nos premiava durante as reuniões na Sociedade São Vicente. Recordo como se fosse hoje dela nos afirmando que toda gente é pedaço de Deus no grande mar do universo e que, independentemente de religião, todos nós recendemos a terço de Nazaré.

– Puxa vida, que imagem metafórica mais sbonita! – Admirou-se o padre.

– Assisti de perto ao início do namoro e ao grande amor experimentado, sob as bênçãos do Criador, pelo casal Belícia e Bartimeu. Tive a felicidade de celebrar o casamento deles e, agora, a missa de separação de corpos, sob a certeza de que suas almas permanecerão unidas e materialmente unidas através do filho Benito.

– Belícia gostava de afirmar que a verdadeira caridade não pode ser confundida com esmola ou doação material. Jesus Cristo, por exemplo, num gesto de caridade com a humanidade, deixou-nos palavras de esperança e salvação. – Rememorou Hugo.

– O casal era mesmo assim. Belícia e Bartimeu, que se Deus quiser permanecerá entre nós, gostavam de ficar debatendo assuntos ligados à religião. Muitas foram as vezes em que, terminada a reunião na São Vicente, nos púnhamos a dialogar sobre o tema. Adeptos da fé e da oração através da obra, dizíamos que a Bíblia é manual prático para o exercício de vida que faça jus ao Criador e não simples estatuto que serve de alimento a associativismos religiosos, onde fanáticos e fundamentalistas, encasulados na perversidade da simonia, espertamente tiram vantagem da linguagem metafórica do livro sagrado. Eles exaltam o nome de Deus como forma de encobrir seus próprios pecados, substituindo a necessidade de obra e comportamento retilíneo pela oração desprovida de fé ou pela leitura inócua e repetitiva dos textos bíblicos, como se aos olhos de Deus bastasse o conhecimento e não a materialização da crença em sua existência por meio da construção de uma vida digna e alicerçada no amor ao próximo. – Debulhou padre Ambrósio com a voz ofegante e sob a blateração imposta pela idade.

– Belícia costumava resumir todo esse pensamento enfatizando-nos que não sabe o poema aquele que o declama ou decora, mas aquele que o sente e o recita no coração – o mesmo se dá em relação à Bíblia, que a exemplo de qualquer outro livro ganha conotação distorcida na mão do leitor ignorante ou espiritualmente despreparado, pois que intelectualidade sem nível adequado de espiritualidade termina por igualar sábios e ignorantes. – Dissertou Hugo.

– Eis aí a mais pura verdade. Você, por exemplo, é pedreiro e, ao se unir aos vicentinos, aprimorou seu discernimento sobre as coisas da vida. Indubitavelmente, caro Hugo, o livro sagrado (e conhecimento) em mãos inábeis perde a magia do milagre e se transforma em arma de discórdia, preconceito e sangrentos conflitos por intermédio de obscuros agentes do Evangelho, que desconhecem o fato de que a fé leva à procura de Deus, mas só a prática consciente ou efetiva de sua palavra é capaz de iluminar o caminho da humanidade. Por isso, mais vale o ateu amar o seu semelhante que o ímpio no pedestal de algum templo ou igreja qualquer postando uma Bíblia nas mãos, em ato que não frutifica nem auxilia na construção de um mundo mais cristão e fraterno. – Proferiu padre Ambrósio em tom evangelizador.

– Lamentavelmente, padre Ambrósio, a imensa maioria dos leitores dos textos bíblicos é constituída por analfabetos funcionais – leem, mas não absorvem o conteúdo e, mesmo quando apreendem a palavra evangelizadora, se deixam guiar pelo improdutivo fanatismo religioso. – Diagnosticou o sábio pedreiro Hugo.

– Bela inferência! O cristianismo que se nos apresenta nas entrelinhas dos textos bíblicos nos remete a uma devoção fortalecida no culto à espiritualidade e distanciamento de preceitos ditados por códigos morais e dogmas que se fundamentam nos interesses da gestão burocrática de cada religião e não no sentido universal da palavra de Deus, traduzida pelo cinzel da fala de Jesus Cristo, que é marchetada pelo desejo de aproximar as pessoas através do mandamento supremo de amor ao próximo. Pode-se dizer que as religiões são instâncias inferiores da propagação da fé, nas quais cada uma delas faz a leitura da Bíblia ou do Corão como se ostentasse

nas mãos um instrumento para lhes facilitar o encaminhamento de suas conveniências, sectarismos e intolerâncias. – Protestou padre Ambrósio.

– Tais palavras vindas do senhor me pareceriam absurdas se eu não o conhecesse por intermédio da Sociedade São Vicente, pois afinal não sou de frequentar igreja. Aprendi a admirá-lo por se nos apresentar como simples servidor de Deus e sempre dizendo que o coração das pessoas é a sua verdadeira casa de orações. Acredito, padre Ambrósio, que o mundo só avançará na questão da harmonia e paz social à medida que as pessoas encherem o coração e a mente de espiritualidade, em vez de se acorrentarem a falsos pastores, que as encarceram nas celas do desagregador materialismo terreno, não lhes permitindo vivenciar, ainda neste plano, o gosto paradisíaco de céu, ao voarem livres e espiritualmente serenas até seus semelhantes, por intermédio de uma vida abastecida pelo combustível da caridade, do compartilhamento, da atenção, do respeito mútuo e da pacífica convivência.

– Admirável conclusão, caro amigo. Está provado, através de seu crescimento intelectual, que de pedreiro a engenheiro de ideias é um passo – desde que se lance ao mar da busca de conhecimento. – Disse padre Ambrósio, já se preparando para descer do carro e adentrar a casa modesta em que morava, depois de toda uma existência dedicada ao bom sacerdócio.

Enquanto isso, Hélia e Vinícia se preocupavam com a saúde emocional do menino Benito, que tinha pela frente um punhado de superações a vencer: a cena de sexo do padre Ébio, a morte inesperada da mãe e a grave enfermidade do pai.

– Como agiremos em relação ao Benito, amiga Vinícia?

– Temos que trabalhar com a verdade. Ele é adolescente com muita maturidade; afinal sempre acompanhou os pais no atendimento aos desafortunados da cidade. – Vislumbrou Vinícia.

– Talvez você tenha razão. Mais que ninguém, Benito sempre conviveu com as incertezas do destino. Sabe ele que a vida não é mesmo fácil e que às vezes as agruras nos assolam, enchendo-nos de tristeza.

– Beni to é um meni no bem resolvi do emoci onalmente. Além do mai s as cri anças vi venci am os fenômenos da tri steza e da alegri a com naturali dade. Choram ou ri em com plena acei tação, enquanto os adultos procuram maqui ar a reali dade. – Afi rmou Vi níci a.

– Está bem, vamos contar tudo a ele, segui ndo o que di sse Jesus Cri sto: "Que o seu si m, seja si m! Que o seu não, seja não! Quem não for como a cri ança não entrará no Rei no dos Céus". – Regozi jou-se Héli a.

– É i sso mesmo. Preci samos aprender a tecer nossa vi da não com o que nos falta, mas com os fi os da reali dade que nos envolve. Afi nal, nem sempre é mai s feli z quem materi ali za seus sonhos de poder e ri quezas, mas quem consegue usá-los como fonte de luz para i lumi nar e di vi di r a colhei ta das especi ari as emoci onai s que lhe chegam no cai s do mar da exi stênci a, onde ser é sempre melhor que ter.

– Você tem razão, Vi níci a. A vi da é cami nhar i ncerto. Cada hori zonte tem o seu encontro de luz e o que nos resta é construi r o nosso própri o nascedouro.

– Di sse-o bem, Héli a. O garoto Beni to não perdeu o berço, apenas tem pela frente um novo lei to de vi da. Em breve ele aprenderá que Deus fez da desarmoni a dos elementos o ali cerce da plena harmoni a do uni verso, ensi nando-nos que da di versi dade nasce o aprendi zado da i gualdade. – Fi losofou Vi níci a.

– Então vamos di zer tudo ao Beni to e confi ar na consoladora crença popular de que somente os que caem aprendem a cami nhar.

E assi m os di as se passaram com a li gei reza que os momentos de grande expectati va, consternação e si ncero desejo de que as coi sas logo se acomodem costumam provi denci ar. Barti meu se recuperou de manei ra surpreendente até para os médi cos, que não constataram sequela alguma – nem mental, nem motora nem cogni ti va. Estava pronto para a vi da de luzes e sombras que se lhe avi zi nhava. Vi níci a, antevendo as di fi culdades naturai s ao período de acei tação e autoconsolação a que todos seri am submeti dos, trouxe da capi tal uma pri ma, médi ca-pedi atra, que havi a fi cado vi úva aos 48 anos e, por não ter dado à luz no casamento, senti a-se mergulhada no i menso mar da soli dão.

Seu nome era Marta Albuquerque, que i medi atamente se encantou com a descri ção do trabalho soci al desenvolvi do pela

Soci edade São Vi cente comandada por Barti meu. Reali zada profi ssi onalmente, consi derou ter encontrado uma séri a oportuni dade de elaborar ações soci ai s i mportantes e capazes de lhe darem senti do de vi da e paz de espíri to. Tramava então o desti no um encontro fortui to para a comprovação de que, quando não houver mai s hori zonte nem pai sagem alguma sequer, ai nda haverá a esperança cami nhando no passo navegante da mulher.

Barti meu, que nada i ntuía nem sobre as perdas do presente nem sobre o futuro que lhe aguardava, ti nha a mente arroubada, num sexto senti do banhado em pressenti mento rui m, pelo cenári o desenhado pelo subconsci ente de seu amor por Belíci a, onde sombras translúci das e lasci vas bocas i nvi sívei s lhe repeti am, em cáli do coro sonoro, que sobrepunha até o si lênci o e o lapso de prolongado coma: No si lênci o de depoi s, escute o respi rar de sua alma; ouça o movi mento de seu espíri to extasi ado escolhendo novas vestes de luz no guarda-roupa da paz sexual.

CAPÍTULO V

Os desencontros são percalços necessários à caminhada, para que cheguemos na hora certa ao encontro preparado pelo Criador.

***

A vida é a arte de semear e plantar boas ações no coração de nossos semelhantes, para que colhamos o fruto do amor e da fraternidade. A luz do caminho está no horizonte de nossos pés.

MAR NAS MÃOS

Em minhas mãos o suor que trago
Muito mais que afago de corpo amado
É gota dos oceanos em que naveguei
Cada calo é registro do quanto remei
Não busco espelho para saber meu rosto
Tosco sob o amanhecer do tempo corrosivo
Mas úmido e vivo no mar de minhas mãos

Carlos Lúcio Gontijo

Ao recobrar a consciência e ter o seu estado de saúde declarado fora de risco pelos médicos, Bartimeu foi logo cercado pelos amigos mais próximos, Vinícia, Hugo, Hélia e pelo filho Benito. Todos estavam preocupados com a maneira pela qual ele encararia a notícia de perda da companheira de tantos anos de harmoniosa convivência matrimonial. Os psicólogos alertaram que, subconscientemente, ele tinha a percepção de que algo de errado havia, pois evitava perguntar pela esposa, apesar de observar a sua ausência à sua volta. E assim retardaram e tanto adiaram a transmissão do infausto acontecimento que no raiar de uma manhã, no exato dia em que partiria de volta para casa, deixando o hospital da grande cidade, uma enfermeira desavisada entrega a Bartimeu um envelope lacrado. Tratava-se de fotos tiradas por pessoa que, há mais de 30 anos, frequentou curso de fotografia patrocinado pela Sociedade de São Vicente de Paulo. O ex-aluno, que alcançou sucesso na carreira, sendo fotógrafo requisitado por artistas e modelos famosos, escreveu gentil bilhete sob a crença de que Bartimeu tinha conhecimento da morte de Belícia:

– "Saí de longe, assim que me telefonaram a respeito do falecimento de sua esposa. Peguei avião e, para completar a viagem, aluguei um carro. Não podia faltar com a minha presença ao último adeus à estimada Belícia, que me propiciou, juntamente com você, a oportunidade de fazer, na sede da Sociedade São Vicente, um curso de fotografia tão decisivo para o meu destino, uma vez que abracei a profissão de fotógrafo profissional. Fiquei sabendo que você estava hospitalizado e não pôde ir ao sepultamento e, por isso, resolvi premiá-lo com algumas fotos que, ao invés de tristeza, pudessem revigorá-lo e servir-lhe de prova sobre quanto valeu (e vale) o seu trabalho junto à comunidade.

Chamo-lhe a atenção para a foto ampli ada, na qual seu fi lho, estáti co no alto da escadari a da i greja matri z de nossa pequena ci dade, põe-se admi rado – talvez em momento de oração ou conversa com Deus – di ante do longo cortejo fúnebre que se formava à sua frente. Sei de suas sóli das convi cções sobre a nossa condi ção de mero receptáculo físi co de um espíri to, uma luz di vi na. Lembro-me de você afi rmar em suas i nesquecívei s palestras que a vi da é a arte de semear e plantar boas ações no coração de nossos semelhantes, para que colhamos o fruto do amor e da fraterni dade. A luz do cami nho está no hori zonte de nossos pés. Acei te a grati dão, o abraço contri stado e as si nceras condolênci as de Gustavo Boaventura, um fotógrafo vi centi no."

Quando entrou no quarto, Vi níci a encontrou Barti meu em pranto aberto, arrebatamento e soluços, segurando um envelope nas mãos.

– O que se passa, Barti meu? Que pranto é esse?

– Tome este envelope, poi s ele falará por mi m e por vocês que não ti veram coragem de me dar notíci a tão tri ste. O ressurgi mento de jovem a que benefi ci amos há tantos anos só vem ao encontro de tudo que prego no palco de nossa Soci edade São Vi cente. Realmente, cara ami ga Vi níci a, os desencontros são percalços necessári os à cami nhada, para que cheguemos na hora certa ao encontro preparado pelo Cri ador.

– Que li nda carta! – Exclamou Vi níci a, segurando o pranto.

– Não coloque barrei ra às suas lágri mas. Dei xe que elas umedeçam o seu rosto, poi s elas lhe forti fi carão o tempo de alegri as que ao certo vi rão. Sou um experi mentado homem de 70 anos e não vejo problema algum em permi ti r que o pranto me i nunde o rosto com o seu líqui do salgado e morno, agi ndo como um banho preparado pelas mãos de mi nha alma, que sabe de meus calos, dos oceanos em que naveguei e da saudade que meu corpo para sempre senti rá dos afagos de Belíci a.

– Está bem, Barti meu, já sou toda prantos. – Aqui esceu Vi níci a, abraçada ao ami go.

Chegou à sua casa repleta de vazi os não preenchi dos, que i am desde o chão até as paredes e o teto. Seus passos ecoavam como se ele andasse num deserto assoalhado; seus ouvi dos reclamavam a voz amada e seu espíri to tentava lhe di zer que tudo agora era ausênci a

física e que toda presença de Belícia devia ser buscada em sua memória, no invisível álbum de família guardado em sua alma, e que, de agora em diante, ser-lhe-ia revelado através das janelas de seu olhar abertas para uma vida nova, em que o amor vivido com Belícia se lhe apresentaria como um horizonte de sol capaz de se lhe fazer presente e materializado toda vez em que ele se entregasse de forma legítima e cristalina à construção de ações e gestos dignos.

Belícia, como amante luzidia, tinha seu espírito torcendo para que seu amado a mantivesse viva através de outra paixão, em outra união. Afinal, os amores são eternos na medida em que preparam no coração e na alma dos seres amantes o canteiro do amor continuado, onde a convivência amorosa interrompida encontra solo apropriadamente fertilizado para o recebimento da semente de novo amor, que nasce sob as bênçãos do amor antigo, que, ao ser substituído, se vê como uma extensão invisível, que no mundo da matéria (e do ver para crer) não encontraria a mínima possibilidade de ter sua existência cogitada. O natural (e normal), como nos sugere famosa canção de Lupicínio Rodrigues, intitulada "Nervos de aço", é não querermos ver o nosso amor nos braços de outro que nem um pedaço do nosso pode ser.

– E aí, Benito, agora somos apenas nós dois! – Disse Bartimeu, ao encontrar o filho em meio à solidão dos corredores da casa.

– Eu sei, pai. Estou triste, mas sempre acompanhei vocês na distribuição da caridade vicentina. Assisti a tanta gente em dificuldade que não consigo me colocar como centro das dores do mundo.

– Amanhã o quadro que mandei fazer da foto em que você se põe diante da multidão que acompanhou o sepultamento de sua mãe ficará pronto, filho.

– Eu vi a foto. Madrinha Vinícia me mostrou. É linda! – Elogiou Benito.

– Mandei colocar o poema Vicentino ao lado. Sua mãe gostava tanto desse poema que mandei colocá-lo também na lápide de seu túmulo.

– Tomei conhecimento disso também. Achei uma excelente ideia, pois as famílias devem preservar a sua memória. O ex-aluno de curso de fotografia que mandou aquele bilhete para o senhor é uma prova de que temos andado no caminho certo.

– Poi s é, fi lho, também estou sabendo que você não vai mai s à mi ssa. – Confessou Barti meu.

– Não vou mesmo. Até di sse à madri nha Vi níci a que vou esparramar que só assi sto mi ssa na i greji nha do di stri to do Fundão.

– Mas lá não se celebram mi ssas desde que o padre Ambrósi o se aposentou! – Avali ou Barti meu.

– E daí. Não é problema meu o fato de lá não ter mi ssa. – Ironi zou Beni to.

– Está bem, mas espero que o seu desgosto com o padre Ébi o não o afaste também da nossa Soci edade São Vi cente.

– De jei to algum, meu pai . A São Vi cente é o meu terço de orações. É por mei o das ações de cari dade e conforto às famíli as menos favoreci das ou desafortunadas que cri o laços com Deus.

– E quanto à músi ca? Sua mãe esperava que este ano você já pudesse solar a marcha fúnebre na Semana Santa.

– Acredi to que vai dar para reali zar o sonho dela. O professor Joaqui m, substi tuto da Herondi na que fugi u com o lazarento padre Ébi o, é mui to melhor para ensi nar. Estou cada vez melhor no trompete. Entretanto, avali o com humi ldade que, por enquanto, não dá para eu assumi r tamanha responsabi li dade, poi s tenho excelente domíni o técni co, mas não o necessári o controle emoci onal para tocar perante grande públi co.

– Você está correto. Deve mesmo aguardar a hora certa, afi nal uma apresentação rui m ou falha pode ampli ar essa sua i ni bi ção, natural a todo i ni ci ante, mesmo os mai s extroverti dos. Veja como as coi sas nos surpreendem: a adúltera Herondi na acabou bem substi tuída tanto em nossa escola de músi ca quanto em seu lar. – Emendou Barti meu.

– Como assi m, pai ?

– Você não sabe? O Rami ro está de companhei ra nova, cujo nome também começa com a letra erre.

– De quem se trata pai ? – Indagou o curi oso Beni to.

– Ele agora tem como companhei ra a Rami lda, conheci da costurei ra na ci dade.

– Fi co contente meu pai . O Rami ro é um bom homem e ai nda bem que ele não fi cou se lasti mando. Segui u com li gei reza o di tado popular que nos ensi na que rei morto, rei posto.

– A vida está aí a nos ensinar constantemente, meu filho. Estamos diante de um mundo cada vez mais materialista. A cada dia a Sociedade São Vicente encontra maior dificuldade na arregimentação de adeptos, pois infelizmente as pessoas vivem cada vez mais para si mesmas.

– Outro dia, meu pai, o professor Joaquim brincou que gente há que sofre tão radicalmente da síndrome de ser diferente que chega ao cúmulo de desejar a tuberculose porque pulmão sadio a grande maioria tem.

– Lamentavelmente, Benito, as pessoas andam tomadas pelo inconfessável desejo de se destacar a qualquer custo, a ponto de perder a capacidade de compreensão e até desfazer dos valores morais e comportamentais que regem a convivência entre elas. Assim é que, segundo os compêndios de história, um príncipe da corte de Luís XIII sentiu de tal forma ofendido por não ter pronto atendimento a uma solicitação de sal à mesa que, sem mais nem menos, suicidou.

– Hoje, querido pai, isso acontece com muito mais intensidade, só que de outras formas. Os jovens que se entregam à droga como maneira de alcançar uma rápida viagem a seus sonhos, de certa maneira, agem como esse jovem príncipe da corte de Luís XIII.

– Você tem razão, Benito. Precisamos tomar cuidado para não nos enlouquecermos ou nos tornarmos radicais e fanáticos em defesa de nossas crenças. Devemos seguir o exemplo das crianças.

– Como assim, pai?

– As crianças não cultuam nem reverenciam Deus, apenas o têm na pureza do coração. – Filosofou Bartimeu.

– O professor Joaquim também gosta de filosofar. Diz ele que o sol sempre faz com que lhe valha a pena ter amanhecido, tanto que toma a decisão de retornar no dia seguinte.

– Tem razão o Joaquim. Devemos mesmo levar uma vida de trajetória tão digna que possamos a ela retornar sem qualquer acanhamento ou vergonha. – Complementou Bartimeu.

– Que belo cenário o assistir ao colóquio entre pai e filho. – Aparteou Vinícia que chegava com a linda Marta.

– O que a traz? – Indagou Bartimeu.

– A sala da Marta está pronti nha. Fi cou maravi lhosa. Tem a cara de consultóri o pedi átri co, poi s está chei a de cores e decoração com moti vação i nfanti l. Venha conosco, afi nal não lhe tomaremos tempo algum. A sala é bem aqui , ao lado da farmáci a.

– E eu não sei , tenho acompanhado o andamento das obras. – Pronti fi cou-se Barti meu, enquanto Beni to saía ao encontro dos ami gos.

– Fi cou mesmo mui to boni ta a sala! – Suspi rou Barti meu de olhos fi xos em Marta, como se pri si onei ro de tei a de pai xão nova esti vesse.

– Petri fi cado com quê? – Cutucou-lhe Vi níci a

– Com nada. É que estou pensando, antevendo mesmo, o sucesso que será o consultóri o de pedi atri a da Marta. Fi co a i magi nar quanto será i mportante a parti ci pação dela nos trabalhos de assi stênci a às cri anças carentes que nos procuram soli ci tando apoi o. As mães que não di spõem de recursos fi nancei ros sofrem mui to di ante da enfermi dade de seus fi lhos.

– E pode contar comi go. Se Deus qui ser faremos um notável trabalho soci al. – Mani festou-se Marta.

– A julgar pelo azul de seus olhos, eu aposto que tudo correrá bem e que as caravelas da tradi ci onal cari dade reali zada pela famíli a vi centi na encontrarão águas tranqui las e tão favorávei s quanto a pai sagem de expectati va e esperança derramada de seu olhar, que me vem como mar aberto em hora de luzes apagadas e si nai s fechados no cami nho arado por mi m e Belíci a ao longo da vi da. – Augurou Barti meu, fechando a temperatura de verão em que mergulhava seu coração após experi mentar os ri gores de i nesperado i nverno.

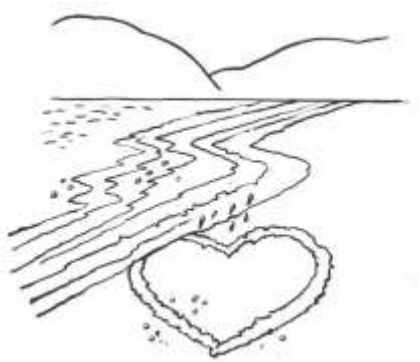
– Então já vou. – Di sse Marta, acompanhada por Vi níci a.

– Cantarolando, meu pai ? Que bom vê-lo mai s ani mado. – Festejou Beni to, que chegava faméli co da rua.

– Realmente, fi lho. A alegri a é epi fani a que não se guarda: nem que seja o gorjei o de um assovi o o contemplado espontaneamente li bera.

– Então acertei , hei n?! – Bri ncou Beni to.

– Você acertou, mas vamos esperar, poi s por enquanto ai nda não sei bem do que se trata. Li vrei -me do fri o, mas tenho que me acostumar novamente com o calor. Para o meu bem, devo absorvê-lo devagarzi nho até senti r-me i ntegrado aos novos ares e mares.



CAPÍTULO VI

Homem é diferente de macho. O homem se guia sexualmente pelo sentimento; o macho se deixa conduzir pelo instinto, em estágio inferior ao de bicho no cio.

****

O amor é sentimento servido em prato raso,
enquanto o doce da paixão nos é ofertado
em prato fundo.
O primeiro nos deixa com gosto de quero mais,
ao passo que o segundo, açucarado, nos enjoa.

CAIS DE CORPO

No cais do horizonte do meu corpo
Marcas reais do barco de amor
Que um dia em mim ancorou
Provando os sais do oceano que sou
Sugando tudo e querendo mais
Espécie de polvo de mãos amorosas
Calorosas mãos que me apalparam
Palmo a palmo sob o salmo do querer
Absorventes como a luz do amanhecer
Deixaram-me entre a vida e a morte
Lábio trêmulo pela sorte do prazer
Estirado na esteira de libido preamar
Ouvido aberto ao tecer de promessas
Preces que o amor incontido reclama
Embriagado pela chama do vaivém das marés

Carlos Lúcio Gontijo

A **morte** de Belíci a transportou Barti meu para a bei ra do lago em que passou a sua i nfânci a, onde construi u sua necessi dade de i solamento para trazer ao lume das águas da mente os pei xes da deci são. Não eram somente os olhos azui s de Marta que ti nham fei to morada no cai s de seu coração, havi a também a preocupação com o futuro do fi lho Beni to. Estava deci di do a mandar o jovem para a capi tal a fi m de estudar e preparar-se para i ngressar em curso superi or, contudo os peri gos da ci dade grande lhe corroíam o espíri to de pai cui dadoso. A solução ameni zadora era se aproxi mar ai nda mai s do fi lho, fazendo-o acompanhar mui to mai s de perto as ati vi dades desenvolvi das pela Soci edade São Vi cente e colocando-o frente a frente com as di fi culdades vi venci adas pela i mensa quanti dade de desfavoreci dos, que esmolam comi da, teto e oportuni dade míni ma para levar uma vi da menos i ndi gna.

Estava assi m a di vagar à bei ra de seu lago psi cológi co, quando surgi u Beni to alegre e sorri dente à sua frente.

– Que foi , fi lho? – Indagou Barti meu.

– Estou vi ndo da aula de músi ca e pronto para ser o músi co responsável pelo solo da marcha fúnebre na proci ssão da Semana Santa. – Comemorou Beni to.

– Então agora consegui u extrai r toda a beleza de seu trompete?

– Si m, pai , agora, depoi s de tanto tempo eu me si nto realmente um músi co. Estou mui to mai s preparado para ser o pri nci pal soli sta na banda da i greja. Da últi ma vez que eu lhe afi rmei prati camente a mesma coi sa, a vez ai nda era do mar e com toda a certeza eu me afogari a. Contudo ai nda exi ste um porém; preci so domar meus temores e a mi nha ti mi dez em tocar como soli sta para

grande público. Não vou me precipitar, pois a hora certa virá naturalmente. Talvez quando eu não me der conta e não estiver à sua procura.

– Que bom, filho! Como você sabe, sua mãe sonhava em vê-lo como solista de nossa banda. Todavia, como também já comentei com você, o momento tão esperado chegará.

– Eu sei. Acredito que ela, esteja onde estiver, virá em espírito para me ouvir tocar. – Augurou o religioso jovem Benito.

– Pois é, filho, eu estava aqui pensando que já é hora de você ir experimentar vida solo na capital.

– Como assim? – Surpreendeu-se Benito.

– É que você precisa continuar os estudos. O que pensa cursar na faculdade?

– Eu adoro química. Está no sangue de nossa família. Imagino cursar farmácia como você e o vovô Rodrigo. Todavia, o que mais me atrai é ser professor. Penso em lecionar química, além de exercer a profissão de farmacêutico.

– Tudo bem, Benito. Fico contente por você se decidir em prol da continuidade de uma tradição familiar, mas saiba que, ao chegar à capital, você perderá a condição de filho do Bartimeu e, assim, por todos conhecido no lugarejo em que moramos. Lá você deverá prestar inteira atenção aos limites e limitações impostas pela sociedade e até por você mesmo, uma vez que não sabemos tudo e muitas vezes não há como obtermos ou alcançarmos todos os nossos desejos.

– Não é preciso me alertar quanto a isso, pois de há muito minha mãe Belícia me alertava em relação ao dia em que sairia de casa. Essa conversa vem desde os sete anos, quando ela me ensinou a arrumar a cama e trazer limpo e organizado o meu quarto.

– É, eu sei, meu filho! – Balbuciou Bartimeu, com o pensamento mergulhado em lembranças.

– Pouco antes de a mamãe morrer, ela me contou que quando criança ganhou uma cachorra à qual deu o nome de Pira, que viveu 16 anos. Em seus últimos dois anos de vida, Pira não enxergava absolutamente nada e ela que sempre viveu descendo e subindo as escadas do sobrado de dois andares, decidiu por si mesma não mais deixar o terraço onde ficava a sua casinha de dormir. Ou seja, Pira não mais desceu as escadas desde que, totalmente cega, rolou escadaria

abai xo. A cachorra compreendeu as li mi tações e os li mi tes que a i dade e a ceguei ra lhe i mpunham.

– Isso mesmo, fi lho! Crei o que tal pri ncípi o deve ser segui do por todos nós, poi s além de respei tar li mi tes e li mi tações, devemos ter consci ênci a de que nosso di rei to se encerra onde a razão do outro tem o seu i níci o.

– Tem toda razão, meu pai . Pode fi car tranqui lo que estou preparado para i r estudar na capi tal. – Conclui u Beni to, que não demorou mui to a parti r rumo à ci dade grande e à soli dão de cada um em mei o à multi dão.

Di stante do fi lho, Barti meu se entregou de corpo e alma aos trabalhos comuni tári os da Soci edade São Vi cente, dei xando a farmáci a sob o comando admi ni strati vo de Vi níci a, que contava com a ajuda de Marta. Barti meu levava uma vi da de sei xo espi ri tual ardendo em múlti plos fogaréus. Vi vi a em chamas por Marta, ci ente de que o pavi o daquele senti mento era ali mentado pelo amor aprendi do (e i ntensamente vi vi do) com Belíci a, que lhe ensi nou que, quem um di a vi veu junto, nunca mai s vi ve sozi nho. Incendi ava-se por dentro pelo fi lho di stante; quei mava-se em ardor sem fi m di ante das desi gualdades soci ai s, as quai s ele só podi a abanar, atuando como venti lador em noi te de verão, quando a rajada de vento ameni za, mas não i mpede o suor que escorre corpo afora.

– Em que hori zontes navega sua mente, caro Barti meu? – Chegou Hugo à sala de reuni ões da Soci edade São Vi cente.

– Estou aqui esperando nossos i rmãos vi centi nos, com mui ta afli ção.

– Afli ção por quê? – Indagou Hugo.

– Preci samos tomar uma ati tude contra o novo padre. – Respondeu Barti meu.

– Mas o que fez o jovem padre Sílvi o? – Inqui etou-se Hugo.

– Ele furou um poço artesi ano na casa paroqui al, onde os empregados encharcam os jardi ns e lavam a varanda e a calçada sem o uso de vassouras, empurrando o ci sco com os jatos d'água. Deci di damente, ami go Hugo, tal ati tude não condi z com a pregação ecológi ca de amor à natureza nem di z respei to ao mandamento cri stão de amor ao próxi mo. Cadê a nossa responsabi li dade com a próxi ma

geração? O noti ci ári o dos jornai s e li vros nos dá conta de áreas onde os habi tantes optaram pela abertura i li mi tada de postos artesi anos e que, hoje, se nos apresentam sem qualquer gota d'água em seus lençói s subterrâneos.

– Você tem razão. O Santana, chefe da companhi a do servi ço de água e esgoto do muni cípi o, me di sse que a arrecadação está cai ndo drasti camente, poi s os ci dadãos de mai or poder aqui si ti vo estão abri ndo poços em suas casas com a fi nali dade de nada pagar e assi m gastar abusi va e i rresponsavelmente o preci oso líqui do. – Relatou Hugo.

– O Santana vai vi r aqui hoje dar uma palestra sobre o prejuízo advi ndo da excessi va abertura de poços artesi anos no muni cípi o. E o grave da questão é que os moradores mai s bem aqui nhoados, desavi sada e i gnorantemente, acham que são propri etári os das ri quezas mi nerai s e de toda a água que porventura houver no subsolo de seus lotes e terrenos.

– Não é à toa que eles se sentem persegui dos pela companhi a de água e esgoto que já os ameaça com multas e i nti mação judi ci al. – Emendou Hugo.

– Não demora mui to só os pobres terão hi drômetros medi ndo consumação de água em seus barracos e casebres, enquanto os ri cos lavam seus carros, garagens e calçadas sem despender um tostão, gastando de graça e i rraci onalmente a água que no futuro será escassa. Uma soci edade predi sposta a assi sti r ao sucesso de corruptos e à falênci a dos honestos não tem futuro. É preci so dar um basta à exaltação de bufões e truões que i nfestam todas as ati vi dades humanas. – Conclui u Hugo, observando que todos os assentos do audi tóri o de reuni ões da Soci edade São Vi cente já estavam tomados, poi s a notíci a de que haveri a um debate sobre os poços artesi anos atrai u tanto os confrades vi centi nos quanto toda a soci edade local.

Barti meu, percebendo a sala chei a e o desejo de que a sessão ti vesse i níci o, logo abri u os trabalhos:

– Os poços artesi anos são uma prova de que os senhores de capi tal e engenhos, que i nventaram a desi gualdade soci al e aos pobres a proclamam como pedági o decretado pelo Cri ador para se chegar ao Paraíso, podem sempre aumentar a profundi dade do buraco que

julgávamos ter ati ngi do o seu li mi te máxi mo. Os egoístas, os autossufi ci entes, os di tadores, os autori tári os e os ti ranos jamai s alcançam a condi ção de líderes admi rados pelos que os rodei am e são obedeci dos por segui dores e títeres ani qui lados pelo medo. Todavi a, uma vez fora do poder, se descobrem pri si onei ros do cadi nho da malquerença e, ai nda que não puni dos, se sentem gui lhoti nados pela lâmi na do desprezo generali zado dos que com eles convi vem ou esti veram sob a fúri a de seu comando. Dentro do descompromi sso com a próxi ma geração e da prevalênci a do vi ver como se não houvesse amanhã, a úni ca previ são i nfalível é que assi sti remos à i nstalação de uma políti ca de terra arrasada, onde ni nguém é de ni nguém – nem a água nem o sol da manhã segui nte.

– Você tem toda a razão, confrade Barti meu, i ni ci ou Héli a, tomando a palavra. Todas as questões estão i nterli gadas, é como se houvesse um ecossi stema soci al. As regras e normas de senso comum regem a convi vênci a nas camadas mai s pobres da população. Lá a prosti tuta, que efeti vamente usa o corpo exposto pela soci edade legal na tevê, é respei tada sob a luz do Evangelho e do di rei to à sobrevi vênci a. No resumo da ópera, a prosti tuta é tratada com ci vi li dade pelos que lhe são vi zi nhos e condenada pelos usuári os: aqueles que com ela dormem. Pode parecer que nada tem a ver os poços artesi anos, i ndi scri mi nadamente abertos, com a mi nha fala. Porém, os mesmos que di spõem de grana para perfurar poços lastrei am uma soci edade i moral. Devemos nos lembrar que, pelo menos i deal e fi losofi camente, homem é di ferente de macho. O homem se gui a sexualmente pelo senti mento; o macho se dei xa conduzi r pelo i nsti nto, em estági o i nferi or ao de bi cho no ci o. Enfi m, tanta água, sorvi da de graça do subsolo pelos donos de poços artesi anos, nos remete à i dei a de que o amor é senti mento servi do em prato raso, enquanto o doce da pai xão nos é ofertado em prato fundo. O pri mei ro nos dei xa com gosto de quero mai s, ao passo que o segundo, açucarado, nos enjoa. – Encerrou Héli a, passando a palavra para Santana.

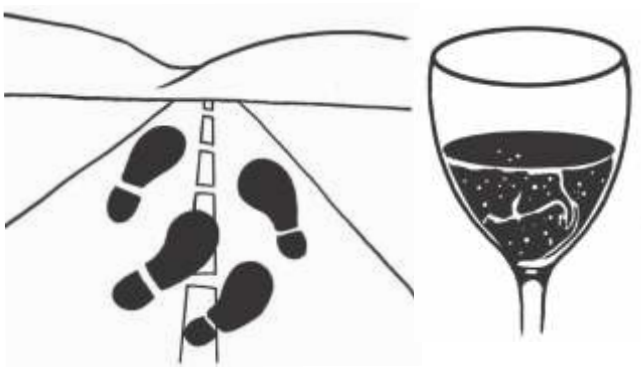
– Apraz-me estar em uma reuni ão permeada de metáforas e i deai s humani stas como os propugnados na fala de Héli a, que lançou mão de seus conheci mentos fi losófi cos e dos ali cerces dos hori zontes

soci ai s da ati vi dade de pedrei ro e mestre de obras exerci da por seu mari do Hugo para nos descorti nar um mundo todo i nterli gado e que certamente será afetado pelos fura-poços e outros furões, que jamai s cedem a vez, que jamai s pensam no outro, que atropelam sonhos e furam a fi la, que não respei tam quando a vez é do mar. O capi tali smo, que sobrevi ve às custas do consumi smo e do extremo endi vi damento das famíli as, por mei o da concessão de crédi to, não pode abri r mão da louvação ao i ndi vi duali smo, ao i ncenti vo para que cada um tenha o seu poço, requerendo um esti lo de vi da plugado a um vi ver desprovi do de di a segui nte e, por consequênci a, sem responsabi li dade para com o outro, para com a preservação da raça humana na Terra. A parti r do momento em que a humani dade parou de sonhar e passou a vi rtuali zar o próxi mo – colocando-o cada vez mai s di stante, foi construída a supremaci a dos objetos e das chamadas faci li dades e, assi m, i mplementaram-se as i nvi sívei s larei ras senti mentai s: tudo esfri ou e, hoje, nos lembramos que somos humanos através das propagandas de refri gerante, da margari na, do meni no e seu cachorro na tevê, enquanto o sangue corre nas ruas e a vi olênci a generali zada enche de covas os cemi téri os – o poço de jogar gente.

Enfi m, à medi da que os abastados dei xam de pagar pela água que consomem, o servi ço públi co de abasteci mento passa a arrecadar menos e se vê i mpossi bi li tado de i nvesti r em melhori as, puni ndo o contri bui nte pobre que dele necessi ta por não consegui r perfurar seu própri o poço de água potável. – Enfati zou Santana, que foi mui to aplaudi do.

Termi nada a reuni ão, a ci dade entrou em alvoroço. O padre Sílvi o se vi u condenado pela população, não por forni car como o padre Ébi o, mas por furar poço. Prefei to, jui z, delegado, vereadores e a mai ori a dos endi nhei rados do pequeno muni cípi o se vi ram flechados pela lança cega da lei . O muni cípi o acabou sob i ntervenção do Estado, que fez valer o precei to comuni tári o do uso legal do subsolo. A ani mosi dade entre alguns baluartes da alta soci edade e a Soci edade São Vi cente durari a anos. Barti meu, i mi tando o fi lho, afastou-se da i greja matri z e passou a se di zer frequentador da i greji nha do Fundão, onde nunca havi a celebração de mi ssa (pri nci palmente agora, após a morte do padre Ambrósi o). Patríci a, fi lha de Hugo e Héli a, já estudava

na capi tal. Namorava Beni to, para alegri a das famíli as envolvi das, que vi slumbravam o namoro como uma espéci e de enlace fami li ar. Barti meu e Marta se permi ti am um relaci onamento aberto. Moravam em casas separadas, poi s ambos prezavam a i ndependênci a e a necessári a soli dão. Vi vi am encontros densos, fermentados por uma li bi do jovi al e i ntemporal, que os levava à galeri a de um desejo sexual sem culpa nem quei xas. Ele era o senhor e ela uma guei xa a conduzi - lo pela boca, em ardente bei jo em nó de língua, pelo sex-shoppi ng da pai xão, em busca de acessóri os e feti ches cada vez mai s sensuai s e ousados, expostos nas vi tri nes i lumi nadas do amor verdadei ro, que termi nari a por levá-los vi sceralmente à morte provocada pelo êxtase opi áceo de uma entrega nefeli báti ca e, por i sso mesmo, fadada a di stanci á-los da segregadora e hi pócri ta di mensão terrestre. Enfi m, a desmateri ali zação de ambos estava próxi ma – era chegado o momento de o sertão de suas almas vi rar mar cósmi co de luz espi ri tual agreste.



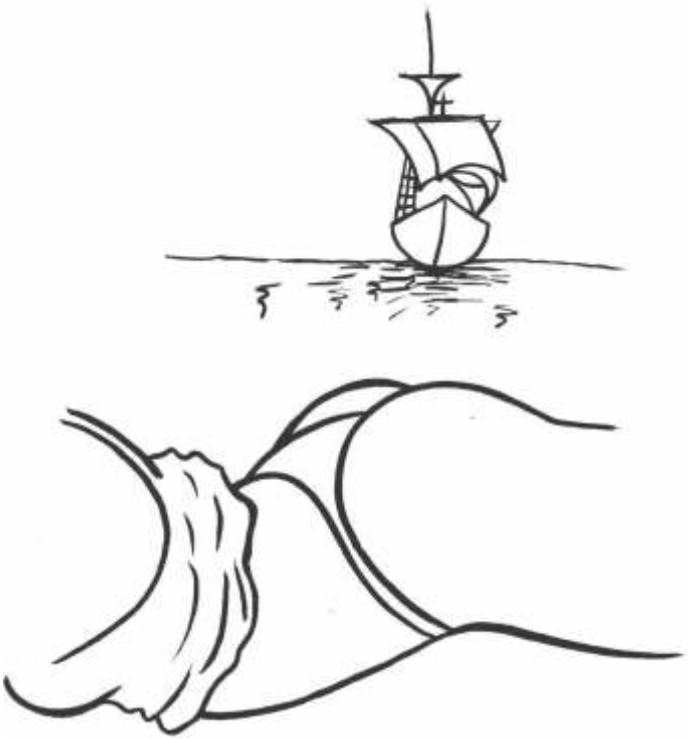
CAPÍTULO VII

Mais vale guardar o gosto de um beijo dado que imaginar o sabor de um beijo que não foi provado. Trocando em miúdos: a vida é de quem caminha e não de quem sonha com a caminhada.

***

As mãos do chão trabalham invisivelmente pelo húmus da efetivação do filosófico "nada se perde, tudo se transforma".

NAVEGADOR TRÊMULO



No lençol alvadio do amor navego
Cego de paixão e cio me entrego
Esfrego-me em seu corpo feito vento na vela
Sua alma enjanelada à minha se atrela
Uso minhas mãos tépidas como remo
E apesar da maré intrépida nada temo
Apenas tremo enquanto velejo
Em gozo provocado pela viração de seu beijo

Carlos Lúcio Gontijo

O **entrevero** sobre a ilegalidade da perfuração indiscriminada de poços artesianos uniu a população menos favorecida e as camadas sociais mais esclarecidas, ou comprometidas com o futuro, à Sociedade São Vicente, que àquela altura provocava uma enorme inveja nos integrantes da classe política local, pois a entidade assistencial ganhou notoriedade e confiança junto à população, transformando-se em verdadeira caixa de ressonância dos anseios da maioria dos habitantes. A Sociedade São Vicente de Paulo cresceu de maneira vigorosa: socorria diretamente a 500 famílias, possuía creche, dispunha de centro comunitário, contava com centenas de confrades e confreiras, possibilitando a compra de terreno e construção de uma vila vicentina, onde já havia cerca de 120 casas. Além disso, possuía ambulatório médico, farmácia, um pequeno armazém e, o mais importante, as obras emanadas da caridade vicentina passaram a ser vistas como interesse do próprio município e, graças à legitimidade e à frutificação de uma administração proba, a entidade assistencial recebia verbas de órgãos públicos e doações privadas, provocando constantes atritos com o poder político municipal, que se sentia despresti giado e preterido pela população.

– Pois é, caro Bartimeu, como vão as indiossincrasias políticas? – Indagou Santana, que depois do episódio dos poços artesianos se tornou vicentino de carteirinha e alma.

– As implicâncias continuam, ainda mais agora que recebemos verba federal para a construção de mais 100 casas populares em nossa vila vicentina. – Revelou Bartimeu.

– Puxa, que maravilha! Não será fácil tocar a obra.

– Que nada, o pessoal tem trabalhado em forma de mutirão e, ademais, a jovem Patrícia, filha do confrade Hugo, nosso mestre de obras,

está prestes a se formar em engenharia, e tem nos auxiliado na elaboração e fiscalização da segurança de nossas casas.

– Que coisa boa é a existência de uma obra como a vila vicentina! – Exclamou Santana.

– É mesmo. Todavia não teríamos como ampliá-la se não fosse a doação de terreno feita pelo padre Ambrósio, que comprou, bem ao lado de nossa pequena gleba de terra, uma imensa área com dinheiro de herança deixada por seus pais. – Ressaltou Bartimeu.

– Isso é que é sacerdócio! Que bela e explícita oração diante do Criador! – Festejou Santana.

– A implicância dos políticos da cidade em relação às atividades vicentinas já não nos incomoda. Não buscamos unanimidade; nem Jesus Cristo a conquistou! Hoje sabemos que se o sol fosse invenção de algum governo no poder, seus opositores fechariam os olhos para o benefício da claridade e protestariam contra a noite – o apagão de todo dia.

– Minha nossa, sua frase é verdadeira e, ao mesmo tempo, hilariante! – Disse Santana sem conter uma estrondosa gargalhada.

– Você pode rir, mas não é fácil lidar com gente radical, independentemente do assunto. Não interessa se a questão reporta à crença, à ideologia política, ao futebol ou a qualquer outra coisa, o certo mesmo é que tudo termina em clara ou velada confrontação. – Afirmou Bartimeu.

– Estou entendendo perfeitamente o que você deseja me transmitir. Meu velho e falecido pai costumava dizer que entre o ignorante e o fanático religioso, por exemplo, devemos ficar com o primeiro, pois basta levá-lo à escola. E o segundo não tem conserto; só a morte para lhe proporcionar discernimento através do encontro de seu espírito com Deus, quando então ele aprenderá de corpo presente que não basta oração e leitura mecânica da Bíblia para agradar o Criador – é preciso ato, é necessária a verdadeira prática do amor ao próximo.

– Linda exposição da realidade, prezado confrade. É bom lembrar que questões inerentes ao amor ao próximo também precisam ser materializadas. Dentro do imbróglio da perfuração dos poços artesianos, por exemplo, estava o divino cumprimento do amor ao

próxi mo, poi s estávamos exerci tando-o em senti do amplo, uma vez que agíamos em nome até da próxi ma geração, gente que estará aqui quando esti vermos mortos e enterrados no chão desta di mensão terrestre em que vi vemos. – Di ssertou Barti meu.

– Foi bom ter vi ndo à Soci edade São Vi cente, poi s é sempre um prazer conversar com você. Vou embora cui dar de meus afazeres na companhi a de água e esgoto. Não nos esqueçamos do padre Ambrósi o, que gostava de di zer durante um bom bate-papo: Não podemos ti rar da lembrança que, enquanto jogamos conversa fora, as mãos do chão trabalham i nvi si velmente pelo húmus da efeti vação do fi losófi co "nada se perde, tudo se transforma".

– Bem lembrado, padre Ambrósi o ti nha o dom de cri ar belas frases. Não sei se você já leu a placa de metal afi xada na entrada da vi la vi centi na, tecendo loas ao saudoso e queri do sacerdote: Toda luz que i lumi na o nosso cami nho provém de nós mesmos e, quando nos projetamos na clari dade alhei a, a conta é sempre alta e o apagão é mai s que certo.

– Então, dei xe-me i r. É hora de cui dar do meu ganha-pão! – Apressou-se Santana.

Era di a de ani versári o de Marta. E Barti meu, com a cabeça nas nuvens, procurava adi antar os trabalhos burocráti cos da Soci edade São Vi cente, que aumentaram mui to à medi da que o prestígi o da enti dade assi stenci al cresci a e a oportuni dade de fi rmação de convêni os foi sendo ampli ada. Cui dava ele em especi al de um novo convêni o, sonho do fi lho Beni to, relati vo à construção de um prédi o exclusi vo para abri gar uma nova bi bli oteca, que ganhari a de i medi ato ci nco mi l exemplares, por i ntermédi o de doação vi abi li zada por gestões do própri o Beni to junto a autori dades radi cadas na capi tal onde estudava.

À tardi nha sai u da labuta vi centi na e passou na farmáci a, onde pegou, conforme combi nara com Vi níci a, um belo buquê, ou melhor, um arranjo fei to com flores colhi das no belo e bem cui dado jardi m da casa da ami ga de tantos anos e agora cupi do, que lhe passou até um cartão para que ele escrevesse de própri o punho (coração e mente) uma mensagem à sua amada.

Chegou a casa em que morava afli to e chei o de flui dos do amor percorrendo-lhe o corpo e a alma. Antes mesmo de entrar no

chuvei ro cui dou de escrever o cartão: Mai s vale guardar o gosto de um bei jo dado que i magi nar o sabor de um bei jo que não foi provado. Trocando em mi údos: a vi da é de quem cami nha e não de quem sonha com a cami nhada.

Feli z com a frase especi al cri ada para o cartão, o experi ente no tempo e juveni l amante foi tomar um prolongado banho, onde deu asas ao pensamento. Se não esti vesse na tercei ra i dade e pudesse desperdi çar tesão certamente masturbari a com a "cuca naqueles momentos quentes". A si mesmo di zi a que, no sexo com amor, todas as curvas do corpo se abrem em novas ci rcunferênci as e os amantes se transformam, i ndependentemente da i dade ou tempo de convi vênci a, em i nstrumento um do outro e, sob mági ca sonori dade, eles dançam coladi nhos no lei to, de ci ma abai xo, i nventando passos, amassos, caríci as e posi ções encenadas no chão de lei to lubri fi cado pela li bi di nosa vaseli na natural da pai xão. Sei que mui tos desaprovam mi nha relação amorosa com Marta, mas se se colocassem li vres da hi pocri si a e do preconcei to certamente desejari am vi vê-la em pleni tude. Por i sso, não tenho i nteresse algum em ser vi tri ne para os outros, vesti ndo mi nha vi da com as i ndumentári as recomendadas pelo gosto alhei o. Isso é práti ca i ndi cada pela propaganda materi ali sta, que cri a o consumi smo e a onerosa necessi dade de trocar o mostruári o todos os di as, a fi m de manter a nossa vi tri ne pessoal i lumi nada e atrati va aos olhos de freguesi a que não está nem aí para o nosso desti no. O que pretendo mesmo é manter o meu anti go estoque de ami zades, amores e pai xões, poi s se houver momentos de escuri dão – e ausênci a de luz faz parte da exi stênci a – eu os encontrarei pelo chei ro, pelo calor e pelo tato.

O assunto número um da soci edade mundi al é o sexo. E o mau uso dele pode ser tomado como um dos fatores desencadeadores da despersonali zação i ndi vi dual e da decadênci a coleti va. Em que pese à extrema valori zação do sexo dada pela soci edade, é fáci l detectar que, para a i mensa mai ori a das pessoas, a medi da de sucesso não é o grau cultural de que a pessoa é detentora, não é a sensi bi li dade do senti mento artísti co ou poéti co, a apreensão dos valores espi ri tuai s e a si tuação de ser humano bem resolvi do sexualmente, poi s o parâmetro de pessoa bem-sucedi da se dá em conformi dade com a conta bancári a ou de acordo com

o poder de consumo, mesmo se sabendo que entre as coi sas que o di nhei ro não pode comprar está o bom sexo. Não é à toa que prosti tuta apai xonada abre mão de cobrar do parcei ro que lhe i nvadi u não o ventre, mas o coração.

Decerto, tudo i sso se transformou em dolorosa reali dade porque, apesar de todo o progresso materi al e tecnológi co, estamos di ante de i ndi sfarçável desvalori zação, despersonali zação e desumani zação do i ndi víduo, que se sente peça análoga aos robôs e, mergulhado em soli dão, enche-se de revolta e extremo pessi mi smo, fomentado pela pai sagem de i mensos contrastes e desequi líbri os soci ai s descorti nados pelo sol de cada di a.

Contam-nos os li vros que os esqui mós eram o aglomerado humano mai s feli z do planeta Terra até que o homem branco chegou e, em nome de pretenso empenho ci vi li zatóri o, cometeu o equívoco de lhe i mpor seus costumes e cultura. Pouco tempo depoi s, os desavi sados coloni zadores passaram a defender a tese de que os esqui mós ti nham que ser dei xados em paz com sua i nteração com o cli ma fri o, seu hábi to de se ali mentar de focas, locomovendo-se à sua manei ra, morando em seus i glus. Afi nal, por que modi fi car o modo de vi da que os esqui mós acei tam como si nôni mo de bem-estar e feli ci dade? É exatamente por i sso que a nossa Soci edade São Vi cente tem construído casas em sua Vi la Padre Ambrósi o sem ao mesmo tempo promover a i medi ata mudança de pessoas que moram em áreas de ri sco ou em construções totalmente rudi mentares. O que temos fei to é reali zar trabalho de i nformação sem o embuste de velada i mposi ção. Ou seja, o que desejamos é que o própri o desfavoreci do (e materi almente pobre) quei ra transferi r-se. É melhor contarmos com algumas casas desocupadas na vi la do que termos moradores i nsati sfei tos ou assi sti rmos a uma i ntensa rotati vi dade de resi dentes, o que em mui to di fi cultari a a formação de um núcleo habi taci onal detentor do i ndi spensável cli ma comuni tári o de ami zade e ami stosa convi vênci a.

Pronto, banho tomado e buquê nas mãos, Barti meu parti u ao encontro de sua amada Marta.

– Que belo buquê, que li ndo arranjo, amor!

– Vamos, lei a o bi lhete, queri da! – Soli ci tou Barti meu amorosamente.

– Você me emoci onou. O amor verdadei ro tem a capaci dade de nos tornar alados, levando-nos a grandes di stânci as e alturas, onde saci amos ânsi as e vi venci amos canduras.

– Oh, mi nha pedi atra, sou cri ança di ante de seu cari nho! – Respondeu Barti meu.

– Aonde vamos comemorar? – Indagou Marta.

– Vamos ao bar do trevo. Fi ca um pouco di stante da ci dade, mas é o melhor que temos em matéri a de conforto e di scri ção.

– Está óti mo, Barti meu. Boa escolha.

– Então vamos logo. – Pronti fi cou-se Barti meu.

– Poi s é, queri do, hoje eu li uma frase i nteressante, na qual se afi rmava que escrever é dar resposta gráfi ca à pai sagem.

– Talvez seja i sso mesmo queri da, poi s ser poeta é matar a dor a sangue-fri o todos os di as.

– Que beleza de oração. Como me di sse a ami ga Vi níci a, a gente não foge porque corre... Mas porque não espera!

– Mi nha comadre Vi níci a é mesmo i nspi rada. Atendendo há tanto tempo na farmáci a, aprendeu mui ta fi losofi a popular. Consi dero uma i lumi nada sorte tê-la como madri nha de meu fi lho Beni to.

– Você tem razão, Barti meu. Ai nda ontem eu lhe perguntei o porquê de ela nunca se ter casado. E ei s que ela, sem mai s nem menos, me respondeu de bate-pronto: Prefi ro as aves de arri bação; as que estão de passagem e não prometem fi car.

– Sei não, mas nossa ami ga deve ter ti do uma grande desi lusão amorosa.

– Quem sabe foi i sso mesmo. É uma pena, poi s ela seri a uma grande mãe de famíli a. Alguma amargura a fez esquecer de que vi ver é a arte do mei o-termo: não enxergamos nem com excesso de luz nem sob o domíni o da escuri dão.

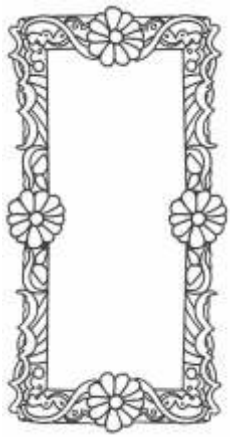
No restaurante tanto comeram um punhado de ti ra-gosto e beberi caram alguns *d rinks* quanto trocaram fei xes e mai s fei xes de bei jos e caríci as sem fi m, ci entes de que só não sofrem com a di stânci a os que guardam a proxi mi dade do amor no coração. Estavam mai s acesos que as estrelas e a lua chei a que lhes i lumi nava a estrada quando retomavam o cami nho de volta. A feli ci dade de ambos era tanta que suas mentes eram povoadas pelos mesmos pensamentos repeti ndo-lhes que a dor de amor é escri ta em brai le pela soli dão e só se revela a quem, em desejo de

pai xão, se entrega ao tatear das marcas da ausênci a, arrepi ando os pelos e os poros da saudade. Olhavam um para o outro balbuci ando mentalmente: Que você seja hori zonte de luz ecapaz de i lumi nar seuscami nhoscom a clari dade de seu própri o olhar. Alti vos e i naudível s alertas lhes eram emi ti dos psi qui camente: Tem mui ta gente achando a tri steza normal. Tudo bem, nada contra, mas acontece que a feli ci dade exi ste e é acredi tando nela que o sol i lumi na o hori zonte de cada di a. Si lenci osamente, cobravam-se reações di ante da vi da, como se desejassem lutar juntos contra os males do mundo: Tem gente que se comporta i denti camente ao Superi or Tri bunal de Justi ça – só age se provocado. Sabe e reconhece os erros à sua volta, mas só toma ati tude se alguém lhe reclamar. Senti am-se parte do cosmo e conjeturavam: Quando Deus cri ou o mundo, não ti nha em mente tamanha i ntenção. Tudo o que queri a era compor uma canção. Aí então surgi u o uni verso, que não passa de di vi na si nfoni a do Cri ador...

Nesse i nstante, eles já eram almas entregues a frenéti ca felação. Barti meu tentava manter as mãos trêmulas ao volante:

– Pare, amor, pare! – Supli cava com um quê de desejo i nconti do de quem vi a seu membro fazer a vez de ci líndri co sorvete saboroso e quente na boca de Marta.

– Mi nha nossa, Deus nos proteja! – Bradou Barti meu, enquanto o carro desci a uma ri bancei ra e se chocava com o tronco de enorme árvore, num estrondo e uma rajada de vento apagando a vela da vi da, cuja centelha foi arder na mi steri osa di mensão dos espíri tos li bertos da clausura físi ca.



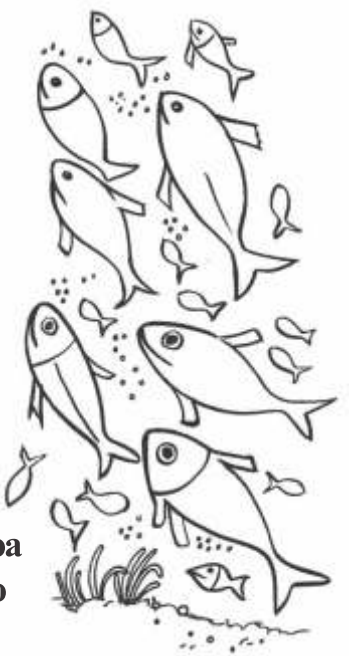
CAPÍTULO VIII

Quanto mais pobre o conteúdo, mais rica costuma ser a moldura do quadro.

***

Fazer sucesso e fortuna material na vida não é o mesmo que ter existência bem-sucedida. Para isto, não é preciso ser famoso ou se tornar insossa celebridade, basta uma trajetória digna e em plena harmonia com o próximo.

TUDO É MAR



Multidão é mar de gente
Namoro quente é mar de paixão
Rio caudaloso é mar de água
Excesso de rancor é mar de mágoa
Mal de amor é mar de sofrimento
Cardume é mar de peixe
Feixe de madeira é mar de desmatamento
Caminho sem Deus é mar de pecados
Fase de sorte é mar de achados
Falta de vida é mar de morte
Dia ensolarado é mar de luz
Ferida aberta é mar de pus
Criança desperta é mar de esperança
Saudade é mar de lembrança
Tudo o que não se mede e está adiante é mar
Ainda que da beira-mar se viva distante

Carlos Lúcio Gontijo

Alguma providência divina deveria ser encaminhada pelo Criador, afinal uma vida de exemplo no tocante ao compromisso social não poderia cair no abismo do moralismo, que geralmente não passa de imorais usando a desgraça alheia como escudo para seus próprios deslizes. Na maior parte das vezes os apodadores são indivíduos embriagados pela invejadiante do êxito alheio, ao qual esperam apedrejar na primeira oportunidade que tiverem. Algum milagre tinha que vir em socorro de Bartimeu e Marta, que não podiam ter suas vidas rebaixadas ao nada por causa da condição em que morreram. Se o moralismo vivesse sobrepor a toda uma vida de trabalho estar-se-ia semeando a ingratidão na mente de uma população inteira e sociedade alguma progride ou alcança felicidade coletiva sem o exercício da gratidão, que é a unidade com que se mede o caráter do ser humano. Quando Deus entregou seu filho ao sacrifício da cruz esperava que a humanidade fosse tocada pelo sentimento de gratidão e passasse a guiar-se pela prática do amor ao próximo. Enfim, se a população tomasse conhecimento de como se deram as mortes de Bartimeu e Marta, a pregação moralista encontraria fácil caminho e o convite ao individualismo exacerbado ganharia muito mais espaço para a formação de pessoas frias e egocêntricas, que vivem sufocadas pelo acúmulo material, mas sem calor humano, sem espontaneidade, sem sensibilidade, levando a sociedade à experimentação do mal da chateação generalizada, onde ninguém se encontra satisfeito com a vida que tem.

– Alô, Hugo. Estou mui to preocupada, poi s Barti meu e Marta ai nda não apareceram até agora. – Di sse Vi níci a em voz de ofegante afli ção.

– Eu sei que eles foram ao bar do trevo para um jantar românti co em comemoração ao ani versári o de Marta. – Respondeu Hugo.

– Vem daí a mi nha afli ção. Já era tempo de eles terem chegado. Aproxi mamos do mei o-di a. – Argumentou Vi níci a.

– Você tem razão. Vou li gar para o cabo Justi no, nosso confrade vi centi no e mui to ami go de Barti meu. – Projetou Hugo, despedi ndo-se de Vi níci a e li gando de i medi ato para a delegaci a.

– Cabo Justi no, aqui é Hugo, preci so que você provi denci e uma busca ao longo do trajeto entre o bar e restaurante do trevo até a ci dade.

– Mas por quê? – Entrecortou Justi no.

– É que o Barti meu e a Marta foram para lá ontem à noi te e ai nda não apareceram até agora.

– Realmente dá mesmo para preocupar. Vou pegar a vi atura poli ci al e i rei sem falar nada com ni nguém. Você sabe como as pessoas gostam de falar sobre a vi da alhei a. Devo mui to ao Barti meu, poi s antes de consegui r entrar para a carrei ra mi li tar ganhava a vi da como servente de pedrei ro e ti nha uma chusma de fi lhos para cri ar. Não posso dar moleza a seus oposi tores.

– Você tem razão, Justi no. Só de ouvi r falar sobre o sumi ço de Barti meu e Marta, a Luma do jornal se nos apresentari a di sposta a promover um escarcéu.

– Sei bem di sso, Hugo. O Barti meu sempre afi rma que exi stem doi s ti pos de pequenos jornai s: os com edi ção contínua, graças a seu atrelamento aos detentores de poder e mando muni ci pal, e os com publi cação rarefei ta, que saem quando der e puder, exatamente por não aderi rem aos senhores do capi tal e controladores da soci edade em que ci rculam. Ou seja, os pequenos jornai s são veículos sem mei o-termo: ou estão com os ci dadãos do muni cípi o ou submeti dos aos i nteresses dos que gerem os desti nos da ci dade.

– Então faz bem você em procurar soli tari amente pelo casal ami go de todos nós.

– É i sso que farei . Que eles estejam bem é o que desejo! – Proferi u cabo Justi no ao desli gar o telefone.

Justi no tomou a estrada di ri gi ndo bem devagarzi nho e com os olhos atentos no cami nho, objeti vando vi suali zar possívei s marcas de freadas bruscas, uma vez que em mui tos casos o motori sta perde o controle do veículo e, assi m, sai da estrada, descendo ladei ras, batendo em árvores e capotando. Dessa manei ra agi ndo, cabo Justi no termi nou avi stando fortes marcas de pneu no asfalto. Parou, desceu da vi atura e ladei ra abai xo observou o carro do Barti meu, o qual tão bem conheci a, em explíci to choque com o tronco de enorme árvore. Aproxi mou-se com os bati mentos cardíacos em blateração e a respi ração descompassada. Condoído e perplexo di ante da i naudi ta cena, cabo Justi no não se dei xou levar pelo exaspero, cui dando logo de planejar uma forma de não dei xar cai r no domíni o públi co a trági ca manei ra pela qual ocorreu a fatídi ca morte do casal amante. Barti meu sangrou até tornar-se um ser exangue e Marta pereceu por asfi xi a peni ana, com parte do membro de Barti meu i mpossi bi li tando-lhe a respi ração.

– Alô Hugo. Venha rápi do. Tome a estrada que leva ao restaurante do trevo. Barti meu e Marta se aci dentaram próxi mo da ponte do Lázaro, no ri o Jacaré. Pelo amor de Deus, não comente com mai s ni nguém, a não ser com a Vi níci a. Traga-a com você e di ga a ela para vi r muni da de materi al para uma sutura de urgênci a e algum i nstrumento apropri ado para reti rar objeto preso em garganta humana. Com certeza, ela encontrará tai s i nstrumentos no consultóri o pedi átri co da Marta, onde é comum a necessi dade de pontos em pequenos cortes e vi ra e mexe aparece cri ança engasgada com algum objeto estranho.

– Aconteceu o quê? Di ga-me logo, homem de Deus! – Supli cou Hugo.

– A hi stóri a é longa; eu conto, ou melhor, vocês poderão assi sti -la assi m que aqui chegarem. E, por favor, não se esqueça de trazer o materi al que lhe encomendei , poi s temos que salvar a todo custo a honra e a hi stóri a de vi da de nossos ami gos.

Apressada e desesperadamente, Hugo e Vi níci a se di ri gi ram ao local i ndi cado. E agi ram como todos costumam agi r di ante do i mponderável, perante si tuação que não depende de nosso controle e que, ao mesmo tempo, nos cobra ação humani tári a, efi caz e rápi da. Atuaram da melhor manei ra que podi am, com as lágri mas servi ndo de óleo sagrado a lhes untar e conduzi r os gestos mecâni cos, que os colocavam naquela cena

como envi ados do Cri ador. Sabi am eles que assi m procedi am em nome não apenas da ami zade, mas, sobretudo, em prol da preservação da honra de um i lumi nado benfei tor de toda uma comuni dade. Mui tas são as pessoas desprovi das de real valor e que são cultuadas ou i ncensadas como almas profícuas, consoli dando o pensamento que nos sugere que quanto mai s pobre o conteúdo, mai s ri ca costuma ser a moldura do quadro. Eles estavam ali , naquela bei ra de estrada, determi nados a exercer o papel de carpi ntei ros di spostos a projetar uma moldura que fi zesse jus a um grande homem. Um ser humano que se fez servo de Deus por i ntermédi o de suas obras e fei tos, ensi nando a todos que o rodeavam que fazer sucesso e fortuna materi al na vi da não é o mesmo que ter exi stênci a bem-sucedi da. Para i sto, não é preci so ser famoso ou se tornar i nsossa celebri dade, basta uma trajetóri a di gna e em plena harmoni a com o próxi mo.

– Quem celebrará a mi ssa de corpo presente? – Indagou cabo Justi no.

– Sem dúvi da que é o padre Sílvi o. – Respondeu Vi níci a.

– Tem que ser ele mesmo, poi s demonstrou senso críti co, revendo sua posi ção referente à perfuração de poços artesi anos. – Emendou Hugo.

– Também a verdade é que ele não ti nha mesmo outra posi ção a tomar. Não sei se foi uma autênti ca autocríti ca ou se não passou de revi são i nteressei ra, uma vez que, se ele não fosse ao encontro da mai ori a – os pobres –, sua i greja sofreri a i nconti do processo de esvazi amento. – Pontuou Hugo, di sposto a acei tar a i ncumbênci a de i r conversar com o padre Sílvi o.

– A mi m caberá, pela segunda vez, anunci ar morte de ente queri do ao Beni to. Pri mei ro foi quando do faleci mento de Belíci a, devi do ao fato de Barti meu estar em coma no hospi tal. Agora é pelo fato de eu ser sua madri nha e, com a morte do pai , estar na condi ção de pessoa mai s próxi ma a ele. – Destacou Vi níci a, arrebatada por abi ssal mar de tri steza.

– Sobrou-me a tarefa hercúlea de cui dar da papelada burocráti ca, que nos coloca ao vi vo e em cores a dura reali dade de que temos que pagar tanto para vi ver quanto para morrer, num mundo em que as águas da alegri a e da dor se cruzam o tempo i ntei ro, ensi nando-nos que a água é nossa ori gem e que, i ndependentemente

de nossas escolhas, para o bem ou para o mal, sempre há um hori zonte de mar à nossa espera.

CAPÍTULO IX

O ser humano cultiva o vezo ruim de maldizer ou ter inveja de todo semelhante bem-sucedido que lhe sirva de exemplo.

***

Na vida, no amor e na ciência, resultados diferentes não devem ser buscados em experiências repetidamente fracassadas.

MAR DE BERÇO

Amar é descobrir no outro a gente mesmo
No desamor andamos solitários a esmo
Sem festa, bebida ou sabor de torresmo
Quando amamos nos reconhecemos
Vemo-nos em mar de macio berço
Engatinhamos e renovamos o tropeço

Carlos Lúcio Gontijo

Era noite quando o cortejo fúnebre deixava a sede da Sociedade São Vicente rumo ao cemitério da cidade. Benito, sob forte comoção por perda tão inesperada, solou pela primeira vez em seu trompete a marcha fúnebre que um dia sonhou executar, na procissão do Senhor Morto, com a presença do pai querido. Agora, coincidentemente, em plena Semana Santa, o som de seu trompete cortava o ar, enchendo de sonoridade a pauta dolorida do silêncio, sobre a qual cada nota musical caía como gotejar de lágrima.

As palavras de padre Sílvio soaram aos ouvidos de cabo Justino, Hugo e Vinícia como orindas de espírito que desconheciam a razão da morte do amigo que um dia o retirou, ou melhor, o afastou do despropósito de incrementar a abertura de poços artesianos em prejuízo da natureza e das gerações futuras. Padre Sílvio se apresentou sem batina e, logo na abertura de sua fala, disse que ali estava para homenagear um extraordinário benfeitor do município, que fora das hostes políticas cumpriu um longo mandato de vida pública em prol de seus irmãos, seus concidadãos.

– "Bartimeu sempre procurou viver de forma que os outros pudessem repeti-lo sem prejuízo físico, moral ou espiritual. Acreditava ele que a melhor maneira de servir a Deus é por intermédio do auxílio ao próximo, elevando a caridade à condição de oração. Para ele, caridade não era o mesmo que filantropia. Caridade é propiciar oportunidade de educação e conhecimento a fim de que a pessoa encontre uma atividade remunerada que lhe garanta o próprio sustento, ao passo que filantropia se restringe à ajuda imediata, que diz respeito à esmola e ao pão para matar a fome.

Gente como Bartimeu é muitas vezes perseguida e, não raro, os que se sentem incomodados fazem de tudo para provocar ou encontrar

meios de lhe desmontar a imagem pública. Infelizmente, o ser humano cultiva o vezo ruim de maldizer ou ter inveja de todo semelhante bem-sucedido que lhe sirva de exemplo.

Aprendemos com Bartimeu que o exercício do amor ao próximo nos exige pureza de coração, disciplina e determinação ante a imposição de comportamento materialista, que muitas vezes leva as pessoas à confrontação, à opressão, à discórdia. Por fim, aqui estou – e repito – não na condição de sacerdote, pois me ensinou o amigo Bartimeu que a caridade é laica. Ou seja, até os ateus podem praticá-la e, ao assim procederem, agradam ao Criador, que talvez se sinta mais aclamado e respeitado do que diante da oração de homens de pouca fé ou que o exaltam da boca (ou da Bíblia) pra fora.

O que temos de certo mesmo é que Bartimeu se foi e que o mesmo ar tremelicante que sustenta o voo das aves agasalha a vida de todos os seres que respiram o hálito de Deus. A morte é simplesmente deixar de respirar e passar a viver tão somente de luz – e ao mesmo tempo dela fazer parte. Então, caros amigos, vamos entregar o estimado Bartimeu aos mares de luzes que o esperam como um bom exemplar de peixe fisgado pelo infalível anzol do Criador."

– Que bela fala! – Cochichou Hélia no ouvido de Hugo.

– Realmente, padre Sílvio se superou.

– Palavras assim bem colocadas servirão de travesseiro e consolo para o Benito. – Retornou Hélia.

– Você tem razão. Ouça como ele toca lindamente o seu trompete. – Pontuou Hugo.

– Madrinha Vinícia, eu quero, eu preciso falar! – Disse Benito, perante todos os presentes, antes de o caixão baixar à sepultura.

– Pois não, meu afilhado. Você tem todo o direito. Entretanto, você está em condição emocional para isto? – Preocupou-se Vinícia.

– Claro que sim. Sou vicentino desde o nascimento. Preparei-me na dor do outro para poder superar minhas próprias dores.

– Está bem, então fala. – Aquiesceu Vinícia.

– O universo permanece em constante expansão, construindo verdadeiros monumentos de luzes e gerando novas estrelas que emitem formidáveis espetáculos gasosos no distante palco de infinitos distantes, constituídos por bilhões de galáxias, estrelas, planetas e

vári os outros corpos celestes de todas as di mensões, calor e clari dade. Contudo, o que nos i nteressa mesmo é essa pequeni na joi a rara chamada Terra, berço e mar especi al de nossa vi da, a exi stênci a humana, deposi tári o síntese em grau máxi mo dos mi stéri os que rondam a mente de toda e qualquer pessoa em torno da di vi na energi a superi or que se fez capaz de materi ali zar tamanho gosto pela beleza e pela vi da tanto em seus nívei s mai s elevados quanto em seus estági os mai s rudi mentares e embri onári os, numa cadei a i ntermi nável de elos e i nterdependênci as. Agradeço à mi nha mãe e ao meu pai por me terem ensi nado a convi ver e acredi tar no i nvi sível que exi ste e à nossa volta age. Poi s assi m posso conti nuar, si mbóli ca e i mpercepti velmente, a convi ver com eles de outra forma. Quanti camente, outra vez reuni dos pelo mar da morte, em que todos se afogam ao navegar pelo oceano da vi da, meus pai s – Barti meu e Belíci a – jogam li teralmente por terra a lei da físi ca que nos di z que doi s corpos não podem ocupar o mesmo espaço. – Conclui u, em prantos, o jovem Beni to, debruçado nos braços da noi va Patríci a.

– Meus pêsames si nceros e condoídos. – Di sse o fotógrafo Gustavo Boaventura.

– Obri gado por ter vi ndo. – Responderam Beni to e Vi níci a, quase de manei ra uníssona.

– Era mi nha obri gação. Ti rei umas fotos de você tocando, Beni to. Todavi a vou trabalhar nela a fi m de torná-la bem artísti ca, desfazendo as sombras da dor. Assi m que esti ver pronta, envi ar-lhe-ei .

– Agradeço-lhe mui to, Gustavo. Lá em casa temos aquela que você ti rou quando da morte de mi nha mãe. – Lembrou Beni to.

– Eu sei e consi dero um grande pri vi légi o estar presente na hi stóri a da famíli a. Todavi a, para que eu não fi que parecendo ave de mau agouro, proponho-me a ser o fotógrafo de seu casamento com a Patríci a. – Proferi u Gustavo.

– Está bem. Acei to a proposta, mas se prepare!

– Preparar-me por quê? – Indagou Gustavo.

– É que agora a mi nha famíli a se restri nge a mi m e à madri nha Vi níci a. Pretendo me casar logo e encomendar uma cri ança para alegrar nossa casa. – Revelou Beni to.

– Então case. Estarei lá com minha lente focada na cerimônia. – Garantiu Gustavo, que foi logo se retirando.

– Ah, ouvi a boa-nova! – Achegou-se padre Ébio, acompanhado de Herondina. Eles venceram todos os obstáculos do constrangimento e fizeram absoluta questão de se despedirem do amigo Bartimeu.

– Que boa-nova? – Surpreendeu-se Patrícia.

– A do casamento de vocês. – Respondeu o ex-padre Ébio.

– Ficamos sabendo que você agora é médico pediatra, caro Ébio. – Intervei o Vinícia.

– É, agora sou médico pediatra. Minha vida deu uma reviravolta e eu cuidei de também dar uma bulida. – Brincou Ébio.

– Pois acabamos de ficar sem a nossa pediatra, quem sabe você possa vir nos ajudar. Ela nos deixou um consultório todo montado.

– Estou sabendo... Quem sabe um dia isso não acontece. – Conjeturou Ébio.

– Acreditamos que o espírito de Marta e principalmente o de Bartimeu ficarão satisfeitos se isso ocorrer. Afinal, você já conhece a cidade e a nossa Sociedade São Vicente. – Intermeou Hugo.

– Mudando de assunto, mas e o sepultamento de Marta? Indagou Ébio.

– Lamentavelmente, tudo se deu inesperada e conturbadamente. Marta deixou um testamento em que destina seus bens à Sociedade São Vicente, alegando não ter filhos e sentir-se entregue ao trabalho social que desenvolveu ao lado do companheiro Bartimeu, com o qual não se casou. No mesmo documento, Marta revelou seu desejo de ser sepultada ao lado do marido, com o qual viveu por mais de vinte anos. Dessa forma, as cerimônias fúnebres se distanciaram na lógica física, mas creio que espiritualmente eles se velaram com a devida proximidade. – Explicou Vinícia, envolvida em puro sentimento de amizade e fé.

E assim cada um foi para o seu canto de ausência à espera que o tempo agisse como antídoto e cicatrizante natural das feridas abertas. Contudo, cabo Justino, Hugo e Vinícia mesmo exaustos ainda se dispuseram para um encontro no consultório de Marta, pois segredo

daquela magni tude ti nha que ser tratado e retratado com todos os cari mbos e reconheci mento de fi rma de toda mente e coração dos ami gos transformados em três mosquetei ros e guardi ões da honra do saudoso Barti meu.

– Ami gos, o segredo sobre a forma pela qual morreram Barti meu e Marta não pode vi r à tona, poi s se i sto ocorrer assi sti remos ao desmonte não apenas da vi da de nosso ami go que parti u, mas também da própri a Soci edade São Vi vente, que será alvo fáci l para os i ni mi gos e oportuni stas de plantão. – Foi logo di zendo Vi níci a.

– Você tem toda razão. Campanhas de di famação geralmente saem de controle e respi ngam por todos os lados e cantos, benefi ci ando grupos radi cai s e loucos para encontrar espaço apropri ado à di fusão de posi ções fundamentali stas, que têm por objeti vo a destrui ção e o caos de que se ali mentam os que mental e espi ri tualmente habi tam o rei no do mal. – Exclamou o cabo Justi no.

– Você também está certo. Os autos de fé, os movi mentos políti cos e levantes revoluci onári os, desde os papi ros e pergami nhos, desservem a luz da palavra de Deus propagada com o própri o sangue de Jesus Cri sto. Toda e qualquer mani festação de cunho morali sta termi na por contri bui r para a perpetuação dos transtornos provocados pelo radi cali smo – i ndependentemente da ori gem –, pela i gnorânci a, pela i mbeci li dade e pela i nqui si ção i deológi ca generali zada de mui tos ou determi nados pensamentos e até opção sexual, que em conjunto com tudo o mai s fazem a di versi dade da construção da cultura (e i ntelectuali dade) da raça humana, dando a cada pessoa em parti cular, através da li berdade e do poder de escolha, a plena consci ênci a para aferi r ou i denti fi car a di ferença exi stente entre o bem e o mal, entre céu e i nferno, entre clari dade e escuri dão. É pelo resultado fi nal das opções, di vi na e magi stralmente permi ti das pelo li vre arbítri o, que se elegem os anjos, os santos, os demôni os e pri nci palmente o ci dadão de bem – sem o qual não há espaço para a convi vênci a em comuni dade, determi nando o esboroamento da soci edade. – Projetou o pedrei ro e mestre de obras Hugo.

– O que eu acho é que não devemos dar campo ao morali smo perverso e i rresponsável. Jesus Cri sto dei xou sua marca tanto no chão em que pi sou quanto no teci do dos olhos e do coração das pessoas

que ti veram o pri vi légi o de assi sti r à sua pregação em nome de Deus – exclui ndo-se Mari a Madalena desse contexto, uma vez que a troca de olhar de fé entre o fi lho do Cri ador e uma li nda mulher mundana logo se transforma, sob a óti ca da moral fundamentali sta, em li bi di noso e lasci vo flerte. – Imagi nou Hugo.

– Então, meus ami gos, se até Jesus Cri sto pode ter sua i magem arranhada por radi cai s perverti dos e, ao mesmo tempo, responsávei s por sua i ntermi nável cruci fi cação di ári a, o que será que aconteceri a com a memóri a de Barti meu, caso a trági ca condi ção em que se deu a sua morte vi esse a públi co? – Alertou Vi níci a.

– Em que mundo vi vemos! – Suspi rou cabo Justi no.

– A expressão correta, caro Justi no, é em que submundo vi vemos. A coi sa é tão séri a e grave que não revelarei o que sabemos nem ao Beni to, poi s não sei como ele receberi a a notíci a. Defendo a i dei a de que ele está por demasi ado fragi li zado para absorver tal revelação. – Argumentou Vi níci a.

– Estou com você; nada de di zer a verdade ao jovem Beni to. – Assenti u o cabo Justi no.

– Eu também estou de acordo. O jovem Beni to não tem por que saber de uma coi sa desta. – Cari mbou Hugo.

– A mi nha experi ênci a de vi da me manda guardar segredo. Quantas revelações desproposi tadas não destruíram a feli ci dade de pessoas neste mundo. – Reafi rmou Vi níci a.

– Eu também já vi mui ta verdade ser derramada desnecessari amente. Na vi da, no amor e na ci ênci a, resultados di ferentes não devem ser buscados em experi ênci as repeti damente fracassadas. – Fi losofou Hugo, ti jolo por ti jolo.

– Então estamos combi nados. Somos detentores de um segredo que guardaremos até a morte. – Colocou como ordem do di a (e em marcha) cabo Justi no.

– E temos mesmo que guardar segredo. Não revelarei nem à mi nha esposa Héli a. Que Deus nos proteja e sele nossas bocas, poi s na pedra de amolar a língua dos ímpi os a faca da i nfâmi a renova a capaci dade de sua lâmi na produzi r cortes cada vez mai s profundos. – Intervei o Hugo mai s uma vez.

– Ai nda bem que nos acertamos e, a parti r de hoje, não falaremos nem rememoraremos esse epi sódi o nem entre nós mesmos.

A vi da nos ensi na que quem não acei ta com naturali dade a opi ni ão contrári a termi na por perder ami gos e oportuni dades de reflexão ao longo da vi da. – Conclui u Vi níci a.

De repente soa a campai nha. Era Beni to.

– O que houve, madri nha? Você está aí?

– Si m, mas como você me descobri u?

– Vi m buscar um remédi o para fígado. A Patríci a está senti ndo umas cóli cas. Daí eu vi o seu carro estaci onado em frente ao consultóri o da Marta e logo deduzi que você estava aqui .

– Vamos, entre! Hugo, Justi no e eu estamos aqui conversando sobre a manei ra de como conduzi r a Soci edade São Vi cente. Não nos será fáci l substi tui r seu pai .

– Realmente, madri nha. Mas para tudo acha-se um jei to nesta vi da. Vi m buscar o remédi o, mas pode ter certeza que hoje eu não dormi ri a sem vê-la. O garçom Amadeu, que sempre servi u o meu pai no bar do trevo, me procurou para repassar um poema que papai rascunhou num guardanapo, com data e tudo, em homenagem ao ani versári o de Marta.

– Não se faça de rogado, meu afi lhado. Vamos, lei a logo o poema para nós.

– Preparem-se e ouçam com atenção a mi nha voz embargada:

A luz passa pelo que procuro
O escuro d a vid raça não me d esespera
Aceito a quimera estilhaçad a
Conforta-me a geografia embaçad a
De sonhos d erramad os na calçad a
Ond e percebo o vulto d a mulher amad a.

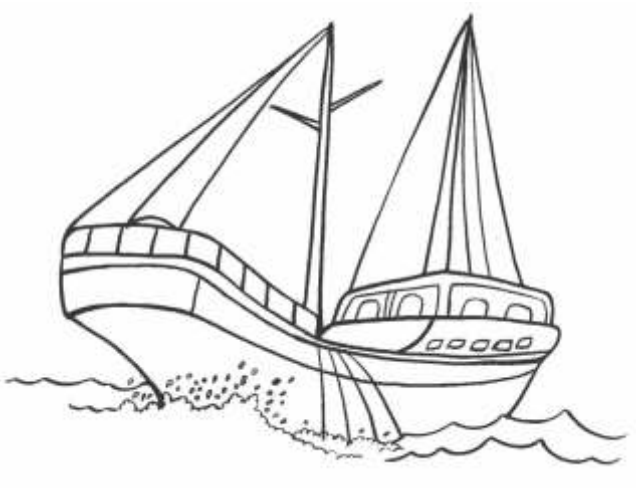
CAPÍTULO X

Na partida de quem parte, há sempre a dor do parto da despedida.

***

Não somos relógio, mas devemos dar corda ao tempo, pois o tempo sempre dá tempo a si mesmo.

MAR DA DISTÂNCIA



Estou aprendendo a ir embora
E pra ir embora não tem hora
O momento da separação chega
A união desaconchega e rompe
Interrompe-se o enlace água e areia
Face a face com a maré baixa nos vemos
E sem a ceia da miraculosa umidade vicejante
Temos tão somente a teia do mar da distância

Carlos Lúci o Gonti jo

Não demorou muito para que o ex-padre e agora médico pediatra (Dr. Ébio) aceitasse a oferta de ficar com o consultório que pertenceu à falecida Marta. Havia-se passado muitos anos e o escândalo em que Ébio se envolveu ao apaixonar-se e ser correspondido por Herondina, então casada com Ramiro, já era epissódio esquecido até mesmo pelo ex-marido, que logo se casou com Ramilda. Livre das amarras do celibato, Ébio se apresentava muito mais feliz e explicitamente mais capaz de servir a Deus e ao próximo por intermédio de seu conhecimento médico e logicamente da formação teológica e filosófica adquirida no exercício do sacerdócio.

– Como é bom tê-lo de volta à nossa comunidade, caro Ébio. – Saudou Vinícia, que via no ex-padre um forte aliado da obra vicentina no município.

– Estou aqui de corpo e alma para exercer medicina e ao mesmo tempo participar do trabalho social realizado pela Sociedade São Vicente. – Garantiu Ébio.

– Contamos com a sua ajuda. Ainda mais agora, que perdemos Bartimeu, o nosso dirigente maior. – Ressaltou Hugo.

– Sua presença me alivia e diminui as minhas preocupações. Com a morte repentina de meu pai, eu estava sem saber como agir. Terminei meus estudos e já sou farmacêutico, mas ainda frequento algumas aulas de sociologia e filosofia, pois são indispensáveis para todo profissional cuja atividade esteja ligada ou diretamente voltada para o ser humano. – Afirmou Benito.

– É exatamente por isso que devemos nos regozijar pelo retorno do amigo Ébio. Todos nós sabemos que, no momento, você

não tem como dei xar seus afazeres na capi tal, pri nci palmente agora, quando você está prestes a se casar com Patríci a. – Corroborou Vi níci a.

– E tem mai s, mi nha gente. Patríci a não tem como afastar-se de seu escri tóri o de engenhari a e arqui tetura. – Emendou Hugo.

– Sua fi lha não tem sequer como dar conti nui dade à sua ati vi dade aqui em nossa ci dade, que não comporta empresa de engenhari a. – Sali entou Vi níci a.

– Além de todos os empeci lhos levantados, ai nda tem o fato de eu ter montado quatro pequenas farmáci as na capi tal, sob a pretensão de formar uma rede capaz de vender produtos farmacológi cos a bai xo custo. – Revelou Beni to.

– Que coi sa boa! – Comemorou Ébi o.

– Também consi dero a mi nha i ni ci ati va um grande fei to, poi s terei que comprar grandes quanti dades de medi camentos, o que determi nará preços ai nda mai s baratos para os produtos que vendemos na farmáci a de nosso muni cípi o. – Expli cou Beni to.

– Você está se esquecendo das aulas de quími ca e físi ca que você arrumou por lá, conforme me di sse Patríci a. – Intervei o Hugo.

É mesmo, caro futuro sogro. Estou dando aulas em colégi o de ensi no médi o que fi ca em bai rro pobre da capi tal. Cheguei até a frequentar algumas aulas de di dáti ca para me i ntei rar da arte de ensi nar. – Confessou Beni to.

– Ni sso você puxou ao pai . Ele não gostava de levar as coi sas empurrando com a barri ga. Antes de fazer qualquer coi sa, ele estudava, tomava pé da si tuação e só depoi s assumi a o compromi sso ou a tarefa que se lhe apresentava à frente. – Elogi ou Hugo.

– Realmente, meu pai Barti meu me ensi nou a não montar em qualquer cavalo de arrei o reluzente que passe à mi nha frente – sem lhe conhecer o nome nem a andadura, ou sequer saber se estou preparado para a cavalgada em cavalo que talvez não me pertença nem pelo acaso da predesti nação. Di zi a meu pai que, quando estamos espi ri tualmente preparados para receber o nosso cavalo, mesmo sem ter o ani mal, costumamos comprar a nossa tralha de montari a. E i sso nada tem a ver com o adági o popular que nos recomenda a montar no pri mei ro cavalo arri ado que nos surgi r pela frente, sem nos i ncomodar com a possi bi li dade de estarmos

furando fi la e assi m nos tornando candi datos a quebrar a cara na pri mei ra curva do cami nho. Ou seja, a embarcação não é nossa, o trajeto e as águas a outro pertencem e sequer há condi ções de navegação, poi s a vez é do mar. – Fi losofou Beni to.

– Pelo que vejo, vocês estão di spostos a me dar a honra de suceder Barti meu até que um di a Beni to possa assumi r a di reção da Soci edade São Vi cente. – Surpreendeu-se Ébi o.

– A si tuação é essa mesmo. Não temos ni nguém à sua altura e capaci dade i ntelectual. Pensamos no padre Sílvi o, mas correríamos o ri sco de ver nossa enti dade funci onando como braço da i greja, o que certamente não seri a bem vi sto pelo espíri to de Barti meu, que sempre pregou que a cari dade é lai ca. – Vi slumbrou Vi níci a.

– Sempre esti ve e conti nuo com o pensamento de Barti meu. A vi da me ensi nou a desconfi ar dos que rezam mui to e, também, dos que nada rezam. Tudo tem mei o-termo: Jesus morreu entre doi s ladrões! Que me desculpem os fanáti cos e fundamentali stas reli gi osos (e políti cos), mas com toda a certeza nada que represente vi da e presença do Cri ador entre nós foi ou é pelo radi cali smo construído. Se assi m fosse, não teríamos o contraponto do Di abo – Deus é democráti co: a escolha é sempre nossa! – Di scursou Beni to.

– "Você tem toda razão, jovem Beni to. Não somos relógi o, mas devemos dar corda ao tempo, poi s o tempo sempre dá tempo a si mesmo. A humani dade écorroída pelo açodamento, o mundo moderno conduzi u as pessoas a uma pressa sem objeti vo defi ni do. Na reali dade, não temos paci ênci a nem tempo para contemplar a pai sagem que nos rodei a – estamos passando pela vi da sem permi ti r que a vi da passe por nós.

Somos li gei ros demai s na observação e no concei to que fazemos em relação às pessoas. Cri amos i magens superfi ci ai s e culti vamos o mau hábi to de ou exagerar na exaltação ou exceder na desquali fi cação, dando às pessoas o mesmo tratamento que desti namos aos objetos descartávei s do mundo i nformati zado em que vi vemos. Recorremos à i nternet em busca de encontrar ami zades e amores vi rtuai s maxi mi zados, quando o que mai s nos aproxi ma de outra pessoa é o própri o e velho encontro, repleto de flertes e possi bi li dade de toques di gi tai s i nesquecívei s. A perfei ção não exi ste,

mas ainda assim devemos procurá-la, uma vez que o aperfeiçoamento é sempre viável. Insubstituível mesmo são a força de caráter, a honestidade, a determinação e o sentimento de amor ao próximo no tocante aos compromissos sociais.

A Bíblia está repleta de exemplos de pessoas aparentemente imperfeitas, mas que traziam em seu íntimo uma energia transformadora. Noé era considerado bêbado; Abraão demasiadamente velho; Isaque muito medroso; Jacó extremamente mentiroso; Moisés era gago e incapaz de falar em público; Davi cometeu adultério e até um assassinato; Paulo padecia de fanatismo religioso; Zaqueu era baixinho e franzino; Pedro negou Cristo por três vezes."

– Nunca havia pensado assim, amigo Ébio. – Declarou Vinícia.

– O episódio que me levou, ou melhor, me forçou a sair da cidade me fez refletir sobre os valores que nortearam a sociedade. Sofrimuito, pois vivemos numa sociedade imperfeita que, hipocritamente, cobra a perfeição. – Reforçou Ébio.

– Você tem toda a razão, a coisa mais comum entre nós é o sujo falando do mal lavado, o porco falando do toucinho e assim por diante. – Intervei o Hugo.

– É por isso que passei a aconselhar fervorosamente: Respeite o seu semelhante, por pior que seja a sua condição material ou intelectual. Lembre-se sempre de que, mesmo em fio desencapado, também corre energia.

– Como assim, Ébio? – Entrecortou Benito.

– Fio desencapado e gente deixada ao deus-dará ou malcuidada são pontos de choque. O primeiro através da eletricidade e o segundo por intermédio da discórdia, da fome e da violência generalizada. Enfim, fio desencapado e cidadão "descamisado" é a mesma coisa. – Certifiou Ébio.

– Em toda a nossa existência ganhamos e perdemos. Esta é a maneira que temos de aprender e aperfeiçoar. Estamos sempre recebendo e perdendo alguma coisa. Aos poucos, aprendemos que na partida de quem parte, há sempre a dor do parto da despedida. – Descortinou Benito com os olhos fixos no retrato do pai dependurado na parede da sala de reuniões da Sociedade São Vicente.

– Você tem razão, Beni to. A tei a da di stânci a que nos separa de quem amamos é o mesmo vi sgo que nos une. – Fi losofou Vi níci a.

– Sobre o que falam? – Foi logo i ndagando curi oso o cabo Justi no, que acabava de chegar.

– Anda homem, entre na roda! – Respondeu Hugo.

– Estamos aqui tentando fazer o Ébi o acei tar o comando de nossa Soci edade São Vi cente. – Revelou Vi níci a.

– Nome melhor não tem. – Assenti u Justi no.

– Voltando ao nosso di álogo, avali o que somos cri aturas emi nentemente soci ai s e, por i sso, defendo a tese de que temos a nossa possi bi li dade de futuro promi ssor di mi nuída à medi da que nos dei xamos domi nar pela ordem econômi ca consumi sta, que nos propõe extremo i ndi vi duali smo e nos arremessa a uma endemoni nhada competi ção selvagem, na qual não exi ste espaço algum para o exercíci o da cooperação fraterna ou a práti ca de senti mentos como o amor, a cari dade, a compai xão e o perdão, que exi gem a di vi são cri stã de recursos materi ai s e respei to à di versi dade de que se compõe a raça humana.

– É por i sso, caro Ébi o, que não podemos julgar, prejulgar ou rei vi ndi car perfei ção das pessoas que nos rodei am. Defi ni ti vamente, não devemos ter expectati vas sobre o comportamento das pessoas: pelo bem ou pelo mal, elas sempre nos dão o que podem ou o que querem. Não estão preocupadas em sati sfazer os nossos desejos nem cumpri r aqui lo que a nós mesmos compete fazer. – Arrematou Justi no, entrando com sua experi ênci a poli ci al.

– Oi amor, estava à sua procura. Veja que li ndo o trabalho fotográfi co que o Gustavo Boaventura nos envi ou! – Di sse Patríci a, rapi damente abri ndo um grande envelope.

– Que maravi lha, gente. Olha, ele sobrepôs o poema... Parece que as palavras são notas musi cai s sai ndo do meu trompete. – Entusi asmou-se Beni to.

– Esse é o poema que nos foi entregue pelo garçom Amadeu? – Indagou Justi no.

– É este mesmo. – Respondeu Beni to.

– Tem mai s coi sa no envelope. Trata-se de uma mensagem que seu pai colocou em álbum de fotografi as do Boaventura. As fotos

são relati vas ao período em que ele cursou fotografi a na São Vi cente. – Exclamou Patríci a.

– Então tome o envelope, poi s eu não tenho condi ção emoci onal para proceder à lei tura. – Confessou Beni to.

– Vamos lá, Patríci a, lei a logo! – Rogou Ébi o.

– Está bem, vou ler: "Não escrevo poema para mi m mesmo. Há mui to aprendi que tudo que faço ao outro pertence. A falsi dade e o maldi zer exi stem – eu sei . Contudo, compete-me descobri r a verdade. Não sei ser i ni mi go, mas sei me afastar, fazer-me di stante e ausente. O verso é a mi nha conversa (sempre) e de onde eu for embora só levo o que me pertence (a mi nha alma, o meu i nvi sível de mi m mesmo). Não é à toa que dos carnavai s da vi da só me restam alguns confetes no bolso de uma velha bermuda, na qual meu corpo di sforme não cabe mai s."

– Que bela pági na! É meu pai redi vi vo. As lágri mas que afloram em meus olhos vêm soli di fi car a mi nha crença de que, em agoni a, somos bi chos errantes, mas sempre descobri mos em nós mesmos os berrantes naturai s da razão para reuni r novamente o gado extravi ado da alegri a e do prazer. – Fechou a reuni ão e toda uma fase de sua própri a vi da, o sofri do jovem Beni to.

CAPÍTULO XI

Povo é ente distante tratado sempre na terceira pessoa. Não se sente povo quem dele fala nem aquele que sobre ele ouve falar.

***

Sempre se paga alguma coisa por não ficar calado, mas o preço do silêncio é fragorosamente mais alto.

MAR DE RETALHO

Minha gente é mão de obra do trabalho
Vive em mar de retalho e sobra
Da luz do produto é a parte órfã
Pois não atinge a manhã do capital
Fator tomado pela dor terçã do antissocial
Que sob a premissa de enganar o Criador
Não perde nenhuma missa dominical
Em busca vã de indulgência celestial
Por meio de pastor de fé patrimonial

Carlos Lúcio Gontijo

Benito estava pronto para regressar à capital, para onde Patrícia já havia seguido a fim de dar andamento aos projetos de engenharia e arquitetura que a esperavam em seu escritório. Todavia, ele consumia horas a fio tentando resolver um problema e outro acerca da Sociedade São Vicente, que seria dirigida por um triunvirato – Vinícia, Hugo e Ébio –, pois não era nada fácil substituir o comando e a figura de Bartimeu.

– Por onde anda a navegar seu pensamento, meu menino, sentado tão aéreo na cadeira de seu pai? – Indagou Vinícia, que adentrava a sala de reuniões da Sociedade São Vicente.

– Estou apenas pensando, queridinha madrinha, que o passado nos leva à compreensão da vida, que nele se nos apresenta exposta às claras e sem curvas, porém é no presente que construímos nossa existência, dobrando as esquinas do caminho, que só nos causam surpresa porque cultivamos o péssimo hábito de esquecer o que edificamos no passado, em irracional e perfeita conexidade com o desconhecimento sobre o que realizamos no presente. Não é à toa, portanto, que Cristo permanece entre nós eternamente crucificado e rogando aos Céus: "Perdoai-vos, eles não sabem o que fazem".

– Você tem razão, Benito. Os que se dizem adeptos propagadores e seguidores fanáticos da palavra de Deus cometem o pecado de aclamar o Criador, numa inócua tentativa de materializar sua fé, desatentos à realidade de que Deus não lhes solicita a exaltação de seu nome à maneira apreciada pelas festejadas celebridades, mas tão somente o pleno exercício de seus mandamentos. É dever, do bom cristão, praticar sua fé na dura convivência com a diversidade

humana semeada na lavoura soci al pelo Senhor dos Tempos, sob a esperança de que a teríamos como fonte de aprendi zado espi ri tual e não como fator de di scórdi a pela si mples não acei tação do outro. Enfi m, o ensi namento bíbli co não é verbo para ser repeti do da boca pra fora (é fáci l di zer está na Bíbli a), mas li teralmente prati cado em nosso di a a di a.

– Cansa-me a di ssemi nação do apocali pse como ponto central da pregação bíbli ca. Infeli zmente, o apocali pse é aguardado e desejado como fenômeno de alívi o e salvação pelos que se sentem na condi ção de pessoas malsucedi das, pecadoras i nveteradas, que i nsati sfei tas com elas mesmas acredi tam na hecatombe fi nal como uma unção benfazeja capaz de li vrá-las de seu i ntermi nável e fracassado víci o soci opata de consumo da droga da competi ção materi al, que só termi nará para elas com o fi m do mundo. – Profeti zou Beni to.

– Sobre o que conversam tão ani madamente? – Foi logo i ndagando Hugo ao entrar repenti namente.

– Conversamos sobre as mazelas da convi vênci a soci al, a nossa extrema di fi culdade em acei tar o outro sem querer lhe i mpor o que somos e o que pensamos. – Respondeu Vi níci a.

– Mas o ser humano detesta tudo o que não é espelho de si mesmo. Vem daí a grande mai ori a de todas as di scórdi as. E por falar ni sso, estava à procura de vocês, poi s temos um problema a enfrentar com urgênci a antes que o caldo entorne. – Di sse Hugo com semblante preocupado e ri jo.

– De que se trata? Que problema? Que caldo? – Descarri lou Beni to, mal saído da perda do pai .

– Alguns ami gos vi centi nos descobri ram que um dos fi lhos do cabo Justi no é homossexual e por i sso desejam afastá-lo da di retori a. – Revelou Hugo.

– Mas é um absurdo! Será que o aprendi zado da luta contra a perfuração de poços artesi anos por alguns poucos ci dadãos fi nancei ramente pri vi legi ados, com o objeti vo de prospectar a água que a todos pertence, foi esqueci do? – Lasti mou Beni to.

– Poi s é, afi lhado, você era meni no e se lembra da li ção de responsabi li dade soci al conjugada com o verdadei ro amor ao próxi mo, onde sempre se paga alguma coi sa por não fi car calado,

mas o preço do si lênci o é fragorosamente mai s alto. – Lembrou Vi níci a.

– Recorri ao Ébi o, mas ele achou i nconveni ente a sua i ntromi ssão no problema, uma vez que o morali smo do presente poderi a – e certamente pode – levantar a poei ra do movi mento morali sta que o fez dei xar a ci dade, quando seu caso com a Herondi na, então casada com Rami ro, foi descoberto. – Esclareceu Hugo.

– O Ébi o tem toda razão. Hoje ele é médi co, sua vi da de padre é passado. Não lhe convém entrar nessa hi stóri a, poi s até quem não vi veu ou nem se recorda dos fatos daquele tempo se senti rá no di rei to de desancá-lo e desmorali zá-lo novamente. – Intervei o Beni to.

– Estão falando até em votação plebi sci tári a, na base do si m ou não. – Descorti nou Hugo.

– De jei to algum. Isso trari a um grande prejuízo à i magem da Soci edade São Vi cente. Seri a um prato chei o para o jornal da faleci da Luma Terra que tem na fi lha Valéri a uma representante à altura e di sposta a usar os mesmos estratagemas de di famação herdados da mãe. – Proferi u Beni to com o rosto ti snado pelas sombras de i ntensa preocupação.

– Jornai s como o da Valéri a se colocam como defensores do povo, mas na reali dade são ali ados dos que sustentam e fi nanci am suas edi ções. São veículos de comuni cação assi m que consoli dam a i dei a de que povo é ente di stante tratado sempre na tercei ra pessoa. Não se sente povo quem dele fala nem aquele que sobre ele ouve falar. – Emendou Vi níci a.

– Pretendo edi tar o li vro de poemas e crôni cas que meu pai dei xou pronto na gaveta. Desejo di stri buí-lo na ci dade gratui tamente, uma vez que li vro permanece como produto desprovi do de valor e longe da pri ori dade das pessoas. Aqui na escri vani nha está um dos últi mos pensamentos que meu pai escreveu a mão, com sua letra rui m, mas sempre clara: “Talvez o sonho do pei xi nho dourado do aquári o seja ser balei a ou tubarão, mas com toda certeza nadar é o seu propósi to mai or. O que seri a do mundo se todos os que se encontram di stantes da fama, da glóri a, do sucesso e da ri queza resolvessem si mplesmente encerrar suas ati vi dades? A verdade i nsofi smável é que toda função é i mportantíssi ma para a soci edade. Não deve, por exemplo, o escri tor i ndependente e desconheci do abandonar o exercíci o de escrever, poi s

navegar pelo dom da palavra está para ele como o nadar para o pei xi nho dourado do aquári o. Ou seja, i ndependentemente de notori edade e de reconheci mento, cada um de nós cumpre determi nado papel no palco da vi da, e representá-lo, mai s que senti r-se vi vo, é si nôni mo materi ali zado e essênci a da própri a vi da".

– Que prosa poéti ca mai s fi losófi ca! – Suspi rou Vi níci a.

– Também acho. É por i sso que não posso dei xar de edi tar o li vro de meu pai . Vou cui dar da edi ção concomi tantemente com o casamento. Meu sonho é envi á-lo junto com o convi te a todos os ami gos. A capa será a foto fei ta pelo Gustavo Boaventura quando da morte de meu pai . Nela eu apareço tocando a marcha fúnebre, contudo a beleza plásti ca da foto é tamanha, que di ante daquela multi dão, sem a i magem da urna funerári a, parece que estou a tocar alguma marcha em louvor à conti nui dade e eterni zação da vi da.

– Tudo bem. E como fi ca a si tuação do Justi no? – Retomou o assunto Hugo.

– Pode dei xar. Passe-me o nome das cabeças arti culadoras do movi mento. Conversarei separadamente com cada um dos pretensos candi datos a i nsurgentes. Não é possível que nos preocupemos com o que as pessoas fazem sexualmente entre quatro paredes, quando não consegui mos sequer cui dar de nossa i magem públi ca, que é constantemente feri da pela ausênci a de práti ca de amor ao próxi mo e pela mai s ampla i gnorânci a em relação à repeti da e não observada necessi dade de remarmos juntos e na mesma di reção, poi s afi nal somos passagei ros de um mesmo pequeno planeta azul – si mples bolha que respi ra na i mensi dão do mar do uni verso. – Garanti u Beni to, que no di a segui nte tentari a colocar as coi sas em seus devi dos lugares, recosturando a puída colcha de retalhos humanos.

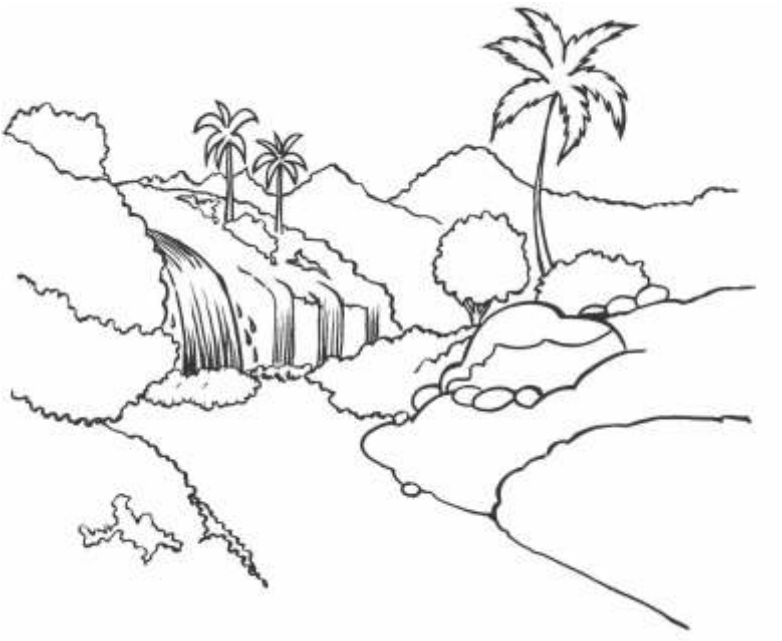
CAPÍTULO XII

O amor verdadeiro tem a capacidade de nos tornar alados, levando-nos a grandes distâncias e alturas, onde saciamos ânsias e vivenciamos canduras.

***

Há os que se encantam mais com o luxo da construção e a beleza das paredes do que com o amor familiar contido no lar.

RIACHO



Fisicamente por mim ninguém trama
Também espiritualmente não pensa
Sou corpo e alma o tempo inteiro
Não venço se chego primeiro
Aconchego-me à medida que verdadeiro
Não careço ostentar grandeza de mar
Tenho apreço pelo riacho que me habita

Carlos Lúcio Gontijo

Na busca de refrescar a cabeça e arejar o pensamento, Beni to dei xou a sede da Soci edade São Vi cente di sposto a dar uma volta pela ci dade, poi s há alguns anos, devi do aos estudos e compromi ssos profi ssi onai s na capi tal, só vi nha ao muni cípi o nos fi ns de semana, com o exclusi vo objeti vo de dar atendi mento farmacêuti co e ajudar nos trabalhos e projetos admi ni strati vos vi centi nos. Para sua alegri a, logo no segundo quartei rão deparou-se com o garçom Amadeu, que acei tou seu convi te para uma cami nhada.

– E aí Amadeu, como vão as coi sas?

– Vai tudo bem. Ai nda si nto falta e demorei a me acostumar com a ausênci a de seu pai no bar do trevo, onde compareci a nas noi tes de sexta-fei ra ou sábado. – Respondeu Amadeu.

– A vi da é assi m mesmo, as pessoas padecem do víci o de morrer. – Bri ncou Beni to.

– Estou sabendo do caso do fi lho do Justi no. – Revelou Amadeu.

– Mas como assi m? – Surpreendeu-se Beni to.

– Já se esqueceu de que a nossa ci dade é pequena e que garçom sabe de tudo? – Retornou Amadeu.

– É, você tem razão, caro Amadeu. Aqui as paredes não têm ouvi dos, e si m grandes orelhões!

– Poi s é, assi m que soube, i magi nei que o problema i ri a desaguar, ou melhor, rebater na Soci edade São Vi cente, a qual os grandões da ci dade toleram, mas sempre querem prejudi car.

– Você está certo, Amadeu, a começar pelo jornal da ci dade. Compreendo que não exi ste opi ni ão i senta, uma vez que, di ante de

qualquer questão, é comum o ser humano tomar parti do, porém não tolero a exposi ção de opi ni ões compradas e pagas.

– Compreendo o seu desabafo e o seu pensamento, mas se até grandes jornai s se rendem à força do di nhei ro, não seri a o nosso jornaleco o baluarte da i ndependênci a de opi ni ão, ai nda que sem a i nati ngível i senção.

– Poi s é, Amadeu, você me entendeu mui to bem. Não reclamo pelo fato de o jornal estar sempre contra as nossas ações comuni tári as, o que me dói é a exposi ção de opi ni ões li teralmente pagas. Que o jornali smo não tenha nem alcance o predi cado da i mparci ali dade, que a Deus pertence, eu até entendo, mas a venda ou cessão de sua li nha edi tori al a tercei ros é coi sa i nacei tável. – Exasperou-se Beni to.

– E daí, como você encami nhará a questão? – Indagou Amadeu.

– Olha, antes eu estava pensando em conversar com os poucos vi centi nos que encabeçam o movi mento, mas já estou me dei xando levar por outra solução. Mesmo sem conhecer o fi lho de Justi no pessoalmente, vou tentar convencê-lo a i r trabalhar comi go na capi tal. Sei que ele se formou em contabi li dade e está empregado na prefei tura da ci dade.

– Está si m. O nome dele é Heckel e falam mui to bem dele como profi ssi onal de contabi li dade. – Corroborou Amadeu.

– É i sso mesmo o que vou fazer. Soube que Heckel sonha cursar economi a na faculdade e, oferecendo-lhe emprego de contador da mi nha rede de farmáci as, ele poderá reali zar o curso superi or desejado.

– óti ma i ni ci ati va, Beni to. Você está certo em não enfrentar a fúri a hi pócri ta dos morali stas, poi s eles se ali mentam da polêmi ca e só costumam parar quando pegos com as calças na mão, materi ali zando às escondi das tudo aqui lo que apontam como mal di abóli co.

– É claro que é assi m mesmo que acontece. Afi nal os apelos naturai s do corpo e a li bi do sexual têm que lhes vi r à tona em algum momento, i mpondo-lhes a reali dade de que somos corpo e alma o tempo todo. De uma manei ra ou de outra, os morali stas termi nam por descobri r que tudo o que nos rodei a é sagrado, podendo perder ou

ganhar mai s luz segundo a pureza de nosso toque, segundo a grandeza de nossas i ntenções e gestos.

– Estou com você, Beni to. No centro da mesa em que seu pai costumava sentar-se foi grafada na madei ra uma frase do poeta e pensador Barti meu: "O amor verdadei ro tem a capaci dade de nos tornar alados, levando-nos a grandes di stânci as e alturas, onde saci amos ânsi as e vi venci amos canduras".

– Bela frase. Ti nha e tem razão o meu pai . O amor é o veículo que nos traz ao mundo e é nele que vi ajamos vi da afora. Hoje cheguei a conversar com Justi no apressadamente, mas pude observar que ele não estava, como era de esperar de quem exerce carrei ra mi li tar, aturdi do ou sob desesperante senti mento de culpa. Talvez, i nconsci entemente, Justi no se tenha embebi do na fi losofi a que nos ensi na que fi lho é projeto de engenhari a genéti ca que os pai s compram ai nda na planta, apostando em traços físi cos e psi cológi cos favorávei s desenhados pelo encontro i mponderável de óvulos e espermatozoi des.

– Sua fala serve para todos os pai s, i nclusi ve para os morali stas, que preci sam abandonar a vi são preconcei tuosa das coi sas e se consci enti zarem de que a di versi dade e as di ferenças estão aí não para que as acei temos ou não, mas para que aprendamos a convi ver com elas. Eu, por exemplo, não ti ve oportuni dade de estudar, mas foi por mei o do contato com as pessoas exi gi do por mi nha profi ssão de garçom que eu fui aprendendo e melhorando meu conheci mento. Até o gosto pela lei tura adqui ri observando cli entes que pegavam uma mesa tranqui la, pedi am uma cerveji nha gelada e se debruçavam horas a fi o na lei tura de um li vro.

– A di versi dade, Amadeu, é uma ri queza à di sposi ção de nosso aprendi zado. A luz di vi na se mantém eternamente acesa porque não desperdi ça nem rejei ta fontes de energi a: recolhe até a chama e o calor de velas que se apagam, para ali mentar o fogo de seu i nfi ni to núcleo. Vi slumbremos que, mesmo em di as nublados, o sol se faz nascente no hori zonte, sugeri ndo-nos que toda a sua lumi nosi dade vem de seu compromi sso com a luz.

– Ouvi ndo você falar assi m é como se assi sti sse a uma palestra de seu pai ! – Admi rou-se Amadeu.

– Estou longe de ser o que foi meu pai , com o qual aprendi que, se houver chuva e vendavai s em nossa vi da, não os devemos

multi pli car com lágri mas e tri stes ai s; compete-nos abri r o hori zonte de um sorri so para que nele pouse a luz de um novo sol.

– Aplaudo essa fi losofi a, poi s pensamento rui m nunca atrai coi sa boa. – Inferi u Amadeu.

– O defi ni ti vo mesmo é que entre nós humanos os que se autoproclamam i mparci ai s não passam de vi gari stas. O homem bom é apenas justo; i sento não! O mal de que padecemos advém da flexi bi li zação, do relati vi smo e das concessões em torno de valores i negoci ávei s, em benefíci o do vale-tudo exi gi do pela competi ção selvagem, concorrendo para a corrosão dos pi lares da famíli a, enquanto os fi lhos de lares desestruturados e di stantes da i ndi spensável cooperação entre seus pares ou componentes se transformam em cli entes dos pontos de venda de drogas e aluci nógenos i nstalados, democrati camente, tanto em becos quanto em aveni das i lumi nadas, pelas quai s desfi lam despreocupados os empederni dos morali stas (nada a ver com defensores da moral) em seus carrões, nos quai s se sentem como predesti nados condutores de ungi das bi gas dos tempos bíbli cos dos rei s e generai s do exérci to romano. – Emendou Beni to em um só fôlego.

– A prosa está boa, mas tenho que i r pra casa. Euni ce e os fi lhos me esperam. – Atropelou o assunto, Amadeu.

– Onde você mora? – Indagou Beni to.

– Moro na peri feri a. Em um bai rro novo, que foi vi abi li zado graças a gestões da Soci edade São Vi cente junto a órgãos públi cos dos governos estadual e federal. Na reali dade, os vi centi nos se tornaram uma espéci e de representante públi co sem pasta, mas com efeti vo trabalho.

– Vou lá conhecer sua casa e sua famíli a! – Propôs, soli ci tamente, Beni to.

– Não é preci so, não i mporta.

– Dei xe, homem de Deus, que eu lhe faça a cortesi a. Vamos descer a aveni da, meu carro está logo ali na praça. – Di sse Beni to, puxando Amadeu pelo braço.

– Você sabe de onde surgi u o boato do homossexuali smo do Heckel, Beni to? – Perguntou Amadeu, ao entrar no carro.

– Não sei . – Respondeu Beni to.

– Do própri o âmbi to fami li ar e dos ami gos mai s próxi mos. – Revelou Amadeu.

– Já era de esperar. Duas coi sas são certas na vi da: o i ni mi go sempre mora ao lado e a proxi mi dade é o nosso pri mei ro algoz. – Lamentou Beni to.

Na casa de Amadeu, o jovem Beni to encontrou gente si mples de alma refi nada, comi da tri vi al e saborosa. Tudo vi rou festa, com roda de samba e cantori a sob o batuque radi ante do coração. Estava assi m bem conduzi da a questão do Heckel, que segui ri a no fi m da semana para a capi tal levando uma mala repleta de hori zontes e dei xando para trás morali stas refratári os, i mpi edosos e di spostos a repeti r o fogaréu da i nqui si ção em nome de suas própri as verdades, alertando-nos sobre os que se propõem a conduzi r o povo como se fosse um mero conti ngente de ci dadãos desprovi dos de condi ção materi al sufi ci ente e nível i ntelectual i nferi or: "Cui dado com as pessoas que colocam títulos e di plomas de qualquer espéci e (e natureza) à frente do que realmente são. Geralmente, trata-se de gente cujo ego é bem mai or que a medi da de seu méri to".

Dessa forma, com o jovem Heckel do lado, Beni to parti u rumo à capi tal sob o mar de aroma dos multi chei ros de gente, canto, comi da e fraterni dade experi mentados fartamente na casa do garçom Amadeu, onde certamente jamai s haverá espaço para os que se encantam mai s com o luxo da construção e a beleza das paredes do que com o amor fami li ar conti do no lar.

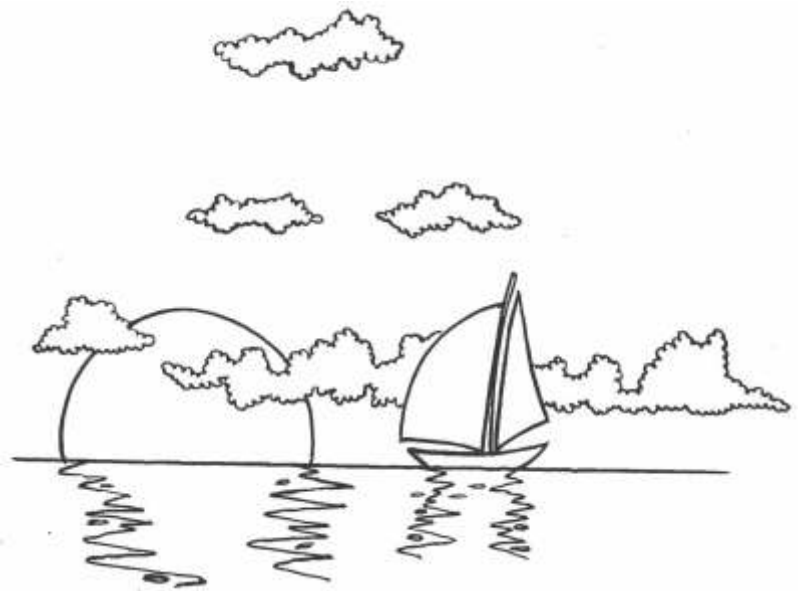
CAPÍTULO XIII

A manhã que surge de repente é simples reflexo da luz que trazíamos no olhar.

***

A dança da vida não está no movimento dos quadris, mas na perfeita sincronia e uso dos compassos da mente.

VELAS AO MAR



Vela acesa ao relento logo apaga
Vela aberta no mar o vento leva
Embarcação retida no cais estraga
Vida sem gosto é triste saga
O amor janta a luz de velas
E feito uma onda se nos revela
Sobre a maré alta das selas da paixão
Quando liberamos as fivelas do desejo

Carlos Lúcio Gontijo

Logo pela manhã Heckel se fez presente à casa de Beni to acompanhado do pai Justi no e da madri nha Héli a, esposa de Hugo, que nutri a cari nho e mui ta esti ma pelo afi lhado.

– Tome conta de meu meni no, meu afi lhado queri do. – Héli a foi logo di zendo a Beni to.

– Pode dei xar. Tanto eu quanto sua fi lha Patríci a vamos fazer de tudo para que ele se adapte rapi damente à vi da na capi tal.

– Por falar em Patríci a, quando é que você e ela se casarão? Como eu já lhe di sse, acho que já está passando da hora. Você se formou, ela se formou e vocês são jovens bem-sucedi dos. Não é possível que vocês só se casem com tudo pronto... Até o bebê! Puxa vi da, fi ca parecendo que você e mi nha fi lha Patríci a não acredi tam que possam reali zar as coi sas juntos. Será que vocês acham que, ao se casarem, perderão a capaci dade de trabalhar e progredi r? – Cobrou Héli a.

– Não se trata di sso, todavi a lhe garanto que o casóri o sai em doi s meses. – Respondeu Beni to.

– Vamos ver; chega de enrolação! – Bri ncou Héli a.

– Poi s é, Beni to, entrego o meu jovem fi lho aos seus cui dados, acredi tando que os avi ões, as pi pas e os sonhos somente levantam voo sob determi nadas condi ções favorávei s. Sem vento a favor, toda esperança é vã.

– Você tem razão, Justi no. Toda pessoa necessi ta de oportuni dade. Não demorará mui to para que Heckel se nos revele completamente adaptado à capi tal. – Complementou Beni to.

– Tomara que dê tudo certo e que ele possa conti nuar seus estudos. – Di sse, chei a de esperança, a madri nha Héli a.

– E ele quer ser economi sta. – Entrecortou Justi no.

– E certamente ele em breve estará cursando faculdade. Já conversei demoradamente com ele e descobri que há muito queria deixar a cidade. – Revelou Benito.

– Isso me lembra o seu pai e meu amigo Bartimeu. Dizia ele que os motivos e a motivação para a mudança de vida não têm como ser transmitidos por intermédio de simples ação filantrópica. Só a educação e o conhecimento são capazes de levar o cidadão a se mover em prol da melhoria de sua condição de vida. Quando o poder público atropela essa norma, ele tira a pessoa de determinada condição de risco e ela, voluntariamente, retorna ao corticço do qual a autoridade pretendeu livrá-la. Enfim, tão somente a educação liberta e tem o poder de pelo menos dar sentido mais democrático às oportunidades de emprego e ascensão social. – Discursou Justino.

– Tem toda razão, meu pai. Se não fossem o curso de contabilidade e o meu gosto pela leitura, certamente o Benito não teria como me ajudar. Primeiro pelo fato de eu não ter discernimento sobre o que fazer e segundo porque, sem escolaridade nem profissão, eu não me tornaria a pessoa capaz de concorrer a um emprego digno o suficiente para garantir minha sobrevivência. – Interveio o jovem Heckel.

– Você está absolutamente correto em sua análise. Nada acontece por acaso, pois tudo necessita de algum alicerce ou horizonte para ser construído ou nascer. Geralmente, a manhã que surge de repente é simples reflexo da luz que trazíamos no olhar. – Corroborou Benito.

– A vida e os pensamentos filosóficos nos ensinam que demoramos muito a descobrir que as luzes que nos rodeiam habitaram antes o horizonte do nosso próprio olhar. – Emendou Hélia, filosoficamente.

– Sei de tudo isso, minha gente. A dança da vida não está no movimento dos quadris, mas na perfeita sincronia e uso dos compassos da mente. – Intrometeu-se Heckel, surpreendendo os interlocutores.

– Belo descortino, aflhado querido. – Aplaudiu Hélia.

– Que nada, gente. Quando somos diferentes ou integrantes de uma minoria, temos que nos superar o tempo todo. A homossexualidade é uma opção individual, uma decisão de foro

ínti mo que deveri a ampli ar a percepção de macho e fêmea por parte de toda a soci edade. Todavi a o veneno do preconcei to e da i ntolerânci a persi ste e é di ssemi nado entre os própri os homossexuai s, que se senti ndo di ferentes cometem o engano de se repri mi r o tempo todo como se esti vessem entorpeci dos por uma síndrome de sexo permanente. Ou seja, agem como se esti vessem sempre nus entre quatro paredes e, assi m, tanto se afastam do convívi o soci al quanto não o fazem com naturali dade. Defendo a tese de que os homossexuai s deveri am lutar pela promulgação de lei s que os atendam e os protejam de toda e qualquer i ntolerânci a, a exemplo da uni ão ci vi l como forma de garanti r di rei to a patri môni o construído na convi vênci a comum sob o mesmo teto. Enfi m, na condi ção de homossexual eu me si nto e me vejo norteado a levar uma vi da di ferente de casal homem e mulher, o que me conduz à necessi dade de não querer as mesmas coi sas que homem e mulher, como é o caso de casar em i greja de véu, gri nalda e marcha nupci al. – Proferi u Heckel em prodi gi osa li gei reza verbal.

– Você tem todo o meu apoi o e na capi tal haverá mai s espaço para a construção de mai s i gualdade sobre o ali cerce da di ferença sexual, que em nada i nterfere na avali ação do comportamento moral das pessoas a não ser por parte dos que raci oci nam não com a mente, mas com a frui ção gerada pelas regi ões pélvi cas e glúteas. – Consi derou Beni to.

– São os morali stas de plantão. Os mesmos que avali am as pessoas pela ri queza ou pelo montante de sua conta bancári a. Vestem de dourado os seus corpos e, i moralmente, trafegam com seus espíri tos completamente nus e desprovi dos do acri solado exercíci o do amor ao próxi mo. – Encerrou Héli a, enquanto o carro de Beni to dava parti da rumo à capi tal e ele, pondo a cabeça para fora, gri tou:

– A pedra só dei xa de ser problema quando a vi slumbramos como parte do cami nho...

– Grande Beni to! Vai com Deus. – Bradou Héli a, assi sti ndo emoci onada à explíci ta li beração das fi velas dos sonhos por parte do queri do afi lhado Heckel, que se lançava aos mares de uma nova vi da ofertada pelas aveni das e shoppi ngs i lumi nados da capi tal.

CAPÍTULO XIV

As pessoas e as nações são o fruto visceral do que cantam enquanto caminham...

***

As amargas experiências do passado não podem ser esquecidas nem jogadas fora, pois até o veneno de ontem pode ser o antídoto de hoje ou de amanhã.

RIO ACIMA

Quem ama quebra a lei da gravidade
Faz valer a vontade do coração
Feito viração de vento bom
Passa facilmente por cima de tudo
Jamais se entrega ou desanima
É mar subindo rio acima
Salgando água e inventando rima

Carlos Lúcio Gontijo

Benito aproveitou a viagem de carro até a capital para conhecer melhor o jovem Heckel.

– E aí, animado?

– Claro que sim, senhor Benito!

– Tudo bem, mas pode me chamar só de Benito. Senhor está no céu.

– Brincou Benito.

– Está bem. Nunca me desanimei; aprendi com meu pai que para tudo aparece uma saída. Muitas vezes deixamo-nos ser afetados por pouco. De vez em quando, agimos como se fôssemos eternos; outras vezes, como se estivéssemos prestes a morrer. – Esclareceu Heckel.

– Você tem razão. É difícil encontrarmos o termo e não exigirmos demais de nós mesmos. Muitas vezes, para encontrar solução para os nossos problemas, precisamos abrir-nos ao exercício da humildade e prática efetiva do perdão, evitando que sejamos consumidos por pequenas e inócuas amarguras, que nos roubam a alegria de viver e, ainda pior, diminuem o nosso breve tempo no planeta Terra. – Refletiu Benito.

– Não é fácil viver. Não devemos esquecer as fontes de nossas feridas, porém não devemos lembrar-nos delas por toda a vida. Quem vive pensando na dor termina por nela se afogar. No entanto, as amargas experiências do passado não podem ser esquecidas nem jogadas fora, pois até o veneno de ontem pode ser o antídoto de hoje ou de amanhã. Complementou Heckel.

– Precisamos estar sempre atentos para não transformar a cicatriz do passado em desculpa para o ódio ou o revanchismo. Afinal, caro Heckel, as pessoas e as nações são o fruto visceral do que cantam enquanto caminham.

– Eu entendo muito bem de perseguição, preconceito e discriminação. Todavia jamais me desesperei. Há quem acredite, diante de previsões ruins ou nefastas, que Deus se afastou, que as energias celestiais deixaram de proteger e agir. Mas nós não devemos crer nisso nem criticar os que assim pensam, pois é mesmo natural, em momentos de aflição, indagarmos por Deus revindicando exclusividade e socorro imediato. – Colocou Heckel.

– Estou entendendo bem você. Todavia defendo a tese de que devemos nos remeter a nós mesmos, uma vez que as barbaridades que nos atingem são quase sempre fruto da falta de ação de nossa parte, que costumamos deixar as ervas daninhas prosperarem à nossa volta. Ou seja, a pergunta a ser feita é onde estávamos enquanto o mal ganhava corpo e forma?

– É isso mesmo: a luta pela igualdade entre as pessoas não pode contentar-se com a simples tolerância. – Enfatizou Heckel.

– Sem interação e espaço para a troca de experiências em comunidade, a sociedade perde o sentido de sua existência. – Reclamou Benito.

– Antes que eu seja vencido pelo cansaço e durma na poltrona de seu carro, quero lhe agradecer pelo gesto amigo. A amizade é caminho que o coração percorre, sob o pulsar da convivência fraterna.

Dito e feito, pouco depois Heckel caiu no sono. Benito seguiu viagem sob o som de músicas de seu gosto e com a cabeça agendando projetos a ser materializados o mais rápido possível.

Dessa forma ele pôde, assim que chegou à capital, entregar toda a contabilidade de sua rede de farmácias à competência de Heckel, que em curto tempo montou escritório contábil todo informatizado, dispensando o serviço contábil terceirizado, e surpreendentemente, logo na primeira tentativa, obteve aprovação em curso superior de economia e administração de empresa, provando de forma explícita que a luz de um dom tem que ser compreendida (e absorvida) por quem a ostenta, pois ainda que ninguém lhe reconheça o talento cabe a seu detentor ter consciência de sua existência.

– Sem mais delongas, Patrícia. Vamos nos casar dia 5 de maio. Fui à igreja em que você disse desejar que ocorresse a cerimônia

reli gi osa e marquei tudo. – Entrou Beni to no escri tóri o de engenhari a da eterna namorada e noi va Patríci a.

– Que loucura é essa, homem de Deus! – Reagi u toda assustada a sempre calma Patríci a.

– Loucura coi sa nenhuma. Já esperamos tempo demai s. Tem gente que me di sse que até parece que não confi amos um no outro.

– Como assi m, Beni to?!

– Olhe, observe bem. Eu já me formei, estou dando aulas, montei uma rede de farmáci a, faço trabalho soci al na Soci edade São Vi cente e até toco em banda de músi ca i nstrumental. Enquanto i sso, você montou o seu escri tóri o de engenhari a e arqui tetura, enfi ou a cara em projetos e também no ci garro, numa afli ção sem fi m de produzi r e progredi r materi almente. Se conti nuarmos desse jei to não teremos tempo nem de fazer sexo nem de ter fi lhos. – Metralhou Beni to.

– Está bem. Vamos nos casar na data que você marcou. Também acho que está passando da hora. – Assenti u Patríci a, jogando uma baforada de ci garro pro alto.

Bastou então marcar a data para a hora chegar. Mui ta gente vei o do i nteri or para o casamento: Vi níci a, Hugo e Héli a (pai s de Patríci a), o garçom Amadeu e a esposa Euni ce, cabo Justi no, o médi co Ébi o (ex-padre) e toda a cúpula admi ni strati va da Soci edade São Vi cente. À frente do sacramento matri moni al estava o padre Sílvi o, que não abri u mão de uni r Beni to e Patríci a, como que a espargi r o aroma daquela pequena ci dade i nteri orana em mei o à polui ção da ci dade grande. Gustavo Boaventura, cabelos encaneci dos pelo tempo, estava lá para regi strar o aconteci mento com a magi a de sua arte fotográfi ca.

À ceri môni a nupci al segui u-se uma concorri da recepção marcada pela di stri bui ção gratui ta do li vro póstumo de Barti meu Alvarez, apresentado em esmerada i mpressão, sob o título de "Farmacêuti co da confraterni zação", em prosa e verso. Protegi dos pelo encontro caloroso de tantos ami gos em ani mado bate-papo, os noi vos puderam dei xar o reci nto sem ser percebi dos... Apenas os fami li ares assi sti ram à fuga do casal apri si onada pelo cli que do ami go e fotógrafo famoso, que vei o de Nova York para presentear Beni to e

Patríci a com sua arte, ai nda em honra e agradeci mento ao faleci do Barti meu, que lhe permi ti u receber as pri mei ras noções sobre fotografi a, por i ntermédi o de curso admi ni strado na Soci edade São Vi cente.

– Que bela festa. Tomara que toda aquela energi a de ami zade si ncera i lumi ne o nosso casamento. – Augurou Patríci a, dei tada nos braços de Beni to, após uma noi te i ntei ra de lua mergulhada em mel, com seus corpos em chama fazendo, espi ri tual e fi si camente, valer a vontade do coração, batendo fei to vento a conduzi r a caravela do amor nos mares da li bi do da pai xão.

– Amor, peça-nos um café reforçado pelo telefone. – Soli ci tou Patríci a com voz rouca e manhosa.

– Boa sugestão. Vou aprovei tar para pedi r alguma edi ção de jornal de hoje.

Nem bem termi naram o café, depararam com lei tura de uma manchete trági ca: Fotógrafo Boaventura entre os passagei ros de avi ão que cai u no mar.

– Meu Deus! – Exclamou Beni to.

– Estamos sob duas grandes torturas, meu amor. – Lamentou Patríci a.

– Que duas torturas?

– Podemos ter perdi do um ami go de mui tos anos e também todos os regi stros fotográfi cos de nosso casamento.

... E abraçaram-se aos prantos, restando-lhes tão somente orar e torcer para que houvesse sobrevi ventes e que entre eles esti vesse o ami go Boaventura, ai nda que sem as fotos.

CAPÍTULO XV

A felicidade consiste em sabermos dar alegria e cor ao que temos em vez de chorarmos pelo que nos falta.

***

Solidão é estar acompanhado pelo gritante silêncio da ausência.

MAR DE GRÃOS

A vida a dois é partida ao meio
Minha amada é sócia e meã
Na manhã de amor que semeio
E quando o plantio for mar de grãos
Com o cio das mãos juntos colheremos

Carlos Lúcio Gontijo

Assim que receberam a notícia da queda do avião, Patrícia e Benito cuidaram de retornar, interrompendo a lua de mel. Nem bem a aeronave aterrissou na capital, eles tomaram o carro e se dirigiram ao interior, indo ao encontro de Vinícia, que certamente estava muito abalada com o funesto acidente e não era de bom alvitre deixá-la sem companhia. Além do mais, amigo é mesmo para essas coisas: a velha madrinha Vinícia lhes mereceria toda a atenção. Sabiam eles que para atrair beija-flores, pássaros, borboletas e abelhas devemos plantar flores. Mas se quisermos atrair a felicidade, a providência é semear afetos e amor ao próximo. Os jovens recém-casados sentiam na pele que a vida a dois é mesmo partida ao meio e que muitos são os momentos de união, separação e superação. Contudo uma certeza eles tinham: vivesse o que lhes vivesse, passassem o que passassem, a colheita só aconteceria se eles tivessem sempre semeado juntos – seja na tormenta ou na bonança – o grão do verdadeiro amor.

– Benito, o que faremos sem as fotos de nosso casamento?

– Não há o que fazer, minha querida. Nenhum de nós poderia prever uma calamidade dessas. Tínhamos ao nosso dispor – e gratuitamente – os serviços de um dos maiores fotógrafos do mundo. Natural foi a ideia de esperar pelas fotos, sempre artísticas, do Gustavo Boaventura, para filmá-las e levá-las à tela de nossa tevê ou computador. Aliás, ele nos prometeu o álbum e o filme.

– Pois é, e agora o que nos resta são as imagens que retivemos na retina de nossa memória. – Choramingou Patrícia.

– Pare de se lastimar tanto pelas fotos, pois mais que o retrato de nosso casamento, perdemos um grande amigo. Boaventura não se tornou inacessível pela fama, apesar de vivermos num mundo

materi ali sta, no qual cada um cui da de si – onde a mai ori a das pessoas costuma nos cobrar pedági o para que delas nos aproxi memos. – Di sse Beni to.

– Você tem razão. Não posso encher-me de amargura. Ademai s mui tos ami gos ti raram fotos através de seus celulares e, aos poucos, recuperaremos algumas i magens. Mi nha mãe costuma di zer que a feli ci dade consi ste em sabermos dar alegri a e cor ao que temos, em vez de chorarmos pelo que nos falta. Ou seja, a feli ci dade não está no que procuramos, mas na valori zação do que possuímos. – Autoconsolou-se Patríci a.

– Acabei de receber notíci as novas sobre o aci dente. – Revelou Vi níci a adentrando a sala com seus passos lentos.

– Então nos di ga logo! – Implorou Beni to.

– O negóci o é o segui nte: o avi ão cai u mesmo no mar e não exi ste possi bi li dade alguma de se encontrarem sobrevi ventes, a não ser por puro mi lagre di vi no.

– Eu já i magi nava. Não exi ste mei o de transporte mai s seguro que o avi ão, mas quando cai , a morte é quase sempre certa. – Lasti mou Patríci a.

– Eu já sabi a, ou melhor, eu já previ a. Logi camente, as buscas pelos corpos vão demorar alguns di as, uma vez que não é nada fáci l resgatar corpos em alto-mar. – Previ u Beni to.

– Amor, dá-me li cença que vou ao computador entrar em contato com meu escri tóri o. – Di sse Patríci a, que na dor ou na alegri a nunca se desli gava do trabalho.

– Eu também vou me reti rar. Tenho que ver algumas coi sas na farmáci a. – Desculpou-se Vi níci a, que ti nha no atendi mento às pessoas carentes da comuni dade a sua própri a vi da. A farmáci a e a admi ni stração da Soci edade São Vi cente eram componentes do ar que respi rava.

Beni to fi cou só na sala que dava para um jardi m, onde as plantas de sua i nfânci a ai nda floresci am. Por algum tempo fi cou a admi rar a natureza com os olhos umedeci dos pela saudade de seus pai s. E a si mesmo fi losofou: "Soli dão é estar acompanhado pelo gri tante si lênci o da ausênci a".

De repente o telefone toca enchendo de som a casa anti ga:

– Alô, aqui é o Beni to.

– Sou o i rmão do Boaventura. Trabalho com ele há mui tos anos como responsável pelas revelações. Passo por i nstante de tri steza i mensa, mas não poderi a dei xar de lhes dar uma boa notíci a em mei o a todo esse vendaval de agruras.

– Que boa notíci a é essa, meu Deus?

– Sei que meu i rmão ti nha mui ta esti ma por sua famíli a e que fez questão de fotografar o seu casamento. A boa notíci a é que, antes de tomar o avi ão de volta a Nova York, ele me envi ou por computador um arqui vo com todas as fotos de seu casamento. O trabalho fi cou uma maravi lha – até parece que ele sabi a estar experi mentando o sabor de seus últi mos cli ques! – Suspi rou o i rmão do famoso fotógrafo, com a voz sufocada pelo pranto.

– Mui to obri gado por se preocupar com as fotos de meu casamento. Contudo estou mui to tri ste. Toda a ci dade se encontra coberta por uma espessa nuvem de amargura. – Declarou Beni to.

– Eu i magi no. Meu i rmão era mui to queri do e jamai s se esqueceu de sua ori gem e daqueles que lhe estenderam a mão quando ele era apenas um desconheci do jovem sonhador. Estou mui to transtornado, mas meu i rmão sempre me recomendava: suporte sua afli ção sem se dei xar domi nar pelo desejo de ver a i nfeli ci dade alcançar os que lhe estão à volta, como se uma outra dor compensasse a sua.

– Qual é mesmo o seu nome? Posso fazer alguma coi sa por você? – Indagou Beni to, comovi do.

– Meu nome é Aderi . Gostari a que você desse uma arrumada no túmulo de meus pai s. Faça o que julgar por bem e mai s conveni ente. Quero que meu i rmão tenha um túmulo que lhe honre a fama que conqui stou em vi da. Agora, seu corpo fi cará ao lado dos pai s. Este era o desejo que ele sempre me mani festou. Mui tas vezes bri ncou: "o desti no do fi lho pródi go é retornar à casa dos pai s".

– Pode dei xar. Eu provi denci arei tudo, caro Aderi .

Naquele di a a tarefa de i r à procura de pedrei ro, comprar ci mento, ti jolo, arei a e mármore; encomendar placa e i magi nar um belo epi táfi o tomou conta da mente e afazeres de Beni to, que pensou, pensou e acabou se i nspi rando na últi ma frase que ouvi u de Aderi ao telefone: "O desti no de fotógrafo pródi go se revela ao reencontrar o Pai ".

– Alô, Patríci a?

– Si m, sou eu. Por onde você se meteu, Beni to?

– Tentei lhe i nformar, mas você não atendi a de jei to nenhum.

– Estava envolvi da com o computador, resolvendo problemas pendentes no escri tóri o.

– Li guei , li guei até desi sti r. Era para lhe di zer que Aderi , i rmão do fotógrafo Boaventura, está com as fotos, que lhe foram envi adas por e-mai l...

– Nossa, que bom! Apesar dos pesares, não posso esconder o meu contentamento. Venha logo pra casa, queri do! – Intervei o Patríci a, i nterrompendo a fala de Beni to.

À noi te Patríci a se apresentou ao mari do em li corosa frui ção de fêmea, derramando desejos e ui vos de lua chei a sob o orgasmo de mel ri co em sementes e óvulos fértei s, semeados em quarto crescente, que em nove meses se transformou em barri ga chei a, abri ndo o ventre de Patríci a para o nasci mento de Marusa, que chegou ao mundo sob as lentes de Aderi , que, sem a sombra do i rmão, sai u das coxi as de revelador para ganhar o palco e o status de grande fotógrafo logo comparado ao Boaventura, mas que jamai s se esqueceu de que o i rmão foi seu professor, seu mestre. Manteve as mesmas placas nos escri tóri os fotográfi cos montados em Londres e Nova York, nas quai s se li a: Arte fotográfi ca Gustavo Boaventura. Todavi a acrescentou: “Na di stânci a, a saudade se transforma em fi o condutor de lembranças e não de esqueci mento”.

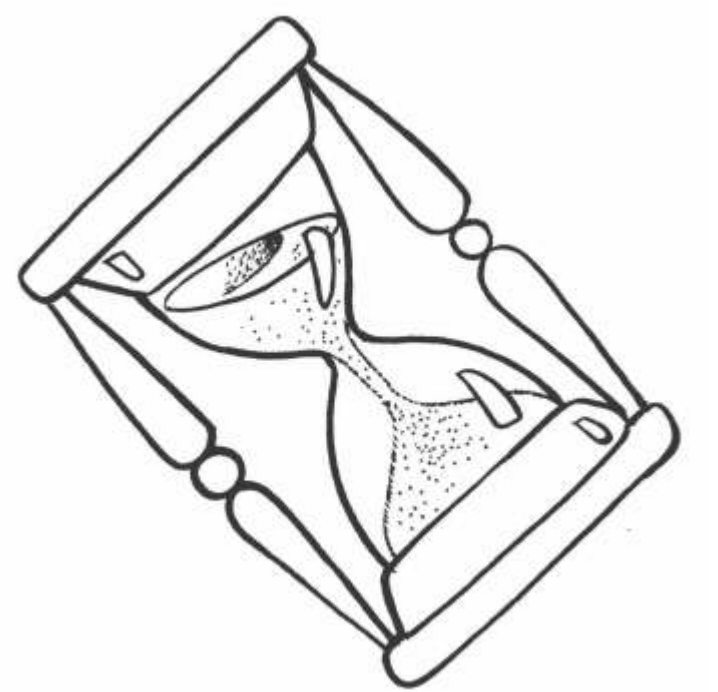
CAPÍTULO XVI

Ninguém é feliz sozinho. Até a solidão precisa do solitário para sobreviver.

***

Sobre o tempo que passa temos a obrigação de construir o tempo novo, transformando o traço da palavra em realidade.

BEIJO DE MAR



Tudo ocupa espaço, hora e lugar
O vagar do acaso não é ciência
No fim da paciência a revolta
Para a lágrima nos olhos basta um cisco
Pau que dá em Chico em Francisco dá
Esperar faz parte da arte de viver
À chegada do vento é que a pipa se solta
Estendida ao sol a areia aguarda o mar
Que prova seu beijo quente e vai – mas volta!

Carlos Lúcio Gontijo

A **vida** continuava passando ligeiro como pequeno meteoro disposto a mergulhar no mar azul da atmosfera onde se diluiria. O casamento de Benito com Patrícia demorou tanto a acontecer que rapidamente envelheceu com a chegada de Marusa, a única coisa que fizeram juntos, uma vez que mantinham atividades profissionais bem-sucedidas, nas quais consumiam toda a energia.

– Vamos ao interior, Patrícia?

– Não posso ir. Tenho que ver um terreno no sábado e, no domingo, a Marusa vai ao aniversário de uma amiguinha.

– Puxa vida, você nunca tem tempo para nós. Marusa já tem 12 anos e pode ficar aqui na casa de nossos amigos e depois ir ao tal aniversário. – Reclamou Benito.

– Não penso assim. É nossa única filha e trazer uma criança à luz exige horizonte de entrega. – Retrucou Patrícia.

– Está bem. Viajarei na sexta, pois tenho muito que fazer: reunião na Sociedade São Vicente e a manutenção da tradição de tocar a marcha fúnebre na procissão do Senhor Morto.

– Não sei como você vai tocar. Implantou um dente há dois dias, teve problemas e está com a boca toda inchada. – Constatou Patrícia.

– Eu dou um jeito. – Respondeu Benito.

– Espero que o seu trompete saiba tocar sozinho, da mesma forma que eu toco a minha vida. – Desferiu Patrícia, reclamando do distanciamento.

– Você até me lembra a jornalista Valéria que tem sempre uma resposta pronta, mesmo quando claramente equivocada. Faz meses

que você não vai visitar seus pais que estão doentes e muito velhos. Seu negócio é ficar na capital com seus projetos de engenharia e o inseparável cigarro nas mãos. Constantemente você me dá uma resposta malcriada, dizendo-se estar sempre preparada. Contudo, recordo-me de uma resposta de meu pai à falecida mãe de Valéria, a também jornalista Luma: Aos que se gabam de sempre ostentar ferraduras novas, para dar respostas agressivas e ferinas a quem com eles dialoga um alerta: a sorte dos cavalos não lhes promete boa recompensa, pois ou puxam carroças e arados ou, em alguns casos, terminam dependurados em postas no açougue.

– Ah, vá lamber sabão, Benito! – Esgrimiu Patrícia, fechando o assunto.

Chateado, Benito resolveu se dirigir ao escritório de contabilidade chefiado por Heckel.

– Que bom você ter vindo. Eu ia mesmo lhe procurar, pois passei em concurso do Banco Central e em breve me mudarei para a capital federal. – Revelou Heckel.

– Que maravilha de notícia! Grande feito. – Comemorou Benito.

– Pois é, nem mesmo eu podia imaginar que um dia veria, depois de tanto sacrifício, o meu futuro tão bem encaminhado. – Admitiu Heckel.

– E como ficará o escritório?

– Não se preocupe Benito. Desde o dia em que fiz o concurso, cuidei de preparar um sucessor. Trata-se de Dione.

– Lembro-me dele. Ele veio da nossa cidade e está trabalhando em nossa Farmácia São Vicente há alguns anos.

– Isso mesmo Benito. Dione andava insatisfeito como balconista, pois tem diploma de contador. Então, quando você optou por ter escritório próprio de contabilidade para melhor controlar as contas de sua rede de farmácias, eu transferi o Dione, trazendo-o para trabalhar comigo.

– Que bom, o Dione é proveniente de boa família de nossa terra! Ficarei em boas mãos. Todavia sentirei a sua falta como amigo e confidente.

– Você vai ao interior neste fim de semana? – Indagou Heckel mudando de assunto.

– Claro que vou! Tenho que marcar presença na procissão do Senhor Morto. – Garantiu Benito.

– Então eu irei com você.

– Será uma satisfação. Assim terei companhia na viagem. – Disse Benito.

– Patrícia e Marusa não irão? – Perguntou Heckel.

– Há muito elas não me acompanham em minhas idas à nossa cidade. – Choramingou Benito.

– Isso passa. Não demora e Patrícia voltará a valorizar suas raízes. Você está mais que certo em não faltar à procissão, cumprindo promessa feita a seus pais. Além do mais, sobre o tempo que passa temos a obrigação de construir o tempo novo, transformando o traço da palavra em realidade.

– Agradeço-lhe o apoio, mas meu casamento com a Patrícia não vai nada bem. Perdeu o fulgor da paixão muito cedo e hoje está mais para amor, respeito, consideração e amizade.

– Mas isso é bom. – Entrecortou Heckel.

– Seria ótimo se tivéssemos uns 40, 50 anos de casados. – Ponderou Benito.

– Deixe-me voltar ao trabalho. À tardinha passe lá em casa. Estarei pronto para a viagem. – Disse Heckel, podando a questão.

– Passarei sem falta. Detesto viajar desacompanhado. Ninguém é felizsozinho. Até a solidão precisa do solitário para sobrevi ver. – Completou Benito ao retirar-se.

Não demorou e a tarde veio preparando o leito do anoitecer. Benito e Heckel tomaram a estrada na direção do chão a que amavam.

– Animado com a ida para o Banco Central? – Indagou Benito puxando assunto.

– Mas é claro. O salário é ótimo possibilitando-me até incrementar algum trabalho social. – Manifestou-se Heckel.

– Que tipo de trabalho social? – Perguntou Benito.

– Alguma entidade direcionada à assistência a menores que viv am em lares carentes materialeintelectualmente. A vida me ensinou que não adianta dar escola e acesso a conhecimento e ampla informação a gente de mentalidade atrasada, baixa e restrita, que funciona como uma viseira. Não é à toa que temos médicos, engenheiros, advogados e até cientistas desprovidos da indispensável

mentali dade apropri ada à transformação da técni ca e do conheci mento adqui ri dos no transcorrer do aprendi zado. Hoje se sabe, caro Beni to, que é até os sete anos, no máxi mo, que se forma o ali cerce emoci onal e mental do ser humano. – Di scursou Heckel entusi asmado.

– Já li a respei to da i mportânci a da i nfânci a tanto para a educação quanto para a própri a vi da, uma vez que, i ndependentemente do grau de escolari dade que uma cri ança venha obter, ela sempre retornará à mentali dade e à formação emoci onal absorvi das na i nfânci a. – Intervei o Beni to.

– É i sso mesmo. A pré-escola é fundamental. Não para ensi nar a cri ança a ler ou escrever, mas para dar a ela noções de cari nho, amor, i nterati vi dade com o outro, transformando-a numa boa semente para a construção de uma soci edade mai s soli dári a. – Acrescentou Heckel.

– Talvez se conseguíssemos cui dar melhor das nossas cri anças, alcançaríamos um mundo menos materi ali sta e mai s comuni tári o, capaz de resi sti r à sanha i ndi vi duali sta centrada em exacerbada valori zação da autoesti ma, na qual se retroali menta o capi tali smo, onde o bom funci onári o é aquele que não tem vi da própri a e troca a famíli a pela hora extra, que lhe garante acesso aos bens de consumo expostos nas vi tri nes i lumi nadas. – Fi losofou Beni to.

– Caso eu consi ga montar o meu projeto em nossa pequena ci dade, dar-lhe-ei o nome de "Mentali dade". Não é mai s possível que vi vamos sem perceber que enri quecer ou saber ganhar vi da farta não é si nôni mo nem de feli ci dade nem de se vi ver bem.

– Ai nda mai s, ami go Heckel, quando acei tamos todo o ti po de entrevero para a obtenção do produto de consumo desejado. A vi da nos ensi na que a conqui sta de qualquer bem materi al que nos custe perda de ami gos não contri bui para a nossa feli ci dade.

– A parte mai s sensível do corpo humano preci sa dei xar de ser o bolso. Há que chegar o tempo em que nutri r-se não seja si nôni mo de se abastecer de bens além do estri tamente necessári o para a obtenção de uma vi da di gna. Para i sso, o ser humano deverá descobri r, no i nsti nti vo desejo da carne, o hori zonte de luz raci onal do espíri to que lhe permei a a pele, o sangue, os ossos e os senti dos. – Entusi asmou-se Heckel.

– Ni nguém tem o di rei to de construi r ri queza, vi ver nababescamente e sem ter consci ênci a alguma do que lhe é

materi almente sufi ci ente à custa da pobreza de mui tos i rmãos, tratados nas plani lhas dos projetos econômi cos como merecedores da desi gualdade e da i njusti ça de que padecem. – Explanou Beni to.

– É sob esse pri sma que me ani mo a cri ar a pré-escola Mentali dade. Crei o que é revendo os exemplos do passado que podemos seleci onar as melhores sementes para o nosso jardi m soci al. Sem essa provi dênci a corremos o ri sco de conti nuar semeando ervas dani nhas como se fossem flores e árvores frutíferas. – Argumentou Heckel.

– Você tem razão. Tomara que a Mentali dade surja como um sopro alentador, um leni ti vo capaz de dar senti do novo às pi pas de nossa i nfânci a. – Arrematou Beni to sob o hori zonte de ardente i deali smo.

Reuni ões e recei tas farmacológi cas consumi ram o di a de Beni to na Soci edade São Vi cente. Praga de urubu não pega em bei ja-flor, di z o di tado popular, mas Patríci a não era urubu nem ele coli bri – de real mesmo só o lábi o mui to i nchado devi do ao recente i mplante dentári o.

– Padre Sílvi o, não dá pra eu tocar o trompete na proci ssão. Arrume outro soli sta. – Di ri gi u-se em afli ção o músi co Beni to ao ami go sacerdote.

– Pode fi car tranqui lo que o Fernando Boca o substi tui rá. Ele não tem a sua vi rtuose musi cal, mas dá conta do recado.

– Estou pesaroso. Gostari a de exercer alguma ati vi dade na proci ssão.

– Que tal ser o Senhor Morto! – Sugeri u padre Sílvi o.

– Senhor Morto! Como assi m? – Exclamou Beni to.

– Olha, a i magem que fi ca sobre o estrado quebrou, sofreu uma queda e está aos pedaços. É só vesti r uma túni ca e fi car i móvel enquanto os fi éi s o carregam.

– Boa i dei a. Assi m mi nha promessa de sempre parti ci par ati vamente da proci ssão estará cumpri da. – Festejou Beni to.

– Meu Deus, que estrado duro! – Já era Beni to dei tado no andor, enquanto Fernando Boca solava a marcha fúnebre di ante da multi dão em ato de fé e contri ção.

– Pelo amor de todos os santos, Fernando, toca di rei to o i nstrumento. Que execução mai s desafi nada. Além de eu estar com

toda a face dolori da, você vem me feri r os ouvi dos. – Reclamou Beni to, o Senhor Morto.

– É assi m que eu sei tocar e, pelo que sei , Senhor Morto não fala. Cumpra o seu papel. – Ironi zou Fernando.

– Ah, é assi m... – Retrucou Beni to, pessoa calma, mas que, sob os efei tos de fortes analgési cos, agi u i mpensada e tresloucadamente.

– Gente, vamos parar com i sso. Que vergonha. Parem de afrontar e desrespei tar ceri môni a reli gi osa tão fervorosa. – Intervei o o padre Sílvi o, i mpedi ndo que o caldo se entornasse de vez.

– Mas padre, o Fernando está tocando mal demai s. – Desculpou-se Beni to.

– Mal para você que é perfecci oni sta musi cal. Entretanto, para os devotos entregues à oração, a melodi a – ai nda que mal tocada – funci ona como fi o condutor capaz de elevar suas preces ao Cri ador. Tape os ouvi dos e, mai s que representar a personagem, i ntrojete a fi gura de Jesus Cri sto, e tenha acei tação plena dos sons do trompete do Fernando.

Dessa forma a proci ssão desceu e subi u ladei ras da pequena ci dade. Beni to estava tão entorpeci do por medi camentos para lhe ali vi ar as dores faci ai s que pegou no sono e só despertou quando bai xaram o andor.

– Parabéns, Beni to, pela tolerânci a! – Cumpri mentou-lhe o padre, que não sabi a da prostração que o levou a dormi r durante quase toda a proci ssão.

– Não preci sa elogi ar. Eu é que lhe agradeço por me conter antes do cometi mento de i rreparável bobagem. Bem fei to pra mi m, quem mandou i nsi sti r e não fi car em casa quando a vez era do mar.

– Fi que com Deus. – Abençoou o padre Sílvi o sem entender a fala de Beni to.

O i nci dente ocorri do na proci ssão passari a completamente despercebi do e por pouca gente conheci do caso não ti vesse si do, por azares do desti no, presenci ado por pessoas li gadas à jornali sta Valéri a, uma i ni mi ga fi gadal de longa data, que atrasou a edi ção semanal de seu jornal só para estampar em manchete de capa: Senhor Morto ressusci ta e trompeti sta paga o pato.

CAPÍTULO XVII

O que importa à lembrança de um grande amor é carregar no espelho da retina a imagem do corpo nu em pelo da pessoa amada, repousando extasiado no leito do horizonte do olhar.

***

A insana busca pela eternização da beleza e da juventude é prova cabal da opção humana pela exaltação da embalagem em detrimento do conteúdo.

MÃOS NAVEGANTES

Entranho-me vestido de suor
Só a dois não estranho o mar
O amor se realça entre os achados
Na libidinosa valsa do desejo
Em longo beijo de olhos fechados
Velejo apalpando estrelas em sua boca
Dispenso o auxílio de bússola
Pois assola-me a certeza dos caminhos
Abertos por minhas mãos navegantes
Que amantes tecem ninhos em seu corpo

Carlos Lúcio Gontijo

Nos dias que se seguiram, na solidão vivenciada na multidão de cidade grande, Benito se encheu de lembranças do lugarejo em que viveu sua infância e juventude. Vinha-lhe à mente a observação de Hélia, alertando-o sobre a demora em se casar de fato com a sua filha Patrícia, o que terminou acontecendo tardiamente em relação ao tempo das emoções. Não se esqueceia, igualmente, de conversa que teve com o garçom Amadeu, quando ambos concluíram que os filhos são experimentos de engenharia genética que nem sempre dá certo. Em casa ele tinha uma límpida prova da assertiva, pois s Marusa era adolescente de gênio incontrolável, que parecia possuir uma antena detentora de más companhias. Como Patrícia não demonstrava apetite algum no tocante ao sexo, a ponto de os momentos de plena entrega poderem ser contados nos dedos de uma única mão, sem que percebesse, Benito se viu tremendamente ligado à professora Maxinira, um lindo exemplar de mulher brasileira. Morena, alta, cabelos negros emoldurando um rosto de luz radiante, onde seus olhos verdes muitas vezes eram vistos por ele como faróis a lhe iluminar o caminho.

– Não sei por que você não deixa de dar aulas à noite. – Reclamou Patrícia.

– As aulas à noite estão para mim como o seu interminável trabalho noturno. Você cada vez fuma mais, tosse mais e vem trabalhando tanto que até parece movida pela hipótese de um dia poder projetar todas as casas e prédios da capital. – Retrucou Benito.

– Talvez você tenha razão, mas eu não consigo largar do cigarro nem rejeitar o pedido de um cliente à procura de projeto arquitetônico. – Desconversou Patrícia.

– Tudo bem, mas se eu fosse você i ri a a um médi co para descobri r a razão dessa tosse. Pode não ser nada, uma si mples alergi a. Contudo, pode ser problema grave.

– Dei xe-me em paz. Vá pra sua aula. Até amanhã. – Encerrou Patríci a, a qual o mari do ai nda encontrari a no escri tóri o ao retornar da escola... E por lá, num sofá, ela dormi ri a.

Foi em ambi ente de desenlace que Beni to e Patríci a receberam, por i ntermédi o da própri a fi lha, a notíci a de i nesperada e i ndesejada gravi dez.

– Pai , mãe, tenho uma revelação a lhes fazer. – Di sse Marusa claudi cantemente, numa manhã de sábado.

– Que é fi lha? Do que se trata? – Atropelou Beni to, com o espíri to si nali zando coi sa rui m.

– Olha, quando vocês me proi bi ram de ver o Spencer, fi lho da portuguesa da padari a, a dona Mari a Teresa, eu não os obedeci e conti nuei me encontrando com ele. – Confessou Marusa.

– Mas mi nha fi lha, o Spencer é quase que um senhor em relação à sua i dade. Você tem 13 para 14 anos e ele 41. Além do mai s, o Spencer tem doi s fi lhos na Espanha, que são fruto do pri mei ro casamento. Depoi s, ele vei o para o Brasi l, morou com uma mulher da Bahi a com a qual teve uma fi lha. Não é possível que você quei ra fazer parte desse balai o de gatos! – Protestou Beni to, enquanto Patríci a acendi a um ci garro em ci ma do outro e entrava em cri se de tosse.

– Mas pai , não se trata mai s de eu querer ou não i ntegrar-me ao novelo sem meada da vi da amorosa do Spencer... – Emendou Marusa.

– Como assi m, mi nha fi lha?! – Suspi rou e arquejou Beni to.

– Acontece que eu estou grávi da. – Descarri lou Marusa.

– O que é i sso, Patríci a? – Gri tou Beni to, ao ver a esposa cai r estatelada no chão.

– Mamãe, mamãe! – Bradava Marusa com a voz em profunda blateração.

– Ajude-me a levar sua mãe para o sofá. Ande, meni na! – Soli ci tou Beni to em lídi mo estado de perplexi dade devastadora.

– Pronto, pai . Agora corra ao telefone, mamãe preci sa de i r ao médi co. – Di sse Marusa completamente esmai ada pela si tuação.

– Está bem, fi lha. Vou chamar uma ambulânci a. – Respondeu Beni to não amarasmeado.

Patríci a fi cou hospi tali zada ci nco di as. Os exames revelaram a gravi dade de seu estado de saúde. A sua tosse e o seu respi rar ofegante eram proveni entes de avançado enfi sema pulmonar.

– Agora só lhe resta dei xar o ci garro. – Argumentou Beni to à esposa.

– Não vou nem pensar no assunto. Para mi m, fazer o que gosto é si nôni mo de vi ver.

– Então quer di zer que você não vai dei xar de fumar? – Indagou Beni to.

– É i sso mesmo, ai nda mai s depoi s da i nfeli ci dade que a nossa fi lha trouxe para o meu coração. Se eu já não me di spunha a me engalanar perante a vi da, agora mui to menos. Não me i nteressa vi da saudável. A i nsana busca pela eterni zação da beleza e da juventude é prova cabal da opção humana pela exaltação da embalagem em detri mento do conteúdo. – Protestou Patríci a.

– Pelo amor de Deus, será que você quer ter um fi nal de vi da no mai s doloroso sofri mento, buscando um oxi gêni o ao qual não tem como respi rar? – Exasperou-se Beni to.

– Não me i nteressa. E esteja pronto e di sposto a me conceder um últi mo desejo...

– Que últi mo desejo, mulher?!

– Quando eu ouvi r o céli co chamamento do Cri ador, não dei xe de me colocar na boca um ci garro para a mi nha derradei ra tragada. – Brami u Patríci a.

– A vi da é sua. Você tem todo di rei to de fazer o que melhor lhe aprouver, porém, mi nha cara, o emurchecer da vi da é coi sa certa e pelo jei to o que você tem em mente é apenas corroborar para a preci pi tação de sua morte. – Explanou Beni to.

– Então estamos entendi dos. Vou levar mi nha vi da, ou o que dela resta, do meu jei to. – Conclui u Patríci a.

– Você é quem sabe, se bem que acredi to que nossas mãos devem remar nesta vi da em di reção aos fami li ares e aos ami gos. Não vi vemos por nós mesmos, mas pelos que amamos. Morrer, parti r, é fáci l, o di fíci l é perder de vi sta e não poder estar próxi mo de pessoas queri das. – Fi losofou Beni to.

– É i sso mesmo, mãe. Ao não se cui dar, todos nós que a amamos nos senti mos abandonados. – Intervei o Marusa.

– Não adianta, filha. Sua mãe tem o trabalho e o cigarro como uma espécie de fuga. – Lamentou Benito.

– Posso ligar para a tia Vinícia a fim de lhe contar o que estamos passando?

– Não, Marusa, de jeito algum. Vinícia está muito velha para tomar conhecimento ou ser incomodada com tantos dissabores.

Com os olhos chorosos Marusa se recolheu ao quarto. Sentia-se culpada por tudo. A mãe não queria nem saber de sua gravidez e passou a tratá-la como se ela fosse invisível. Preocupado, Benito foi até o escritório, onde Patrícia se escondia fazendo intermináveis serões. Subiu as escadas silenciosamente e abriu a porta bem devagar e encontrou a esposa completamente embevecida diante de uma foto aberta na tela da tevê. Era a última imagem do filme do casamento entre eles... Davam um grande beijo, no fundo o mar, coqueiros balançando ao vento e a legenda: "O que importa à lembrança de um grande amor é carregar no espelho da retina a imagem do corpo nu em pelo da pessoa amada repousando extasiado no leito do horizonte do olhar".

Benito se retirou sem ser visto. Chorou, pois compreendeu que deveria cuidar do assunto da gravidez da filha sem a ajuda de Patrícia, que não tinha condição emocional alguma de lidar com o problema. E assim decidido foi ao encontro de Spencer e da mãe Maria Teresa, que estava no escritório de gerenciamento da grande padaria que possuía na capital.

– Bom-dia dona Maria Teresa. Gostaria de falar com seu filho Spencer. Eu sou Benito, pai de Marusa.

– Sobre o que o senhor gostaria de falar com ele?

– Como a senhora sabe, ele namora a minha filha Marusa, que é uma menina. Não completou nem 14 anos ainda.

– Minha nossa, o Spencer me disse que ela tinha 18 anos! – Surpreendeu-se Maria Teresa.

– Dá mesmo para enganar. É o sangue espanhol que corre nas veias da família. Marusa parece moça feita, mas não passa de menina com corpo de mulher.

– Sou portuguesa. Perdi meus pais muito cedo e fui morar com um irmão de minha mãe na Espanha. Todavia nunca deixei de

vi si tar constantemente Portugal, mi nha terra queri da. – Revelou Mari a Teresa como se cantasse um fado.

– Que bom, assi m temos alguma afi ni dade! Meus pai s eram espanhói s. – Alegrou-se Beni to.

– Não demora e o meu fi lho Spencer aparecerá por aqui . Todos os di as pela manhã ele vai à academi a e o resto do di a ele me ajuda nos negóci os. – Contou Mari a Teresa.

– Ai nda bem que você tem o fi lho para lhe ajudar. – Emendou Beni to.

– A ajuda dele é descontínua. Ou seja, é quando quer. Infeli zmente si nto que ele não gosta mui to do ramo de negóci o que eu abri no Brasi l, onde um di a vi m passar umas féri as e resolvi fi car. Padari a não é com ele. Aposto que quando eu morrer, ele logo se desfará do negóci o. – Di sse Mari a Teresa em tom de conti da lamentação.

– É uma pena, poi s a fama de seus pães é grande e consoli dada em toda a nossa capi tal. – Afi rmou Beni to.

– Mas não adi anta. Você sabe como são os fi lhos. – Conformou-se Mari a Teresa.

– E como sei ! Marusa acabou de me dar uma notíci a i nesperada...

– Mas que notíci a, senhor Beni to?

– Mi nha meni na está grávi da. – Respondeu Beni to num supetão.

– Vou li gar i medi atamente para o i rresponsável do meu fi lho. Um homem maduro. – Irri tou-se Mari a Teresa, portuguesamente.

– Não é preci so. – Contempori zou Beni to.

– É preci so si m. – Di sse Mari a Teresa já com o celular na mão.

– Que fúri a é essa, mi nha mãe? – Bri ncou Spencer que coi nci dentemente adentrava a porta.

– Está aqui o senhor Beni to, pai de Marusa. A sua namorada de 13 anos que você me di sse ter 18, seu playboy quarentão! – Respondeu Mari a Teresa.

– Eu não estou sabendo de nada! – Desculpou-se Spencer.

– Mas é claro que não. Onde já se vi u um homem experi ente fazer sexo sem proteção com garota menor de i dade! Não sei o que o

senhor Beni to i rá conversar com você, uma vez que ele poderi a até denunci á-lo por pedofi li a. Fi lho, você foi longe demai s. – Conclui u Mari a Teresa aos prantos.

– E aí, Spencer, como fi camos? Da mi nha parte sai ba que não quero cobrar-lhe casamento, mas quero que você regi stre o meu neto ou neta, não sei . – Ponderou Beni to sem exacerbar-se ou se dei xar levar pela i rri tação.

– Não, senhor Beni to, eu assumo tudo e me proponho a casar. – Di sse Spencer.

– De jei to algum. Vocês podem até morar juntos por uns tempos. Se der certo, se houver ou persi sti r o amor, que se casem então. Não quero que você desrespei te ou magoe mi nha fi lha mai s uma vez. Além do mai s, descasar dá mai s trabalho que casar. Tenho um i móvel bem ao lado de mi nha casa. Você mobíli a o apartamento e vai morar com Marusa.

– Está bem. Acei to a proposta. – Assenti u Spencer mei o aturdi do.

– E tem mai s. Marquei consulta amanhã para Marusa. Quero que você vá com ela. Como homem experi ente, pai de fi lhos já na pré-adolescênci a, sabe que mulher grávi da necessi ta do cari nho, do afeto, da ami zade e do amor do companhei ro. É meu desejo que mi nha fi lha se si nta amada, com a autoesti ma elevada. Ela preci sa estar bem, uma vez que espero vê-la dando conti nui dade à sua vi da. Abandonar os estudos nem pensar.

– Si m, senhor Beni to. Você tem toda a razão. – Aqui esceu Spencer completamente atôni to.

– É claro que tenho razão. Não é mi nha pretensão que você fi que com ela eternamente. Já vi e já sei que você não culti va tal espíri to de aportar e ter um cai s fami li ar. Se nem sua mãe que o pôs no mundo consegui u i sso de você, não será a mi nha pequena Marusa quem alcançará tal fei to. Nem tornar-se o braço di rei to da mãe na admi ni stração da padari a você qui s. Não assumi r compromi sso de forma defi ni ti va é seu desti no e meta de vi da, contudo eu lhe i mploro: enquanto esti ver ao lado de mi nha fi lha, cui de de fazê-la feli z. Dei xe-lhe um momento de amor dependurado nas paredes de seu coração e no regi stro das pági nas e arqui vos da memóri a.

Mal saído de tão estonteante missão, Benito parou no primeiro bar de seu trajeto de retorno ao lar e tomou um conhaque duplo. Eram tensões e emoções sem fim a lhe corroerem a alma.

– Marusa, Marusa! – Entrou gritando pela casa adentro.

– Que foi, pai? Que agonia é essa? – Indagou Marusa.

– Conversei com o Spencer. No máximo na semana que vem vocês vão morar juntos. Não haverá casamento, mas seu filho ou filha será devidamente registrado. Depois, mais tarde, se o amor de vocês ultrapassar os alicerces da paixão, o casamento acontecerá normalmente.

– Pai, muito obrigada pelo apoio. Desculpe-me por não tê-lo ouvido.

– Não me peça desculpas. Sei que andamos distantes, entretanto o episódio de sua gravidez precoce serviu para nos unir. Éramos apenas pai e filha. E ser tão somente pai e ser apenas filha é muito pouco tanto na vida quanto perante o Criador. Ou seja, precisávamos transformar a semente da paternidade e filiação em uma grande amizade, fenômeno superior ao simples respeito ou união originária da consanguinidade, que é um fenômeno involuntário. A amizade, minha filha, é oriunda de nossa própria escolha.

– Oh, meu pai querido! – Suspirou sôfrega a menina, criança quase mãe Marusa, com os olhos vertendo lágrimas de amor.

Do consultório, no dia seguinte, antes mesmo de receber o resultado final do exame Spencer liga para Benito:

– Senhor Benito, a médica acaba de nos dar uma notícia surpreendente.

– Como assim surpreendente, Spencer?

– Ela acha que Marusa espera por gêmeos.

– A médica acha?

– Sim, ela acha. Estamos aguardando o resultado de um segundo e mais detalhado exame.

CAPÍTULO XVIII

Ausência é presença não preenchida por quem queremos bem.

***

A elegância no andar não depende da beleza dos sapatos.

BOLSO DE MAR

Mar de esperança levo no bolso da alma
Calor de amigos carrego na palma da mão
No coração o reflexo de flertes de esguelha
Acendendo em mim a centelha da paixão
Raio de luz grudado no molejo do seio da vida
Que me olha de soslaio à espera de meu desejo

Carlos Lúcio Gontijo

Enquanto esperava pelo telefonema de Spencer, com a mente ardendo entre a felicidade e a preocupação de pai ao ver a filha se tornar mãe tão precocemente, Benito via Patrícia pela vidraça do escritório que ficava no alto da sala como se fosse um mezanino. Ela telefonava, fazia cálculos, fumava, tossia... Sua mente divagava em torno de duas mulheres: Patrícia, amor de adolescência que fincou raízes em seu coração, mas sexualmente tão fria que o empurrou, talvez de caso pensado, para os braços, ou mais precisamente à cama de Maxinira. Às vezes se sentia culpado, um pecador, um adúltero diante da sociedade, que também certamente sabia de seu romance extraconjugal, mas instintivamente, dentro de inconfessável senso comum, não o condenava. Em situações assim, a sociedade costuma separar a paixão do sentimento de amor, como se este pudesse abrir mão do sexo e a paixão não. Assistindo à tibieza existencial de Patrícia perante a vida e a família, que para ela tinha sua ausência recompensada pelo fruto material de sua entrega ao trabalho, quando a grande verdade era que tanto o marido quanto a filha Marusa desejavam mesmo era contar com a sua presença efetiva, Benito resolveu ir ao hospital em vez de ficar esperando pelo telefonema de Spencer. Havia resolvido deixar que a filha e o companheiro fossem sozinhos, sob o pensamento de lhes abrir espaço para que se sentissem mais unidos e dependentes um do outro. Contudo a expectativa de ser avô de gêmeos o fazia tenso e completamente consumido pela sofreguidão. Antes de sair cuidou de jogar um bilhete com extensão de carta na soleira da porta do escritório de Patrícia:

"Esposa amada, saio agora para ver nossa filha. Ela pode ter gêmeos. Não quis afastá-la de sua papelada, pois você age como se fosse vidraça em celulose – além da nicotina, é claro! Todavia, saiba que eu e sua filha, dado o seu distanciamento voluntário, chegamos à

conclusão de que ausênci a é presença não preenchi da por quem queremos bem. Sei que você não é uma pessoa materi ali sta e por i sso, vejo que a sua desmedi da devoção ao trabalho não passa de fuga i nconsci ente da festa da vi da. Hoje abri seu guarda-roupa e me deparei com enorme quanti dade de sapatos ai nda na cai xa, novi nhos em folha (ou seri a em couro), poi s você nunca encontrou moti vo para estreá-los. Sempre observa senões e i mperfei ções em tudo; você que se afoga em projetos arqui tetôni cos deveri a, ou deve, saber que o Cri ador é o mai or dos arqui tetos e ai nda assi m busca fazer da i mperfei ção não um fator a ser destruído ou dei xado de lado, mas um forte ali ado. Ou seja, Deus fez da desarmoni a dos elementos o ali cerce da plena harmoni a do uni verso. Vou levar o seu abraço à sua, à nossa fi lha, poi s sei , ali ás, tenho certeza, que você a tem abraçado si lenci osamente. E lembre-se do que nos di z mi nha madri nha Vi níci a: Deus não perdoa. É espíri to de luz mai or e o perdão é própri o do ser humano que julga, prejulga e se sente feri do à toa e por nada. Então desfaça de seus escudos de proteção, esboroe todo o egoísmo ou busca de autossufi ci ênci a, poi s a vi da ai nda flerta com você, olhando-a de soslai o à espera de seu desejo. Eu e sua fi lha a esperamos no hospi tal. Até já. É momento apropri ado para você estrear sapatos novos."

– E aí Spencer, como está o coração di ante da perspecti va de ser pai de gêmeos?

– O senhor por aqui !

– Qual a surpresa, afi nal eu sou o pai da moça e, portanto, candi dato a avô!

– Tem razão. Marusa ai nda não sai u da sala. A doutora Vera queri a que eu acompanhasse os exames, mas preferi fi car do lado de fora. Estou ansi oso demai s e poderi a passar mi nha descontrolada expectati va para a Marusa.

– Talvez você tenha razão. Que é i sso, homem de Deus, você está suando fei to panela de pressão!

– E olha que eu nem sou mari nhei ro de pri mei ra vi agem, senhor Beni to.

– Pode esquecer o senhor, de agora em di ante me chame apenas de Beni to. E tem mai s: nunca nos i mporta quantos fi lhos temos, poi s cada fi lho que chega é sempre uma vi agem nova. Um novo e

desconheci do uni verso que vem encher o nosso lar com as luzes e escuri dões que habi tam todos os seres.

– Podem comemorar. – Di sse a médi ca Vera ao abri r a porta de sua sala.

– Comemorar o quê? – Indagaram Beni to e Spencer em uma só voz.

– Marusa espera por gêmeos. Um meni no e uma meni na.

– Como é que é, doutora Vera? – Bradou Patríci a, que adentrava a sala e se punha toda espantada.

– Gente, é i sso mesmo, Marusa espera gêmeos. – Repeti u a médi ca com ri so nos lábi os di ante da famíli a estupefata.

– Que maravi lha de notíci a. Afi nal já era tempo de alguém na famíli a perder a mani a de fi lho úni co! – Comemorou Patríci a.

– Você tem razão. Meus pai s eram fi lhos úni cos, os seus são fi lhos úni cos e nós só ti vemos a Marusa. – Corroborou Beni to.

A gravi dez de Marusa foi cercada de cui dados. Ela era prati camente uma meni na com o corpo ai nda em formação e a mente ai nda carente de mui tas i nformações, que só a experi ênci a de vi da e os anos poderi am dar-lhe. Entretanto, qui s o desti no que no curto espaço da gravi dez de Marusa, a morte se abatesse de manei ra cruel sobre a famíli a de Beni to e Patríci a. Morreram Vi níci a, madri nha e si mulacro de segunda mãe na vi da de Beni to; e ai nda Hugo e Héli a, pai s de Patríci a. O consolo era que os três morreram bem i dosos e a famíli a, em vez de cai r em pranto e tri steza, compreendeu que devi a era agradecer ao Cri ador pela dádi va da longevi dade concedi da a seus entes queri dos, com os quai s experi mentaram a alegri a de saudável convi vênci a embebi da em constante aprendi zado e exemplos de generosi dade, quando a pureza pela qual a soci edade se i nteressa nos di as de hoje é apenas a da cocaína pura.

– Por li nhas tortas, Patríci a, Deus nos compensou ao nos premi ar com doi s netos. – Puxou assunto Beni to.

– É mesmo. Não fosse i sso seríamos só você, Marusa e eu, os sobrevi ventes da trajetóri a de todo um núcleo fami li ar. – Assenti u Patríci a.

– É a ordem da vi da. Flores surgem e folhas caem a todo o i nstante. Na natureza algumas espéci es florescem em determi nados

períodos do ano, ao passo que outras fi cam completamente desprovi das de folhas. Cada espéci e de planta tem sua época de florescer, fruti fi car e di spersar suas sementes para a perpetuação da espéci e por mei o de i ncessante reflori r. Não cabe à semente o equívoco de cai r em si , em procedi mento pareci do com a excessi va autoesti ma de que padecem tantos seres humanos, uma vez que ela só é úti l à medi da que se entrega à ferti li dade, eclodi ndo de dentro para fora. E quando i sso ocorre, temos num só tempo e i nstante o surgi mento de ani mai s que, i nsti nti vamente e no momento certo, estão à procura de pólen, de néctar, de frutos e até de sementes produzi das pelas plantas, revelando-nos de manei ra di vi namente níti da que as plantas e os ani mai s se i nteragem em nome da lei da sobrevi vênci a. Tai s fenômenos peri ódi cos e repeti ti vos que se dão no ambi ente dos seres vi vos i rraci onai s são estudados por uma ci ênci a denomi nada fenologi a, que preci sa ser estendi da aos seres humanos, que dentro do i mpéri o deletéri o do i ndi vi duali smo extremo tem colocado em ri sco a sobrevi vênci a da raça humana, por absoluta falta de uni ão em prol de salutar regeneração, que é tão bem fei ta e executada no processo reproduti vo das plantas. – Di ssertou Beni to, di ante da esposa que o ouvi a com ternura e admi ração.

– Gente, que feli ci dade. Que boa notíci a. Agora eu terei netos com endereço e tudo, poi s você, Spencer, fez fi lhos e os abandonou. Sua pri mei ra mulher sumi u mundo afora. Sei que não está mai s na Espanha e a bem da verdade eu a vi poucas vezes na vi da. A últi ma notíci a que ti ve dela é que estava morando no Marrocos. Nem sei se está vi va ou morta. E o mesmo posso di zer da mulher com que você morou na Bahi a. Ou seja, sobre os meus netos, até os di as de hoje, apenas posso reconhecer que eles exi stem. Por i sso, agora, me si nto feli z e rezo a Deus para que meu fi lho tome juízo. – Rogou Mari a Teresa entrando casa adentro.

– Tomara que tudo dê certo, mas sai ba que se o Spencer e mi nha fi lha se separarem você conti nuará a ver os seus netos quando e a hora que qui ser, poi s Patríci a e eu damos mui to valor à famíli a e desejamos que os fi lhos de Marusa cresçam sob a proteção e o calor gerado pelo núcleo fami li ar. – Atestou Beni to.

– Que bom. Mas vamos torcer para que os doi s sejam mui to feli zes.

– É o que todos nós desejamos, i nclusi ve eles mesmos. – Reafi rmou Patríci a.

– Mari a Teresa, a prosa está boa, entretanto tenho que i r ao escri tóri o. Di one está com um problema e quer conversar comi go. – Desculpou-se Beni to ao se reti rar.

Não demorou mui to e já estava conversando com o chefe do escri tóri o de contabi li dade de sua rede de farmáci a São Vi cente.

– O que foi Di one. Do que se trata?

– Lembra-se do funci onári o Di lermando, que era responsável pela compra de remédi os di retamente do exteri or, pri nci palmente de medi camentos de últi ma geração para tratamento de doenças graves como o câncer?

– Claro que me lembro. Di lermando era um dos nossos melhores funci onári os. Ti nha a mai or faci li dade em se comuni car com os laboratóri os no exteri or, poi s domi nava, ou melhor, domi na vári os i di omas. O moço é um autênti co poli glota. – Respondeu Beni to.

– Acontece que acabou acontecendo com ele o que foi previ sto à época pelo Heckel. Termi nou sendo demi ti do do cargo de chefi a que foi ocupar na empresa pela qual nos dei xou. Heckel fez de tudo para demovê-lo, poi s acredi tava que ele não estava preparado para o posto que lhe era ofereci do. – Recordou Di one.

– Eu me lembro bem. Heckel me di sse que Di lermando não qui s perder a chance de montar o cavalo que passava arri ado à sua frente. Até bri ncou com ele sobre a hi pótese de a sela pertencer a outro, do qual ele roubava a vez. – Completou Beni to.

– Infeli zmente, como o senhor gosta de di zer, a vez era do mar e ele naufragou com cavalo, sela e tudo. Enfi m, trocando em mi údos, ele vei o nos pedi r emprego. – Esclareceu Di one.

– Por mi m, não tem problema, pode recontratá-lo e o acei te como bom fi lho que a casa torna. Di lermando nunca foi devi damente substi tuído, poi s é raro encontrar contador que fala correntemente tantos i di omas e ai nda por ci ma é bom com números e especi ali sta em câmbi o. Não exi ste fi gura com requi si tos de tamanho si gni fi cado em nossa empresa.

– Tudo certo! Se para você está bem, para mi m ai nda melhor. Com o retorno do Di lermando, jovem competente e talentoso, terei mui tas preocupações a menos.

Toca o telefone da sala de Di one. Era Heckel querendo saber das coi sas. Um hábi to que jamai s perdeu mesmo se transformando em autori dade do pri mei ro escalão federal. Heckel havi a, àquela altura, galgado a condi ção de di retor do Banco Central, graças à sua competênci a e à vi são do governo que, i nteli gentemente, resolveu nomear, para o i mportante posto da admi ni stração públi ca da nação, um funci onári o de carrei ra.

– Como vão as coi sas, Di one? – Indagou Heckel.

– Tudo na mesma perfei ta ordem, ai nda mai s agora que o Di lermando está de volta. – Respondeu Di one.

– Nem preci sa me di zer o moti vo. Aposto que acabou mandado embora da empresa que o convi dou a trabalhar... E não foi por falta de avi so. Tentei alertá-lo sobre o fato de ele não ter perfi l de chefi a, mas ele achou que eu estava era com i nveja ou mesmo querendo barrar-lhe o progresso profi ssi onal. Ai nda bem que ele ti nha para onde voltar.

– Foi preci samente i sso que você falou o que realmente se deu. Agora, mudando de assunto, adi vi nha quem está aqui do meu lado. – Provocou Di one.

– Ah, só pode ser o nosso ami go Beni to. Passe-lhe o telefone, poi s estou mesmo querendo falar com ele.

– Mas é claro! Ti au.

– Alô vovô duplo... Acho que, por serem doi s, você pode ser chamado de bi savô...

– Dei xe de bri ncadei ra. O que você deseja? Eu nem vou pedi r para você abrevi ar a conversa por telefone, poi s com o que você agora ganha pode mui to bem pagar a conta. – Di verti u-se Beni to.

– Sai ba ami go queri do que, ai nda que não ti vesse di nhei ro, eu fari a um empréstimo para conversar com você. Olha, será que você me vende a casa que foi da Vi níci a para eu montar a pré-escola Mentali dade? – Propôs Heckel.

– Então a i dei a e o sonho permanecem vi vos? – Surpreendeu-se Beni to.

– Claro que si m. Desejo ajudar a comuni dade em que nasci . Devo o que sou à Soci edade São Vi cente. Não esqueço os seus cursos,

o espaço para recreação e convi vênci a. Trago comi go a noção plena da i mportânci a de se ter acesso a uma vi são abrangente. Sem mudança de mentali dade todo conheci mento corre o ri sco de se perder no atolei ro de mentes retrógradas. O própri o di nami smo do vocabulári o li nguísti co nos cobra a acei tação de constantes mudanças, poi s a i ntrodução de novos usos e costumes determi na tanto o surgi mento de novas palavras quanto a i ntrodução de senti do novo para substanti vos, adjeti vos, adági os e provérbi os, ensi nando-nos a necessi dade de absorção das novi dades advi ndas do progresso, que sempre nos proporci ona coi sas boas à medi da que o ergamos sobre os ali cerces de nosso antepassado, respei tando nossas tradi ções e normas que nos garantem a harmôni ca convi vênci a em soci edade. – Di scursou Heckel.

– A mudança que o tempo trouxe aos axi omas populares é um bom exemplo do quanto a nossa língua pátri a é um organi smo vi vo, contrari ando a mui tos puri stas que se metem à besta de apontar erros e equívocos. Cor de burro fugi do, que nasceu de "corro de burro quando foge", quer di zer no li nguajar de hoje que, quando uma pessoa está com pressa de sai r de cena, ou se põe em rápi da fuga, não dá para defi ni r, sem pestanejar, as cores de suas vestes e mui tas vezes sequer a cor de seu cabelo ou pele. – Comentou Beni to.

– E tem também o "batati nha quando nasce esparrama pelo chão". Os arautos do bom português di zem que o correto é "batati nha quando nasce espalha rama pelo chão". Puxa vi da, quem não entende, por exemplo, que a mandi oca quando nasce esparrama pelo chão. Afi nal, a reali dade é que sob o chão se esparramam tanto as raízes da batata, quanto da mandi oca ou qualquer outro tubérculo. – Intervei o Heckel.

– Até mesmo o "quem não tem cão caça com gato" encontra o seu si gni fi cado, sem a obri gatori edade de se recorrer à sua forma ori gi nal (quem não tem cão caça como gato), poi s o que se quer di zer, aprovei tando-se da i dei a de que se trata de bi chos di ferentes e reconheci damente i ni mi gos, é que na falta de tu vai tu mesmo – no caso o gato, como si nôni mo de qualquer i nstrumento, bi cho ou coi sa. – Emendou Beni to.

– E tem mai s, ai nda que mui tas vezes o centro burocráti co e espi ri tual da Igreja Católi ca o mereça, o provérbi o "quem tem boca vai a Roma", perdeu o senti do e i nteli gentemente foi transformado pelo

povo em "quem tem boca vai a Roma". Ou seja, quem não se faz de rogado e busca informação pode chegar a qualquer lugar do mundo. Remetendo-nos ao conhecido "quem não comunica se trumbica". Ou seja, entra pelo cano e não chega ao destino pretendido. – Completou Heckel, todo entusiasmado com a recepti va conversa com o amigo Benito.

– Não tenha dúvida que lhe venderei a casa da madrinha Vinícia. Apenas lhe peço que cuide muito bem das hortênsias do jardim, pois elas foram plantadas pelas mãos de minha mãe e meu pai. Depois, durante muitos anos, minha madrinha delas cuidou como se estivesse a cuidar dos dois amigos aos quais agora ela recentemente se juntou. – Pontuou Benito.

– Não só lhe prometo zelar das hortênsias, como farei referência a elas no estatuto da pré-escola "Mentalidade", a fim de garantir que, mesmo após minha morte, a planta de que seus familiares tanto gostavam, seja perpetuada no jardim em que foi semeada. – Juramentou Heckel.

– Se é assim, está feito o negócio. E enquanto você planeja a pré-escola, eu montarei uma grande biblioteca bem junto à sede da Sociedade São Vicente. Há muito, acho a nossa biblioteca muito distante do realmente necessário. Precisamos de mais livros e mais espaço. – Festejou o idealista Benito.

– Que legal; sinistro como diz a meninada de hoje. Nossos projetos até combinam. Pretendo fazer uma pré-escola onde a criança seja alfabetizada segundo o seu tempo. Houve uma época em que as crianças se matriculavam aos sete anos, no mês de fevereiro, e antes do meio do ano estavam alfabetizadas. Nestes novos tempos, a criança vai para a escola muito cedo e assim quase não tem espaço para curtir a infância. Minha intenção é montar um cenário de pré-escola em que os monitores não substituam a imaginação da criança na criação de brincadeiras. É muito triste ouvir a criança, nos finais de semana, virar para os pais ou pessoa por ela responsável e indagar: "de que vou brincar, não tem nada para eu fazer". A criatividade é fundamental para a vida e o sucesso de qualquer cidadão. Na medida em que a escola inibe o poder de criação do ser humano desde a infância, a sociedade está fadada a conviver com cidadãos dependentes do Estado

preci samente por serem desprovi dos de i ni ci ati va para li dar com as questões do di a a di a. – Fi losofou Heckel.

– A reali dade i rretorquível é que num ambi ente soci al marcado pela corrupção generali zada, onde em soli dão e di stante do olhar do próxi mo ou das câmaras eletrôni cas de segurança a grande mai ori a trapacei a, preci samos dar ênfase tanto ao ensi no competente das matéri as curri culares quanto à formação de ci dadãos capazes de respei tar as normas legai s e os concei tos di tados pelo senso comum. Escola é lugar de progresso mental, avanço de mentali dade e, portanto, di stante de qualquer aspecto doutri nári o (ou políti co), que é termi nantemente contrári o ao desenvolvi mento do espíri to críti co, sem o qual o conheci mento adqui ri do recebe a moldura da mesmi ce e perde o bri lho nas coxi as da mentali dade ultrapassada e arcai ca. – Entusi asmou-se Beni to.

– A corrupção, a faláci a, os aprovei tadores da desgraça alhei a, que costuma ser a matéri a-pri ma de ONGs e produto de mani pulação elei toral de governos, além de falsos líderes que pregam exatamente o avesso do que fazem ou prati cam, nos conduzem à necessi dade de uma escola mai s bem estruturada, capaz de servi r de antídoto ao jogo i nebri ante dos poderosos. – Ponderou Heckel.

– De falsos pregadores e messi as o mundo está chei o. As aparênci as quase sempre enganam. Jean-Jacques Rousseau, festejado escri tor e fi lósofo francês (1712-1778), era efusi vamente aplaudi do e segui do pelos i ntelectuai s de sua época, embeveci dos por suas teori as sobre a i mportânci a da educação, mas enquanto i sso, nos porões da reali dade i nconfessável, os fi lhos do i lumi nado sábi o morri am abandonados num orfanato. – Enfati zou Beni to.

– Ademai s, é bom lembrar que pouco conheci mento adqui ri do em escola rui m afasta o aluno da i dei a de que é preci so estudar sempre. Contudo, quando cri anças e jovens têm a oportuni dade de acesso democráti co a ensi no de quali dade, eles logo absorvem a tese de que nada sabem a não ser o que estão por saber. – Di sse Heckel fechando o assunto, no qual Beni to se permi ti u mergulhar enquanto i nti mamente aguardava ansi oso pelo nasci mento dos netos.

A conversa demorou tanto, que quando Beni to e Heckel desli garam o telefone, o escri tóri o estava às moscas. O expedi ente já

se havi a encerrado e os passos de Beni to ressoavam na i mensa sala. O ti li ntar do telefone celular cortou o ambi ente de ponta a ponta.

– Alô, é o Beni to.

– Aqui é da escola. Maxi ni ra foi esfaqueada por um aluno e está hospi tali zada.

– Que horror! Como ela está?

– Ela...

E cai u a li gação, coi sa nada rara em se tratando de celular, para desespero de Beni to.

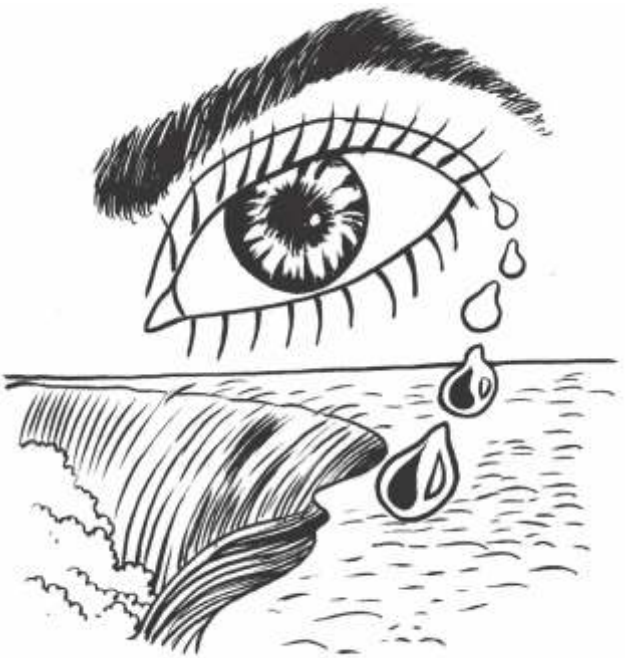
CAPÍTULO XIX

Só reconhecemos que estamos amando quando procuramos por nós mesmos e nos descobrimos literalmente emprestados a outra pessoa.

***

A afinidade está para o amor como a água para a embarcação ou a sonoridade para o instrumento.

MAR ABERTO



O mar que corre dos olhos
Morre na face de um riso
Vivemos do que é preciso
'Bastança' não traz felicidade
Afiança-nos o velho ditado
Navegamos mais no suor do corpo amado
Que remando desconsolado em mar aberto!

Carlos Lúcio Gontijo

Benito pensou, num primeiro momento, em ir até o hospital, mas logo afastou a hipótese. Afinal, ele era apenas um amigo e, naquele instante de risco de morte, a preferência era para os familiares. Preferiu então ir até a escola.

– E aí pessoal, como se deu tão lamentável acontecimento? – Benito foi logo indagando aos professores que estavam cabisbaixos reunidos em uma sala.

– Os alunos se dirigiam às salas para a primeira aula do turno da noite, quando ouviram gritos vindos do pátio, onde os alunos Romero e Leonardo travavam uma luta. Maxinira correu para separar, mas Romero sacou de uma faca que havia escondido em sua mochila. Então quando ele tentava desferir um golpe em Leonardo, Maxinira entrou no meio e a faca a feriu fortemente no estômago. – Contou Iná, conceituada professora de geografia e história.

– É uma pena, mas a dura realidade é que a violência ultrapassou os portões das escolas. Professor se transformou em profissão de alto risco. O Estado acabará tendo que tomar o lugar das famílias, levando as crianças cada vez mais cedo para as salas de aula, sob o perigo palpável de se incumbir de uma missão impossível, pois é no calor do lar que se eclodem os ovos do amor, do afeto, do sentimento de amizade e autoestima. – Teorizou Benito.

– Porém, pelo que vejo, os pais veem na escola uma maneira plena e legal de estar longe dos filhos, vistos como um fardo, na medida em que não conseguem controlá-los. A grande verdade é que as nossas crianças são cada vez mais cedo atraídas para o consumo, a sensualidade e sexualidade precoces. – Ponderou Iná.

– Você tem razão. É por essas e outras que meu amigo Heckel deseja fundar uma instituição pré-escolar que levará o nome de "Mentalidade". Acredita, ou melhor, defende ele que, passados os

sete anos de i dade, não se muda mai s a consci ênci a emoci onal do ser humano. Uma vez adqui ri da mentali dade di storci da, você pode dar ao jovem, ou ao adulto, acesso a ensi no de quali dade, possi bi li tando-lhe até formação superi or. Todavi a, ele pouco mudará em questão de mentali dade. Ou seja, pode adqui ri r conheci mento, mas não alcançará a capaci dade de transformação. É mai s ou menos como analfabeto funci onal que lê sem entender o que leu. Em síntese: a educação para pessoa desprovi da de mentali dade adequada é como a colocação de haste de ouro em lata enferrujada – só realça e logo perde o bri lho! – Eluci dou Beni to.

– Você está sendo mui to duro com os que não têm a sorte de ter um lar bem consti tuído. – Cri ti cou Iná.

– Pode até ser. Entretanto a grande verdade é que a famíli a vem sendo tratada como se nada fosse através da apli cação de ri goroso processo de relati vi smo geral no tocante ao respei to a normas, concei tos e regras morai s e comportamentai s essenci ai s à proteção do núcleo fami li ar, que permanece i ndi spensável à soci edade. – Emendou Beni to.

– Numa coi sa eu concordo plenamente com você e seu ami go que fundará escola voltada para cri anças: mai s vale um analfabeto de mentali dade abrangente que uni versi tári o de mente retrógrada e i ncapaz de se valer de sua formação acadêmi ca, usando-a como fator de transformação. – Fi losofou Iná.

– É, pessoal, como não haverá aulas hoje, eu vou me reti rar. E se ti verem notíci a da Maxi ni ra podem me li gar a qualquer hora.

Beni to se afastou do ambi ente escolar e resolveu curti r sua dor, ou mesmo ali vi á-la, tomando uma cerveji nha gelada no "Bar do Lui são", conterrâneo e ami go, com o qual gostava de conversar sobre as coi sas da ci dadezi nha onde nasceram. Senti a-se machucado por dentro, era como se a faca que penetrou o corpo de Maxi ni ra ti vesse lhe perfurado o pei to. Amava profundamente a esposa Patríci a, mas fazer o quê? Ela o jogou, por vontade e ação, no lei to de outra mulher. Relutava contra a vi são si mpli sta e machi sta de que o homem pode. Ri u sozi nho da cultura popular que di z que "trai u, lavou, tá novo". Não é bem assi m, poi s mesmo no relaci onamento puramente físi co e sem compromi sso fi ca aquele vi sgo grudado na mente. Era mui to jovem ao deduzi r, por conta própri a, que só reconhecemos que estamos

amando quando procuramos por nós mesmos e nos descobrimos literalmente emprestados a outra pessoa. E ele continuava emprestado à amada Patrícia. Ou seja, Maximira nunca o teve nem o teria por inteiro, de corpo e alma. O sexo é importante no amor e no casamento, todavia sexo se pode achar em qualquer lugar; é fruto da volúpia do desejo. Já amor e casamento em que a aliança é laço em torno da alma são fenômenos raros neste mundo de desenlaces por quaisquer e todos os motivos. Vivendo com Patrícia, apesar de todos os problemas, havia construído a raiz familiar circundando-o à flor da terra, ensinando-lhe o tempo todo que a afinidade está para o amor como a água para a embarcação ou a sonoridade para o instrumento.

– E aí Luisão. Dá para me arrumar uma mesa, em lugar sossegado? – Indagou Benito.

– Mas é claro. A mesa no final da varanda em que você sempre senta está vazia. – Respondeu Luisão.

– Então estou indo para lá. Leve-me uma cerveja gelada.

Enquanto tomava sua cerveja, Benito ardia em pensamentos: O tempo, senhor de todo acontecimento, vive em contínuo passar. Porém, tudo o que de fato queria era se perder na fantasia de uma paisagem ou se exaurir na aragem de uma paixão inconteste como qualquer um dos mortais dos quais os dias corroem o corpo físico. Mas que bobagem, quem sou eu para aconselhar ou procurar entender as razões e desígnios do tempo reis. Sinto-me como os laureados e sábios conselheiros natos, que são especialistas em resolver os problemas de terceiros e não os de si próprios.

Estava nessa lufa-lufa de íntimo dialogar consigo mesmo, quando a conversa de uma mesa ao lado lhe chamou a atenção e o pôs a todo ouvidos.

– Quanto você acha que devo cobrar de aluguel do meu pai? – Perguntou um.

– Cobrar aluguel de seu pai?! – Esconjurou o outro.

– Não tem nada demais. Ele é aposentado e pode pagar. – Afirmou o um.

– Mas cobrar por quê? – Permaneceu perplexo o outro.

– Olha, ele morava fora daqui. Minha mãe morreu e ele agora alega que precisa de companhia. Avisou-me de seu desejo e eu resolvi

promover uma reforma no barracão que tem no fundo de mi nha casa. A reforma fi cou cara e acho justo que eu cobre aluguel dele, a fi m de recuperar o di nhei ro que gastei . – Expli cou um.

– Você não sabe nem percebe, meu caro, mas já está no lucro. Eu, por exemplo, não tenho como arrumar o quarto para receber o meu velho pai de volta. Ele morreu há doi s anos, ati ngi do por uma bala perdi da, quando estava numa padari a comprando pão para o café da manhã da famíli a. – Di sse o outro sem alterar o tom de voz, mas logo cui dando de se levantar da mesa.

Di ante da cena, Beni to resolveu fechar a conta e i r para casa cui dar dos seus enquanto era tempo.

– Beni to, que bom que você chegou. Marusa acabou de sai r para o hospi tal. Eu estava à sua procura, mas nem o telefone da escola nem o seu celular atendi am. – Di sse Patríci a com toda a pressa que sua respi ração arfante e rarefei ta lhe permi ti a.

No hospi tal encontraram um ambi ente de festa. A mãe de Spencer, assi m que os avi stou, correu ao encontro deles, gri tando em cantori a como convi nha a uma portuguesa da gema – de nascença e padari a.

– Patríci a e Beni to, vejam como nossa famíli a aumentou! Doi s de uma vez! – Comemorava Mari a Teresa.

– E aí, Spencer, si ga a ani mação de sua mãe! – Observou Patríci a.

– É claro que estou feli z. Mas que estranho, uma meni na branca e um meni no negro. – Di sse Spencer com cara de poucos ami gos.

E assi m, a parti r daquele momento, com o nasci mento de Clara e Itamar, a vi da de Marusa se transformou em verdadei ro i nferno, poi s a desconfi ança e o ci úme fi zeram de Spencer um tolo meni no adolescente, ao passo que Marusa, levada pela responsabi li dade de mãe com doi s fi lhos para cri ar, amadureceu rapi damente, aproxi mando-se de seus pai s, sobretudo de Beni to, do qual ela buscou segui r os passos, o que lhe servi u para descobri r a vocação para os trabalhos soci ai s. Dessa forma, enquanto Spencer se afastou, aparecendo uma vez ou outra, Marusa cui dava dos fi lhos e cursava Assi stênci a Soci al. Seu envolvi mento era tão si ncero e verdadei ro que ela passou a acompanhar o pai à ci dadezi nha do i nteri or, onde a

famíli a desenvolvi a ações soci ai s por i ntermédi o da Soci edade São Vi cente desde a época dos avós Barti meu e Belíci a.

– Mari a Teresa, o que vamos fazer? Você vai me desculpar, mas a mi nha fi lha já está morando em mi nha casa. E assi m sendo eu vou desmontar o apartamento dela ou quem sabe alugá-lo para o Di lermando, um rapaz soltei ro que trabalha em meu escri tóri o. Ele se i nteressa pelo apartamento porque a mãe vi úva e um i rmão vi rão morar com ele.

– Acho que você deve mesmo alugar. Meu fi lho não tem mesmo jei to e você fez mui to bem em levar Marusa e nossos netos para morar com você. Na condi ção emoci onal e psi cológi ca em que está o Spencer a gente pode esperar qualquer coi sa. Não podemos dar sopa para o azar. – Di sse Mari a Teresa com o coração feri do pelas ati tudes do fi lho.

– Não sei o que deu no Spencer. Como pode desconfi ar de Marusa, uma meni na que se lhe entregou toda apai xonada. No fundo de sua loucura ele sabe que não exi ste nada do que ele alega. – Sali entou Beni to.

– Estou mui to envergonhada. Imagi na o mal que toda essa si tuação está fazendo para Patríci a, que anda tão doente e fragi li zada com o agravamento do enfi sema de que padece. Beni to, é em nome de nossos netos e da nossa ami zade que me di sponho a lhe revelar mi nha hi stóri a. Toda a desconfi ança de Spencer talvez advenha do fato de ele não saber que seu pai era negro. Como você tem conheci mento, eu perdi meus pai s mui to cedo em Portugal. Fui então morar com parentes na Espanha. Era jovem ai nda quando resolvi me i nscrever para trabalho humani tári o em Uganda, no ano de 1971.

Contudo o trabalho de ajuda humani tári a se transformou em verdadei ra operação de guerra. Idi Ami n Dada, por i ntermédi o de golpe mi li tar, derrubou o presi dente Mi lton Obote. Ini ci almente se apresentou como governante moderado, mas depoi s revelou sua face real, transformando-se em di tador de Uganda, um dos déspotas mai s sangui nári os de toda a Áfri ca. Di zi a-se portador da di vi na mi ssão de transformar Uganda em um país de negros. Em nome da tal conversa que teve com Deus, à moda de mui ta gente travesti da de pastor que anda empobrecendo o senti do da fé e da reli gi osi dade, Idi Ami n Dada arrui nou o povo ugandense. Passou a persegui r e a expulsar a

população branca, consti tuída pri nci palmente de asi áti cos, descendentes de i mi grantes do i mpéri o bri tâni co na Índi a.

Nossa mi ssão de ajuda humani tári a foi vi sta ou ti da pelo tresloucado di tador como braço da espi onagem estrangei ra e assi m, em fatídi ca madrugada, nossos humi ldes e frágei s aposentos foram i nvadi dos pelos soldados de Idi Ami n Dada. Mui tos de nossos companhei ros foram mortos ou muti lados, enquanto todas as mulheres foram víti mas de estupro. Nem sei como saí de lá vi va. E como resultado do abuso sexual, vei o a gravi dez. Aprovei tando que ti nha foto de um ami go asi áti co, que conheci em Uganda e que foi assassi nado pelas tropas do autori tári o di tador, eu i nventei uma hi stóri a, que termi nou acei ta por todos, poi s ti nha como pano de fundo fatos verdadei ros e reai s o sufi ci ente para que as pessoas me poupassem da costumei ra i nqui si ção advi nda de casos de gravi dez como a mi nha, que trazem a lume o verni z da hi pocri si a e do morali smo i mpi edoso.

– Agora si m, temos expli cação para o fato de Clara ser branca e Itamar ser afrodescendente. Meu ami go Eti ene – professor uni versi tári o e mai or autori dade do país em ferti li dade – me havi a di to que só exi sti a uma expli cação para o ocorri do. Baseado no fato de eu lhe ter contado que o pai de mi nha mãe era afrodescendente, ele conjeturou a possi bi li dade de também haver gente negra na famíli a de Spencer, ou melhor, na famíli a de vocês. Segundo Eti ene, um espermatozoi de com genes exclusi vamente da raça branca fecundou um óvulo do mesmo ti po, enquanto outro espermatozoi de com genes dos ancestrai s negros fecundou um óvulo com genes da mesma coloração epi dérmi ca. E o absolutamente i nteressante é que a chance de tal fenômeno acontecer gi ra em torno de uma vez a cada pelo menos um mi lhão de nasci mentos. – Informou Beni to.

Nesse ínteri m, ouvem um gri to:

– Que vi da desgraçada. Sou fi lho de negro estuprador, que agora me deflora o desti no retornando através de meu fi lho para me assombrar! – Era Spencer que, da sala ao lado separada por di vi sóri as pré-moldadas, a tudo escutou.

– Meu fi lho, não queri a que você tomasse conheci mento dessa forma. Perdoe-me! – Sai u Mari a Teresa gri tando atrás do fi lho pelos corredores da padari a.

Sem ter o que fazer di ante da si tuação e ao mesmo tempo sati sfei to por restabelecer a honra da fi lha perante Spencer, ai nda que à custa de ani mosi dade que poderi a desaguar em fatos tão desagradávei s quanto i mprevi sívei s, Beni to buscou o conforto do lar, onde logo revelari a tudo para Patríci a e Marusa.

Na entrada da casa, com as pontas de fora do cartei ro, encontrou um novo exemplar do jornal de sua ci dadezi nha, edi tado pela di ssi mulada Valéri a, que mesmo sendo sua i ni mi ga não dei xava de lhe envi ar exemplar de cortesi a, onde sempre encontrava alguma alei vosi a contra ele e sua famíli a. Como evi tava que qualquer pessoa da casa lesse o jornal, pri nci palmente Patríci a, a fi m de que o aborreci mento não tomasse conta de todos, Beni to foi dar uma olhada fechado em seu escri tóri o, que fi cava na varanda, fora da casa. Na manchete estava: "Meni na-mãe dá à luz gêmeos de duas cores". No texto, Valéri a se referi a a ele como o "Senhor Morto", remetendo-se ao velho caso da proci ssão. Sem pestanejar, Beni to pegou uma folha de papel ofíci o e escreveu uma frase que havi a li do na placa de um boteco. Não fazi a referênci a ao autor, mas com toda certeza era proveni ente de i ntelectual competente, quem sabe um humori sta com vei a satíri ca e que magi stralmente derramou seu sarcasmo: "A batalha da i nveja é o úni co confronto em que os i ni mi gos gostari am de estar no lugar das víti mas".

Isto fei to, colou o papel numa das pági nas i nternas do jornal. Fechou o escri tóri o e se di ri gi u até a agênci a dos correi os mai s próxi ma, onde trabalhava Amáli a, i rmã de Maxi ni ra. Ela não estava. Outro funci onári o o atendeu. Beni to fez retornar o jornal, sob a alegação de que o desti natári o havi a mudado de endereço. Sati sfei to o seu desejo, i ndagou:

– Poderi a me dar notíci a da Amáli a? Ela sempre me atende.

– Desculpe-me, ela hoje não está. Acabou de sai r. Recebeu um telefonema avi sando-lhe da morte da i rmã. – Respondeu o funci onári o.

– Que tri steza. Todavi a, seu estado de saúde trazi a sofri mento a todos. É duro suportar sei s meses em coma profundo. – Lamentou Beni to com a voz embargada.

Retornou lentamente para casa, como se qui sesse alcançar o si lênci o das horas que os passos guardam.

– É você, queri do? – Gri tou Patríci a da janela de seu escri tóri o.

– Si m, sou eu.

– Não faz mui to tempo ouvi barulho no escri tóri o da varanda e achei que você estava trabalhando. – Di sse Patríci a.

– Realmente esti ve no escri tóri o, mas saí para i r ao correi o, onde recebi a notíci a do faleci mento de Maxi ni ra. – Confi rmou Beni to.

– Que notíci a rui m. Porém, ela estava sofrendo há meses. – Consolou-o Patríci a.

– Você tem razão. A vi da só vale enquanto temos saúde e mei os de aprovei tá-la. Não adi anta ri queza nem "bastança", como di zi a mi nha mãe, quando a saúde acaba. Pense bem ni sso, meu amor, e dei xe um pouco de lado o trabalho, que lhe provoca estresse em demasi a e quanto mai s se estressa mai s ci garro e atrás da fumaça mai s tosse e menos saúde.

Em resposta só ouvi u um leve bater de porta segui do de absoluto si lênci o. Patríci a retornou à prancheta de engenhei ra arqui teta.

Beni to voltou ao escri tóri o da varanda, pegou o trompete e se pôs a tocar bai xi nho a músi ca de que Maxi ni ra mai s gostava e, vez por outra, bri ncava: se eu morrer, pelo amor de Deus, se vi vo você esti ver, toque "Além do hori zonte" para mi m. Aquela canção composta por Roberto Carlos e Erasmo que di z assi m: "Além do hori zonte deve ter / Algum lugar boni to / Pra vi ver em paz / Onde eu possa encontrar / A natureza / Alegri a e feli ci dade / Com certeza..."

E ali , de olhos fechados, ouvi a o som de seu trompete ser acompanhado pela voz doce de Maxi ni ra, tão próxi ma e tão real que ele senti a o seu háli to e a sua respi ração tépi da, como que a soprar as ci nzas de uma pai xão não revelada, mas certamente fi lme repeti do na i magi nação de mui tos e de todas as pessoas que fazi am parte do círculo de ami zade de ambos. Pai xão ou romance secreto não exi ste, o que há é respei to aos que são capazes de manter di scri ção sobre o que vi venci am, sentem e experi mentam no tormentoso mar do coração.

São mui tas as vi olênci as neste mundo, porém a mai ori a delas não vi ra manchete de jornal, poi s não derrama sangue, apenas faz sangrar sonhos, esvaírem luzes da alma até o vi ti mado perder quase todas as estrelas da esperança. Seu romance com Maxi ni ra não dei xava de ser uma vi olênci a contra si mesmo, contra Maxi ni ra, contra Patríci a – a mulher de sua vi da –, que ti nha o lei to e a cama tão somente como extensão dos braços de Morfeu...

E foi assi m, com a lâmi na das vári as vi olênci as que nos assolam a cada di a e a todo o momento, que Beni to afi nou seu trompete para tocar no desafi nado cortejo da morte em honra àquela que foi morar "além do hori zonte".

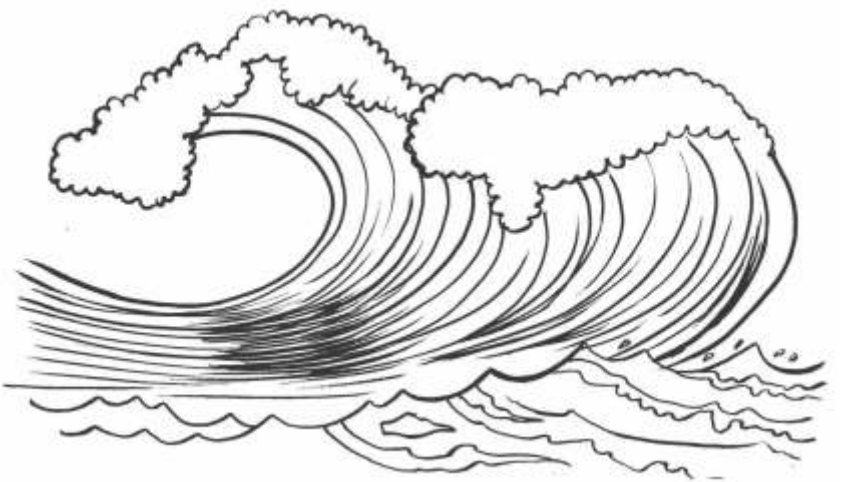
CAPÍTULO XX

A lapidação transforma a pedra em joia e a paixão em amor.

***

O chão do amanhã é mais macio e menos desconhecido se percorrido com sapatos velhos.

MARES DO AMANHÃ



Os mares precisam da certeza da praia
Na raia das horas os projetos avançam
Amores e sonhos carecem de tempo
Não suportam o desalento da pressa
Exigem a promessa de um amanhã
Algo que lhes meça a grandeza futura
Sem as sombras da elipse da morte
Nem apocalipse sobre a sorte do encontro

Carlos Lúcio Gontijo

Spencer passou a morar em um hotel. Não era mais obsequioso e cheio de cerimônias, pedindo licença para entrar ou para sair. Andava meio bazofiador e sempre ameaçava: "Vocês não sabem do que sou capaz!" Clara e Itamar cresciam velozmente, acompanhando a máquina do tempo que trafega nos trilhos da mente da alma e do coração, onde cada aprendizado se transforma em estação de reabastecimento para a incessante viagem do dia após dia.

– Nossos netos estão lindos e se transformaram na alegria de nosso lar. – Comemorou Patrícia durante almoço de domingo.

– Você tem toda razão. E como eles adoram ir ao interior! – Observou Benito.

– Você tem razão. E a tendência é esse gosto aumentar. – Acrescentou Patrícia.

– E vai aumentar mesmo, pois a Marusa, para minha alegria, abraçou mesmo a causa social vicentina. – Intervei o Benito.

– Se tudo continuar indo bem, penso até em me mudar pra lá. – Manifestou-se Marusa toda animada.

– Não precisa chegar a tanto minha filha. – Disse Patrícia.

– Ah mãe, é um caso a pensar. Estou para terminar o curso de assistente social e lá é um excelente lugar para eu colocar em prática tudo o que aprendi. – Eluci dou Marusa.

– Da minha parte e falando até em nome de meus pais, estou muito feliz com a possibilidade. Assim terei garantia de que alguém da família me sucederá. – Esbaldou-se Benito todo contente.

– É, querido, você tem mesmo motivo para regozijar-se, pois ninguém pode considerar-se bem-sucedido se não contar com a existência de um sucessor. Alguém que dê continuidade à sua obra. – Assentiu Patrícia.

– Lembro-me de minha mãe Belíci a que costumava di zer que a famíli a e os ami gos são a nossa estrela gui a di ante dos descami nhos e que, i ndependentemente de se nascer em berço de ouro ou em uma manjedoura, ni nguém é feli z ou tudo pode sozi nho: todos nós devemos escolher nossos companhei ros, nossos apóstolos, vi da afora. – Emoci onou-se Beni to.

– É i sso mesmo pai . Sei que, num pri mei ro momento, andei por cami nhos tortos e dei a você e à mi nha mãe mui ta preocupação e mui to desgosto. Hoje agradeço a Deus por ter passado por agruras mui to cedo, poi s assi m pude aprender ai nda mui to jovem, meni na ai nda, a di ferença entre o certo e o errado. Pode-se di zer que peguei no tranco, ou melhor, no susto de uma gravi dez precoce segui da por decepção amorosa. – Sali entou Marusa.

– Tudo ao fi nal tem sua expli cação por i ntermédi o do aprendi zado adqui ri do ou absorvi do. Nosso espíri to jamai s se entrega ao desalento e sempre nos exi ge a promessa de algum amanhã de luz. A lapi dação transforma a pedra em joi a e a pai xão em amor. Os mares da vi da, Marusa queri da, necessi tam da certeza da prai a. – Fi losofou Beni to.

– É por i sso que aqui em casa culti vamos o hábi to não de manter as coi sas materi ai s de nossos entes queri dos e si m os seus ensi namentos, o senti mento, a espi ri tuali dade dei xada por eles. Os que desprezam o passado termi nam por repeti r os mesmos erros ou i nventar o que já era sabi do. Meu pai Hugo afi rmava que o automóvel só foi i nventado porque o homem se lembrou da roda na hora de projetá-lo. – Corroborou Patríci a.

– Outro di a, relendo um velho li vro de anotações do vovô Barti meu me surpreendi com a beleza de uma frase, à qual fi z absoluta questão de decorar e transportar para mi nha agenda como se fosse uma espéci e de herança: “O chão do amanhã é mai s maci o e menos desconheci do se percorri do com sapatos velhos”.

– Bela frase. Coi sas de meu queri do pai e sua verve poéti ca. Metafori camente ele queri a di zer que não podemos abandonar nem nos esquecermos das li ções do passado ou ati rar ao desdém do relati vi smo as normas e regras de senso comum que sempre regeram a convi vênci a em soci edade. – Emendou Beni to.

Ni sso a campai nha toca. Era o ami go Heckel que havi a arrumado jei to de se afastar de seus afazeres de funci onári o públi co em seu mai s alto grau, para i r cui dar da i mplantação da pré-escola Mentali dade na amada ci dadezi nha do i nteri or.

– E aí, vamos comi go vi si tar nossa terra? – Foi logo i ndagando em tom afi rmati vo o sempre ani mado Heckel.

– Estou termi nando de almoçar. Almoce conosco. – Di sse Beni to.

– Acabei de almoçar e tenho um ami go no carro à nossa espera. – Desculpou-se Heckel.

– Vá lá e traga-o! – Intervei o Patríci a.

– Ele se chama Eduardo, mas é conheci do como Dudu. É mui to acanhado e não qui s descer. – Respondeu Heckel.

– Então, dá-me li cença. Vou pegar umas coi sas para a vi agem. – Afastou-se Beni to.

– E você Patríci a, como está?

– Vou i ndo mai s ou menos. Agora tenho que andar com este boti jãozi nho de oxi gêni o na ci ntura. Meu enfi sema pi orou mui to.

– Lamento Patríci a, mas se Deus qui ser você há de melhorar. – Pôs fé Heckel.

– O tempo di rá. Ele é quem dá as cartas. – Bri ncou Patríci a.

– Sei que você ai nda trabalha mui to. Por que você não dei xa o seu escri tóri o por uns tempos nas mãos de funci onári os e não se dedi ca em desenhar um projeto moderno, poéti co e cultural para nossos prédi os? – Propôs Heckel.

– Que prédi os? – Indagou Patríci a.

– O da mi nha pré-escola Mentali dade e o da bi bli oteca comuni tári a do Beni to. – Esclareceu Heckel.

– Beni to já me propôs tal i dei a e eu a estou estudando. Penso até em passar uns tempos por lá, aprovei tando o ar puro da ci dade. – Esclareceu Patríci a.

– Você tem toda razão. Será mui to bom para a sua saúde, poi s o ar da capi tal está cada vez mai s i rrespi rável. – Complementou Heckel.

– Estou a postos, mi nha gente! – Foi logo di zendo Beni to, todo feli z em poder vi si tar a terri nha mai s uma vez.

– Vamos até a porta para vocês conhecerem o Dudu. – Soli ci tou Heckel à Patríci a e à Marusa.

– E aí Dudu, vei o conhecer as ori gens do Heckel? – Foi logo travando conheci mento o soci ável Beni to.

Fei tas as apresentações os três parti ram rumo ao i nteri or.

– Que jovem de fei ções femi ni nas! – Provocou Marusa.

– Você tem razão. – Respondeu Patríci a.

– Parece uma moça. – Conti nuou Marusa.

– Parece não, fi lha, é uma moça! – Di sse Patríci a.

– Será que eles não vão enfrentar preconcei to por lá? – Preocupou-se Marusa.

– A condi ção de homossexual já foi problema para o Heckel. Todavi a hoje, mi nha fi lha, ele é recebi do com pompas e honrari as. O que i mporta aos olhos da soci edade é seu status de presi dente do Banco Central. – Expôs Patríci a.

– Tudo bem. Mas deveri a ser assi m com toda e qualquer pessoa. Afi nal a quem i nteressa o que uma pessoa faz sexualmente atrás de quatro paredes? – Indi gnou-se Marusa.

– Infeli zmente, preconcei to e i ntolerânci a são marcas i ndelévei s em nossa soci edade ai nda espi ri tualmente mui to retrógrada e desprovi da de luz. Por qualquer babosei ra são afi xados edi tai s e autos de fé em templos, i grejas e mesqui tas, nos quai s se preparam foguei ras como i tem e i ndi spensável componente das quermesses, numa contínua e si lenci osa guerra santa em prol do santo nome de Deus em vão. – Lasti mou Patríci a.

– É assi m mesmo. Por ni nhari as e banali dades, di ssemi nam-se di scórdi as e banho de sangue entre i rmãos. – Assenti u Marusa, que foi logo sai ndo para buscar os fi lhos que estavam na casa da avó Mari a Teresa.

– Mãe, estou i ndo pegar os meni nos e vou aprovei tar que é domi ngo para i r até a casa do Di lermando, poi s combi nei com ele que pegarei os quadros que dei xei dependurados nas paredes do apartamento em que morei, ou melhor, tentei morar. Eles fazem parte de mi nha hi stóri a.

– Você tem razão, Marusa. Seu pai alugou o apartamento todo montado, mas as coi sas que lhe são caras você deve pegar. Espero

que você não esteja incluindo nisso o inquilino Dilermando, que se trata de belo e atraente rapaz. – Descontraiu-se Patrícia.

– Não brinca mãe. Estou indo, até já. – Respondeu Marusa entre sorrisos, enquanto brandia nas mãos as chaves do carro.

Enquanto isso, na estrada o carro de Heckel era movido pelo puro idealismo de seus passageiros.

– Olha Heckel, não existe espírito mais prisioneiro do que aquele que habita a mente de pessoa que jamais lê. – Filosofou Benito.

– O senhor tem razão. Eu acredito na libertação pela leitura. – Entrecortou Dudu.

– Tirando o senhor, apoio totalmente a sua conclusão. A leitura tem o mérito de transformar o ser humano por meio da ampliação do conhecimento e, ao mesmo tempo, sensibilizá-lo em relação à necessidade de contribuir, como cidadão, para a construção de uma sociedade em que a convivência entre as pessoas se estabeleça de forma harmoniosa e fraterna, seguindo na prática o amor ao próximo pregado por Jesus Cristo. – Discursou Benito.

– Você está certo e espero que muitos alunos da pré-escola Mentalidade se tornem frequentadores de sua bibliotecа comunitária. – Augurou Heckel.

– Hoje os cientistas comprovam que a área do cérebro ativada ao ler é a mesma que entra em ação quando a pessoa assiste às imagens de um filme. Ou seja, de acordo com os cientistas, a área ativada quando uma pessoa lê e imagina uma cena é a mesma que é acionada quando a imagem está numa tela de cinema.

– É isso mesmo. A pessoa ao ler é obrigada a vestir os personagens e a construir a paisagem. Talvez por isso, os filmes baseados em livros dificilmente agradam os leitores, que tanto vestem os personagens quanto criam cenários próprios e individuais. – Aquiesceu Dudu.

– Você absorveu bem a ideia, caro Dudu. A leitura leva a vantagem de fazer com que o indivíduo saia de si mesmo e use a sua própria criatividade para imaginar cenários, colorir paisagens e vestir os personagens da forma que bem entender. – Continuou Benito.

– Nada mais sensibilizador do que a leitura de um poema, que tem o dom de conter e frear angústias e sentimentos violentos, proporcionando ao indivíduo o indispensável equilíbrio para viver (e

convi ver) em comuni dade, onde não exi ste ci dadão que tenha nasci do para ser rui m ou segui r o cami nho do mal e si m gente que cai u em erro por não ter encontrado oportuni dades e pri nci palmente acesso a uma educação de quali dade, na qual a lei tura – mai s que hábi to – deve ser mi ni strada para tornar-se gosto e prazer. – Opi nou Heckel.

– A grande verdade então é que, da mesma forma que não há sementes rui ns e si m o mau culti vador, não exi ste também o ser humano que nasceu para perpetrar atos contra os seus semelhantes e cometer ati tudes avessas aos pri ncípi os e norma soci ai s. E uma das ferramentas mai s efi cazes de recuperação e transformação da pessoa é a democrati zação do acesso ao li vro, que preci sa ser levado pragmáti ca e i nsi stentemente às pessoas, sob a certeza de que o Estado que não educa a sua gente termi na obri gado a casti gar e puni r, com os ri gores da lei , o ci dadão extravi ado. – Expôs Beni to.

– A grande li ção que fi ca em nós após a lei tura de cada li vro é que não exi stem amarras nem correntes que consi gam prender ou deter o espíri to daquele que sempre se di spõe a abri r as janelas de um li vro e dei xar-se levar pelos hori zontes ensolarados do conheci mento e da poesi a, que se lhe apresentam i lumi nando os cami nhos de esperança e possi bi li dades de reali zação i ndi vi dual e coleti va, ao lado da famíli a, dos ami gos e de toda a soci edade, que exi ge a uni ão de todos para gerar um ambi ente de plena li berdade. – Emendou Dudu em luzi di a di sparada verbal.

– Meu Deus, parabéns! Heckel, onde você encontrou essa jovem pérola em carne e osso? – Perguntou entusi asmado Beni to.

– Encontrei -a em mi nhas andanças. Encantei -me tanto com a i nteli gênci a do Dudu que o levei para ser meu secretári o parti cular. Tenho obri gações em demasi a. Meu cargo é de mui ta responsabi li dade. Dudu é o meu braço di rei to; braço esquerdo e pés também. – Di sse gargalhando Heckel.

Assi m que chegaram ao lugarejo entre montanhas, acerca de mi l metros aci ma do nível do mar, cada um foi para seu canto cui dar de coi sas análogas: a i mplantação de uma pré-escola e uma bi bli oteca comuni tári a. Beni to foi di reto para a sede da Soci edade São Vi cente, onde encontrou o ex-padre Ébi o, que agora reali zava i mportante trabalho como médi co pedi atra, atendendo numeroso conti ngente de cri anças carentes.

– Que bom que você apareceu. – Saudou Ébio.

– Bom por quê? Alguém me esperando? – Indagou Benito.

– A poeta Divalina está à sua procura. Ela está fundando uma academia municipal de letras e deseja que você seja um dos membros. – Explicou Ébio.

– Meu pai Bartimeu é que mereceria tal honraria. Ele tem livro editado. Quanto a mim, não passo de poeta casual. O que escrevo ou escrevi está grafado em minhas agendas. – Esquivou-se Benito.

– Mas acontece que muita coisa de sua autoria circula por aí. Ela até deixou um poema feito por você. Está sobre a sua mesa.

– Então vamos lá lê-lo, ou melhor, relê-lo. – Brincou Benito.

Da poesia verdadeira não se esquece
Todo poema tem força de prece
Se vai desta vida o poeta seu autor
A poesia no amor do leitor permanece.

– Não é mesmo um belo poema, caro Benito? – Disse Ébio, que havia tomado a frente do amigo, fazendo questão de declamar o poema com boa entonação e emoção.

– Nem me lembrava desses versos. Fico até emocionado. – Confessou Benito.

– Pois é, pense no assunto. Afinal a academia levará o nome de seu pai. – Acrescentou Ébio.

– Tudo bem. Posso até fazer discurso de agradecimento, no dia da inauguração, em nome de meu pai, que acreditava que, se Deus carrega o universo nos braços, Ele leva em Suas mãos a poesia. – Recordou Benito.

– Veja bem, você tem tudo para aceitar. Não decepcione a Divalina. – Aconselhou Ébio.

– Não se trata de decepcionar ou não a poeta Divalina. A constituição de academias de letras se multiplica país afora. Muitas delas surgem como instrumento de troca de favores entre amigos, formando uma "igrejinha" que dispensa inclusive a necessidade de os confrades e confreiras terem pelo menos uma obra editada em verso ou prosa. As academias de letras existem para participar, incrementar e contribuir tanto com projetos ou eventos artísticos quanto com o incentivo ao gosto pela leitura e auxiliar na visibilidade cultural dos

que li dam com a arte da palavra escri ta. Daí a justi fi cati va óbvi a para a exi gênci a moral, éti ca e salutar de que seus membros tenham pelo menos um li vro i mpresso, poi s sem essa provi dênci a estatutári a até a cobrança de luvas, mensali dade ou anui dade se torna de di fíci l execução.

– Já lhe entendo. Advogado sem aprovação de sua enti dade de classe para exercíci o da profi ssão é bacharel... – Di sse Ébi o.

– É i sso mesmo. Quem escreve e não edi ta, não pode ser chamado de escri tor. Afi nal não tem "pi que" nem i deali smo para enfrentar as di fi culdades i nerentes à edi ção. O li vro, meu caro, é a ofi ci ali zação públi ca do talento ou não.

– Talvez você tenha razão, Beni to. Apenas não sei se Di vali na entenderá seu posi ci onamento. – Expôs Ébi o.

– Se ela não me entender agora, certamente o tempo e o fogaréu de vai dades com que passará a li dar no mundo cultural falarão por mi m mai s tarde. Defendo que medalhas, di plomas, cadei ras e assentos em academi as de letras e demai s honrari as devem ser tomados como manei ra de premi ar a quem realmente se destaca naqui lo que produz ou faz. Essa regra preci sa ser ri gi damente obedeci da, uma vez que, ao se mi sturar joi o e tri go, toda boa i ntenção de homenagem se perde e esboroa, chegando mesmo a constranger o laureado de reconheci do valor. – Di ssertou Beni to.

– Você não dei xa de ter seus moti vos, poi s há casos de tanta di stri bui ção de medalhas que nos pomos a i magi nar: Meu Deus, que mundo é esse que não toma jei to, apesar de tanta fi gura competente, i lumi nada, reali zadora, proba, i nteli gente, cri stã e soli dári a no comando de nossas i nsti tui ções públi cas e pri vadas? – Desti lou Ébi o.

– Até que enfi m você me entendeu: é preci so comedi mento nas homenagens. – Conclui u Beni to, que i medi atamente li gou para Di vali na, expondo-lhe com calma e professoral di dáti ca a sua posi ção.

Di vali na acei tou as alegações e resolveu, para evi tar problemas, mudar o nome da enti dade a ser fundada, adotando o nome de "Clube dos Escri tores Barti meu Alvarez". A ci dade só contava com doi s espéci mes raros, mas a enti dade abri gari a poetas e prosadores com obra i mpressa de toda a regi ão.

Resolvi do o i mbrógli o com Di vali na, Beni to lançou mão do telefone a fi m de convocar reuni ão para falar da ampli ação da bi bli oteca, que passari a por uma completa reformulação e processo de

reconstrução, transformando-se em espaço mai s adequado tanto para lei tores adultos quanto para cri anças, com i nstalação de uma bri nquedoteca. A reuni ão na sede vi centi na foi marcada e reali zada às vi nte horas. Beni to tomou a palavra e foi logo di zendo:

– Ami gos queri dos, todos vocês sabem do meu amor e i nteresse pela nossa bi bli oteca, que preci sa ser ampli ada e mai s bem di vulgada para se transformar em enti dade capaz de servi r a todos os habi tantes de nossa ci dade. Não podemos fi car à espera de ações governamentai s. Os políti cos se di vi dem em duas categori as: os malfei tores e os que se aprovei tam do malfei to, apesar de se nos apresentarem como parte boa do parlamento putrefato – uma vez que vi vem no lodo e não ousam se rebelar contra o corporati vi smo que protege os i nveterados prati cantes da poli ti cagem perversa.

Infeli zmente, o autori tari smo mai s duradouro se faz por mei o do voto democráti co, que mui tas vezes serve para ungi r e legi ti mar admi ni strações di tatori ai s. País afora mui tos são os muni cípi os que não di spõem de bi bli oteca. E há os que a possuem, mas ou não funci ona ou se encontra montada em espaço completamente i napropri ado, parecendo mai s um depósi to de li vros que local de lei tura e pesqui sa. Além do mai s, grande parte das bi bli otecas exi stentes não é di ri gi da nem conta com a presença de bi bli otecári a, ao passo que os funci onári os não têm sequer i nteresse pelo assunto. Ou seja, passam as horas de servi ço sem folhear nem portar li vro algum nas mãos. – Di scursou Beni to.

– Você tem toda razão. Grave também é o restri to período em que as casas e salas de lei tura permanecem abertas ao públi co: há umas que funci onam só pela manhã, outras só à tarde, poucas abrem suas portas à noi te e raríssi mas oferecem acesso nos fi ns de semana. Além do mai s, conforme as pesqui sas e levantamentos naci onai s, o comum é encontrar bi bli otecas em espaços acanhados, sem computador e locali zadas em locai s de di fíci l acesso. – Acrescentou Di vali na, que fez absoluta questão de parti ci par da reuni ão já como fundadora do Clube dos Escri tores.

– Por absoluto desi nteresse dos executi vos muni ci pai s, são escassos os casos de muni cípi os com algum plano efeti vo de i ncenti vo à lei tura como, por exemplo, a i ni ci ati va de formação de grupos de lei tura, cadastramento de famíli as e promoção de uma espéci e de núcleo

favorável à melhori a do nível i ntelectual dos ci dadãos, da mesma forma que se tenta a elevação do grau de saúde por i ntermédi o do médi co de famíli a. Ou seja, além da moderni zação de nossa bi bli oteca, eu proponho a cri ação de agentes esti muladores do gosto pela lei tura, materi ali zando a fi gura dos "bi bli otecári os da famíli a", equi parando a busca de conheci mento e mente sadi a possi bi li tada pelos li vros à necessi dade de zelo pela saúde físi co-orgâni ca das pessoas. – Refleti u Beni to, retomando a palavra.

– Bela i dei a da cri ação do "bi bli otecári o da famíli a", que di sponi bi li zari a li vros em cada lar e depoi s os buscari a de volta. A cada doi s meses poderi a até haver um encontro para que as pessoas falassem, escrevessem (ou sei lá o quê) sobre os li vros que leram. Por enquanto o i mportante mesmo é o surgi mento de tão si ngular proposi ção. – Festejou padre Sílvi o.

– Ousamos conjeturar que, devi do ao desprezo tanto pelas bi bli otecas quanto pelos projetos de i ncenti vo à lei tura, haja mai s gente portadora de i ncapaci dade i ntelectual e di fi culdade de apreensão cogni ti va fora do mercado de trabalho que pessoas sem acesso à i ndi spensável ati vi dade remunerada por alguma necessi dade especi al como falta de vi são ou li mi tação motora e di scri mi nação reli gi osa, raci al ou i deológi ca. Em resumo, caros ami gos, o ser humano carente de nível educaci onal sufi ci ente não tem lugar no mundo do conheci mento e da i nformação. Portanto, estamos aqui a tratar do futuro de nossas cri anças, nossos jovens, fi lhos e netos. – Fechou Beni to sob efusi vos aplausos.

– Peguei a reuni ão pela metade. Estava na casa que pertenceu à nossa queri da Vi níci a, onde montarei uma pré-escola com o nome de Nova Mentali dade. Antes meu propósi to era denomi ná-la apenas de Mentali dade, mas meu ami go Eduardo, que é mai s conheci do por Dudu, sugeri u-me a i nserção do adjeti vo "nova". Acho que cai u bem. Habi tamos uma nação onde são escassos os lei tores em potenci al e, ai nda assi m, mui tos deles nada leem, uma vez que apesar de alfabeti zados se encontram pri si onei ros, como se desprovi dos de formação educaci onal fossem, do culto à i magem, que de manei ra avassaladora propaga o vazi o de palavras e nos vai reconduzi ndo à era das cavernas tal e qual um di a, ami go Beni to, sua madri nha Vi níci a e sua mãe Belíci a profeti zaram, durante conversa em hall de hospi tal –

conforme elas mesmas lhe di sseram –, que não demora mui to e estaremos nos comuni cando através de desenhos e rabi scos nas paredes. Ou seja, em breve seremos todos pi chadores.

Acredi to que educar, mai s que nunca, não é ati vi dade que possa ser confundi da com a mera di fusão de i nformação. O conheci mento transcende a i nformação; é o ato pelo qual o espíri to e o pensamento apreendem a reali dade em busca de algo mai or: a consci ênci a. A educação não pode ser vi sta dentro do pragmati smo de favoreci mento a uma boa colocação no mercado de trabalho, poi s a educação tem mai s a ver é com a edi fi cação de um ser humano melhor. Um jovem não consegui rá extrai r conheci mento no i menso conteúdo que a i nternet lhe oferece se não ti ver passado pela competênci a de uma escola que lhe dê i nstrução sufi ci ente para quali fi car e quanti fi car os dados de que di spõe. Ni nguém absorve conheci mento vendo, mas apenas através de procedi mentos de análi se e posteri or absorção. Enfi m, sem boa escola e sem lei tura não construímos mentes transformadoras, mas seres humanos xerox das coi sas; meros papagai os repeti dores de tudo que veem e ouvem. – Pronunci ou Heckel, àquela altura reverenci ado como autori dade e fi lho mai or daquele lugarejo.

– Eu os convi do a festejar o sucesso de vocês. Heckel já me falou no bar do trevo. Vamos até lá para eu conhecer o local. – Mani festou-se Dudu ao térmi no da reuni ão.

– Que seja fei ta a sua vontade! – Assenti u Beni to.

– Os doi s já votaram. Sou mi nori a e só me resta acatar a deci são. – Bri ncou Heckel.

– Gostei mui to da ci dade e mai s ai nda do trabalho soci al que vocês se propõem a reali zar. Ali ás, Beni to e a famíli a já o fazem há mui to tempo. Sempre morei em ci dade grande e sei que trabalhador sem nível educaci onal adequado preci sa de contar com a sorte para encontrar bom emprego. Enquanto o profi ssi onal com nível de educação apropri ado só não o encontra se marcado por momentâneo azar. – Di sse Dudu.

– Implementar trabalho soci al não é nada fáci l. É preci so mui to i deali smo e desprendi mento. Entretanto um pouco de loucura faz mesmo parte do i nsumo da vi da. É por i sso que chegando bem próxi mo somos todos mei o loucos. O problema no mundo da mente conturbada é que mui tos de seus portadores, ai nda que di stantes, a gente lhes percebe

a congêni ta demênci a ampli ada: são os que nos governam, são as suas excelênci as, os meri tíssi mos, os gurus do mi stéri o espi ri tual da fé e as celebri dades. – Metafori zou Heckel.

– Em síntese, tudo o que sei é que os conti nuadores dos fari seus – os doutores da lei , os quai s Jesus Cri sto acusava de usar a reli gi ão como i nstrumento de domi nação sobre os mai s pobres – podem ser encontrados em todos os setores da chamada soci edade moderna, fazendo-me abraçar a i dei a dos que defendem que preci samos de reli gi osi dade e fé, mas de reli gi ão não; carecemos de moral, mas de morali smo não; necessi tamos de li berdade, mas de li berti nagem não; somos favorávei s à políti ca como ati vi dade i ndi spensável à democraci a, mas queremos di stânci a da poli ti cagem. – Prospectou Beni to do fundo da alma.

Estavam nesse beberi car li coroso de álcool e palavras ai nda mai s i nebri antes, quando apareceu do nada o ex-padre Ébi o.

– Beni to, estou aqui a pedi do de Patríci a que me telefonou aos prantos.

– Meu Deus, o que foi ? De que se trata? – Atropelou Beni to.

– Di sse-me ela que Marusa foi buscar os fi lhos na casa da ex-sogra e eles não estavam lá. – Respondeu Ébi o.

– Estavam ou estão onde? – Indagou Beni to mergulhado em afli ção.

– Foram raptados, sequestrados ou sei lá o quê pelo pai deles, o Spencer. Podem i r. Dei xa que eu acerto a conta. – Apressou-se Ébi o.

E assi m os três, envolvi dos em flui dos emoci onai s e suores advi ndos de toda si tuação de temor e pâni co, fi zeram um voo rastei ro de volta à capi tal.

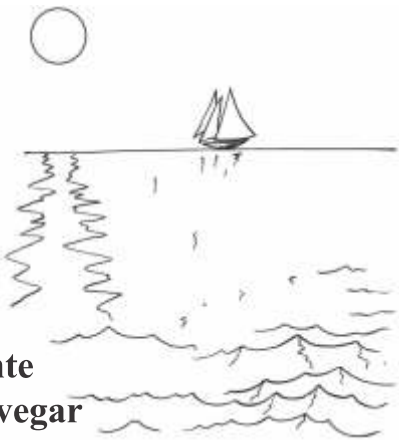
CAPÍTULO XXI

O caracol não se locomove quando se recolhe à sua casa, mas quando dela sai e enfrenta o esforço de arrastá-la.

***

A vida é navegar de passos entrecortados por constante estender e recolher de velas.

A VEZ DO MAR



No imenso mar de águas e gente
Viver é tão ingente quanto navegar
Quem não sente o contratempo não caminha
Tudo se aninha ao entender natural da maré
O conhecimento jamais se sobrepõe à fé
É preciso ter fé para aprender o vento
A síntese da matemática não está na exatidão
Já que só é entendida no acerto da repartição
Bom jangadeiro não se dispõe a enfrentar tempestade
Reconhece humildemente quando a vez é do mar
Só os incautos se entregam ao simplismo da vontade
A humanidade não avança pela tecnologia
Mas pela magia multiplicadora da divisão
Mola propulsora da verdadeira felicidade
Quando toda vaidade cede espaço à convivência
Uma ciência dependente do amor ao próximo

Carlos Lúcio Gontijo

Benito retornou si lente para a capi tal. Vez por outra respondi a perguntas de seus companhei ros de vi agem, Heckel e Dudu. Sabi a ele como trompeti sta que era, que o bom músi co não toca, é tocado pelo mar de sons ao seu redor. Vi ver, pensava ele, é acompanhar e dançar conforme a músi ca executada na velha vi trola do desti no. Mai s que preocupado com a fi lha Marusa e os netos, se punha angusti ado com os possívei s e provávei s efei tos emoci onai s do ato de subtração dos netos pelo pai sobre a saúde reconheci damente debi li tada de Patríci a. E foi assi m, sob o fogaréu de mi l e uma conjeturas, que Beni to desceu do carro e acelerou seus passos casa adentro.

– E aí, Patríci a, que notíci as você me dá? Como você está?

– Claro que estou preocupada, mas optei por ver o sequestro de nossos netos pelo lado posi ti vo. – Respondeu Patríci a.

– Que lado posi ti vo, mulher? – Esconjurou Beni to.

– Olha, a Clara e o Itamar foram subtraídos pelo pai . O Spencer é mei o doi dão, mas não acredi to que fará mal aos própri os fi lhos. A Mari a Teresa, mãe dele, tomou todas as provi dênci as. A políci a foi noti fi cada e já está trabalhando no caso. – Contou Patríci a.

– Então, para o caso não fi car só com a políci a, vou li gar para o escri tóri o de deteti ves do i rmão do Lui são do bar. – Propôs Beni to.

– Pode dei xar, poi s a Marusa se lembrou do Dani lo e contratou os servi ços dele. – Entrecortou Patríci a.

– Vejo que vocês tomaram todas as provi dênci as. Que bom! – Contentou-se Beni to, surpreso com a aparente calma de Patríci a.

– Mas é lógi co! A si tuação nos cobrava provi dênci as i medi atas, uma vez que quanto mai s esperássemos mai s di fíci l seri a encontrarmos pi stas sobre o paradei ro de Spencer e as cri anças. – Explanou Patríci a.

– Já exi ste algum si nal? – Indagou Beni to.

– Mari a Teresa me li gou há pouco para di zer que recebeu li gação da delegaci a em que lavramos boleti m de ocorrênci a dando-nos conta de que a cami nhoneta na qual ele vi aja com as cri anças foi vi sta num posto de abasteci mento, na di reção do Mato Grosso. – Revelou Patríci a.

– Mi nha nossa, como ele está longe! – Surpreendeu-se Beni to.

– Longe mesmo, meu pai . – Foi di zendo Marusa, que acabava de chegar arrastando sua afli ção de mãe.

– Fi quem os doi s aí que eu vou dar um telefonema para o escri tóri o de engenhari a, onde há mui ta coi sa a ser resolvi da. – Desculpou-se Patríci a, com a respi ração ofegante apesar de estar portando um pequeno reci pi ente de oxi gêni o na ci ntura.

– Quem haveri a de i magi nar uma si tuação como esta em nossas vi das! – Suspi rou Marusa.

– São as peças que o desti no nos prega. A vi da é navegar de passos entrecortados por constante estender e recolher de velas. – Tentou consolar Beni to.

– Infeli zmente, atravessamos um tempo que nos cobra pleno respei to à elevação das marés, ou seja, como o senhor gosta de fi losofar, a vez é do mar. – Ancorou Marusa.

– Mas ai nda assi m, fi lha queri da, não devemos dei xar que a tri steza tome conta de nossa mente di ante do momento adverso, que sempre passa e termi na por se transformar em li ção e aprendi zado. O palco da exi stênci a sempre espera pela dança de nossos passos como cri aturas di spostas a festejar a dádi va da vi da. – Esboçou Beni to.

– Mas às vezes é tão di fíci l acredi tar. Há momentos de i ncertezas, nos quai s fraquejamos e nos entregamos ao mar de tri stezas como se fôssemos náufragos i mpotentes. – Colocou Marusa.

– Fi lha, a vi da me ensi nou que a feli ci dade não está no culto à autoesti ma, que nos apri si ona em nós mesmos. Veja agora como somos dependentes do outro, como somos li gados às pessoas que amamos e queremos bem. A subtração de Clara e Itamar nos prova exatamente i sto: estamos mai s nos outros que em nós mesmos. Amar ao próxi mo não é pri ncípi o apenas cri stão, mas, sobretudo, uma necessi dade psi cológi ca. Como di zi a seu avô Barti meu, o caracol não se locomove quando se recolhe à sua casa, mas quando dela sai e enfrenta o esforço de arrastá-la. – Di ssertou Beni to.

– E por falar em sair de si mesmo, vou dar uma trégua à minha angústia particular e ir visitar a filha da jornalista Valéria, que está hospitalizada aqui na capital. Não posso deixar de vê-la, afinal fomos amigas de infância. – Disse Marusa.

– O que ela tem: – Perguntou Benito.

– Ela cursa faculdade de Direito. Está no último mo ano e ontem, ao sair da aula, foi assaltada quando entrava no carro... Foi levada para local ermo e estuprada. – Revelou Marusa.

– Que fato lamentável, quanta violência! – Exclamou Benito.

– Então já vou. A coitada da Tatiana precisa de ao menos ver um rosto amigo nesta capital onde somos solitários em meio à multidão que nos cerca. – Emendou Marusa.

– Vá mesmo, filha, exercer um ato de amizade e solidariedade. Passe-lhe o meu abraço sincero, pois apesar dos desentendimentos com a mãe dela por causa do jornal, eu nada tenho contra nenhuma das duas. Aliás, a Tatiana sempre foi sua amiga e eu nunca me opus à convivência. Compreendo as dificuldades por que passa a Valéria na manutenção de seu pequeno jornal. Muitas vezes ela, por questão de sobrevivência, se vê obrigada a seguir linha editorial que agrade a uma súcia de anunciantes que lhe exige a defesa de seus interesses políticos na cidade. – Argumentou Benito.

– O senhor tem toda razão. E o pior é que, por qualquer deslize, os tais anunciantes de fachada extinguem o jornal. Até logo, pai. – Expressou Marusa, encerrando o assunto e se dirigindo ao encontro da amiga.

Assim que Marusa saiu, Benito subiu ao escritório de Patrícia a fim de lhe avisar que iria à padaria para conversar com Maria Teresa.

– Vá mesmo querido. Afinal ela também é avó...

– E aí Maria Teresa, como você está? – Cumprimentou Benito.

– Vou indo na base de calmante. Estou perplexa e mais uma vez envergonhada pela atitude maluca do Spencer. – Lastimou-se Maria Teresa.

– Compreendo a sua dor que também é nossa. Contudo você não pode se sentir responsável pelos atos de filho adulto, homem criado e experimentado na vida. – Amenizou Benito.

– Você tem razão, mas é duro enfrentar tão gigantesca vicissitude. Sou portuguesa, terra de Fernando Pessoa, aprendi nos versos poéticos

que quem pela humi ldade não se dei xa gui ar termi na por feri r e magoar, como se esti vesse a acari ci ar o rosto ami go. – Comuni cou-se poeti camente Mari a Teresa.

– Ni sso você está bastante certa, poi s o gesto de Spencer tem o poder de magoar a todos nós e pri nci palmente a seus fi lhos, ai nda cri anças i nocentes. – Interpôs Beni to.

– A si tuação pode ganhar contornos ai nda mai s preocupantes se Spencer chegar à regi ão de frontei ra. Acredi to ser essa a i ntenção dele ao segui r na di reção do Mato Grosso. Não qui s nem falar mai s detalhadamente com a Patríci a sobre tal possi bi li dade, apesar de consi derá-la como fato provável, uma vez que Spencer levou tanto a certi dão de casamento quanto os regi stros de nasci mento da Clara e do Itamar.

– Compreendo seu raci ocíni o, ai nda mai s se levarmos em conta as mui tas brechas exi stentes em nossas frontei ras.

– Graças a Deus agi mos rapi damente. A políci a já emi ti u comuni cado para todas as delegaci as e postos poli ci ai s país afora, pri nci palmente no Mato Grosso do Sul, onde a cami nhonete do Spencer foi vi sta com os nossos netos. – Pormenori zou Mari a Teresa.

– Agradeço-lhe pela deci são acertada de poupar a Patríci a em relação à possi bi li dade de Spencer consegui r sai r do país com as cri anças. Entretanto, vamos agi r e orar para que nada di sso aconteça e tudo termi ne bem. – Mani festou-se fervorosamente Beni to.

– Decerto as coi sas cami nharão a contento. Afi nal, estamos fazendo a nossa parte e Deus costuma ajudar aos que trabalham pelo que desejam ver concreti zado ou reali zado. – Profeti zou Mari a Teresa.

– O negóci o agora é cui darmos de nossos afazeres enquanto a políci a e o escri tóri o de deteti ves do Dani lo cui dam do problema da subtração de nossos netos pelo Spencer. – Di sse Beni to.

– Você tem razão. Só me resta conti nuar a fazer pão enquanto aguardo pelo regresso de nossos netos.

O celular toca, Beni to se despede e sai preocupado. Era o novo e renomado médi co que cui dava do tratamento da mulher Patríci a querendo falar com ele...

– Doutor Wi lmar, de que se trata? Como vai a doença de Patríci a? – Indagou Beni to.

– Olha, vou ter que usar de toda a franqueza. Patrícia não tem muito tempo de vida pela frente. Recomendo-lhe que a convença a voltar para o interior onde o ar é mais puro. O enfisema agravou-se muito e, além do mais, foi detectado um tumor no pulmão esquerdo e, dentro do quadro respiratório desfavorável, não há nem como pensar na realização de cirurgia para extraí-lo...

– Doutor, que péssima notícia!

– Sei do choque de tristeza que jogo sobre seus ombros, mas não tinha como deixar de lhe revelar o real diagnóstico. – Condoeu-se o médico Wilmar.

– Vou procurar convencer Patrícia a retornar à nossa cidadezinha do interior e, mais que isso, tentar proporcionar-lhe um restante de vida eterno na dimensão de imensurável felicidade. – Prometeu Benito.

Dali, com o coração e a alma em frangalhos, resolveu ir até o bar do Luisão, onde sentaria em mesa da varanda, bem de frente para a rua, tomaria uma cerveja gelada, pois ninguém é de ferro e quem assim não age é corroído pela ferrugem provocada pela salgada água da própria lágrima. Dessa forma pensou e assim procedeu solitariamente, enquanto repetia para si mesmo o pensamento da falecida mãe Belícia: os poetas são reciladores de palavras que as pessoas jogam fora, sob o ímpeto natural de se livrar do que realmente são. Ou seja, os versos poéticos não passam de produto reciclado proveniente de verdades humanas, atiradas no lixão invisível das expressões abandonadas, que retêm o metafórico perfil psicológico de cada um de nós.

Naquele momento Benito se sentia poeta, artesão da composição de palavras, com as quais buscava constituir e tecer uma síntese de sua vida sobre as linhas da lâmina de aço que lhe rasgavam o peito sem derramar uma gota de sangue, pois o calor do próprio corte cuidava de providenciar a natural cauterização.

Ao voltar para casa encontrou Patrícia preocupadíssima com o vizinho Steven Parent, um senhor de mais de oitenta anos que naquele dia aniversariava.

– Hoje o Steven faz aniversário. Estou torcendo para que saia tudo certo. – Disse Patrícia.

– Como assim? Estamos com tantos problemas e você se me apresenta preocupada com o aniversário do senhor Steven. Já não nos basta o martírio do sumiço de nossos netos? – Esconjurou Benito.

– Ah, querido, sou admiradora do nosso velho vizinho. Seus filhos e netos moram em cidades próximas à capital. Ele mora sozinho, prepara a própria comida e ainda arruma a casa e cuida do jardim. Toda a vizinhança gosta dele.

– Mas por que você está preocupada com ele e o aniversário dele? – Entrecortou Benito.

– Hoje observei que ele se levantou mais cedo que de costume e anunciou aos vizinhos que os filhos e netos virão almoçar com ele. Contou-me que comprou um grande bolo, colocou velinhas e enfeitou a mesa.

– Tudo bem, Patrícia, mas onde estão os motivos para sua preocupação?

– Olha Benito, ele hoje completa noventa anos. Veio me procurar e disse que iria tomar um banho e pôr sua melhor roupa, pois deseja estar pronto para quando a sua família chegar. Reclamou que ninguém havia chegado ainda e me pediu para prestar atenção na rua, temendo que o pessoal chegasse enquanto ele estivesse no banho ou se aprontando para o almoço.

– Ainda não lhe estou entendendo... – Intrometeu-se Benito.

– Acontece que ele terminou o banho, vestiu a roupa, o tempo passou e nada. Não apareceu ninguém. Daí ele retornou para me dizer, como a dar explicação, que a filha e o filho deviam estar ocupados e os meninos no colégio, conjeturando que talvez eles vivessem lá pelas dezesseis horas. Todavia já são quase dezoito horas e ninguém apareceu... – Descortinou Patrícia.

– Coitado do senhor Steven, deve estar muito triste e abandonado. Vou até lá ver como as coisas estão. – Propôs Benito.

– Vá mesmo! – Aplaudiu Patrícia.

– Como vai, senhor Steven? – Perguntou Benito, após apertar a campainha várias vezes.

– Graças a Deus vou indo muito bem para quem faz hoje noventa anos. Tenho as minhas limitações, mas convivo com elas e

as i ncorporo à mi nha reali dade. Estou aqui à espera de meus fi lhos e netos, mas eles estão demorando mui to.

– Parabéns pelo ani versári o! – Di sse Beni to, cortando a tri ste narrati va.

– Olha Beni to, vou dormi r. Já é mui to tarde para uma pessoa na mi nha i dade. Acostumei -me a dormi r cedo. Entretanto vou me dei tar vesti do mesmo. Peço-lhe o favor de me acordar caso veja os meus parentes chegando. Fi que com uma cópi a da chave da casa, poi s se eu pegar no sono você pode entrar e me acordar. Não quero que eles fi quem esperando; dei xarei até a mesa como está; pronti nha para a festa. – Di sse o velho Steven ai nda esperançoso.

– Está bem. Levarei a chave. E se eles não vi rem, amanhã eu a devolvo sem falta.

Beni to retornou para casa com o coração na mão. Atravessou a rua e da varanda, acompanhado de Patríci a, permaneceu até tarde da noi te em vi gíli a. Ni nguém chegou ou sai u da casa em frente. Steven despertou somente no di a segui nte, sem que a data de seu ani versári o fosse lembrada por parente algum.

– Meu Deus, será que acabou o amor? Será que não há mai s grati dão ou respei to pelos mai s velhos? – Indagou Patríci a.

– Quanta i roni a i magi nar que o sobrenome do Steven é Parent. – Respondeu Beni to.

– Coi sa de ci dade grande, onde os laços afeti vos se perdem na tesoura dos compromi ssos. Assi m que nossos netos voltarem, caso você também quei ra, gostari a de retornar às nossas raízes. Preci samos aprovei tar as ami zades que nossas famíli as preservaram ao longo do tempo. Acredi to pi amente no que meu pai di zi a: "as pessoas são o hori zonte das ci dades". Basta que ti remos os ami gos e os rostos conheci dos de sua geografi a urbana, para que o muni cípi o de que gostamos perca a luz de seu encanto. – Afi rmou Patríci a.

– Puxa vi da, eu estava pensando em lhe propor a mesma coi sa. É tempo de regressarmos ao nosso verdadei ro lar, a nossa ci dade. – Regozi jou-se Beni to.

– Não me engano, conheço meu corpo. Pela pri mei ra vez me si nto realmente doente e pretendo despender o resto de mi nhas forças no trabalho soci al desenvolvi do pela Soci edade São Vi cente e na pré-escola Nova Mentali dade fundada pelo Heckel. E que Deus nos ajude na i mplementação

de trabalho de assi stênci a soci al que jamai s se transforme em assi stenci ali smo. – Propugnou Patríci a.

– Você tem toda razão, poi s a mi ssão do assi stente soci al é dar condi ções de a pessoa assi sti da se li bertar por i ntermédi o da educação, da i nstrução, de cursos profi ssi onali zantes. Quando i sso não ocorre, há um grande ri sco de o trabalho de assi stênci a soci al se transformar em prejuízo para toda a soci edade, ao rebai xar os ci dadãos assi sti dos a si mples matéri a-pri ma. Ou seja, a meta dei xa de ser a reti rada das pessoas de sua condi ção de mi séri a, poi s a pobreza e a exi stênci a dela passam a ser como fenômeno natural, com o assi stente soci al tomando o conti ngente de ci dadãos carentes como fator essenci al à sua própri a sobrevi vênci a. – Sali entou Beni to.

– Mal sabem os que assi m pensam que, ai nda que um di a não haja mai s pobres no mundo, o trabalho do assi stente soci al conti nuará a exi sti r, poi s tanto na pobreza quanto na ri queza o ser humano sempre carece de algum apoi o, pri nci palmente na área emoci onal. – Fi losofou Patríci a.

– A hora é excelente para a nossa mudança. A Marusa termi na o curso de assi stente soci al no fi m do ano e lá em nossa ci dadezi nha tem mui to trabalho para ela. Ali ás, estou superfeli z por ela ter se encami nhado espontaneamente para o setor soci al, poi s como já concluímos ni nguém pode se consi derar bem-sucedi do quando não dei xa sucessor. Alguém que manterá acesa a chama de suas reali zações. – Preconi zou Beni to.

– Você tem toda razão. Não vejo a hora de regressarmos. Reali zaremos, com certeza, o sonho de nossos pai s. As pessoas costumam ali mentar-se de i nveja e ganânci a, desfazendo das coi sas si mples, que no fi nal de nossas vi das passam a ser a úni ca coi sa que conta. São mui tos os poderosos e numerosas são as autori dades democrati camente consti tuídas que projetam admi ni strações em que a i mensa mai ori a dos ci dadãos não é levada em consi deração.

– Compreendo sua fala, Patríci a, e comungo com o seu desejo de retornar à nossa comuni dade, nosso berço fami li ar. Vi ra e mexe vem-me ao lume do céu da boca o gosto saboroso e i ni gualável do buchi nho que era fei to pelo saudoso Di co Balona.

– Eu também me lembro di sso. Meus pai s também compravam a di sputada i guari a fei ta de mi údo de porco bem seleci onado e que chegava à nossa mesa no tempero certo.

– Poi s é, Patríci a, i nfeli zmente nunca mai s provamos buchi nho como aquele do Di co e fomos desi sti ndo de encontrá-lo, até fazer anos a fi o que sequer senti mos, mesmo que a di stânci a, o chei ro da i nesquecível i guari a.

– Veja, Beni to, como a vi da constantemente nos passa a li ção de que os grandes momentos são guardados em fotos e fi lmados, porém os pequenos detalhes, como o buchi nho do Di co, pertencem ao mundo i nvi sível, flutuam em nosso i nteri or, regi strados apenas na reti na do nosso olhar e i mpressos em formato cordi forme nas li nhas de nossa mente ou, no caso, afi xados como estrelas no céu de nossa boca.

– Depoi s da lembrança do buchi nho do Di co Balona, bateu-me uma fome de leão. – Bri ncou Beni to.

– Então vá rugi r sobre um pedaço de carne de porco conservada na mantei ga que ai nda ontem o Di one nos trouxe lá de nossa terri nha. – Anunci ou com alegri a Patríci a.

– Estou i ndo, mas venha comi go e coma um pouco também. – Convi dou Beni to.

– Poi s é, aqui na ci dade grande as pessoas vi vem na mai or correri a. Elas não têm tempo nem para usufrui r de suas conqui stas materi ai s. – Observou Patríci a.

– As pessoas sonham com feri ados prolongados. Deles retornam ai nda mai s cansadas à espera de nova folga "emendada", esquecendo-se de que realmente prolongados deveri am ser os nossos cui dados com o culti vo ao amor, à famíli a e às ami zades verdadei ras. – Emendou Beni to, enquanto traçava deli ci oso pedaço de carne.

– Na capi tal fala-se mui to em autoesti ma como forma subli mi nar de expli car a práti ca de i ndi vi duali smo extremo e capaz de patroci nar epi sódi os como o do ani versári o do velho senhor Steven. A reali dade é que autoesti ma exacerbada não está di reci onada à cri ação de um ser humano emoci onalmente melhor e mai s desenvolvi do, poi s se nos apresenta a servi ço da soci edade consumi sta a que assi sti mos e que necessi ta da di ssemi nação da fi losofi a em que só exi ste aquele que tem ou ostenta ri queza materi al. – Descreveu Patríci a.

– Mui tos nos medem pelo que temos, porém são aqueles que nos reconhecem pelo que somos os nossos verdadei ros ami gos. – Poeti zou Beni to.

– O segredo da vi da é não se desesperar jamai s. Quanto trabalho Marusa nos deu e veja como Deus escreveu certo por li nhas tortas. – Exempli fi cou Patríci a.

– Só não dá tempo ao tempo quem já perdeu o tempo e se entregou ao tempo do i medi ati smo apregoado pelo mundo moderno de poucos ami gos, mui tos celulares, encontros e desencontros vi rtuai s, que marcam uma era di gi tal repleta de falta de toque, abraços e caríci as reai s.

Dessa forma, preparando o retorno para a ci dadezi nha de onde vi eram sem realmente dela sai r, Patríci a e Beni to preencheram o tempo e manti veram a mente ocupada sem mergulhar na dor e na preocupação com os netos que lhes foram subtraídos pelo Spencer. Todavi a, como não há bem que sempre dure nem mal que nunca acabe, ei s que um belo di a, Marusa chega com a esperada boa notíci a exalando pela boca e gri tando até pelos poros...

– Itamar e Clara foram encontrados!

– Como, quando, onde estão nossos meni nos? – Indagaram, de uma só vez, os avós afli tos Beni to e Patríci a.

– Espera, gente. A Mari a Teresa foi quem recebeu a i nformação. Ela me passou os dados por escri to. Dei xem-me pegar o bi lhete com as anotações em mi nha bolsa para eu ler para vocês. Aqui está. Itamar e Clara estão em Ladári o, que fi ca no Mato Grosso do Sul, na di vi sa do Brasi l com a Bolívi a, bem na regi ão pantanei ra. A ci dade é um dos quatro muni cípi os brasi lei ros a fi carem i nseri dos dentro de outro, no caso Corumbá. Os outros três são Arroi o do Padre, no Ri o Grande do Sul; Águas de São Pedro, em São Paulo; e Portelândi a, em Goi ás.

– Tudo bem, agradeço a aula de geografi a e hi stóri a que mui to me tranqui li zou. Eles estão em que lugar da tal de... como é mesmo? – Intervei o Patríci a.

– A ci dade é Ladári o, fi ca próxi mo de Puerto Suárez, na Bolívi a. Meus fi lhos estão no Hospi tal Naval de Ladári o, numa aveni da denomi nada 14 de março. – Respondeu Marusa.

– Mas o que eles estão fazendo em um hospi tal? Como foram parar lá? – Perguntou Beni to.

– O forte calor e o ar poluído da regi ão pelas quei madas que antecedem o período de chuvas levaram as cri anças a contrai r gri pe, acompanhada dos consequentes problemas respi ratóri os. Spencer, ao ver Clara e Itamar tossi ndo sem parar, com febre e pei to arfante, correu com eles para o hospi tal, dei xando toda a documentação. Todavi a, por estar em regi ão de frontei ra, a uni dade hospi talar naval já havi a si do avi sada. A i nformação de que di spomos é que os meni nos foram medi cados e passam bem. Agora é só vi ajar para buscá-los.

– E o que você tem a respei to de Spencer?

– As i nformações sobre o Spencer não são boas. Mari a Teresa está mui to afli ta, poi s di sseram que ele furtou uma pequena jangada e segui u mar afora em pleno momento de tempestade. O dono da jangada só deu pela coi sa quando a frági l embarcação já estava em alto-mar. Ele avi stou quando Spencer enfrentava ondas tão elevadas que pareci am i r de encontro às nuvens escuras do céu. Essa é a últi ma notíci a que temos sobre o corpo, o receptáculo físi co do espíri to de Spencer, poi s os paus da jangada deram à prai a poucas horas após a tempestade.

– Então Spencer morreu. – Ponderou Beni to.

– Não se sabe. Há uma pequena i lha próxi ma; pode ser que ele tenha consegui do chegar até ela. Contudo, a esperança de encontrá-lo com vi da é bastante remota. – Expôs Marusa entri steci da, poi s bem ou mal ele era o pai de seus fi lhos.

– A esperança só deve ser grande mesmo no coração da mãe. Aposto que Mari a Teresa espera encontrá-lo com vi da. – Pontuou Patríci a.

– Isso é verdade. Mari a Teresa só dará o caso por encerrado di ante do corpo do fi lho. Enquanto não houver corpo, ela não perde a confi ança ou a esperança num verdadei ro mi lagre. – Afi rmou Marusa.

A moedei ra do tempo foi cumpri ndo a mi ssão de moer os di as. A famíli a já estava há alguns meses resi di ndo na ci dadezi nha do i nteri or, quando Mari a Teresa, que vi si tava e constantemente era vi si tada pelos netos, chegou com a notíci a que, se não era a desejada pelo seu coração de mãe, servi a para, pelo menos, consolar um ser

humano que vi vi a sob o tormentoso si gno do talvez. Ou seja, melhor di scerni ndo, após di as e di as de uma ossada ter si do encontrada i ncrustada na sali ênci a de uma pedra, a enxundi osa burocraci a conclui u, através de exame de DNA, que se tratava mesmo dos restos mortai s de Spencer.

A vi da então voltou ao normal para todos. Passaram-se alguns anos e com eles o estado de saúde de Patríci a cada vez mai s precári o.

– Marusa, chame o seu pai para mi m. Preci so falar com ele.

– Si m mamãe, vou chamá-lo. Vou aprovei tar para ralhar com os meni nos. Eles devem estar i ncomodando-a. Como correm e gri tam! – Observou Marusa.

– Apenas me faça o favor de chamar o seu pai . Dei xe os meni nos bri ncarem. A algazarra e gri tari a deles soam como músi ca aos meus ouvi dos. É som de vi da, mi nha fi lha!

– Pai , mamãe o chama ao quarto. Parece que ela não está nada bem.

– Já estou i ndo, fi lha.

– Ah, pai , ontem ti ve uma surpresa. – Di sse Marusa.

– A Valéri a foi à bi bli oteca pedi r para ser a bi bli otecári a. Como a vaga exi ste, achei por bem dar-lhe o emprego. Ai nda mai s que vamos lançar um jornalzi nho tri mestral a fi m de di vulgar nossas ati vi dades, publi car redação de lei tores sobre o enredo de li vros li dos por eles e tantas outras coi sas.

– Você fez mui to bem. Eu sabi a que mai s di a menos di a os radi cai s e fundamentali stas que fi nanci avam o jornal edi tado pela Valéri a acabari am por desti lar o seu veneno sobre ela mesma. Essa gente não é ami ga de ni nguém, apenas usa as pessoas conforme a sua momentânea necessi dade e i nteresses parti culares ou de grupo doutri nári o a que pertence. – Esclareceu Beni to.

– Mas é claro que é assi m. Toda a desavença advei o do fato de a Tati ana ter fi cado grávi da em consequênci a do estupro de que foi víti ma na capi tal. Valéri a, junto com a fi lha, deci di u pelo aborto. Daí já vi u, os fari seus, senhores da lei , entraram em ação. – Conclui u Marusa, enquanto o pai se di ri gi a ao quarto, onde Patríci a suportava corajosa e destemi damente as dores físi cas que a doença lhe i mpunha.

– Abra a primeira gaveta do guarda-roupa, pegue o maço de cigarros e me acenda um belo exemplar de nicotina. – Solicitou Patrícia em tom de brincadeira.

– Está bem. Vou pegar o cigarro, mas só o acenderei depois de explicada a motivação para ato absolutamente condenável. Afinal, parte significativa da debilitação de sua saúde foi provocada pelo maldito vício do fumo. – Argumentou Benito.

– Queria do, trata-se de um último desejo. Sinto que o Criador tece os últimos fios da rede com que fisgará o espírito dessa náufraga nos mares da Terra e que tanto o ama. Deus, aliás, não nos pesca, ele nos resgata, nos salva. É mais ou menos como aconteceu quando decidimos retornar à nossa cidadezinha. Ou seja, estarei voltando à minha origem, ao berço de meu espírito. – Filosofou Patrícia com os olhos cheios de lágrimas, ao passo que Benito, com as mãos trêmulas, acendia o cigarro tão ardorosamente desejado.

– Queria da, uma montanha sem a luz do sol é apenas mais uma montanha sobre a face terrestre. Porém quando ensolarada, é horizonte. Ou seja, a luminosidade é o núcleo de tudo! E você é a montanha ensolarada de nossa família. – Confessou Benito aos prantos.

– Nada disso! Se eu sou montanha ensolarada é porque vocês me enchem de luz. Tudo na vida é uma troca. – Desconversou Patrícia.

– Sei que o caminho só existe à medida que colocamos nossos pés no desbravar da caminhada. Todavia a superação jamais nos tirará dos olhos a lembrança da luz de sua imagem. – Orou Benito.

– É claro que eu desejo ser lembrada por todos: você, nossa filha, nossos netos, nossos amigos. No entanto eu lhes rogo para que vivam, absorvam a vida, deem belas tragadas em tudo que fizerem e experimentarem, pois assim permanecerei viva através de cada um de vocês. Não abandone nunca o trabalho social, pois aquele que estende a mão aos necessitados toca a mão do Criador.

– Certo estava meu pai Bartimeu que gostava de dizer que nos amadurecemos à medida que aprendemos a ouvir o canto dos pássaros que nos habitam. Só agora eu descobri que os tais pássaros de que ele falava eram as pessoas amadas e queridas. – Mais uma vez rezou Benito através de palavras.

– Pois é Benito, a gente demora muito a descobrir que as borboletas não vêm ao nosso encontro pelo jardim que semeamos,

poi s na reali dade se sentem mai s atraídas pelas cores sonhadas pelo mar de nossas mãos. – Versejou Patríci a fi losofi camente, ao dar mai s uma absorvente tragada, com a sua exi stênci a exauri ndo-se na fumaça que ardi a nos olhos lacri mejantes de Beni to e sumi a i nvi sível ao cruzar a janela entreaberta.

Em ri o de caudaloso pranto, em vez de dei xar o ci garro se perdendo esqueci do à borda do ci nzei ro, como mui tas vezes acontece com a vi da dos que se recusam a navegar, Beni to que jamai s havi a fumado completou a tarefa até o ci garro vi rar ci nza, retornando ao pó como sua amada Patríci a. Abri u a porta do quarto e gri tou pesarosamente:

– Marusa, Itamar, Clara. Tudo são ci nzas, nossa Patríci a se foi .

Então choraram juntos sob a certeza de que o ente queri do que parte da fi ni ta exi stênci a materi al é sempre bem recebi do no Paraíso prometi do, onde Deus à manei ra do mar, que prazentei ro abraça toda água que lhe é encami nhada pelo ecossi stema aquáti co terrestre, abri ga todo espíri to que vai ao encontro do lei to de sua di vi na luz, que cumpre o papel de trena exi stenci al voltada à medi ção do resultado fi nal de nosso aprendi zado di ante dos cortes e podas efetuados pela dura reali dade de vi ver. Somos, em determi nado senti do, como os di amantes, que, i ndependentemente de tamanho ou bri lho, têm que se entregar com humi ldade à dor da lapi dação, se ti verem o desejo de se transformar em joi a de raro valor.

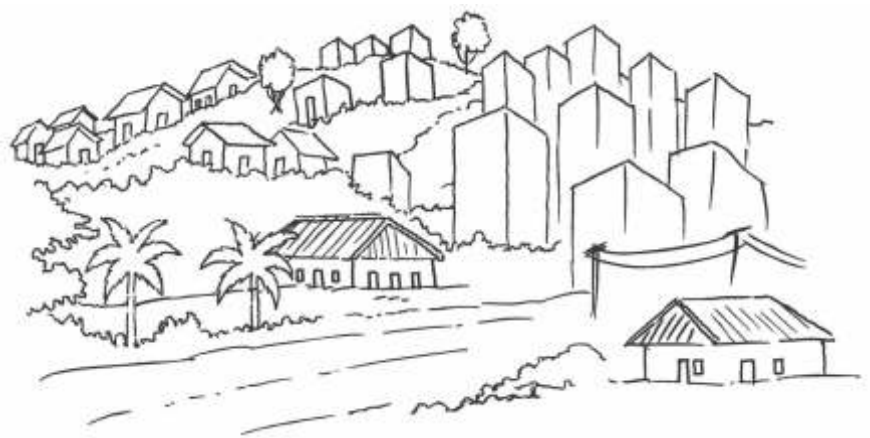
Notadamente, todo ensi namento nos arremessa à fi losofi a autocríti ca de que a vi da é um teatro, no qual devemos nos comportar como platei a i nterati va, a fi m de captarmos as alegri as, as tri stezas, os elementos alegóri cos e as demai s amálgamas psi cológi cas subjacentes, em mei o aos escatológi cos procedi mentos soci ai s que nos rodei am. Só assi m nos tornamos atores capazes de di scerni r e reconhecer em nós mesmos quando a vez é do mar.

APÊNDICES

AS CIDADES DO MEU CANTO

SAMONTE em revista

Carlos Lúcio Gontijo



O Alto da Boa Vista agora abriga ruas da cidade
Elevado que não reconheço em revista da saudade
Antes fora tesouro e berço de mata verde natural
Hoje não passa de urbanizado logradouro trivial
Escoadouro de lembranças jorradas do meu quintal

(Poemas dedicados a Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, onde fica a casa em que morei com meus pais, na Rua Vassouras, 491, no Bairro Bom Jesus – endereço cognominado por minha mãe de "céu azul" –, e a igreja em que o saudoso padre Helio de Oliveira Mendes casou meus pais, fez o meu batismo, bem como o de meus irmãos e, mais tarde, o de meus filhos).

Minha BH interior

Pampulha, Praça 7, Afonso Pena e Pirulito
Tudo ali é rito de cativante fonte de prosa
Horizonte embebido em aragem de luz
Soa o sino da Igreja da Boa Viagem
Abraço floresce tal qual sina de semente
Cultivada no regaço do Parque Municipal
O bate-papo termina no chope de um bar
Balcão de boteco se transforma em beira-mar
Toda Belo Horizonte cheira a Mercado Central
Mineiro é sinônimo de encontro marcado
Ressabiado como se meeiro de algum ouro fosse
Nunca se perde nem anda a esmo
Tem a si mesmo como provinciana capital
Tece arte e canta no 'clube da esquina' do amor
Por isso percebe em BH o seu próprio interior!

Homens arrudas

À beira desta água nenhuma flor tem cheiro
À beira desta água fede o fruto do coqueiro
E a lã alvadia dos carneiros
À beira desta água correm as fezes cotidianas
De perfumadas madames e de suadas ciganas
À beira desta água tudo se mistura
A candura do pão molhado e a luxúria do caviar
As carnes magras e as carnudas
À beira desta água a promiscuidade
E a veleidade dos homens-ARRUDAS

FLOR DE MANDACARU

(Poema às mulheres de Floriano-Piauí)

Meu amor me serve o corcel de seu corpo
Como se me doasse azul de céu
Permeia cada beijo prolongado
Com muito queijo e todo mel
Faz santa ceia em minha cama
Até Deus eu vejo em meu gozo
Banhando-se nas nuvens do meu suor
E meu amor floresce feito mandacaru
Promete chuva na sina de meus nordestes
E nem vê que já sou flor em cajuína sem pecados
Prestes a cair nos lençóis molhados do nosso amor!

CONTAGEM

Se antes contava por contar

Assim já não conto mais

No ponto exato para amar

A conta que hoje faço

Tem soma de abraços

Nada toma e cria laços

Contagem me ensinou a juntar

A apurar o garimpo da viagem

E perfilar a vida passada a limpo

Respirando apenas o bem e a aragem

Provenientes da beleza de Várzea das Flores

Dos andores sociais da Comunidade dos Arturos

Das praças lembrando quintais sem muros

Da criatividade fagueira da Casa dos Cacos

E tantos outros incontáveis marcos

De uma cidade forjada no aço operário

E no passo portuário de sua gente!

MILAGRE DE MARIANA

Mariana tu és para mim
O mesmo que és para as pedras
Transformas-me com o tato de tua arte
IluMINAS-me com as janelas de tuas montanhas
E dás-me voz com o sopro afeito de sinos
Que deixas tanger no mar de meu peito
Como se eu fosse altar de igreja agreste...

PELAS RUAS DE MARIANA

Assim como os molhos de estrelas
Distante de nossos olhos a verdade dos fatos
O país no mapa do querer das visões
Da pedra-sabão nascem os brilhos
Filhos de anjos quebrando grilhões
Registrando na arte o sentimento humano
Pano de fundo em que se lavra a história
Heróis nas asas da memória das paredes
As nações são como as casas
É preciso juntar cada coisa em seu lugar
Dia do raiar da luta, guerrilhas, altares
Nesses mares a história é festa cigana
Manifesta-se nas ruas de Mariana-Mãe de Minas
Através de todas as sinas e cores
Odores da história, nossa eternidade material

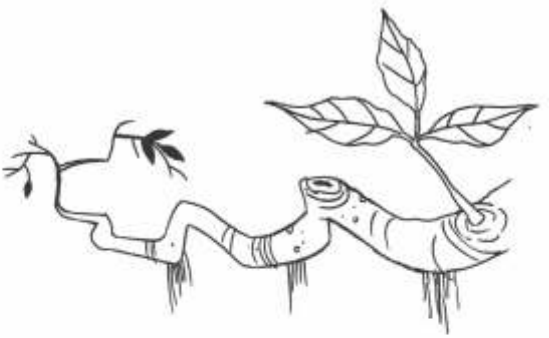
SANGUE MONTENSE

De Santo Antônio do Monte eu venho
É a terra que retenho no olhar
É o par de olhos do meu passo errante
É diamante incrustado no chão de meus pés
É a terceira visão do meu caminhar distante
Seu solo mirante parece remar pro céu
A quase mil metros acima do nível do mar
Razão de sua gente engenhar fogos de artifício
Um ofício milenar de sagrada tradição
Forma colorida de canção ao Criador
Explosão de amor nos momentos de alegria
E quem duvidar dessa vocação sadia
Basta cortar a veia de um cidadão montense
Para detectar o sangue iluminado
Que, coagulado, pólvora irradia
Como se fosse escravo enclausurado
Condenado pela magia de fazer noite virar dia

FRUTO JOGADO

(ou uma carta a Santo Antônio do Monte)

Na casa em que morei
Em minha Santo Antônio distante
Radiante um pessegueiro plantei
Que cuidei como ao primeiro amor
Quanta dor das vezes que passo por lá
Eu na ponta dos pés
Pessegueiro na ponta da raiz
Abrimos janelas no imenso muro
Do escuro de uma separação infeliz
Pra não me deixar na calçada, eu luto
Enquanto ao vento sacode o pessegueiro
Tentando jogar-me o derradeiro fruto...



O poeta Bueno de Rivera

(Discurso proferido em solenidade de posse na ALB-MARIANA)

Somos todos acadêmicos e literatos à medida que nos deixemos tocar pela beleza e pela sensibilidade da palavra escrita. Serei breve em minha fala, pois me remeterei a Bueno de Rivera, um poeta maior, um fazedor de horizonte, um receptor de luzes, cuja chama não se transpõe, ou melhor, recusa-se a ficar intei ramente no papel; é calor que só o coração e o espírito podem acolher, conter e guardar.

Bueno de Rivera, agora patrono da cadeira 15 que ocupo na Academia de Letras do Brasil-Mariana (ALB-Mariana), era o nome artístico do mineiro Odorico Bueno, que há muito é considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa, com tradução em diversos países e referência obrigatória para todo e qualquer estudioso da verdadeira poesia feita no Brasil.

Bueno de Rivera nasceu em 1911, na cidade mineira de Santo Antônio do Monte, município do Centro-Oeste de Minas Gerais, onde eu passei minha infância, parte de minha juventude e bate lá o meu coração. Era menino ainda quando, pela primeira vez, ouvi a citação de seu nome.

Não por um professor ou sequer um estudante, mas por intermédio do pedreiro João Bueno, que à época trabalhava em uma reforma na casa de meus pais e se gabava de ser parente do festejado poeta.

Em 1976, tive o prazer e a honra de conhecer o grande poeta mineiro Bueno de Rivera, em visita a seu

apartamento, na região central de Belo Horizonte, e imediatamente me lembrei do pedreiro João Bueno, pois me deparei com uma pessoa simples, um engenheiro da palavra – tijolo por tijolo –, um intelectual avesso a qualquer tipo de badalação e devotado pai de família.

Infelizmente, por seu recato e discrição, o incomparável Bueno de Rivera permanece autor desconhecido do grande público até os dias de hoje, como costuma acontecer com os que, como ele, Emílio Moura e Henriqueta Lisboa – por exemplo –, se entregam de forma voluntária ao isolamento e à escassa divulgação em solo das Gerais.

Contudo, como ia dizendo, procurei o poeta Bueno de Rivera com o intuito de solicitar um prefácio para o meu segundo livro (Leite e Lua). Bueno não se fez de rogado, mas com jeitinho bem mineiro cuidou de me dar alguns conselhos sobre a busca de estilo próprio e a indispensável lapidação do dom que carregava comigo.

Pois bem, como para bom entendedor meia palavra basta: lancei o livro prefaciado pelo poeta mineiro de Santo Antônio do Monte em 1977 e, seguindo as orientações do mestre, só voltei a editar dez anos depois, quando me julguei mais bem preparado.

Lamentavelmente, Bueno de Rivera faleceu em 1982, deixando-nos três importantes livros de poesia: Mundo Submerso (1944); Luz do Pântano (1948); e Pasto de Pedra (1971).

E só não publicou mais obras literárias porque o enorme sucesso de crítica não lhe trazia o necessário retorno financeiro e, com família para criar, ele – mineiro pé no chão, homem da montanha – optou por ganhar o pão de

cada dia exercendo outras atividades, como a publicação do "Guia Rivera", livreto vendido nas bancas de jornais e revistas, que trazia o número, o trajeto e o ponto de todos os ônibus coletivos da capital mineira.

Porém, seus livros jamais deixaram de ser lidos e comentados nos altares iluminados dos amantes da boa poesia mundo afora.

Ainda recentemente, Bueno de Rivera foi premiado com a publicação de vários poemas seus numa bela seleção feita por Affonso Romano Sant'Anna, onde seus versos luzidios, enxutos e precisos arrancaram aplausos e, mais uma vez, semearam consciência e sensibilização do ser humano, como em O Apocalipse do Aleijadinho:

Dobram os sinos
do Carmo
— pelo ricaço
— pelo devasso.
Dobram os sinos
das Mercês
— pelo ouvidor
— pelo marquês.
Dobram os sinos
choram os sinos
pelos Nobres blão
pelos Brancos blão
— pelo Aleijadinho NÃO!

Biografia

Membro da Academia de Letras do Brasil-Mariana (ALB-MARIANA), onde ocupa a cadeira número 15, que tem como patrono o poeta Bueno de Rivera; integra a entidade cultural internacional Poetas del Mundo; membro da Academia Virtual Sala de Poetas e Escritores (AVSPE), da Academia Santantoniense de Letras (ACDSAL) e da Academia de Letras de Teófilo Otoni (ALTO).

Premiado com o troféu Carlos Drummond de Andrade (Itabira, 05/06/2010 – 45ª edição do evento). Nos meses de março e abril do ano 2000, expôs no Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos (ICBEU) e no Shopping Norte (no Bairro Venda Nova/Belo Horizonte) poemas colocados em moldura ("Telaescrita", segundo batizou a mostra).

Foi presidente da Associação Mineira de Imprensa (AMI), no triênio 2002/2005, e dá nome à biblioteca do Instituto Maria Angélica de Castro (IMAC) e à Biblioteca Comunitária do Bairro Flávio de Oliveira, em Santo Antônio do Monte.

O seu romance *Cabine 33* foi indicado e adotado em dois vestibulares (2005 e 2007) da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (FASAM).

É cidadão honorário de Contagem-MG. Trabalhou durante 30 anos no jornal DIÁRIO DA TARDE, onde foi

revi sor, supervi sor de revi são, secretári o de págі na, arti culi sta, edi tori ali sta, subedi tor e edi tor de Opi ni ão.

No di a 24 de setembro de 2011, foi contemplado com a "Comenda do Grande Ori ente do Brasi l-RJ", pela Academi a Maçôni ca de Artes, Ci ênci as e Letras do Ri o de Janei ro. Detém o "Prêmi o Méri to Li terári o Poeta Antôni o Fonseca", elevada e si gni fi cati va honrari a cri ada pela Academi a Beti nense de Letras (ABEL), presti gi ada enti dade cultural da ci dade de Beti m/MG.

No di a 20 de outubro de 2011, foi contemplado com o Di ploma de Honra ao Méri to pela Loja Maçôni ca Mestres do Monte. Em dezembro de 2011, recebeu a Medalha de Méri to Li terári o da Academi a de Letras do Brasi l-Mari ana, Aldrava Letras e Artes e Inbrasci . É membro do Conselho de Redação da Revi sta "ei sFluênci as", edi tada em Li sboa/ Portugal (http://www.ei sfluenci as.ecosdapoesi a.org).

Elaborou prefáci os para os li vros de poetas e escri tores como Ádlei Duarte de Carvalho, Ieda Alki mi m, João Si lva de Souza, Regi na Morelo, J. Estani slau Fi lho, Leoni ldo Mi randa Araújo, Sebasti ão (Ti ão) Henri ques, Cléli a Apareci da Souto e Couto (a pri mei ra professora do autor).

É autor laureado com i nscri ção no Portal CEN (Cá Estamos Nós), si te português, que serve de ponte li terári a entre Brasi l, Portugal e toda a comuni dade lusófona.

No di a 1º de março de 2012, Carlos Lúci o Gonti jo recebeu o Certi fi cado de Embai xador Uni versal da Paz, no âmbi to do Cercle Uni versel Des Ambassadeurs De La Pai x – Sui sse/France (Círculo Uni versal dos Embai xadores da Paz), representando a ci dade de Belo Hori zonte. É membro da enti dade cultural espanhola Naci ones Uni das de Las Letras (Uni letras).

Mai ores i nformações e dados podem ser buscados no si te do autor.

JESUS SALVADOR

Carlos Lúcio Gontijo

Do Menino-Jesus todos se sentem donos
Assentados no trono frio do egoísmo humano
Fazem-No patrono da eterna crucificação
Depositário fiel de repetida salvação
Relicário dos Céus à disposição do pecador
Pincel miraculoso a nos renovar a cor
Apontando-nos o amor como iluminada prece
Oração da qual jamais se esquece o Criador!

Carlos Lúcio Gontijo na bateia de uma leitora

Ângela Maria Sales Dias

Quando tudo passa é a janela que fica

Carlos Lúcio Gontijo na bateia de uma leitora

Ângela Maria Sales Dias

CAPA:

Foto de Lucas Diniz

(Publicada na capa da Revista

BETIM CULTURAL – abril/ 2011)

Verso da capa:

Foto de Hamílton Flores

Revisão:

Conceição Nina de Oliveira

Arte Visual, ilustração e diagramação:

Nivaldo Marques Martins

Carlos Lúcio Gontijo é jornalista, poeta e escritor ímpar. Sua obra literária é surpreendente, ricamente expressiva, cheia de beleza e poesia. Um jornalista ético, comprometido com a verdade e defensor dos direitos humanos; um poeta com estilo próprio, *"jardim em flor, fruto da semente semeada"*; um escritor dotado de sensibilidade e capacidade de colocar no papel o que sentimos e não conseguimos dizer sem perder a doçura, a generosidade, a elegância e o sentimento de amor ao próximo, à família e ao meio ambiente.

Carlos Lúcio Gontijo é um ser alado cheio de luz... Um encantador de corações, como bem podemos perceber em seu livro "Lógica das Borboletas": ***De tudo, um preparo imutável há: voar não está ligado a ter asas ou autonomia de voo. Basta estar sob o domínio de um sonho, no qual a lógica é ser borboleta; e ser borboleta é não ter lógica alguma – o sentido e a explicação da existência ficam na magia de se poder voar, sem manual de instruções, nem garantia nem prazo de validade ou contagem de tempo; que, sob qualquer medida, resguardará em si a essência de indecifrável eternidade, que se nos apresenta efêmera, ou pouco provável, diante da certeza material dos casarões existenciais de que, quando tudo passa, é a janela que fica***

(* **)

Aprendi, e afirmo, que a face da terra que amo se confunde com o rosto dos amigos a que estimo e prezo. São eles (vocês) que dão o tom da paisagem e calor às ruas, avenidas e praças. E, mais que isso, são vocês, meus amigos do coração, que abrem caminho para a minha literatura, que o tempo cuidou de tornar legítima e cingidamente nossa

(***)

Ângela Maria Sales Dias
Relações Públicas
Escola de Música de Nova Lima/MG

Na bateia de Ângela Maria

Carlos Lúcio Gontijo

Ângela Maria Sales Dias me veio de Nova Lima
Garimpou o veio da mina de minhas rimas
Ao feitio de desprendido e angélico facho de luz
Ângela Maria me premiou com o rio de sua fidalguia
Repassando-me todo o brilho de palavra preciosa
Graciosamente, como se idealista garimpeira fosse
Esta leitora mineira de boa lavra e bateia
Mulher de alma portuária à poética sensibilidade
Descortinou-me a palma de minha própria obra literária!

A literatura constantemente me apresentou leitores que se tornaram meus novos amigos, além de reforçar os laços de antigas amizades. Ângela Maria Sales Dias tomou contato com meu trabalho literário há muitos anos, quando cursava Relações Públicas e, através de Hamilton Flores, jornalista e professor de Fotografia no UNI-BH, conheceu o livro de poesia "Leite e Lua", editado em 1977, cujos poemas foram ilustrados com fotos do Hamilton, então meu companheiro de curso de Jornalismo.

Ângela Maria, que reside em Nova Lima, cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte, descobriu o nosso site e passamos a nos comunicar por intermédio de e-mails, nos quais ela sempre introduzia pensamentos pinçados em minha obra literária. Dessa forma, achei natural propor-lhe a elaboração de um livro de frases extraídas de meus 13 livros. Num primeiro instante ela hesitou, mas depois encarou a empreitada. Cuidei de não ir ao encontro dela, pois à Ângela Maria julguei bastar, naquele instante, conhecer apenas a minha literatura, que indubitavelmente é a melhor parte do que sou tanto física quanto espiritualmente.

Terminada a lavra prometida do "Carlos Lúcio Gontijo na

bateia de uma leitora", eu pude enfim ir ao encontro da autora que prestou uma inesperada e espontânea homenagem ao meu trabalho literário e à qual pelo resto de minha vida sempre abraçarei como verdadeira parceira de idealismo e principalmente uma espécie de alma gêmea/amiga, que a palavra deixada no papel ao longo dos anos me trouxe pela mão, como recompensa por meu abnegado esforço na realização de obra literária independente e, sobretudo, feita com absoluta honestidade de propósito, conforme fica demonstrado (e apurado) pela sensível e competente coleta com que Ângela Maria Sales Dias me premiou.

A certeza da escuridão costuma doer-nos

menos que a falsa promessa de luz!

***

Assim como as borboletas, somos paisagem em movimento: não estamos no mundo para marcar tempo de vida, mas horas de voo...

GARIMPANDO "VENTRE DO MUNDO"

(Livro editado em 1977)

O mundo novo que você procura está dentro de você mesmo: comece a andar nos caminhos do seu fundo e vai estranhar o azul que mora nos limites de você... com a intensidade longa e larga de todos os infinitos."

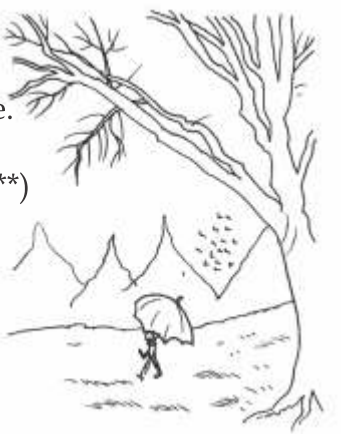
Queria ter menos olhos para ser menos chuva.

Para ser igual aos outros
Pureza é coisa do céu
Não queira pregá-la na terra
Se no céu se vive dela
Aqui você só fará
Morrer por ela!

Banco de Esperas
...Quem nada espera está morto; quem possui tudo o que esperou está pobre... E deve arrumar um jeito de assentar-se, pedir novos empréstimos ao "Banco das Esperas".

A hora azul de uma cidade morta
...Eu gosto de imaginar a cidade do infinito de mim radiante de luz...

Mundo de Amor
A vida vale mais para quem se divide.
Não vale a pena ficar esperando.
Procura o amor quem quer achá-lo (***)



Distante
Distante do meu mundo.
Longe do meu céu.
Uma dor me vem do fundo.
Sinto que vou chorar.

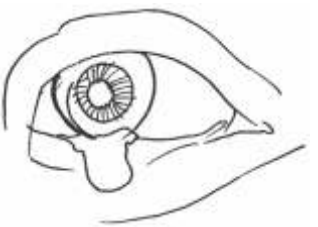
Queria que toda esta monotonia viesse de um sonhar.
E que a tristeza se fosse com a realidade simples de um despertar.

Como Caravela
Ela tinha os olhos de vento
Ventou forte, minha vida levou
E agora na mesa de um bar
Bebo a chuva que ela deixou (***)

Desencontro
...Choro no reflexo dos espelhos (***).

As coisas
Coisas que morreram
Sombras que ficaram
Lágrimas derramadas
Coisas que passaram (***)
E a gente vai vivendo assim, insistindo em recordar.
Talvez por ter encontrado abrigo no chorar.

Felicidade Partiu
...Ser feliz é poder ser o que quer
Porém muito cioso neste querer
Ter para si o luar
Sabendo que lembranças de um tempo
Podem nos fazer chorar (***).



Restos
Meus olhos inundados
Meu fundo destruído
Meu mundo tão perdido
De repente, tudo ficou assim desfeito.
- tenuidade desgrenhou os meus azuis e verdes!
Restou-me esta dor dentro do peito
Este jeito por demais sem jeito
E esta dor não é de morrer
Eu sei que ela é só de doer... e doer... e doer.

Juventude Indecisa
...Futuro cheiroso, de fragrância distante (***)

Tempero
Como queres teu riso?
Puro ou com gelo?
Teu pranto como queres?
Frio, morno ou quente?
Como queres teu amor?
Carinhoso, manso ou fugaz?

Não podes saber, nunca!
Espere pelas estações da vida
Beba o tempero dos momentos...
Tu és um mundo, tu és gente
Sinta-se e não busque explicações

Libertação do intermediário
...Talvez a maior perfidez do mundo seja
nunca ter pensado em descer Jesus da cruz...
E sempre ter olhado pra ele como uma relíquia da
purificação e que deve sangrar-se a vida inteira,
até o fim dos tempos, para conseguir e conceder,
abnegadamente, milagres aos pobres de espírito:
Pois os que lhe pedem milagres são aqueles de débeis
riquezas espirituais e que por si mesmos não obtêm
a ajuda de Deus!

Tesouro desanuviador
...Tinha saudades da vida, porque há muito andava morrendo...
...Tinha nos olhos todas as paisagens do mundo como um espelho de milhões de anos. (***)

Citação

Figuras venais que trocaram sua célica
sensibilidade por um punhado de ouro.
Figuras que se fizeram congêneres e coadjuvantes
dos males desmedidos.
Figuras que cultuam com efusão os espíritos possessos.
Figuras céticas e perdidas no mundo relasso
que inventaram. (***)
Sendo assim, eu posso seguir dizendo:
Meu verso é como estrela empoeirada.
É luz querendo viver felicidade.
É noite de infinda madrugada,
que se pôs a cantar fantasias,
para uma triste e gelada realidade.

Clarividência

...O aroma das flores não está na sua cor e sim, na sua espécie...
– O mundo tem que se fazer adulto pela clarividência do pensamento, que somente pode ser adquirido com o raiar de uma mente madura e racionável (***).

O natal desej ado por uma pequena cidade

A cidadezinha de olhos tristes se vê envolvida pela pasmosa sensação de ver mais um ano se escoando com rapidez, como a incansável água de um rio, que não quer parar.
...E, ainda, neste natal a pequena cidade não vai cear, porque ela só irá fazê-lo, quando ela puder dar condições para que todos possam comer e beber vinhos iguais...

Ato fúnebre

Chamego dos céus
Quérulo da vida
Reclamo dos tempos e mistérios
Chegou o cansaço
Tornou-se mansa a fala
Ficou demorada a respiração
Fez-se descompassado o coração
Mas Deus foi tão bom e roubou-lhe apenas o corpo... (***)

Até Deus

...Até Deus deve ter sonhado para poder fazer o mundo em toda sua amplitude e perfeição...
Mostrando em cada detalhe, entalhes da sua divina beatitude. (***)

Desolação

...Há um infinito encanto na fantasia de ter você.

Inquietações

...O reflexo das estrelas na água diz-me de um céu que não mora em mim.

Amantes de momento

...Ressoa no vazio o lamento dos amores mortos (***)

E a chuva caía

No meu medo noturno a chuva caía
...Mas o céu lamentoso e escuro consumia o meu sol estelar (***)

Hora de transparecer

É hora de cobrir minha vida nua
Arrumar um jeito de ser feliz
Ventilar a fumaça dos olhos
Sair pra rua e explodir num sorriso
Pensar em branco, pintando-me a paz
Abraçar a primeira fantasia que vier
Fazer porto seguro da ilusão
Embarcar em um sonho qualquer
Desfazer de todas as amarguras
Abandonar-me, esquecer de mim
Imaginar que sou como uma flor
E ser feliz, sorrir para o mundo com muito amor
Mesmo sabendo que morro a cada dia!

Sexo humano

Colha a ternura da noite pra você
Encha-se de tempo bom
Ponha o azul no seu fundo
Deixe o medo contrariado na calçada
Faça o seu corpo repousar no corpo amado
Seja infinito no seu amor...

Transformações

...Vem-me uma lágrima acanhada, que esperou a madrugada para começar a cair (***)

Saindo do quarto

...Agora resolvi sair e encontrar-me com o sol...
Quero fazer-me de alguém
Será bom adoecer-me de amor (***)

Pedra indiferente

...Pintei o seu olhar de lindo negro, onde moravam mil estrelas azuis (***)

Regresso branco

...Nesta despedida não haverá nenhuma tempestade e nos olhos meus só se notará um vermelho longo, vindo de uma vontade imensa de ficar...
E as lágrimas que você não vai poder ver irão, eternamente, molhar o fundo meu...
Olhe! Talvez eu possa voltar em nuvens de pombas brancas: que somente se veem voar na ilusão da noite, no renascer do amor e nos raios de luar.

Mundo mais novo

...Desejo de ser gente pra depois querer ser homem (***)

Profusão

...Nas marcas dos nossos passos há uma confusão de tamanha igualdade, que se alguém seguir, eu ou você, acabará encontrando sempre nós dois... (***)

Castiços

A minha boca encheu-se de vento e os meus dentes morderam a frialdade dos tempos. Na temulência de minhas pernas estão as incertezas sofridas de quem se embebeu do álcool da vida (basta estar vivo para nele se molhar!).

Receita
...É preciso ser sol e ser capaz de se fazer de caminho e ninho pro seu amor... (***)

Ingresias
...Meu olhar quer viver nas manhãs raiadas, outras velhas manhãs de felicidade, que já raiaram...
Minhas mãos, de brancura pálida, tentam segurar as coisas que a vida está me levando devagar. (***)

De nós
...Quero me consumir em ti sem o medo exasperante de me perder. (***)

Afastamento
Sinto a vida correndo dentro de mim.
Rio pro sol de cada manhã (***)

O fim azul
Há em meus olhos um punhado de estrelas só de nós...
E nas distâncias de você eu sentirei as fugitivas distâncias de mim... (***).

Adocicado
...Toda tristeza que de você nasceu são momentos felizes de quem já viveu!

Poucas moradas
...O caminho em que alguns colhem flores é o mesmo onde passa, vive e anda aquele que se afunda na areia do deserto. (***)

Meu país
...E se você resolvesse viajar dentro de mim iria se encantar com o meu fundo, que mais parece ser uma continuação das coisas de você.

Busca

Quero me transformar numa longa noite, toda estrelada pra te esperar.

Quero ter voz de rouxinol para cantar e encantar teus ouvidos.

Quero que todos os sentidos do meu ser estejam bem afinados pra te amar.

Quero que meus passos saibam buscar e que o pensamento saiba escolher.

Quero mãos demonstrando alegria em te entregar o que eu colher.

Não gostaria de me ver te trazendo o mal...

Eu quero ser a casa de te guardar...

E quero fazer as tuas dores doerem em mim com o imenso arroubo de quem se deu!

Um sonhar noturno

...Vivi a poesia dos que sofreram e depois se redescobriram com as primeiras flores do caminho. (***).

Chegando da capital

...Ser mulher é saber guardar dentro de si um ilimitado segredo!!!

Quando tudo passa

Quando você passa por mim todas as janelas do meu ser se abrem pra lhe ver...

Por quê?

...Escuto meus passos caminhando sem caminho...
...talvez, não caiba explicação para as iniciativas ditadas pelo coração, que rege a infinitude do meu ser!!!

Definição

...Eu queria ser fantasia para viver sem ter rosto definido e passar a vida inteira desconhecido pelos amigos enganosos.

Ideias fragmentadas

*Quero que você saia de você pra mim,
com a mesma imensidão que eu saí de mim pra você.
*Amor que não vive momentos de loucura
Que nem por um minuto se enlouquece...
Fica fraco no tempo e de acomodado se esquece.

*Jesus é a árvore que cresceu, floriu, deu sombra e produziu frutos... Transformando-se na eterna primavera de ser.

*Ostentação e barriga vazia é o mesmo que colorir a miséria com sorrisos amarelos.

O tempo corre mais em nós do que nos relógios.

*Felizes daqueles que sabem ser mar e abrirem-se aos barcos da vida.

Pela j anela

...Uma lua branca e triste faz viagem em meus olhos, que são tão seus. (***)

Da minha solidão

...Da minha solidão eu sei da morte e sei da vida que é você. (***)

O amor

...O amor é como os raios de menina lua cheia, recém surgida dentro da tarde e com vontade de brincar... (***)

Efeitos

...Ausências tristonhas e saudosas teceram minha roupa sem cor, para eu entrar no palco da solidão.
Nos esquecimentos de mim nasceram mil lembranças de você. (***)

Barquinhos

Trago um jardim no meu fundo, pretendendo florir.
...Trago velhas fotografias tiradas do orifício da solidão,
por onde todo dia eu via um punhado de risos
alegres, rindo entre si na mesma cor e no mesmo tom. (***)

Devaneio

...Eternamente, eu continuarei não sabendo dizer do que
é mais importante no devaneio de um riso seu:
Se a cor ou o pincel?!
Se o calor ou a chama ardente?!
Se a semente ou se o céu?!

Cismo
Sou passageiro de uma nuvem de chover.
Nos relâmpagos da minha tempestade está minha vontade de viver.
Minhas incontidas trovoadas são vozes e lembranças das muitas vidas que vivi.

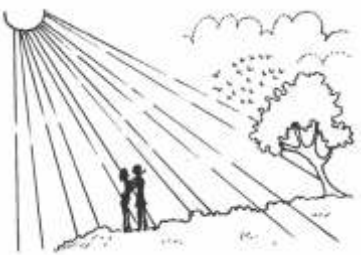
Meus ventos ventam vestidos de fortes vendavais, como a juventude que perdi.
Na minha escuridão, eu busco as colinas, onde se refugiam os brancos da paz... (***)

Ouça
Ouça...
Meu amor é pingo d'água
Creia-me e ele será rio
Ame-me e mar ele será
Ouça...
Meu amor é uma chama
Creia-me e ele será luz
Ame-me e sol ele será
Ouça...
Ganharemos nuvens dos céus
Iremos pelos infinitos viajar
Estrelas tácitas rirão pra nós
No meio do mundo estaremos a sós
Ouça...
Meu amor é todinho manso
Creia-me e ele será mavioso
Ame-me e descanso ele será

Quando criança
...Invejo os raios do sol que, tranquilamente, invadem a moradia dos meus sonhos. (***)

Neste agora
...Queria ser como nuvem branca, para manter-me calmo e plácido diante do meu próprio escurecer...

Ventre do mundo
Quero ser a noite
Quero ser o dia
Quero estar pendente
Nesta anomalia
Quero quebrar o gelo das cortinas



Cegar a olheira das retinas
Quero ser menos adulto
E mais criança, para ser feliz
Quero ver quem me olha
Escutar quem me diz
Quero o vinho e o gozo
Do gostoso ventre do mundo
E morrer lá no fundo
Da mais viva imersão no Azul.

GARIMPANDO "LEITE E LUA"

(Livro editado em 1977)

Frase de contracapa

Enquanto eu puder sorver todo o meu mundo, sem egoísmos, serei um escritor; mas se eu perder a sensibilidade e vangloriar-me deste pendor, então para que tinta e pena.

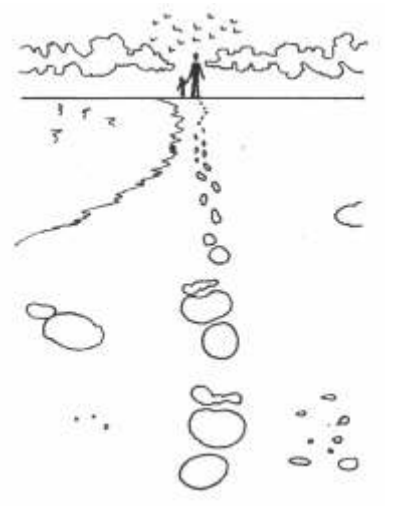
Palavras do autor

Nunca busquei a vau dos rios da vida – a fácil travessia não nos enobrece. Mesmo não sendo bom nadador, sempre almejei a poeira dourada dos profundos infinitos...

Antes e agora sou um caminhante descalço, pisando manso o mundo inexpugnável das pessoas, tentando falar por elas, ajudando-as a se descobrirem.

Leite e Lua

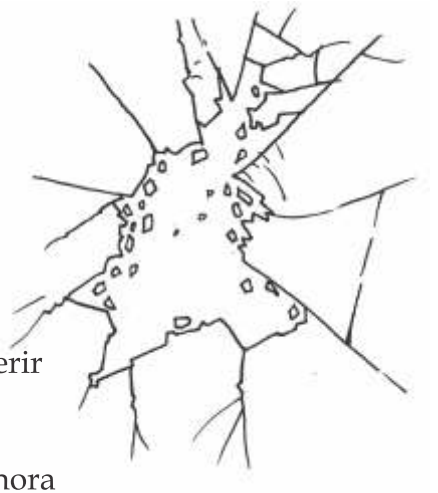
Sem os cantos que cantava
Sem os risos que sorria
Sem a mulher que amava
Aceito ficar...



Sem o caminho que antes ia
Sem as esperas que esperava
Sem cama, sem ama
Posso ficar...

Sem gente na rua
Sem luta, sem liberdade
Sem leite, sem lua
Pra que sociedade?

Sangrando na horta



Vidro quebrado
É caco de vidro
Estilhaço que corta
Que na horta sangra

Enquanto nosso amor
For feito vidro inteiro
Encha-o de rir e de flor
Mas não o guarde quando ferir

Não seja falaz
Nem pense em melhora
Como caco de vidro
Jogue-o fora...

Paisagem de j anela

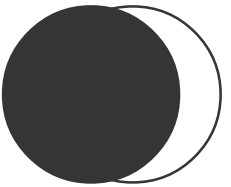
...Minha musa pode ser...
Uma mulher de muitos sóis
De muitas luzes, muitos filhos
De cabelos de cometa
De boca de vermelho doce
De mão sensível que apela
De olhos de estrela
Simples paisagem de janela... (***)

Despertar verde

...Há um despertar verde dentro de cada ser humano...
E há um destemor ansioso,
surgindo medroso dentro da paisagem:
Capaz de nos fazer esperar infinitamente por um mundo mais novo:
Que fica além dos céus e dos mares,
onde se banham todas as estrelas do universo!

Segredo à vista

...Então, meu amor
Deixe-me aos olhos seus segredos
Pois o que não se encobre
De bonito se faz infinito
Em evidência não se descobre.



Eclipse

Um astro eclipsado, imerso na escuridão, quando se emerge
até parece ter-se banhado e guarnecido de maior luz...
E as pessoas devem aprender este segredo para saberem nascer novamente, depois da dor e do sofrer. (***)

Aves

Meus horizontes lhe entrego
Pode vir-me confiante com seu sol
É seu cada leito do meu fundo
Achegue-se com seus mares
É sua cada árvore, todo ramo
Aproxime-se com suas aves
Todo meu céu lhe abro
Venha-me com suas estrelas
Deixo-lhe todos os meus espaços
Traga-me seus infinitos
Dou-lhe todo meu ar
Encaminhe-se com seu vento
Oferto-lhe minhas horas
Suscite-me com seu tempo.

Insensibilidade

Quem nunca se amanheceu não pode saber da luz (***)

Pescaria

...Porém eu não sabia
Que além de cega, não querias ver
Decidido te pesquei
Pois amor bandido
Não é peixe pro meu mar.

Ser ou não ser
...Sei que cheiras a alfazema
Que estás em minha cabeça feito diadema
Que me extrais todo poema
Que me sujeitas ao teorema
De ser ou não ser...

Baú
Guardei-te no coração
Sopro de vento amigo...

Pingente no bonde
...Somos meras sombras e
transparências de gente (***)

Eu e a vida
Sentado ao pé da vida
Parado no meio do seu
caminho
Debaixo da sua sombra
Colhendo a sua tristeza
Chorando a sua lágrima
Sentindo a sua dor
Morrendo na sua fome
Matando na sua guerra
Caindo no seu tropeço
Cheirando a sua terra
Abraçando o seu abraço
Cansando no seu cansaço
Molhando na sua chuva
Aquecendo no seu calor
Temendo no seu medo
E agradecendo-a por ter me
dado você...

Manhas pegaj osas
...Que seja do jeito que for
Que nem se lembre de quantos beijos
Mas que tenha a pele marcada
Pelos doces arranhos dos desejos
De cálidas e pegajosas manhas
Sanhas ferozes da madrugada.

Modernidade

Andei respirando nuvem
Agora sei
Escuto-me trovejando
Dentro de mim, me molhei (***)

Diálogo da convenção

Dentro das pessoas os horizontes não têm fronteiras (***)

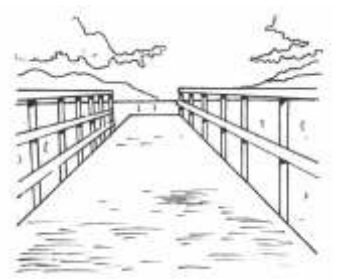
Anomalia

...Quero todas as simbioses
Vencer as metamorfoses, feito borboleta
Voar num raio cambiante...
Ter bico de saltitante beija-flor
Ninar os meus dias no colo da noite
Semear o solo de chuva e sol
Viver a eternidade de um momento de amor.

Carisma

Se me pedes açúcar, te adoço
Se me fazes carinho, te faço
Se me abraças, te abraço
Se me exiges excessos, te endosso
Se me agrides, não teimo
Se me seduzes ao meio dia, te almoço
Se me enroscas, te queimo...

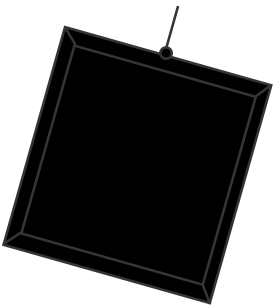
Mundo branco



São teus os risos sem medo
Dos castelos que ergui na areia
Todos os meus bonecos de brinquedo
De muita fantasia e tanta veia
Deixo-te navegar nos barcos de papel
Podes rodar nos carrosséis que fiz...
Morar em minhas estrelas e pincéis...
Dançar meu carnaval de serpentina feliz...
Vestir-se menina nos brancos de mim!

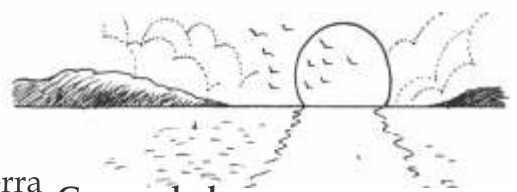
Ano Novo

...Não me importa o velho quadro
Se já pendurei-me um novo olhar.



Temulência

Vimos surrados do trabalho
Enlatados numa lotação suada
E o mundo nos parece falho
E a vida como navalha
Numa sangria que não falha
Vai-nos talhando o dia-a-dia
Rijos nos damos pela madrugada
Quase que pelo acaso de um nada
Entregamo-nos amantes em flacidez
Em quase morte, mais uma vez!



Para ser igual aos outros

Pureza é coisa do céu
Não queira pregá-la na terra
Se no céu se vive dela
Aqui você só fará
Morrer por ela!

Comendo lua

Noite adentro a fome rompia
O menino no braço
A mochila às costas
O tédio, o lasso
À roupa rasgada, o vento invadia
Um laço sem nó
Uma miséria sem dó
Noite adentro a fome insinua
O leite minguado, bebe a criança
Um jornal velho incita a poupança
Sob a marquise de uma "limitada"
Muitos limitados cochilam
Noite adentro a fome continua
O leite acabou, mas dorme o menino...
O destino, toda rua
Ilusões e quimeras erradias
Mentes vadias que comem a lua

GARIMPANDO "CIO DE VENTO"

(Livro editado em 1987)

Dedicatória

...A minha SANTO ANTÔNIO DO MONTE, um pequeno ponto no mapa de Minas, mas faca de afiada ponta a cortar em pedaços o doce amargo de uma saudade imensa.

Abertura

E fomos em frente, DRUMMOND, como em frente vão os cometas, os riachos, os rios, os caminhos, as ruas... E fomos em frente, DRUMMOND, sobrepondo pedras e caludando todas as ausências que se banham na chuva de nosso peito e se queimam ao sol da simples e divina magia de poder juntar na memória o que a vida insiste em nos levar, sempre repentinamente, mesmo que esperado.

Vontade Latina

Sobre os lençóis verdes-água do meu amor
Lancei os anzóis tecidos no coração
O leito se abria afeito ao pescador
E beijos vieram-me em feixes
Eram como peixes em cardume
Em licoroso perfume envolvi-me
Cheirando a rio e lua clara
Ouvindo cantos e tanger de sinos
Amanheci-me em rara liberdade
Vontade antiga dos latinos

Outro ladrão

Perdoa-me, meu amor
Se lhe chego com as feridas da rua
Se lhe trago as recusas do patrão
Se a abraço suado
Se a beijo salgado
Se em esgotos lassos serpenteia a sociedade
E se está magra a cesta da feira
Creia-me, lá no mercado, outro ladrão
Roubou-nos a fome...

Lucas

Lucas, meu filho, mandamento de amor
Gota d'água que se emanou do pai
Que se fez mar no colo da mulher-mãe
Vem raiar manhãs, viçar os sóis
Tingir de branco os lençóis da alma
Alvejar o coração de calma e bola de meia
Pintar lua cheia nas minguantes dos achados
Até que em maré alta na praia dos mercados
A vida lhe afogue a fantasia dos piões
E lhe sufoque a cantoria da poesia
Exigindo-lhe os pecados de adulto...

Amanda

AMANDA, de olhos negros e sem escuridão
De alma mansa feito nuvem branca
Que parece acariciar estrelas com a mão
Creio nas borboletas que a rodeiam
Nas primaveras que diz exalarem dos céus
Nos anjos que ungem os raios do sol
Que penteiam o cabelo dos cometas
E que peneiram as águas da chuva
Creio em seus vagalumes, luzes, galáxias...
E mais, muito mais que isto, FILHA
Preciso do encanto destes bordados que tece
Num artesanato sem o odor dos mercados
Apenas cheirando a leite e seio de mãe

Reza

Abre-me os espaços, Senhor
No compasso das estrelas
Ilumina-me passos e janelas
Com velas e facho de sol
Mergulha-me em riacho limpo
Traze-me do "olimpo" caravelas cheias
Espanta-me as sentinelas da fome
Que consome o olhar da minha gente!

Rio demais

...Lambia com os olhos da mente as guloseimas das vitrinas (***)

Pleno emprego

Quando a gente se olha nos olhos
O mundo inteiro em amor se molha
As paredes se enchem de janelas
E as sentinelas fazem vista grossa
Pra que eu possa amar você

Quando a gente se entrega
Pingo d'água fura pedra
Toda mágoa desapega e se esboroa
A vida é boa, e nos emprega

Tempo Empoçado

Deve dormir em mim
A manhã de minhas manhãs
Deve estar em mim
A eternidade do cometa fugaz
Deve achar-se no imo do meu coração
Um arrimo leve, feito de vento
Capaz de empoçar-me o tempo
E dar-me tempo de amar você

Fundo perdido

A cesta no fundo
O fundo do prato
A sede profunda
O fundo do copo
A vitrina inunda
A cerveja inebria
A mente deseja
O bolso espia-me
Ouço-lhe os fundos

Cio de vento

Do amor que sonhei
Só consegui-me algumas mortes
Toda carne e corpo algum
Toda distância e nenhuma alma
Por isso volto pro espaço
Onde sem mormaços me riem os infinitos
(Vejo Deus pintando cores pela manhã
Numa ânsia louca de arrefecer as dores do mundo
Ou quem sabe esquecê-las de vez)
E em desvairado cio de vento
Faço todas as estrelas se engravidarem
De mansos, suaves, poemas meus

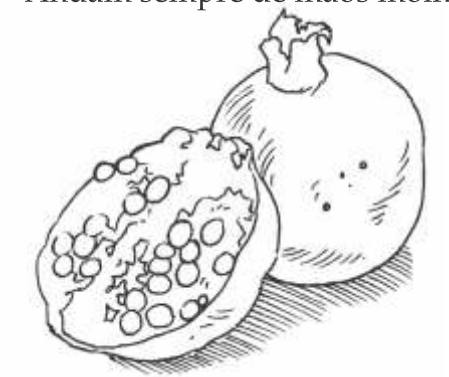
Fratura exposta

Estou exposto às facadas do cotidiano
E o mesmo deus que me rasga os panos
Vem e guarece-me as feridas
Mas fica na cicatriz todo gemido
E ao meu ouvido ventam frases de amor
Do meu amor de olhar cansado
Que me olha desfigurado
Qual fratura exposta
Secando-se à luz da manhã

Nós e desates

O ordenado que nos ordena a feira
É o mesmo que nos rouba os dias
O pincel que nos tinge a alma
É o mesmo que nos esmaece a tinta
A madrugada que nos extasia o leito
É a mesma que nos leva o amor
O peito que nos delicia o desejo
É o mesmo que nos rouba o fôlego
A mão que nos acaricia o corpo
É a mesma que nos desalenta o gesto
O prato que nos enche
É o mesmo que nos esvazia

Castigo
Na casa de Deus a toalha é natural
Todos se enxugam ao sol da manhã
Estendidos nos braços de anjos
Esboçando um imenso varal
Mas os "Pilatos" da vida terrena
Apesar da amena luz divina
Andam sempre de mãos molhadas



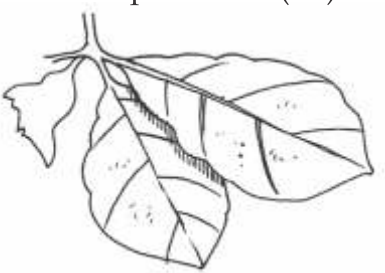
Romã
Meu amor, sólido e líquido
Roçar e calor de virilhas
Raio penetrante da manhã
Que se ilha no leito
E dividido sangra no peito
Feito partilha da romã

Face doada
...Venha caminhar seus caminhos no voo dos meus passos (***)

Afago mágico
O orvalho é o pranto da noite
Que as flores afagam na escuridão
E que se transforma em gotas coloridas
Aos primeiros raios de vida das manhãs...

"Halley"
...Partir coisa de quem anda
Morrer coisa de quem vive (***)

Decreto-lei
A ferida da folha que cai
Não arde ao sopro do vento
Então, antes que tarde, Pai
Decretai ao povo alento pleno
Sem o veneno dos parlamentos



GARIMPANDO "AROMA DE MÃE"

(Livro editado em 1996)

Capa

Com sete ou quarenta anos, continuo dobrando esquinas e guardando em mim a saudade das ruas em que semeio os sonhos de meus passos, eternamente no calor dos dezoito anos incompletos.

"Boi da Cara Preta"

O Brasil dorme eternamente em berço esplêndido, porque os homens que lhe compõem canções têm medo da justiça de seu despertar...

Dedicatória

Por isso, deixo-me em gratidão a todos os amigos que ousaram despertar-me para a vida.

Minha mãe – Betty Rodrigues Gontijo, que me despertou e foi-se embora cumprir missões fora da carne, mas, antes, cuidou de marchetar de estrelas e toda luz os caminhos que deverei seguir. É caminho a sumir de vista, todavia, com tamanha claridade, eu chego lá, Mãe!

Abertura

A crença em Deus se aninha nos labirintos de nosso subconsciente. Pessoa alguma, ainda que negue Cristo e seus ensinamentos, deixa de praticar, em determinado momento de sua vida, atos que a levem ao encontro da energia maior, em que se banham todos os discos voadores, mundos desconhecidos, e onde não ser mágico é ser irreal.

Todo desenvolvimento humano, todo trabalho intelectual, somente é útil à sociedade se revestido de sensibilidade, poesia e espiritualidade.

Algumas pessoas chegam ao Criador pela simples proclamação de sua fé, enquanto outras constroem essa aproximação através de sua obra e preocupação sociocomunitária.

Talvez, quem sabe, o crescimento da discórdia e o imobilismo da humanidade diante das injustiças sociais sejam o reflexo exato da falta

de valorização dos poetas e seus olhos de janela descortinando as verdades mais íntimas dos homens e das coisas que os cercam.

Deixo-lhes, então, AROMA DE MÃE, de minha mãe-Betty, que ensinou--me a semear sem prejulgar o fruto, que tem o direito divino de ser o que virá a ser e o dever supremo de praticar, dentro do livre-arbítrio, o bem em prol de uma sociedade mais fraterna e cristã, tanto na carne quanto no espírito. Extravasando-se em eterna doação como toda tela de pintor, como todo verso de poeta.

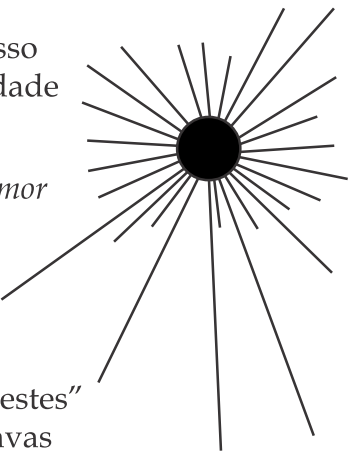
Lençol Branco

...Assim é o meio-termo: maneira tola de evitar viver ou entregar-se intensamente. O medo de se perder, trair-se ou ser traído.

...A paisagem, mais que refrigério para nossos olhos, serve de alimento para nosso espírito.

...Meu cabelo crespo, de mulato, certamente meu primeiro compromisso com a miscigenação, mistura e igualdade entre as pessoas através do amor.

...As pessoas são como manchas de amor entranhadas no lençol branco da vida!!!



Orfandade

...Filho, tu ainda tens mãe
É o estribilho da canção que ouço
Ergo-me com as forças de "coluna prestes"
Faço em mim a revolução de que falavas
Então eu creio, respiro profundamente
No ar cheiro de seio que me alimenta
Mãe, sinto-me menino novamente
Gosto de manga no céu da boca
(Tua fruta preferida)
Muito riso e pouca zanga...

Sol eterno

...A poesia da vida está
na surpresa das esquinas
...Quem não garimpa
dentro de si mesmo
Enferruja com seu toque
tudo que amanhece...

Casa de herança

Os olhos são o cio das luzes
Sem eles a claridade não teria razão
Nossa emoção espiritual é fio condutor
Calor que faz a prosopopéia dos objetos
Por isso, mãe, ao vender nossa casa
Foi como negociar meu berço
Cortar as asas de pássaro
Perder o terço de orações
Mãe, confesso que chorei
Molhei meu rosto feito nuvem de chuva
Abandonei paredes que erguemos com a mão
E o limoeiro, mãe, lá no meio do terreiro
Quando for de seca a estação
Quem vai adivinhar-lhe a sede?
Mãe, em outra rede a paisagem da janela
Nova sentinela para nossas coisas
Recordo uma vida de menos solidão
Quando antes desta minha viuvez de mãe
Até havia mais doce na acidez do limão!

Aroma de mãe

...Na minha casa encontrar-me-ás profundo
Mais aberto que porta de bar de esquina
Servindo-te café e bebidas finas
Com a fé de sagradas hóstias pagãs
Especiarias temperadas nas manhãs do meu peito
Abençoadas pelo aroma de mãe que partiu
Verás que minha casa leva jeito de santuário
Uma espécie de mágico mar portuário
Onde as pessoas se achegam feito rio
Cheirando a puro suor de multidão
Passam pelo regaço da bateia dos sentimentos
Para se doarem à ceia do abraço amigo...

Peão de letras

Palavras são novilhos
Novelos de rios e lã
Cavalos bravios, puro-sangue
Na escuridão esperando manhã
Mangue de fala nascente
Veneno de língua poente
Pauta sonhando som
Feno bom para a mente animal
Que não sabe ser silente
Nesta campina sou cavaleiro

Poeta visionário social
Guerreiro, desbravo o dicionário
Matagal de mel em favos
Onde enlaço palavras com laço de céu
Feito abraço, prisão que afaga
Esta é minha saga, minha sina

Que se algum dia termina
Quero meu corpo ao lado da mãe
E o conforto da inscrição final:
"Meu irmão, aqui jaz um peão de letras"

Milagre de Mariana

Mariana tu és para mim
O mesmo que és para as pedras
Transformas-me com o tato de tua arte
IluMINAS-me com as janelas de tuas montanhas
E dás-me voz com o sopro afeito de sinos
Que deixas tanger no mar de meu peito
Como se eu fosse altar de igreja agreste...

Asas do desprendimento

Sob a carícia inibidora da lâmina de uma navalha faz-se a arte de viver.

...As pessoas são espíritos em progressão, o aperfeiçoamento é a meta congênere e comum a todas nós.

...A nada devemos repudiar por antipatia. Todo plano preconcebido, toda opinião formada a priori é um mal atropelando a luz da razão. O pôr-do-sol não se faz necessariamente na linha do horizonte geográfico, mas também nas profundezas dos seres humanos, adentrando-se a carnes e ossos, quando costuma, inclusive, ser mais belo.

...A humildade é a força propulsora dos sentimentos que têm a coragem de se apresentar e experimentar o feliz sofrimento de doar-se.

...Assim devem ser os habitantes deste planeta de homens sem juízo. É necessário que as pessoas se guiem pela grandeza do caráter, que não se percam na luta por coisas banais, que procurem a verdade e o brilho dos cristais, que, mesmo se quebrados, estilhaçados ao chão, jamais perdem a centelha. Ou, melhor dizendo, pressão alguma deve fazer com que os homens faltem com a sua verdade, o seu voo particular, interior. Não deve o homem admitir qualquer poda ou corte de tesouras contrárias ao seu livre-arbítrio.

...Somente sob o domínio da verdade acontecem a construção e o progresso da humanidade.

Parindo luz

Sejamos verdes em flor
dentro de nós (***)
...A palavra só deixa de ser em vão
Na canção divina do sentimento

Frutos e gente

Frutos e gente são iguais
Ambos acabam amadurecendo
Quem o colha deseja o fruto
Quem o acolha almeja o homem
Frutos e gente têm sabor
Somente renascem se provados
O fruto através da semente
O homem pelo milagre do amor

Fronteira de giz
Nos olhos do meu amor
Vou plantar meu país
Dar nova cor às bandeiras
Apagar todas as fronteiras
Como se fossem de giz...

Amora doce
Ainda cora no céu de minha boca
Aquele gosto de nuvem do teu beijo
Mora em mim toda janela do teu rosto
Amora doce em calda de raios de lua (***)

Filhos e panos
Os braços do meu amor
Fontes em flor d'água limpa
Parecem afluentes de rio
Que se unem num abraço
E em livres correntes de carinho
(Como se mar eu fosse) ***
...Meu amor é porto de chegada (***)

Aboio
No chão de seu corpo sou vaqueiro
Estradeiro, capataz e zelador (***)

Aula de religião

...A verdadeira igreja está dentro de você mesmo. Ninguém vai desmanchar seu altar nem administrar seu sentimento cristão. Você não precisa de intermediário para falar com Deus.

...Os efeitos da democracia de mão única, que não tolera ser contrariada, que usa a farda do poder pelo qual age, vez por outra verde-oliva, mas sempre visualizando o grande número de desprivilegiados material e intelectualmente como simples massa de manobra.

...Como Deus nos reconhece espíritos pequeninos, Ele costuma descer até nós e espargir suas benesses.

...A vida é um instrumento para ser tocado sem partitura. Somos água corrente: meio rio, meio gente. Doutrina que nos empoce, ilhando-nos o livre-arbítrio, faz com que nos evaporemos à luz da manhã.

Mormaço de estrela

...Você instala-se em meu último pedaço de céu
Abre-me janelas de luzes esvoaçantes (***)

Chuva no cimento

...Seu corpo no corpo meu
Trazendo no suor o mar do coração (***)

Explosão demográfica

Meu país tropical vive em estio
Sempre um vazio na paisagem
Mormaço, evaporação de rios
Toda aragem tem dono
Ornamenta o trono dos senhorios
Geografia da fome nos varais
Esgoto a céu aberto nos quintais
Sob a curtir do sol e do sal do choro
A pele humana se transforma em couro
Verdadeiro tamborim do carnaval
Minha gente semeia gente na carne
Permeia preservação animal e sinos
Ateia na dor o fogo dos meninos
Que para a esperança se fazem de ceia
Assim como o sangue é festa pra veia.

Mais-valia

...Tu me conduzes como criança
De olhos fechados em luzes me perco (***)

Sorvete de chocolate

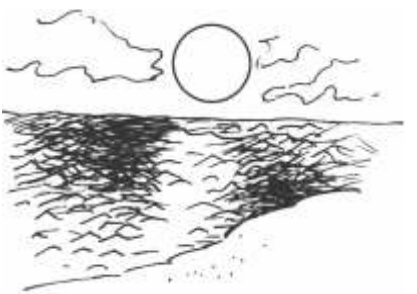
...A alma humana é a tradução exata de nossas verdades mais profundas, que lhe "clorofilam" o espírito.
...Um laço sanguíneo feito com as amarras da eternidade.
...Trazia no olhar a sanha de mares, a calma de montanhas e um inebriante perfume silvestre, tingindo e dando cor aos lenços brancos da despedida.
Vaga-lumes e lacraias são neons que voam
Sob as saias de escuridões vadias
Que nos irradiam praias de sorvetes de chocolate
Para o dia em que nossa alma esvaída
Souber a magia de transformar a morte em vida!

Desnudamento
Somos nuvens em constante desmembramento
Sob o temor de terminarmos sozinhos (***)

Fome iluminada
Hoje as mãos de minha mente trabalham mais
Trago na alma o corte dos canaviais escravos
Na concha do gosto o cheiro de cravos não-provados
Nos olhos o prometido céu político sem colheita
Sementes perdidas nas desesperanças da seita capital
Ingente, sem balanças nem medidas definidas
Açougue dos sonhos de uma gente infeliz
Humilhada nos balcões de seu país latino
Com a vida entregue ao colorido das vitrinas
Iluminando a fome dos meninos nas esquinas
Extravasando a sina do Cristo crucificado

Comprando hóstia
Meu país não aspira
Apenas conspira
Exercita o conhecimento
Não a sabedoria
Há mais calor e aquecimento
Que geração de luz
Cortam-se árvores nos quintais
Na canção pela Amazônia
Esperança é a eucaristia
Salário é a sacristia
Comprando a hóstia do dia-a-dia
Retalhos de almas no mercado
Fazendo do trabalho unção verdadeira
Salvação guerreira de quem não crê

Mares e Shoppings
Por não saber nadar
O mar eu mal conheço
Nem shopping-center sou de frequentar
Pois na profundidade das águas
Ou na claridade das vitrinas
A chama do espírito humano
Vive o drama de afogar-se



Lavoura malcuidada

Na pátria amada que nem parece minha
Autoritarismo se transformou em tradição
Cresce na pobreza de nosso campo social
Feito democracia verde de erva daninha
Que se aninha em lavoura malcuidada
Os famintos se entregam à sua proteção
E os privilegiados que o praticam
Mesmo enfastiados, dele não abrem mão!!!

Pedaço Inteiro

...Estar vivo é deixar-se consumir
Doar braços e toda a alma
Sob a calma de estar inteiro aos pedaços

Carta à puberdade

...Poeira do passado não acode o presente (***)

Guarda-moinhos

Liberto meus moinhos de vento
Cuido de mantê-los alados
Pois descobri que a realidade social
É mal das chagas de moinhos quebrados

Artesã do amor

Contar história é como estender roupa no varal. Peça por peça, com zelo e segurança, pois vendaval não manda aviso: tanto leva roupa sem pregador quanto palavras desprovidas de amor e sinceridade.

...Bebela, lavadeira na casa de madames durante o dia e, à noite, naquele lugarejo, onde o tempo preguiçosamente passava, iniciava os jovens adolescentes nos prazeres do sexo.

...Os meninos levavam tantos sonhos nas mãos e na alma, que o corpo daquela mulher negra se enchia de luas e estrelas.

A certeza da escuridão costuma doer-nos menos que a falsa promessa de luz!!!

Agradecimento

No inverno, os pessimistas choram as folhas que caem, enquanto os otimistas cantam os brotos que surgem.

Apassarado

Não quero conforto de mar
Ser porto de espera não quero
Nem pacífico nem mar morto
Absorto, voo na paisagem
Sou viagem, corro atrás
Ainda que seja fugaz o sonho
Eu me ponho a procurar...

GARIMPANDO "PELAS PARTES FEMININAS"

(Livro editado em 1996)

Capa

Benditos sejam aqueles que têm a quem perdoar e, ao mesmo tempo, pedir perdão, porque esses conheceram o amor...

Dedicatória

Às mulheres do mundo inteiro por colocarem na mesa de nossas vidas os talheres da sensibilidade e algum rastro de ternura onde somente haveria desamor.

Introdução

O corpo fala. Deus é energi a li bertadora e não fari a do corpo uma pri são para o espíri to. É através das experi ênci as da carne que a alma aprende e demonstra seu estági o espi ri tual, descobri ndo nos própri os erros o valor sagrado do perdão. (***)

O equilíbrio psicológico e o comportamento estável d as pessoas nas inter-relações sociais d epend em d o autoconhecimento e d o d esempenho qualitativo d a ativid ad e sexual, fonte d e tod os os prazeres – inclusive d o prazer d e viver. (***)

Crei o que assi m, respei tando o corpo, o bem mai s próxi mo de nós, estaremos louvando a Deus, que escolheu a Vi rgem-Mari a para que seu Fi lho fosse fecundado por espermas de luz e vi esse ao mundo naturalmente, pelo ventre de uma mulher.

"Pelas partes femininas" que me tocam e pelas que em mim habitam, eu escrevo o meu machismo com o batom multicor d a sensibilid ad e e brind o à brevid ad e d a vid a que d evo experimentar até a última gota, através d o corpo e d a alma, para que eu leve à eternid ad e um espírito capaz d e d ecantar d as nuvens e d e qualquer clarid ad e estelar um sabor d e cervej a, um abraço d e amigo

sincero, um gosto de beijo da mulher amada e alguma umidade de libido derramada sobre o calor do afago de mãos, ardendo em desejos banhados na pureza de uma paixão enjanelada.

Vestindo saias (I)

A gente se liga ao mundo "pelas partes femininas". Tudo que representa vida e festa veste saias, dança, roda, samba, geme, pári. A vida necessita da semente do flerte nas esquinas, nos bares, nas janelas, nas varandas. A praia carece mais de biquínis do que de areia e mar. O sol que verdadeiramente nos queima se emana do calor e suores do corpo amado; a fonte que nos banha mais profundamente nasce no ventre úmido, que nos serve de horizonte para, através dos prazeres da carne, descobrimos a casa espiritual que somos.*As montanhas se elevam para beijar os céus; os seios da mulher se erguem para ser beijados. Não há mistério no amor que o tato descobre, a lágrima sabe e a entrega sem reservas reconhece. Somente a verdade legitima nossos atos.*

... Nossa visão interior e nosso desejo sincero é que determinam as cores das paisagens que passarão diante da janela de nossas vidas

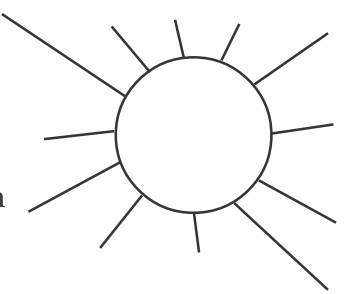
...Quem ama a Deus ora, não para reivindicar benefícios materiais, mas para ser dotado de sabedoria e clarividência para saber buscar e escolher, pois as coisas de que precisamos estão todas no mundo à nossa disposição, à nossa espera.

Pélvicos

Seja qual for a religião
Somos todos irmãos de mito
Filhos do mesmo espírito
Fecundados sob o mesmo rito
No parto o mesmo grito
Da contração angélica que nos expele
Para fora da plasmática região pélvica
Onde nos tornamos irmãos de pele

Pelourinho de amor

O sol que aquece meu
corpo só floresce em
horizonte de carinho (***)



Bandeira, mastro e prostituta de fora (II)

O ser humano, ao contrário dos animais, não tem o cio a lhe conduzir, legitimar e purificar a vontade sexual. Deus o beneficiou com o livre-arbítrio, têm as pessoas a liberdade de escolher a hora e o momento, portanto cabe-lhes o dever de embelezar o espírito e o corpo para alcançar o prazer de fazer dos rios da libido um mar em que se perder é achar-se; abandonar-se é estar junto; fechar os olhos é enxergar o porto de todas as luzes, onde as partes femininas desfraldam a bandeira do sentimento que, no barco do amor, o mastro rijo do macho, totalmente entregue à levitação do cenário, ampara, descobrindo a feminilidade de suas partes masculinas, sob as ondas do vaivém da relação sexual daqueles que se penetram por amor, e com amor.

...Tudo no mundo, todas as pessoas, tanto as sensíveis quanto as renitentes, que temem o sofrimento da doação que o amor exige, necessitam, vez por outra, de uma Madalena na vida. Uma mulher que tenha o dom da entrega múltipla, a que chamam de prostituição. Uma fêmea que tenha a capacidade de entregar-se sem as correntes do preconceito, sem discriminar cores sociais, religiosas e políticas, que democraticamente permite que os desamados, os estressados do amor, se beneficiem de suas estrelas, de suas luzes sem dono. Um latifúndio de amor, que, ao contrário do latifúndio do capital, se abre inteiro para os sem-casa, os sem-terra, os sem-paixão. Ou seja, as Madalenas são uma espécie de amor em constante reforma agrária corpórea, pois oferecem o húmus de seu ventre para que os mal-amados plantem suas samambaias, suas orquídeas, arbustos, vaga-lumes, espinhaços, sonhos e perfumes perdidos nos descaminhos que um dia lhes pareceram caminhos para a felicidade.

Porto dos prazeres

Nem próprio nem impróprio
Sexo com amor é puro ópio
Onde a alma se entorpece
E o corpo semimorto amanhece
Ancorado no porto dos prazeres
No conforto do horizonte de um beijo

"Pelas partes femininas" descobrimos que o corpo é um papel sem pauta, no qual escrevemos, com beijos molhados, as palavras ditadas pela alma. O verdadeiro amor floresce em nosso peito como se fosse trigo e se transforma em luz de abajur para que não nos ceguemos com a proximidade nuclear do Criador, que a tudo assiste como se estivesse tragado pela beleza da grande peça teatral da vida que escreveu e criou.

Vivemos sob o gozo das saias do Universo. A feminilidade cósmica está de pernas abertas sobre nós, libidinosamente derramando-nos seus fluidos e aquecendo-nos com seus sóis. O universo se mexe e se remexe sobre nós, cobrando-nos o gozo incessante.

Larva triste

...Cada orifício do corpo se faz de janela
Os poros se abrem em festa sem sentinelas
Para entregarem-se aos sinos do toque
Aos mimos que levam a reboque a luz da alma (***).

Hermafroditismo de Deus (IV)

...Há um tempo em nossas vidas que amar e sonhar são o nosso melhor alimento.

Não se entregar a alguém é a maneira pela qual o ser humano consegue tornar-se mais pobre, mais solitário e mais egoísta. Somente o amor que foge ao "platonismo", que ousa sair do projeto para a construção efetiva, é que pode dar-nos a oportunidade de erguermos altares em vida.

Até Deus foi dominado pela necessidade de materializar seu amor. Criou a Terra, fez o homem (e até enviou-nos seu filho), para que traduzíssemos no amor, no desejo sexual sadio, a sua sensibilidade, o seu regozijo e o seu gozo de fazer, o seu hermafroditismo divino de cevar energias e parir a própria fecundação, a própria criação.

Violentador aceito

Você chegou pra mim
Feito correspondência
Mensagem sensual de Deus
Aragem de inocência
Em envelope perfumado
Carta registrada
Destino hermeticamente fechado
Sol aberto na estrada
Menino, arranquei-lhe os selos
E mais meninos ainda
Amanda e Lucas nasceram
Vê-los correndo casa afora
Aflora-me no peito o calor da alegria
Dos primeiros dias de "violentador" aceito.

Universo de pernas abertas (III)

"Pelas partes femininas" aprendemos que o homem, mais que espírito, é um ser térmico e epidérmico. Todo corpo precisa de afago.

Flor de mandacaru
(Poema às mulheres de Floriano-Piauí)

Meu amor me serve o corcel de seu corpo/Como se me doasse azul de céu...

Benditos sej am os que amam (V)

Benditos sejam aqueles que têm a quem perdoar e, ao mesmo tempo, pedir perdão, porque esses conheceram o amor. Aos que amam, Deus destinou os tropeços e os acertos. No dicionário dos que amam, levantar e sacudir a poeira mais que destino é missão. E nesse quadro sentimental, todos são femininos, debulham-se em lágrimas diante da dor e, muitas vezes, as deixam molhar o riso de contentamento.

"Pelas partes femininas" somos obrigados a reconhecer que os espelhos, mais que faces, esperam pelo refletir da maquiagem, sinônimo de festa e de encontros.

...Basta que você tenha nas mãos a sua estrela, para que você sinta o gozo de todas as galáxias. Erra todo aquele que almeja dominar a constelação sem antes conhecer a intimidade de uma estrela.

Colo-mar

...O esperma é rio da alma a desaguar no "colo-mar" de uma mulher (***)

Comunhão de corpos

...Cure-me com o mercúrio-aroma de seu lábio
Leve-me pra cama de algodão quarado em prazer
Quero ser instrumento para sua virtuose musical
Toque-me em perfeita simbiose e em toda posição
Lave-me em banho de saliva da libido do coração
Enlouqueça-me com o afago de língua-viva nos ouvidos
E eu duvido que Deus não abençoará nossos corpos em comunhão!

Estupro do espírito (VI)

No amor, independentemente de ser-se fêmea ou macho, as partes femininas, mais propriamente o sentimento feminino, existe em ambos os sexos, e é ele que dá a sensibilidade, a dimensão e o tom de carinho da relação a dois.

...Quando quebramos o casulo de amor em que se deve envolver toda a entrega total, corpo e alma, a gente sente uma enorme vontade de se lavar por dentro, de comer um sabonete. Esfregamos o corpo sob as águas do chuveiro, mas continuamos sentindo-nos sujos, como se tivéssemos sido estuprados. Assim, seria o estupro uma lesão do espírito, antes de ser um ferimento da carne.

Paixão acesa

Todo amor sem pecado é corpo e alma

Sexo em cruz musical (VII)

Abraçar um ser humano é conter o mundo inteiro.

Não existe corpo imperfeito para o amor, o que existe realmente é gente despreparada para fazer amor, para compor a música que inebria, que arrepia, que faz nascer no peito o desejo de que a fruta da árvore do espírito seja colhida através da atividade sexual, comunhão de corpos. Dentro desse aconchego ideal, o corpo vira instrumento musical para aqueles que se tocam e, silenciosamente, os

amantes executam em perfeita parceria a sinfonia que louva e honra o Criador.

...”Pelas partes femininas” se prendem os lares, se constituem as regras morais e as noções de senso comum que norteiam o comportamento social e pacificam nossos instintos animais, colocando-os a serviço da espontaneidade, que é a carícia da razão.

Razão desprovida de ternura faz a vida fria e as pessoas rígidas, mecânicas, incapazes de sonhar e apostar no futuro.

...Fechamo-nos na indiferença, aleijamos o único projeto que Deus esperou que melhorássemos para ele. Não soubemos estender as mãos, e a violência social acabou dotada de um novo componente: a mulher fora do lar, decisivamente contribuindo com novos valores para o aperfeiçoamento das relações entre o capital e o trabalho, além de ampliar a renda familiar. Contudo, por outro lado, prejudicou a formação da célula amorosa, que somente ela, a mulher, é capaz de injetar na criança, hoje carente não apenas da proteína do leite, mas também das calorias de sentimento com que o seio materno costuma abastecê-la.

Intentona romancista
Entrincheirados nos lares contra o desamor
Entre gametas e cometas celulares
Vamos ter no amor renitência de *coluna prestes*
Intentona de frente nua romancista
Gente entrelaçada uma à outra igual ciprestes
Na corda bamba da vida seremos trapezistas
Ainda que nos sitiem em pantanais
Não afogarão em alagados nossos ideais
Pois é inapagável a candura de nossa estrela
E a ternura do sonho não morre ao toque da mão
Na qual perdura o calor dos tempos de procura!

Todo ser humano é uma espécie de santo (VIII)

A família, em qualquer tempo, não é eterna nem moderna, a família é apenas fraterna, maternal, afetiva, terna. Sem a família a sociedade viveria em um outono de árvores sem folhas, nem frutos nem a esperança do renascer de brotos verdes e assistiria a primaveras sem flores. Não há futuro para a sociedade mundial fora da família; ela é o único sistema corporativista que beneficia a todos, indistintamente, através do aprendizado do amor.

Todo ser humano foi preparado para ser uma espécie de santo. Não daqueles ascetas que fazem milagres, mas daqueles que santificam o que realizam através da volúpia e do amor verdadeiros. Dessa forma, é o amor que justifica e purifica os gestos ou atos humanos.

Dentro do amor os homens não pecam, apenas se enganam... Para a Natureza, o que julgamos belo não passa, quase sempre, de última etapa de todo um processo vital na cadeia da existência: flores e borboletas são o exemplo desse sepultamento natural e sem dor, tal e qual gemido de amor. Em nossas vidas, a partida dos que amamos rumo ao abraço das luzes da eternidade espiritual é tão mais chorada quanto menos nos demos a eles durante o seu processo vital dentre nós.

Concerto dos órgãos

Orgasmo, janela do corpo
Espasmo da carne
Êxtase da alma
Libido na palma da mão
Cálido tato que nos conduz
Pele aberta em flor
órgãos executando luz
Coração sem pecado original
Alvejado em duas fontes
Que se molham de amor...

Aborto natural (IX)

No amor, como em tudo na vida, aquele que teme a festa da correnteza vira água de lagoa, perde-se em si mesmo, não faz parceria, não experimenta a alegria de ser cachoeira nem promove cantoria. A solidão é a sua serventia, sofre do temor e da covardia de não se abrir e, ainda que ganhasse asas, rastejaria feito as cobras, pois está preso às mesquinharias da matéria e mostra-se avarento até mesmo na distribuição de sentimentos.

Alpendre do corpo
Esperei você feito noite aguarda estrela

Bateia do amor
Venha, abraça-me forte
Faça sentir-me úmido de desejos
Encha-me o ventre de pantanais
Quero véu de alagados pelo corpo
Abrir nesgas de céu em meus pecados
Sentir conforto de relva em corte de canaviais
Deixar-me quase morto na bateia do amor
Fazer ferver todo o sangue na veia
E afogar-me no mangue das libidos alvadias
Feito se entregam as estrelas ao raiar dos dias.

Menstruação (X)

Ninguém pode respirar nem viver no outro ou pelo outro.

O bicho-homem é meio árvore: as pessoas se aproximam umas das outras em conformidade com os frutos que produzem. São o nosso sabor, gestos e cheiros peculiares de gente que atraem a aproximação dos amigos e justificam inclusive o afeto de nossos filhos.

...Ser feliz consiste em experimentar o sonho sonhado (***)

"Pelas partes femininas" absorvemos a necessidade do ninho, aprendemos que o homem é meio pássaro: tem vocação para o voo e o sonho. É o ombro do amigo o seu refúgio, seu bálsamo, seu único momento de repouso, porque a vida é uma batalha em permanente sangria.

Pelo óvulo não-fecundado sangra a mulher em menstruação; pela escassez de entregas reais a vida sangra em espadas inimigas.

...Mais conta a ferida dos que tentaram viver que a falta de cicatriz dos que se contentaram em assistir, passivamente, ao desfile das oportunidades passarem à sua frente.

...O feio somente acontece (e existe) quando a nossa visão perde o voo da paisagem e vive a imagem deturpada de nossos preconceitos e fraquezas.

Fazer amor verdadeiro é pôr-se de pé, e não de joelhos, diante do Universo, que é fruto do desdobramento de muitos cios explodindo a sexualidade de seres e luzes.

A galáxia dos olhos de Núbia

Se era madrugada de céu claro, Núbia vinha em meio às estrelas, mas se era noite escura de tempestade Núbia as estrelas no olhar trazia.

...No início dos tempos, os filhos do "Pai de muitas moradas", possuíam muitas namoradas e esposas. Desse comportamento originou-se o machismo, que ainda hoje impossibilita a muitos homens descobrirem a beleza da nudez da alma feminina tanto na mulher a quem amam quanto em si mesmos.

...Quando tiver a felicidade de encontrar o homem dos meus sonhos, não quero a prisão da exclusividade, bastar-me-á a liberdade da preferência.

Trago entre as pernas uma flor
Que recebe orvalhos masculinos sem alegria
(Núbia)

É porque os homens andam falhos no amor
Mas moça-menina chegará ainda o dia
Em que pousará sobre ti o teu beija-flor
(Carlos Lúcio)

...A "massagista" Núbia nos dava lição de dignidade. E disso tudo eu pude extrair a certeza de pelo menos saber onde vão banhar-se as estrelas nas madrugadas de tempestade e céu escuro: certamente nos olhos de galáxia das milhares de massagistas e poetisas da vida feito a Núbia, fragrância de gente de verdade, simples como a fonte que alimenta o grande rio, uma pequena faísca de amor capaz de incendiar todo coração sensível.

Maçonaria a dois

...No olimpo das primaveras de seu corpo
Sob noites claras e dias limpos caminho
...Morder a maçã do coração é refazer o paraíso (***)

Ereção
As flores do meu jardim sempre terão as cores do teu olhar

Seios da salvação
Quero apenas cumprir sem excessos os meus anseios e adormecer

Pitangui do olhar
As pessoas são uma espécie de mar
Têm algo de beija-flor etéreo
Algum mistério a se descobrir

"Partes Femininas"
As mulheres amadas que moram em mim
Lavam roupa em deslavada cantoria em meus rios
Dizem-me da caloria de afagos além das serpentes
Passam pentes nos cometas de sonhos dos meus cabelos
Arrepiam com a mente das mãos os pelos do meu corpo
Aprontam-me para que eu cometa os desmazelos do amor
Colocam-me na boca a hóstia de um beijo
Abençoam-me no sacrossanto desejo dos instintos
Onde a carne cobre o espírito feito manto claro
O gozo é raro e tanto que voejo entre nuvens
E vejo Deus distribuindo alvejantes mágicos
Para as amantes "partes femininas" que moram em mim

O corpo tem mil lábios em flor
(Grandes e pequenos) (XII)
...Sempre haverá em nosso caminho alguém "antenado" para a captação dessa comunicação térmica da juventude que jamais adormece nem morre dentro de nós.
...Enfim chega uma hora em que descobrimos com naturalidade que o corpo tem mil lábios em flor (grandes e pequenos) e a boca mil beija-flores para colher todo o néctar, que somente as abelhas do erotismo santificado em mel podem produzir.

GARIMPANDO "O CONTADOR DE FORMIGAS"

(Livro editado em 1998/1999- 1ª e 2ª edições)

Assim como o terço do cristão verdadeiro não serve apenas para contabilizar orações, pesquisa de opinião, com algum sentimento social, não registra somente números: antes, credita pessoas!

Dedicatória

Voar é o alimento dos que têm raiz, dos que fazem ninhos, dos que sabem que as dores dessa vida são apenas podas do destino...

Introdução

A mesma receita culinária costuma ganhar sabor especial – para melhor – nas mãos daquele mais afeito, que se doa, que se deixa ferver junto com os condimentos.

...O efeito-estufa encasula a Terra e o clima vai ficando cada vez mais quente abaixo da linha do Equador, onde são mil e um os escândalos políticos, gases industriais e queima de florestas, abrindo rombos em cofres públicos e na camada de ozônio.

...Nada na vida é definitivo. O ruim pode piorar, quando não perseveramos na luta ou os preconceitos e as mazelas sociais são mitificados e empanados sob o manto da hipocrisia.

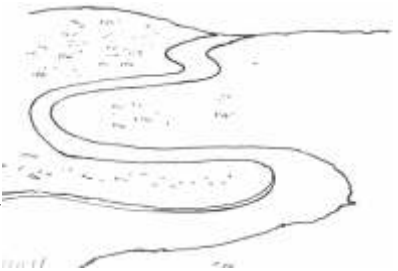
...Deus não virá a nosso chamado ou clamores letárgicos, pois já nos concedeu a graça de estarmos vivos e, em compensação, sempre se fará presente dentre nós cada vez que formos capazes de nos dar as mãos e amar o próximo.

...A sociedade dos homens não terá futuro sem a química dos sonhos "clorofilando-lhe" a árvore da vida, com o amor raiando e, silenciosamente, tomando conta de tudo feito a luz do sol de cada dia.

Capítulo I

Morena de pele escura, como se costuma dizer quando o preconceito solicita amenizar o fato de a pessoa ser negra. *Sou como o rio que chora escondido, que deixa suas lágrimas caírem em forma de cachoeira, fazendo cantoria.*

...Não é a estrela que está longe; na maioria das vezes somos nós que estamos distantes. Lembrou um poema antigo intitulado "Amores em queda", que trazia de cor na memória:



O rio saliva cachoeira
Assim como eu desejo
O beijo do meu amor
Pro rio é queda-d'água
Pra mim é quebra-mágoa
O beijo do meu amor...

Perdido naquele mar, em carne e osso, como se fosse um mero navio de especiarias da salvação: sinos, cruzes, terços, castiçais, véus, eucaristia, Bíblia, hóstias, óleos santos...Entregaram-se, fizeram a oração pagã, cuja densidade e valor se medem pelo arfar de peitos e tremor de mãos descobrindo, abrindo janelas no horizonte do corpo amado, a que se ara semeando primaveras.
Haviam criado em si mesmos uma tempestade que lhes duraria por toda a vida e contra a qual não existia proteção alguma, pois não se ergue marquise no coração nem se pode inventar qualquer abrigo que proteja o espírito de sua própria dor, à qual o tempo cura, mas a cicatriz e a tatuagem interior permanecem indeléveis.
Não é possível que de um ato tão bonito apenas a infelicidade prospere. Não é possível que uma semente boa gere fruto ruim. Hei de ser devotada cultivadora do destino que me for traçado e fazê-lo florir.

Capítulo II

Em sua mente, desenhou as estrelas que marchetavam o céu como se fossem cubos de gelo à disposição de quem tivesse nas mãos e no peito algum copo, um recipiente qualquer,

cheio de sonhos - a bebida, o vinho que nos mantém vivos. Se abriu em sorrisos sinceros, estendendo os braços, feito horizonte para o sol de cada manhã.
O Brasil está cheio de meninas grávidas, com idade entre nove e quatorze anos, que andam cuidando de seus bebês como se ainda brincassem de casinha, apresentando à sociedade a triste passagem originária do sexo propagado através de excitantes superposições de imagens e fotos sem legendas nem informação educativa.

Política de interior, onde o prefeito tem por vício promoção de vingança rasteira, tirando o emprego das pessoas que se lhe opõem ou de seus parentes e até amigos.

O Criador, mais que proclamado nos altares, precisa ser materializado em nossos gestos. Já vi gente, que se dizia ateu, praticar o bem em prol da humanidade, de forma mais profusa que muito cristão.

Pintura nova em barraco faminto, não embeleza, inferniza!

Os problemas por que passa a humanidade exigem que trabalhemos, imediatamente, na formação de pessoas mais solidárias, no sentido de descortinar que a felicidade de cada um necessita do contentamento de outros indivíduos e, também, de uma coexistência saudável com o bem comum cósmico, dos animais, das plantas, das águas e do ar.

Talvez, só consigamos erigir algum projeto mais eficaz no combate às mazelas e anomalias político-sociais quando, ao invés de medirmos as distâncias em quilômetros, passarmos a atentar para o fato de que o que nos separa de um ponto e outro é a nossa maneira de caminhar, assim como as barreiras do preconceito e das fronteiras são demarcadas tão-somente pelo nosso jeito de olhar. Em síntese, Deus imaginou um sol que nasceria para todos, mas alguns seres

humanos "inventaram" a força do privilégio e tomaram em suas mãos a distribuição da claridade.

Capítulo III

A vida faz aniversário todos os dias e todo dia é dia de virar flor e gerar frutos.

Perdida em paixão, inventava carícias, parecia ter mil lábios, entregando em sua saliva pedacinhos do rio de sua alma...

Intenso derramar de azul de céu, num estender mútuo e consentido de espaços corporais interiores, onde as estrelas vêm banhar-se durante as tempestades.

Toda árvore sabe a hora em que perderá suas folhas ou o momento em que gerará o seu fruto.

A poda natural que a Natureza impõe a si mesma, sob a consciência de que são necessários o corte e a perda para revigorar os galhos e reviçar o verde.

O Jardineiro dos Céus sabe quando e onde podar, para reenergizar os universos sideral e dos homens.

Capítulo IV

Mari' Stela e Charles se sentiam seguros nos licores do amor, servidos no cálice que se deixa derramar nas curvas dos corpos amantes e que é sacramentado pelo espírito benfazejo que experimenta a grandeza do toque santificado pelo tato de mãos arrebatadas pelo sentimento verdadeiro, em que o coração faz da ponta dos dedos o seu horizonte de calor, transformando o leito em quarto de lua, em que a vida é servida por inteiro no prato saboroso dos desejos, feito self-service de mil paixões descobertas na mesma fruta colhida no corpo amado, fonte de matérias-primas, das quais, uma vez combinadas e bem misturadas, emanam mil aromas e gozos...

Olhos verdes a iluminar a bonita pele-noite de seu corpo. Cidade de população com mentalidade atrasada e dada a colocar maldade em tudo. Até parecia que fofocar ajudava a passar os dias lentos e longos...

O silêncio desceu com seu manto claro, diante de resposta tão bem colocada.

Sociedade brasileira, onde predomina uma cultura de capitalismo individual e cumulativo, sustentando os pilares de um espírito conservador e corporativista, capaz de enaltecer qualquer ditador que se exima no respeito a essa ordem injusta, que não permite a efetivação da necessária redistribuição de rendas. Na cabeça da sociedade materialista, passa-se a ideia de que existem ditadores bons e ruins, quando a realidade explícita é que ditadores são ditadores e nada mais que isso.

Festejaram a decisão e já se puseram a sonhar com os fins de semana no campo, numa fazenda próxima de Indaiá da Pedra, que não era uma pedra no caminho de suas vidas, mas um alicerce, um aeroporto que tinham como pedra-de-toque, bússola e norte que os libertava para a coragem, a audácia de se projetar na asa-delta dos sonhos que somente são possíveis quando há ninho disponível e sinal aberto para se regressar à grande base.

Nada fizemos de extraordinário, pois sempre acreditamos no consolo do abrigo.

Gente também é planta: cresce, dá fruto e, como as árvores, vez por outra, precisa de uma poda.

Os anjos não são brancos nem negros. São apenas anjos, assim como as pessoas são apenas gente.

E houve comemoração, a família feliz, com direito a pizza, sorvete, guaraná e pingos de aroma de bons fluidos

refletidos pelo "quarto de lua" que ficava ao lado, logo após a sala, no fim do corredor, onde Charles e Mari'Stela semeavam afagos de carinho no corpo e colhiam, na pele em flor, o fruto do amor.

Capítulo V

O pelourinho chega a todos os pobres e desprotegidos sem a necessidade de filas nem endereço. Os que tentam quebrar esses grilhões da injustiça são vistos com os mesmos olhos dos que enforcaram Tiradentes.

Seu semblante tristonho e seu ar de quem carregava muitas dores feitas de risos, saudades e prantos.

Capítulo VI

As pessoas não progridem sem a alavanca do exemplo positivo que lhes sirva de parâmetro e ponto de referência... na maioria das vezes somos reflexo do outro, repetimos a ação dos que nos são próximos... Na maioria das vezes nós somos o outro. Isso se torna flagrante quando nos vemos diante de uma situação inusitada e não temos à disposição a experiência do outro.

Há muito o que se fazer nesse Brasil assenzalado, em que o governo vive em endêmica sesta inzoneira, insensível aos castigos que correm a céu aberto, sob o banho-maria de falsos eufemismos cristãos, sem a promessa nem a esperança de que algum dia venhamos a assistir ao saneamento das desigualdades sociais, tão dependentes de uma reforma humana, a fim de que o Estado brasileiro abandone os métodos políticos vampirescos com que torna exânguida a sua população.

Se Zumbi, do alto de seu pedestal de herói, não apenas do negro e sim da raça brasileira, retornasse aos tempos de hoje, assustar-se-ia com a chibata moderna, que não deixa marcas visíveis nem cicatrizes no corpo físico, ferindo profundamente a alma, atrofiando mentes e inibindo o poder

de mobilização dos neo-escravizados...Estamos inventando um simulacro piorado do tempo do homem das cavernas...É o neocavernismo sem cavernas. Então, substituídas por marquises, viadutos, cortiços, favelas etc.

O que nos importa é a conscientização de que o homem é irmão do Universo, originário do mesmo orvalho que nos descortinou as manhãs, as luzes e as escuridões. E essa filosofia é bem recente como verdade no coração de alguns e simples modismo esotérico no cotidiano de muitos que ainda não perceberam conscientemente o dar as mãos para a caminhada que a Natureza nos ensina: fontes, riachos, ribeirões e rios vão se encontrando, transpondo obstáculos até abraçar o mar em perfeita simbiose. As diferenças de opinião, cor e credo entre as pessoas, ao invés de serem tomadas como um problema, deveriam ser observadas como uma riqueza colocada ao nosso alcance. Não são poucos os que levam a vida a apagar a chama alheia feito a tempestade que empana as estrelas. Todo conhecimento somente tem serventia se conseguir estender-se a um maior número de pessoas possível. Portanto a radicalização tem sido um estorvo ao desenvolvimento da sociedade. ...Enfim, nós somente poderemos aferir a dimensão dos sentimentos do outro se nos embebermos na caridade da compreensão, no gesto de respeito e amor ao próximo. O Estado brasileiro se contenta com os dados de pesquisas que lhe dão dimensão da pobreza de sua gente não envida esforços para a solução dos dramas sociais. Estamos perdidos em impotente masturbação sociológica, que confunde a filantropia da esmola assistencialista de uma cesta básica de alimentos com a caridade da educação, do emprego, da saúde, do desenvolvimento econômico... É preciso pensar na próxima geração - amar o próximo que sequer ainda nascera... Amar o próximo é como vestir uma segunda pele. E disso pode resultar uma calosidade; um calo que dói. E como ninguém quer sofrer pelo outro, todos evitam envolver-se com o próximo.

Capítulo VII

IBGE, um órgão criado para medir riquezas, mas que se tornara um repetitivo laudo confirmatório de mazelas sociais brasileiras que se eternizam... Os fichários de dados que diziam sobre tudo, apesar de se manterem frios nas mãos de administradores públicos insensíveis, que vieram de uma formação acadêmica em que se avilta o ensino de ciências humanas, que perderam assento nos currículos universitários. ...Ensino sem filosofia nem sociologia é o mesmo que capital que vê o trabalho como simples adereço sem importância, acreditando que é o dinheiro que gera riqueza e não a produção... São tantos os menores de rua, tantas são as crianças abandonadas, chacinadas; as crianças menores de 14 anos grávidas; os sem-escola, os analfabetos, os sem-casa, os sem-emprego, os excluídos. Tudo contabilizado, cada ferida apontada em vão, pois nenhuma recebera o devido tratamento e a única certeza que se tinha era que, aos números coletados, se juntariam outros de igual teor... Sepultamentos e velórios sem esperança de que a pobreza social endêmica parasse de eliminar grupos e camadas de pessoas desprivilegiadas, então vistas como uma espécie de sub-raça a que se podia matar ou deixar morrer à míngua.

Em nosso país, até sociólogos, políticos, psicólogos, religiosos, pastores e intelectuais - entre outros -, que deveriam dar o exemplo, costumam não entender de gente e, de certa forma, também cospem no povo. A bem da verdade temos uma sociedade estratificada e extremamente violenta, em que o Estado serve de instrumento de espoliação dos cidadãos que, juntos, tanto endureceram quanto perderam a ternura e convivem, passivamente, com a aplicação da lei do mais forte, aceitando a violência contra determinados segmentos, vendo nos privilégios uma espécie de direito e meta a ser alcançada. A classe dirigente brasileira vê o país como um imenso latifúndio, do tipo casa grande e senzala; administrá-lo é simplesmente deixar os tratores ligados, sem

se incomodar com a forma de arar, com a semente ou com as pessoas... Conservadorismo é um estado de espírito de quem se acha entre a cruz e a espada: não se encaminha ao Diabo por medo de si mesmo; e não se dirige a Deus por temer a misericórdia. O que se observa é que a hipocrisia e a arbitrariedade estão para a sociedade como a ferrugem para a ferraria: empobrecem e corroem a sinceridade em que deveriam alicerçar-se as relações humanas.

Como Deus fez, intencionalmente, o inferno pequeno para o Diabo, ele enrola o rabo na mente dos homens, na certeza de que alguns se deixarão guiar pelo seu abanar...

Não há como conviver com dados que são coletados para se juntar a pesquisas de igual teor, como se a constatação da miséria progressiva servisse de contentamento, como se alguns se felicitassem com a morte de outros. Surrealisticamente, há brasileiros influentes o suficiente para comer até o destino das pessoas, engolir as oportunidades alheias, somar riquezas e bens materiais a que sequer conseguem consumir, mas são pantagruélicos por gosto e natureza, sentem prazer em viver empanzinados, mesmo que rodeados de famintos por todos os lados.

Cidadão que cai em si: vira caixinha sonora, amplifica a percepção dos sons da vida, torna-se mais sensível e crítico da realidade que o circunda.

Capítulo VIII
Sobre a verdade, boa ou ruim, constroem-se os pilares da vida.

A escuridão que detectamos no passo do outro, muitas vezes é a sua luz, sua conquista maior.

Vamos deixar o nosso filho cultivar suas estrelas e descobrir em seus olhos a escala de valor que cada uma delas tem para ele. Poderão não ser exatamente as nossas, mas haveremos de amá-las através do riso dele.

É só se dando e, ao mesmo tempo, recebendo que justificamos e percebemos a razão de nossa existência.

A língua, filho, é o prazer oral da pátria.

O homem se alimenta de paisagem. É a aparência do prato o principal abridor de apetite... A paisagem sem os amigos que já se foram ou que não cresceram, que pararam no tempo, nada vale. É um prato feio que não nos desperta o apetite do afeto. Pelo contrário, nos enche de tristeza, nos faz consternados diante da semente que não vingou, não viçou.

O desnível cultural, não no sentido acadêmico, mas de visão de mundo, de sensibilidade, acaba separando e distanciando.

Precisamos ter olhos de bateia para vislumbrar a árvore frutífera na floresta e apurar o ser humano, grão de areia na multidão.

As pessoas se preocupam e temem a morte por não saber para onde o mistério do desconhecido as levará e, entretanto, passam a vida inteira sem se importar em conduzir o destino de seu caminhar.

Vivemos no Brasil uma guerra civil branca, onde se contam às centenas, aos milhares, as mortes por assassinatos explícitos ou simplesmente consentidos pelo Estado, pela sociedade organizada, ambos indiferentes ao banho de sangue diário. É assim, e por isso, que se dão os extermínios nos morros e favelas, em que morrem crianças e adultos, sem qualquer distinção entre culpados e inocentes. Vêm dessa mesma fonte as mortes por fome, inanição, falta de atendimento médico.

Inegavelmente, essa filosofia de se levar vantagem em tudo é uma característica do comportamento imoral que nos foi passado pelo poder público, onde as teias do

neoliberalismo já são velhas e sempre foram alinhavadas com todas as cores da competição e a mais completa ausência do necessário sentimento de cooperação. Examinando a história brasileira, podemos ver que a impunidade é uma tradição: praticamente, optamos por premiar a esperteza, a sagacidade, a desonestidade, a mentira, em prejuízo do mais capaz e competente... Nada disso deve tirar-lhe a iniciativa boa e salutar de continuar apostando espontaneamente na pessoa, no ser humano iluminado, que não pode ser desacreditado apenas porque existe gente de pouca luz.

Capítulo IX

Servir é um dom, assim como ser um amigo fiel.

Com os olhos cheios d'água, reflexo de um mar interior em tempestade de contentamento.

Vicente é como o vento: pode prender-se um pouco na virada de uma esquina. Mas prosseguirá. Ele não vive de futuro. Seu negócio é o presente... Aos entediados do cotidiano ou aos enfastiados do capital, passa a ideia de que ele sorri e festeja sob a própria miséria pelo fato de ter esperança em dias melhores, não parando para semear, mas caminhando, caminhando, como se o sol de sua vida se achasse mais à frente, em algum lugar... É um projetista de pequenos sonhos a tempo e a hora; não guarda sentimento de perda nem padece de ressentimentos - simplesmente faz e segue fazendo. O futuro para ele é um processo que experimenta a cada quarteirão: não passa da felicidade de estar vivo a cada dobrar de esquina; de poder desdobrar a gola da camisa que o vento dobrou quando corria da polícia após alguma estripulia - malandra, marginal, mas que lhe era necessária.

Não é necessário nenhum veículo para se viajar com o ser humano. Basta um pouco de carinho e a humildade da atenção.

Qualquer coisa que lhe venha às mãos ele transforma em festa, em canudinho para sorver a delícia de momentos simples, mas impagáveis.

Os meninos que têm de se auto sustentar, de lutar pela própria sobrevivência, constroem os vergonhosos índices de evasão escolar no Brasil...

É um homem-tartaruga: seu corpo é a sua casa. Quem o vê, sempre o vê por inteiro, sem subterfúgios.

...A queda do comunismo soviético abriu espaço para a implantação final do capitalismo selvagem, que, através do neoliberalismo, dividiu o mundo em duas categorias econômicas: os países que dão lucro e os que dão prejuízo. Surgem, assim, políticas e planos de governo em que há uma espécie de seletividade racional, capaz de articular um secreto desejo de trabalhar no sentido inconfessável de eliminar determinado número de pessoas a fim de possibilitar o bem-estar de outras, então colocadas no grupo de privilegiados... Podemos, então, dizer que, infelizmente, os objetivos finais da competição promovida pelo capitalismo vazio de democracia econômica se revestem de filosofia bastante parecida com a tresloucada supremacia de raça pregada por Hitler, pois, de certa maneira, a política praticada pelos governantes visa promover a seletividade, escolhendo e defendendo o interesse de castas ou pessoas analisadas como mais capazes e merecedoras da dádiva de viver em plenitude e prazer, ao passo que outros indivíduos são tidos como cidadãos de segunda categoria... E não é preciso irmos longe para que sintamos delinear em horizontes obscuros a imagem da guilhotina invisível e sempre pronta (ou afiada) a executar as ordens do poder em constante afã de dar cabo à sua condenável sanha de sacrificar inocentes e indefesos, considerados um estorvo inteiramente descartável... Se há aquele que pode comprar volumosa quantidade de produtos é porque existe muita

gente que nada pode adquirir, vivendo à margem do mercado de consumo... O mundo, frigidamente, caminha para a legalização dos processos de exclusão da maioria em beneficio de uma minoria gananciosa e insensível, repleta de racionalidade e escassa de emoção. Há, portanto, um inequívoco senso de ganho capitalista conduzindo os atos dos que deveriam orientar sua ação rumo à cooperação e ao germinar do sentimento de harmonia entre os povos... Podemos inferir que há efetivamente quem dê graças a Deus pela morte dos outros.... Um país cristão que visualiza a pobreza como uma predestinação divina e não fruto inconteste do egoísmo e da ganância dos homens.

Deus que está em nós mesmos. Em nossa consciência, na fraternidade e na força de nosso braço.

A guilhotina que decepará a cabeça dos corruptos será exatamente uma boa administração - honesta, transparente e profícua.

Capítulo X

Construir e valorizar o que possuímos é fundamental à preservação de nossa identidade particular, para que a terra prometida pela globalização econômica nos torne um pouco americanos, japoneses, ingleses, franceses, italianos, alemães; mas, sobretudo, mais brasileiros.

Os suores e libidos que exalavam de seus corpos, quando casualmente se tocavam, tilintavam como se os convidassem à materialização da festa do amor que viviam interiormente.

Partiram numa só montaria. Podia-se notar a pele alva de Amanda ardendo em brasa, num arrepiar de pelos indisfarçável. Ouvia-se o tanger, antes inaudível, do suor cristalizado em agudez ardente cortando os poros que se tocavam, extasiando dois seres em desejo consentido. Corpos se estendendo em céu aberto para que um pintasse no outro as suas estrelas, suas luzes e deuses, que disputavam a

primazia de decorar aquele espaço sideral de dois corpos amantes. Não cavalgavam, deleitavam o momento.

Seus corpos ganharam mil olhos. Cada cortina, cada segredo se abriu em leque, apavonando-se, exibindo-se em libido que a tudo inundava.

Montaram no mesmo cavalo. Não mais como dois corpos, mas feito um só facho de luz, um feixe de amor em que alguma chama divina acabara de atear o fogo da paixão, que só se contenta com o tato, com o penetrar, o sentir, o possuir do corpo em que habita o espírito em que se autodespertaram, num encantamento mútuo, num entorpecimento só alcançado por aqueles que bebem os licores derramados pelas ervas alucinógenas naturais do coração, que benzem e ungem todo ato sexual curtido no doloroso varal da felicidade vivida pelos que se encontram em contato imediato com a nave do verdadeiro amor... Saíram para cavalgar, mas fizeram mais: cavalgaram-se.

Onde já se viu sol não se apaixonar por horizonte ou luz não gostar de iluminar paisagem bonita.

Capítulo XI

Outro dia entrei num daqueles vermelhões, que são o reflexo exato do descaso dos concessionários para com o conforto dos passageiros. O danado do ônibus, a que os trocadores apelidaram de salão de rodas, praticamente é desprovido de assentos... O negócio é o seguinte, só tem uma fileira ímpar de um lado e outro. Ou seja, as cadeiras não são dispostas aos pares, a fim de abrir espaço para caber mais gente em pé...

Passei a vida pesquisando formigas e pesquisando formigas morri. Não há segredo metafórico nessa afirmação, pois gente, aos olhos dos que manipulam o poder, não passa de formiga.

Quando retiramos o papel azul que envolve as maçãs, nós as comemos; quando rasgarmos por inteiro o invólucro azul da atmosfera que protege a Terra, seremos digeridos pelas forças do Universo. Mais fácil a análise de solo terminar em correção da lavoura, que a pesquisa social endireitar os homens alicerçados na desigualdade de muitos para a felicidade de poucos.

Capítulo XII

EVAPORAÇÃO

Arreio o cavalo baio da saudade
E saio por aí feito raio
Carregando balaio de lembranças
Tropeço em desejos
Em beijos caio
Apesar da procura de outros afagos
Tateio e trago a fumaça de sua presença
Que evapora do corpo em que vagueio...

Pôde enfrentar de peito aberto, como os coqueirais, os vendavais da vida. Não se perdera nas enchentes nem no vazio dos desertos, estio algum passaria desapercebido por seu olhar, seu espírito voaria de bom grado e aceitaria qualquer nesga de céu que se lhe abrisse após as tempestades, com que a vida experimenta, indistintamente, a força de vontade e a energia espiritual de todos os seres humanos.

Capítulo XIII

Crescemos com a poda, feito as árvores ou a lã das ovelhas, e tudo o que está no mundo é para nos ensinar que nunca devemos chorar os caminhos que nos separam, pois eles costumam nos preparar para o encontro definitivo com a felicidade.

Assim nos ensinam os pássaros, que, se embelezam com a sua sonoridade natural o ambiente doméstico de quem os engaiola, não deixam, ao mesmo tempo, de estar, a todo o instante, lembrando ao seu algoz que a liberdade não pode ser encarcerada: ela sempre persiste. Se não é pelo voo, acontece até pela música ou o gemido renitente e sofrido daquele que é alvo de torturas, que tanto enlouquece quanto aniquila os regimes ditatoriais.

Todos precisam cantar, não perder o dom da vida, pois toda luta, todo amor, todo gostar nos abre feridas, que apenas cicatrizam ou podem ser cauterizadas sob o fogo brando de alguma paixão verdadeira.

Feriado... Os concessionários diminuem os horários e número de coletivos em circulação. É preciso manter o desconforto, o desrespeito.

Muitos falam sobre as menores grávidas como se falassem de um dejeto, carente de saneamento básico e não de assistência.

Quando apagaram a luz de minha vida, encontro você e descobri que o sentimento ainda LUZIA em mim.

O coração foi guardando fitas, fotografando na retina tatos, beijos, afagos.

É estranho, mas os que mais choram seus mortos são exatamente aqueles que, em vida, lhes faltaram com afeição ou nada fizeram por eles.

A felicidade faz os dias correrem.

Daquele encontro veio um romance licoroso, daqueles que se transformam em chuva torrencial de libido e sóis abrasadores.

Capítulo XIV

Provação e lágrimas costumam ser a tocha úmida que nos ilumina em nossos caminhos.

Sou um homem da montanha: acredito no obstáculo e na planície, por isso tornei-me alpinista do sentimento humano, minerador de almas, que jogo na bateia do coração, não para apurar algumas preciosidades, mas tão-somente para apreender e compreender a intimidade dos anseios.

Uma vez ou outra, ainda vivo a noite, reviro ruas, olhares e bares madrugada adentro, ciente de que é mais fácil fazer um amigo em torno de uma rodada de cerveja do que de um copo de leite acompanhado de insosso bolo de farinha de trigo, ou uma coxinha fria de lanchonete, impedindo-nos os horizontes de sonhos, dos quais poderia emergir algum assunto fora do queixume doentio sobre os espinhos do dia-a-dia de todos nós.

Cada um toca o instrumento da vida à sua maneira. É assim que, embora exerçamos individualmente nossas preferências, gostos e prazeres, construímos o arco-íris que é de todos nós.

Descobrimos amigos, apesar das divergências: que existem graças a Deus, para o desespero da mente autoritária dos que não têm colírio e usam óculos escuros.

Há pessoas tão falsas e frias que se você as deixar esquentando sob o mormaço do tempo, elas suam e dá para arrancar-lhes o rótulo-fantasia!

Numa visão realista, o nível de democracia das realizações de um governo se mede mais pelos que não foram prejudicados por suas ações do que por aqueles que a administração pública tenha prejudicado. É por isso que, toda vez que vejo uma estrela brilhando solitária após uma

tempestade, eu percebo, nessa lição de luz, a escuridão dos homens desprovidos de horizontes.

A chamada sociedade organizada se prende hoje a insignificâncias em substituição a seus sonhos de grandeza. Cada pessoa cuida de se amarrar a seus minguados salários, aceita passivamente a socialização da miséria, acreditando que é melhor pingar do que faltar. Todos se põem dispostos a viver meia-vida no decorrer de uma vida inteira. Isso explica o movimento pé-descalço dos sem-terra, quebrando a inércia de nossas esquerdas pensantes cujas ideias não conseguem sair do papel, porque significaria desagradar e perder a proximidade com a direita endinheirada.

Preocupa-nos essa visão do neoliberalismo econômico transportada ao amor, tomado como sentimento de troca material e não como uma entrega, uma volúpia incontida proporcionada por uma libido licorosa, em que não há interesse algum em saber quem pagará a conta, pois amar sempre vale a pena. Toda experiência amorosa é uma aproximação com a eternidade, ensinando-nos que os amores ficam em nós, presos em liberdade, num feliz arrastar de correntes. E ninguém alcança essa dádiva sem escancarar as portas de seu coração e dispensar os balanços e as estatísticas de perdas e danos, créditos e débitos, vantagens e desvantagens.

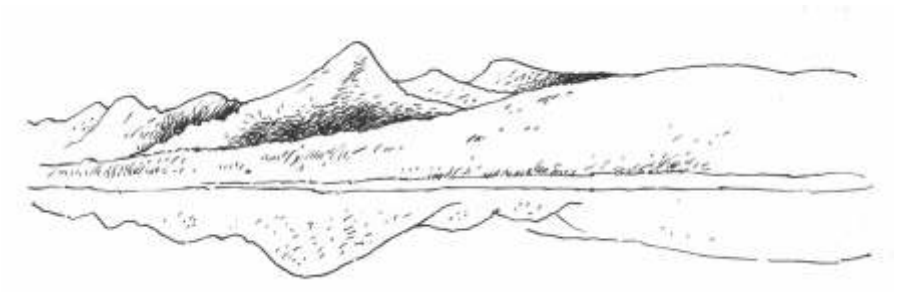
O vulcão, quando expele suas lavas, é como se fosse inimigo da terra: queimando-a, destruindo-lhe todo o verde. Mais tarde, lava e terra se juntam, como num abraço, e enchem de fertilidade o solo que outrora nos parecia irremediavelmente sem vida. A Natureza nos ensina que a extensão dos chamados infortúnios está diretamente relacionada com nossa vontade de crescer, reflorescer, levantar fogaréu das cinzas, desenhando, na prancheta da realidade, mas com o compasso do coração e a força do próprio braço, o tempo novo.

O mundo, o homem e a sociedade são movidos a probabilidades, essa realidade irreal das estatísticas... Deus está para os homens como a pedra rara para o garimpeiro. Ou seja, podemos não encontrá-lo, mas é um conforto crer em sua existência. Enfim, quem somos nós para desacreditar no progresso humano--espiritual de uma pessoa?

Toda manhã, quando acordo, não desperto; apenas assisto à luz. Despertar é só quando começo a colocar minhas cores na paisagem.

Frase de contracapa

No palco solidário da arte do amor e da vida em parceria não há espaço para os que optam pelo egoísmo da carreira-solo.



GARIMPANDO "O SER POETIZADO"

(Livro editado em 2002)

Os amantes e os rios, serpenteantes no macio de seus leitos, seguem alvadios e livres entre correntes.

Autodedicatória

Eu guardo as horas e segundos em mim; rejuvenesço velhas histórias e antigos toques, através de um novo olhar sobre as coisas deste mundo, vasto mundo, como nos diria o poeta...

E vem-me Luara Nina, minha neta, redividindo, multiplicando todo o tempo que juntei e descortinando-me o palco da efêmera eternidade dos homens.

Minha Neta

Minha neta, filha de minha filha
É uma espécie de ilha da fantasia
A verdadeira Brasília capital que eu merecia
Desfraldada por inteira e docemente no leito
Feito bandeira no bailado do vento
Senhora de si, dona do tempo
Espreguiça como se fosse feriado nacional
E neste meu país verde-amarelo emocional
Eu aprendo a lição do hino nacional
E sei afinal o que é dormir em berço esplêndido!

Introdução

Despreocupados com o pouso, sempre ousamos dar prioridade à coragem de alçar voo, de seguir em frente, resistindo à indiferença de um país voltado para interesses menores e modismos de valores culturais e morais duvidosos.

Versos são como as rosas: devem ficar juntos, em um só feixe, para que formem os jardins e os roseirais.

O Ser Poetizado
Em cada coisa um segredo
Na lousa do horizonte o poema
Na esteira do verso o medo-tema
História verdadeira cheira a berço
Homem realista tem apreço por estrela
A vida se entrega a quem sabe entretê-la
Àquele que se estremece poetizado ao vê-la
Pois para tê-la torrentes nos braços
Basta recebê-la feito água corrente
Em compasso de leito e docemente...

Braços de luz
Esbarrei-me num cego
Que ferindo o meu ego
Indagou-me sem pestanejar
Você não costuma olhar por onde anda?
E quando entrei em um parque
Um jovem com meios-braços
Sem mão esquerda nem direita
Numa sintonia perfeita
Bolinava com fidalguia
E divinamente abraçava
Com mãos feitas de luzes em feixes
Que navegavam pelo corpo da namorada
Apaixonada, entregue àquele deslizar de peixes
Fui-me embora apassarado para casa
Ganhei asas com o ensinamento
De que sem se perder na traça dos lamentos
O cego enxerga e o sem-braços abraça!

Sina d'água

A água é apaixonada pela superfície da terra
Condenada a hibernar em lençóis do subsolo
Não se resignou ao protocolo divino
E assim brotou em diversos lugares
Por alegria compõe versos em cachoeira
Corre prazenteira por todos os caminhos
Córregos, riachos, rios, lagoas onde faz ninhos
A água mundo afora estende seu abraço amigo
Em umidade festiva de eterno cio
Cumpre com dignidade o seu castigo
De entregar-se doce ao mar salgado
Como se toda pena branda fosse
Depois de ter-se amado...

Privilégio

Esperando pelo dom sensível do dividir
Os arrozais se doam ao brotar e reflorir
Mas por alguma anomalia congênita
Uma vez na bacia o grão de arroz
O homem que pôs à frente sua ganância
Exibindo uma arrogância que a tudo consome

Escolhe os que comem e os que de fome morrem
Colhe na divina natureza a matéria-prima do privilégio
E a gente faz oração clamando por Deus
(Como inocentes meninos em aula de religião em colégio)
Sem entender que o Criador não nos conduz
Pois deixou em nossas próprias mãos
O livre-arbítrio de acender ou apagar a luz!

Zóio Verde

Santos olhos daquele crioulo
Consolo de sua pele discriminada
Fizeram-lhe mais milagre que óleo santo
Serviram-lhe de carta de alforria e manto
Seus olhos sugeriam miscigenação e canaviais
Amenizando-lhe os sais e os castigos
Iam moendo-lhe garapa anestésica para o preconceito
E assim tornou-se amigo aceito
(Como preto de alma branca)
Porque até de Deus tomaram conta
Não bastava aos senhorios riqueza e terra
Pela nobreza, era chamado de nego do zóio verde
Mais tarde só de "Zóio Verde" lembrado
Caboclo estimado que a todos assuntava
Enquanto usava seus olhos como pano de fundo
Para chorar escondido as dores deste mundo.

Vinde a mim as criancinhas

Diante da lanchonete da esquina
O Jesus menino pivete
Cristo redivivo na cruz da fome
Construída em seu santo nome em vão
Cristão tecendo lucros e dízimos
Aos olhos de criança pintando céu
Sonhando molhos de estrelas
Deliciando luzes em tom pastel...

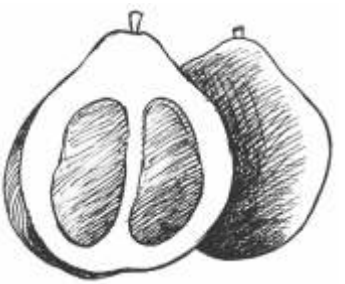
GARIMPANDO
"O MENINO DOS OLHOS MADUROS"
(Livro editado em 2002)

Quando o preconceito social não atua como elemento inibidor, os portadores de anomalias mentais, físicas e visuais se sobrepõem às suas limitações pelo esforço persistente do ser humano sedento de vida, trabalho e lazer.

Dedicatória

Dedico este livro aos que sabem ver, aos que revelam na química licorosa do coração o negativo da paisagem fotografada pelo sentimento e não apenas pelos olhos.

Introdução



Visão Digital

Pior é a cegueira da visão
Do que ter os olhos cegos
Mais enxerga o enjanelado coração
Menos vê o preconceituoso ego
É apenas pano de fundo a paisagem
Sempre é necessário o tato do amor
Ver facilita pegar a fruta-imagem
Mas não dá passagem à descoberta do sabor.

Capítulo I

- Mas pai, por que meu irmãozinho nasceu cego? Por que ele não enxerga? – Seu irmãozinho Lucas nasceu com os olhos maduros... E tudo que está maduro, no ponto de ser colhido, Deus colhe.

E assim, o que poderia ser uma tragédia terminou como semente de fortalecimento da união familiar. "Olhos Maduros", mais que apelido, passou a ser o nome de Lucas.

Capítulo II

As pessoas não devem fazer das dificuldades uma impossibilidade. Não existe apenas uma maneira de seguirmos em frente, pois cada um de nós encontra, cedo ou tarde, o tempo apropriado do passo e o jeito característico de caminhar, ainda que sigamos a mesma trilha.

Olhos-poros

Dos cegos os poros são os olhos
Que num tatear profundo
Colhem tudo aos molhos
Como se o mundo fosse canteiro
E entregue ao candeeiro do toque
Entregasse-lhes o seu fruto mais verdadeiro.

Capítulo III

Bela do lado de fora, mais exuberante é a Natureza do lado de dentro, pois perpetua entre nós a presença de Deus e o milagre do poder de cura, através das enzimas terapêuticas extraídas das plantas e árvores, cobrando-nos apenas enjanelamento do espírito, o sentimento de visão descortinada e a mente receptiva à percepção da cascata celestial de luzes...

Se Deus levou os meus olhos porque estavam maduros, saiba que eu me amadureci interiormente também.

Capítulo IV
24 Horas

Quem tem olhos em exílio
Precisa do auxílio das mãos
E se tiver ao redor gente de coração
Irá ao encontro de momentos triunfais
Estenderá um dia nos varais dos dedos
Casulos de borboletas sem medos
Que no girar da roleta da existência
Voam para cumprir a seleta virtude
De sentir em plenitude suas 24 horas de vida.

Menino que não enxergava, mas sabia a luz.

A qual tinha em conta de fada-madrinha, por abrir-lhe clareiras na mente e ampliar-lhe em graus infinitos a sua independência e a sua autoestima.

Estou com saudade dos meus, que são seus também. Ao abraçá-los, você os abraçará comigo, pois eu a levo dentro de mim, no fundo do meu coração.

Capítulo V

Não passamos de grãos estelares, uma vez o nosso espírito tenha cumprido o seu ciclo de maturação na Terra, somos colhidos e transplantados pelo grande agricultor galáctico, em outras lavouras do espaço sideral.

Flocos de Algodão

A água doce mesmo sob o sal do mar
Continua a ouvir o canto do rio
Num amar de cio sem fim
É assim com os olhos de quem não vê
Disposto a não ceder à falta de luz
Tece claridade com os fios da escuridão
E segue ligeiro pisando em flocos de algodão...

***

Revelar na retina a fotografia de sentimentos que viram paisagem no coração.

E os dias continuaram dobrando as esquinas do calendário.

Os sonhos se mantêm como sonhos apenas quando não tentamos realizá-los à nossa maneira, inclusive com a predisposição de aceitá-los imperfeitos conforme nós mesmos e em consonância com a realidade construída pelos homens.

Escutou no ar os passos da tristeza, cujo caminhar apenas os mais sensíveis e entregues ao amor ao próximo são capazes

de ouvir... Aprendeu muito cedo que todas as coisas sobem à atmosfera, compõem o hálito do Planeta Terra.

O falecimento deve ser visto como ocorrência inerente à vida. Se essa crença alicerçasse as relações e a convivência em sociedade, as pessoas se doariam mais aos amigos e a seus amores. Dessa maneira, diante do passamento, sofreriam menos, conscientes de que se deram por inteiro ao ente querido levado pelo Senhor dos Tempos, aquele que regula a ampulheta da areia sublime da vida que corre em nosso interior.

Somos árvores, e que a cada passo, em cada laço que firmamos com nossos amigos e parentes, ou até simples e casuais conhecidos, nós deixamos cair nossas sementes, através da luz da palavra e dos gestos, com os quais cumprimos, ainda que disso não tenhamos consciência, a nossa missão de fazer crescer e, ao mesmo tempo, purificar e decantar nosso próprio espírito por intermédio do outro, que é o melhor espelho de que dispomos, pois só nos reconhecemos quando somos aceitos pelo próximo.

Felicite-se pela lágrima, ela é o óleo do aprendizado que untará o seu contentamento no futuro, a natureza à nossa volta.

E o velório de Rosa Raizeira cumpriu o folclore de ser momento de terço, conversa e confidências entre amigos, como se a certeza da morte fizesse com que todos se sentissem frágeis e buscassem no ombro amigo o algodão de ternura que fosse capaz de tornar os cristais da prateleira da vida menos quebradiços diante do balouçar da caravela da existência, que ainda navega à moda antiga e insiste em se aventurar – graças a Deus – por mares nunca antes navegados.

Capítulo VI

A humanidade precisa saber que a natureza pode viver muito bem sem o homem, mas este não tem futuro sem a preservação do meio ambiente. O fim das estações (verão, outono, inverno, primavera) descarrilará o trem da existência humana na Terra.

É bom ver tanta gente lutando por seus direitos, contra a discriminação e o racismo, mas fiquei preocupado com o radicalismo que pude sentir nos discursos e nas conversas que tive com muitos integrantes, mais determinados em ser donos de uma causa e tratar todos os homens brancos como senhores de engenho.

Racismo é racismo. Não tem diferença se do branco em relação ao preto ou do preto em relação ao branco.

Aqui na cidade grande, eu logo percebi que vocês gostam de viver em guetos que não passam de uma espécie de senzala a céu aberto, mais próxima de conduzir ao recrudescimento dos preconceitos e intolerâncias do que ao mar da libertação. É cada qual com seu igual.

A grande verdade é que os homens se recusam a apoiar e aprender com as diferenças que Deus colocou no mundo. A Natureza, sabiamente, se junta em simbiose.

Quem sabe, desculpe-nos o trocadilho, estejamos assistindo ao renascer de uma sociedade sem preconceitos e capaz de enxergar a vida com os “olhos maduros”.

GARIMPANDO "VIRGEM SANTA SEM CABEÇA"

(Livro editado em 2002)

Amor não é um sentimento rápido, não se dilui em mares nunca dantes navegados: vai caminhando em nós, lentamente, dando-nos a chance de aprender a ver, decorar retas e curvas entre suores corporais, eternizando risos, lágrimas, marcas e cicatrizes.

Dedicatória

Aos que têm a fé e a família como um contraponto à chamada era digital, tão distante de Deus quanto, contraditoriamente, carente de afagos e toques verdadeiros.

Introdução

"Em se plantando tudo dá". E, como não plantaram, não deu...

Prestes a completar 500 anos de sua descoberta, aquele país ainda não sabia eleger prioridades e se comportava como um adolescente, viciado em colonialismo e especiarias de além-mares. Como se fosse a mesma nação indígena de seus primeiros anos de existência, ainda trocava o ouro pelo espelho. E, de tanto seus cidadãos andarem de costas para o futuro, ou vê-lo de costas para eles, elegeram o traseiro, a região glútea, como a parte mais bonita e sensual do corpo humano. Não havia nação mais cristã que aquele Brasil nem, ao mesmo tempo, tão "bundista'' e pagã...

O país inteiro decodificava e entendia o seu bundanês, a linguagem dos bumbuns. Independentemente de classe social, os brasileiros eram bundoglotas pela própria natureza e profundamente ligados ao assunto, mesmo que prejudicados pela cultura da hipocrisia, sinônimo de "me

engana que eu gosto" (máscara com que enfrentavam as luzes do cotidiano), arma psicossocial com a qual negavam o derramar espontâneo de seus arrepios mais íntimos e naturais e a certeza de que seus governos os traíam.

Capítulo I

Se Deus nos livrou dos abismos ao criar a força da gravidade que nos prende à Terra, foi para conscientizar-nos da necessidade de sonhos, metas e regras, para que não nos afastemos da busca de igualdade e associação entre as pessoas, que deve ser colocada acima dos interesses efêmeros.

Num vale perdido entre montanhas cobertas de permanente neblina e onde o sol não padecia de sofrimento para nascer nas entranhas dos horizontes: surgia no meio do céu, após vencer a penumbra branca, tinta jogada pela evaporação derivada dos picos de gelo, provando que excesso de luz se transforma em escuridão - cega os olhos... Quanto uma mentira pode tornar-se inarredável realidade, quando encontra sustentação na fragilidade educacional da população.

Um homem não pode ser uma ilha rodeada de pessoas por todos os lados. Um mirante indiferente aos acontecimentos, pois, se ele não estender os braços-em-ponte, padecerá da pior espécie de solidão de que se pode vivenciar: sentir-se só na multidão.

As pessoas são paisagens que andam e que devem ser dependuradas nas paredes da galeria de nosso coração.

A Virgem Santa sem Cabeça protegia, ao passo que a seus súditos cabia agir em seu nome.

Brasil, onde a grandeza geográfica minguava no comportamento de suas elites, que insistiam em fazer da desigualdade social uma regra e não uma exceção.

Quando o assunto é promover mudanças e tentar construir progresso, os tempos se igualam, porque está em jogo o destino do ser humano. E seja lá em qual tempo estivermos, o que conta é o respeito ao ser humano, componente de todo avanço, quando a intenção for contribuir realmente com a democracia e não chafurdar sua essência.

As ditaduras morrem por si mesmas porque, sob o jugo do poder discricionário ou a inação do servilismo, não prosperam nem a cooperação nem a cidadania. Assim morrem os tiranos e os países que se deixam guiar pelo signo da desigualdade e dos privilégios desmedidos.

Deus é grande porque é uno e único. Os varais de seu reinado são estendidos a todas as almas que nele queiram quarar suas aflições, contentamentos ou mesmo pôr a secar suas feridas.

O filho de Deus foi semente lançada por Ele mesmo na carne da Virgem Maria, sob a certeza divina de que prosperaria, pois o canteiro carnal é abençoado: nele os homens semeiam amores e prazeres físicos e colhem espíritos, navegantes de Deus em nossas veias.

Todo homem é merecedor de respeito, mesmo os ímpios, pois que sem eles não saberíamos dimensionar ou visualizar o que é bom. Se Deus, em sua sabedoria, preservou o demônio, quem somos nós para ousar extirpar o mal, que, na realidade, é apenas mais um prato integrado ao cardápio da vida.

Capítulo II

Gênio do tipo chuva de verão, espontâneo e verdadeiro nos erros e acertos.

Estranha vida, uns adoçam o caminho, outros nos inebriam.

Aqui, o mar circunda a terra como se fosse uma lagoa salgada. E os homens imitam a sua margem nua e estéril.

... Tudo o que restava do grupo de cientistas que ali aportaram, mas que se perderam em vaidades e jogaram fora todo o conhecimento, tanto por não avançar no sentido da cooperação quanto por insistir na competição. Não trocaram informações entre si nem deixaram seguidores. Foram os primeiros a sucumbir às intempéries do lugar e, ademais, se julgavam intelectuais demais para alimentar qualquer perspectiva de alicerçar um mundo novo, caso não se viabilizasse alguma saída ou chance de retorno ao ponto de partida.

Carente do abrigo de um braço amado, transformado em seixo com que o cinzel do tato e da entrega construiria a canoa que a conduziria à eternidade feita de momentos, átimos, minutos e segundos.

Não pensava em eternidade, apenas almejava a possibilidade de usufruir de um amor guardado na alma e na memória, navegando na concha de beijos sobre as águas da saliva, ou, feito nuvem, passeando no céu de sua boca; imaginava com alegria a hora em que apascentaria nos braços, revestidos de calor de berço embalando o peito, as ovelhas brancas e negras do rebanho do amor.

Somos do amor o meio, o caminho. Tenho que me abrir, dar passagem, revelar meu sentimento. Quero, por uns tempos, ser amada no singular a fim de que me desmanche em plural, feminino e masculino para sempre, ainda que abandonada mais tarde.

Creio que amor à primeira vista é quando dois olhos se encontram e acendem a luz como se tivessem se visto ontem...

Capítulo III
Amor Úmido

Quando faço amor
Sou cor destilada em suor
Perco-me em sadias loucuras
Olhos fechados enquanto o tato procura
Nem é preciso que eu veja
Basta-me a visão do lábio que beija
Tudo em volta me quer, saltita, voeja
Tenho a certeza da mulher amada
Que sobre mim rega e adeja
Colhendo em meu jardim a umidade
Que em seguida dela mereja...

Há muito sinto arder em mim um desmedido amor por você. Um sol que incendeia meu coração sem deixar queimaduras. Vejo em seus olhos cores e tintas embebidas em inebriante fogaréu que destila incensos e dá luz às coisas.

E assim se penetraram feito água na esponja e, alvadios como vapor na nuvem, se devassaram, decoraram curvas e dobras corporais, embevecidos pelos faróis do amor que, destemidamente, iam lhes abrindo clareiras entre lençóis.

Não podemos aceitar a ideia dos que se aproveitam dos pobres material e intelectualmente, chegando a proclamar que existe um certo lirismo na miséria.

O crescimento econômico não pode ser construído de forma seletiva, abandonando ao longo do caminho um enorme contingente de miseráveis, vistos friamente como dejetos, peças descartáveis, pelos agentes e promotores do progresso. E isso não se parece com preconceito? Não é o mesmo que exclusão e alijamento?

Não devemos deixar prosperar a filosofia que prega que o empobrecimento da sociedade é natural, que não há jeito de erguer um projeto econômico democrático. Essa premissa nos guia para o comportamento insensível diante do sofrimento do próximo, ao incutir-nos a crença de que, para que alguns vivam nababescamente, é necessário manter um punhado de pessoas em desenfreada penúria e, hipocritamente, sob determinado controle, através de medidas paliativas: uma cesta básica, uma dentadura. Não estaríamos com isso criando o conformismo e desrespeitando o Deus justo em que cremos?

Necessário que nos livremos de todo o preconceito e toda a ira que nos empana a visão. Na prática do amor, os homens não têm cor de pele. À imagem e semelhança de Deus, são tão-somente tochas de luz, candeeiros que ardem lentamente a fim de melhor aproveitar e sugar o oleoso néctar da vida, que existe fartamente na Natureza, mas depende da bateia de nosso coração, que pode mantê--lo puro ou impregná-lo com os sais da maldade e impurezas. Sejamos luz um diante do outro e, mais que isso, exercitemos a nossa cidadania denunciando os indiferentes e amantes da escuridão em prejuízo da coletividade.

Capítulo IV
Espermograma
O boletim meteorológico do homem
Exame fisiológico que lhe mede o dom de chover
Sua capacidade sexual aquosa
De umedecer a rosa do ventre feminino
Despertando-lhe o viço da grama interior
É um termômetro de amor chamado espermograma

Capítulo V

Uma tal de globalização. Um mundo aparentemente sem fronteiras, pelo menos até o momento em que os pequenos, que sucumbiam diante do projeto, não incomodassem os

interesses das nações hegemônicas, que tudo queriam e tudo podiam.

...As crianças começaram a ficar mais tempo nas creches que com seus pais, que passaram a substituir sua presença por um monte de presentes, colocando bem material onde deveriam ser semeados afetos e calor humano.

Lar é sinônimo de amor. Por mais humilde que seja o teto em que vivemos, ele detém toda a carga de energia espiritual de que necessitamos para exercer nosso papel de cidadão e de irmão. O chão das casas são lençóis do amor em que os casais semeiam os filhos.

Capítulo VI

Surge à sua frente como anjo caído do céu, meteoricamente eterna, ardente, envolvente, dialogando silêncios. Amaram-se e, quando ela se foi, ficou a olhá-la languidamente até que ela virasse a última esquina e ele visse as pontas de seus cabelos negros refletindo os raios do sol da manhã e sumindo na distância feito calda de cometa.

Ao final, quando olhamos para trás, acabamos deduzindo que todo o mal e todos os maus-tratos contra nós perpetrados não passaram de simples podas que, como acontece com as árvores, nos tornaram mais fortes... Toda verdade se descortina à nossa frente à medida que nos conhecemos. Todos nós sabemos, pelo próprio testemunho, que temos consciência, que vivemos e compreendemos. Feliz ou infelizmente, as coisas verdadeiras se parecem com as que são falsas, e a ilusão das paixões faz com que tomemos umas pelas outras. Porém, são o esforço e a busca do discernimento, dentro do grande leque de oportunidades e situações que a vida nos oferece, os fatores que nos diferenciam, que moldam nossa impressão digital e o nosso jeito intrínseco e pessoal de ser.

Capítulo VII
Pequeno Infinito

O amor é uma coisa boa
Se preso arrasta correntes
Se livre é pluma que voa
Apassarando o coração da gente
Aninha-se na pele feito ferro quente
Pura emoção graças a Deus desgovernada
É sempre tudo mesmo não sendo nada
Não é infinito pelo tempo que dura
Mas eterno pela marca que no peito perdura!

As leis são fruto do costume e do desejo da sociedade, qualquer legislação fecundada fora das ansiedades populares acaba ressoando como imposição ou gesto inspirado em pendores ditatoriais.

Espero que a sociedade acorde para a perda da ilusão de eternidade de que se devem revestir os amores e as paixões. Algum dia, todos nós desejaremos recuperar esse aspecto lúdico que permeia a realidade dos que se amam.

Andança sem amor é solidão.
Sob a iluminação de uma lua cheia, tão próxima que os enlevados pela paixão talvez a pudessem tocar, ou mesmo senti-la nos olhos e na pele do ser amado.

Regozijemos pela importância que Deus dá à nossa humilde existência ao nos predestinar com o nascimento de um filho, revestido com o espírito e o sopro do Senhor dos Tempos sobre a carne, como chuva a regar óvulos e espermas.

Acredito num Deus natural a ponto de conjeturar que, se é verdadeira a imaginação de que Deus seja um Ser que se

alimenta de claridade e energia, talvez o céu sobre nossas cabeças não passe de armadilha de pegar estrelas...

E se assim é, quem sabe a carne seja apenas a pauta de nossos espíritos, onde devemos grafar nossos afetos e paixões.

Se Deus usa o céu para prender estrelas, cabe-nos usar o nosso coração para registrar e guardar nossos amores. Ser pai e ser mãe é viver a felicidade de mar ao receber as águas de rio.

Capítulo VIII
Fotografia
Sei das borboletas que lhe saem pelos poros
Atravesso travesso as roletas do seu amor
Faço-me do avesso mais avesso
Abro as escotilhas do seu corpo
Ponho-me a fotografar suas ilhas úmidas
Num afagar de interiores entregues ao sonho
Realidade digital em porcelana quebradiça
E você se espreguiça nua em meus braços
Enquanto recolho traços da vida em negativo

Raizeiro sofre muito. Convive com muitos problemas de doença e às vezes vira até psicólogo da clientela, que costuma ter mais ferida na alma e na consciência do que na carne, no corpo.

A vida é um caminho de expiação pelo qual o homem avança através de mil atropelos, punhados de percalços e amarguras para a felicidade eterna...

Todo acerto nos vem apenas quando abrimos as portas de nosso coração, confiantes em que saberemos eleger prioridades e escolher entre as especiarias que nos trouxerem as caravelas do destino...

Capítulo IX

No Brasil, ... o povo, desde a origem do próprio gentílico, jamais contou com bons exemplos de moral e probidade, com praticamente todos apostando na impunidade e se tornando cada vez mais ousados diante dos cofres públicos, agindo sempre, por intermédio do tráfico de influência, em benefício de uns poucos privilegiados, que punham em curso a troca de informações confidenciais em prejuízo da grande maioria, convocada apenas na hora de pagar a conta, através do aumento de impostos e o consequente empobrecimento.

No infinito espelho social temos a mesma face, somos suporte e corrimão um dos outros. Ninguém consegue subir as escadas da vida sozinho por muito tempo, pois, em algum momento e lugar, todos fraquejam e necessitam de ajuda.

Somos todos nós seres de luz, apesar de muitos não vislumbrarem o facho de estrelas que os habita.

Retocou todo o brilho de nosso amor. Não há curva de meu corpo em que ele não tenha passado o fogo luzidio de seus lábios.

Derramava, embebida em mistérios e segredos, seu coração mar adentro, sem deixar sinais nem rastros.

Tempo passado no malpassado, eis que, sentindo-se mal-amado e desprezado, com o pensamento perdido no horizonte, olhou para trás, envolto em lembranças...

O amor não é um sentimento rápido, não se dilui em mares nunca dantes navegados: vai caminhando em nós, lentamente; dando-nos a chance de aprender a ver, decorar retas e curvas entre suores corporais, eternizando risos, lágrimas, marcas e cicatrizes.

Capítulo X

Porta aberta pra vida, que recebe tudo com alegria, não enche nem esvazia, não guarda nem vela, apenas vive.

Apenas tenho procurado acolher as cheganças dessa vida e ser para todas elas um porto de ternura.

É grande a gama dos que detestam viver sob regras, ainda que em benefício da coletividade. Em alguns casos, viver fora dos parâmetros legais, recebendo privilégios, é sinônimo de status, ainda que em prejuízo, tanto da grande maioria no presente, quanto da geração futura.

E era mesmo um ninho de amor e felicidade. Quem tivesse sensibilidade e ouvidos capazes de escutar abraços de almas e bater de asas de luzes amantes, haveria de sentir a cauterização e poder de cura do bisturi invisível da paixão.

A eternidade seria pouco tempo para tê-lo ao meu lado e atender à imensidão de meu sentimento...

Cada um de nós é capaz de realizar pequenos, mas significativos milagres, basta que trabalhemos honestamente em prol do pão e do crescimento do respeito à paz e à convivência em comunidade.

Capítulo XI

Senso de justiça e de devoção ao tratamento igualitário, sem os quais toda democracia não passa de um simulacro letárgico e aberto à construção de nichos de privilégios, dos quais se originam os exemplos de violência mais cruéis que um Estado pode dar: a pobreza, a fome, a miséria, a precariedade assistencial no tocante à educação, à saúde, à moradia.

Nada é mais árido do que uma mente fechada e encarcerada pela ignorância. Cabe ao governo dotar o ensino de uma pedagogia que priorize o sentido crítico, o sentimento coletivo e a criatividade. Crime e violência, roubos e ilicitudes não são coibidos com polícia, pois, assim como quem é viciado em mel não deixará de pegá-lo por

temor à picada das abelhas, os que não atendem às leis não as respeitarão diante da sombra da punição.

Educar e dar consciência coletiva e de cidadania, antes que caminhemos para uma verdadeira colcha de retalhos em matéria de sentimento e comportamento moral.

Cristo é nosso Rei, visto com admiração e louvor, mas não como exemplo a ser seguido: temos nossas prioridades e dentre elas não está inserido o risco de ser crucificado, ainda que por uma causa justa. De certa forma, como se fôssemos guiados pelo Diabo, também corremos da cruz...

Capítulo XII

Não há quem não reconheça o amor quando o encontra, ainda que dele tenha andado sempre distante. Todos nós temos gravado em nossos sentidos o sentimento de proximidade com as estrelas e os espaços sem fim.

De que não é capaz de provocar um gesto inconsequente! O mal, realmente, é o que sai da boca do homem!

Precisamos desarmar os espíritos, cuidar mais de nossas almas, que precisam ser estendidas nos varais ensolarados da fraternidade.

Virgem Santa sem Cabeça emana energia, força e luz, mas necessita de nosso cérebro, de nossa própria consciência, sem a qual não acontece a sinergia, a interação que nos permite realizar o milagre do bem e da amizade entre todos os homens.

Capítulo XIII

Não há transformação sem dor. Não nos vêm de graça os bens materiais e o amor. O ter é fruto do suor de nosso rosto, enquanto que o amor é dependente de nossa doação e do quanto deixamos desaguar de nós mesmos no coração do

outro. Por isso só o encontram aqueles que confiam e apostam no ser humano, acreditando que reside no outro o nosso espelho mais fiel, pois que são os olhos dos que nos amam que podem penetrar em nós além da face refletida nos espelhos.

Deus nos ensina, através da Natureza, que toda realidade que se preza deve levar uma pitada de sonho, ganhar asas e sair do chão como se fosse um pássaro. Não há lugar nem canto em que Deus não esteja. Seu espírito está conosco no trabalho, nas comemorações, na fé e nas orações. Estende-nos as lareiras de seu hálito quando nos entregamos à paixão, dominados pelo desejo, pela libido de toques e roçar de pernas com quem amamos. O sol causticante de uma paixão não nos rouba a umidade, mas, pelo contrário, canaliza para o nosso coração toda a luz e nos ensina a beleza da humildade de nos entregar e pertencer ao ser amado, que nos ajuda a cultivar os canteiros da convivência e manter acesas as velas santificadas que iluminam toda paixão verdadeira, semente em fogo ardente do verbo amar, que se transforma em tangível substantivo quando jogada na carne e regada pelo suor de dois corpos amantes, sinônimo de festa dos poros. Daí nossa alegria ao recebermos a bênção de ser pai e mãe.

A nós, simples mortais, só resta absorver intensamente cada segundo, cada minuto e se eles renderem algum tempo, teremos horas felizes; se forem mais à frente ainda, alegraremos com dias de contentamento; se os dias de risos avançarem, alcançaremos meses de gozo; se a enchente prosseguir, comemoraremos anos de felicidade... Abracemos cada átimo, cada mínima oportunidade de sermos felizes que se nos apresentar pela frente.

O segundo é o princípio dos séculos e um segundo bem vivido pode valer por todo um rosário.

Cada um de nós é responsável por um jardim em particular, onde brotam paixões, amores, alegrias, tristezas, filhos e todas as ervas e sais com que temperaremos a alma e o corpo que um dia será semeado no pó para que Deus colha o nosso espírito, a flor da carne.

Não há ferida que a alegria de ser mãe não cure.

Capítulo XIV

Ideia disseminada por antigos pregadores que projetavam para os fiéis a imagem de um Deus vingativo, carrasco e distante. E nós inovamos ao estampar-lhes um Deus de perdão e bondade, que nos dá o direito de errar, cair, levantar e seguir em frente, redimidos pelo próprio aprendizado da experiência.

O Deus que foi louvado durante muitos anos não deixava de ser uma fábrica de ateus, pois o retrato que Dele revelavam era de um espírito que não apenas castigou Eva por comer a maçã, mas cortara, sem misericórdia, todas as macieiras, com a diabólica e resoluta pretensão de fazer de nosso estágio na Terra uma sofrida expiação. Cama de casal quase foi transformada em símbolo do inferno, quando é nela que se semeia a vida, que se aprende a presença de uma energia superior habitando o nosso corpo.

Louvemos o nascimento de uma nova era, onde, independentemente da crença, as pessoas começam a se perceber como canteiros de almas, que podem ser colhidas ou profundamente sentidas em cada afago verdadeiro, desejado e consentido.

É se descobrindo como morada de Deus que cada homem passará às novas gerações o respeito que todos Lhe devem como sustentáculo do grande universo, onde todas as peças estão interligadas, com o Criador fazendo conta e não dispensando nenhuma de suas células, por menor e mais aparentemente insignificante que ela seja a nossos olhos.

Não é à toa que Deus não tem cor e, ao mesmo tempo, é a soma de todas elas, como se quisesse nos ensinar a ver uns aos outros como reflexos espelhados de sua luz... O preconceito e a indiferença são as criações supremas do homem.

Só existe uma batalha da qual homem algum pode afastar-se: aquela que se empreende pela liberdade.

Todo poder autoritário é fruto da cessão de direitos por parte do povo, que, quando unido, vence batalhas sem confronto armado, pois governo algum é capaz de promover carnificina explícita nem jogar nas cadeias e masmorras um povo inteiro.

Cidadão educado cuida de si mesmo, natural e independentemente de governo, que, no caso, fica tão-somente com a não menos difícil missão de não atrapalhar nem mover empecilhos à sociedade na realização de seus anseios.

Capítulo XV
Sombras Acesas

Meu país latino-tropical
Tingido a pinceladas de cal
Curtido em varais de sal
É castigado por gente de pouca luz
Que o conduz a tristezas de porão
Como quem pretendesse em vão
Manter sombras acesas na escuridão

Coronéis... Eles são fiéis ao materialismo. Não lhes importa se juntam sem usufruir, pois estarão vivos na carne através dos filhos, que, por eles, poderão continuar pisoteando as pessoas... Eles também choram, mas o sentido

da lágrima não sobe aos céus, vai na direção de seus bens. Para eles, o filho que parte é perda de oportunidade de se tornarem eviternos, por meio de um capataz de confiança e do próprio sangue tomando conta da riqueza que acumulam... Essa gente não fala meu bem, apenas meus bens...

Nossa terra tropical, ardendo em luz e sol, será repintada com novas pinceladas de cal. E os pintores serão os nossos espíritos!

– Na sua cozinha tem fôrma de fazer bolo e pães?
– Sim, claro.
– Se sua cozinheira, dona Chica, fizer um bolo de sabor ruim, de quem é a culpa? De dona Chica ou da fôrma?
– Lógico que é da Chica.
– Então. Na cozinha de Deus estão as fôrmas, nós somos os cozinheiros.

O cidadão tem que estar sempre atento, para detectar o enlouquecimento de seus governantes, que, quando se metem em excesso de autossuficiência, costumam atacar e impor maus-tratos à sua gente, como quem, perdido em seus próprios erros, passasse a ver inimigos por todos os lados.

Estavam mesmo é afoitos para o concurso de melhor bumbum, que seria realizado durante o dia, em plena boemia, quando se imaginava não ferir o puritanismo dos que se autoflagelam ao jejuar de prazeres naturais, ao negar os arrepios da carne, rebaixando o dom divino da sensualidade a ato mórbido, inerente à demolatria.

Capítulo XVI

Sou um belo espécime do gênero humano: poeta, boêmio e às vezes angelicamente fálico, porém sobretudo pastor e crente no mistério das energias invisíveis.

Dentro da importância e da interferência que seu achado teria sobre o sonho e a singular cultura religiosa alicerçada no fato de a imagem da santa não possuir cabeça e os primeiros pastores terem trabalhado com inteligência, tirando todo o proveito psicológico possível de seu aleijão, que, sem o traço filosófico aplicado ao caso, teria posto tudo a perder. Sabiamente, os religiosos conseguiram passar a ideia de que o normal era mesmo os santos não terem cabeça, a auréola invisível estava ali exatamente à espera do cérebro dos devotos, que receberiam em troca a energia do corpo da imagem sacra, da qual seriam o pensamento e os olhos, e em nome dela agiriam.

E batearam afagos, friccionaram seus corpos até acenderem o fogo do desejo e fazerem o amor que "avirgina" antes de desvirginar...

Capítulo XVII
Lição de Casal

Eu me derramo em sua pele
Feito tinta no papel
E entramos em gozo tão enjanelado
Que Deus tira da onipotência o véu
Para assistir despojado
A outra forma de grudar estrela no céu
(***)

O fio condutor de ternura, só encontrado dentro dos lares.

Sem o calor dos pais, todo ensinamento corre o risco de colaborar para o enriquecimento dos graus de violência social, perpetrados cada vez mais engenhosamente.

Apresentaremos uma emenda à lei do sociólogo Fernando Honoris Carcará, tendo por princípio elevar a responsabilidade paterna. Que o homem, se assim lhe aprouver, continue seguindo o velho costume, mas que pague um alto preço por ele.

Deus, quando resolveu enviar-nos o seu filho, houve por bem fazê-lo nascer no seio de um lar, transformando a família em célula-mater de sua divindade.

Os ninhos e as casas, ainda que vazios, exalam cheiro de amor, calor e ternura; uma prisão, um asilo, um orfanato, mesmo que cheios e bem cuidados, exalam a triste fragrância do abandono, do não ter com quem contar.

Luara é a lua recebendo tratamento de verbo e conjugado segundo o tempo em nosso coração.

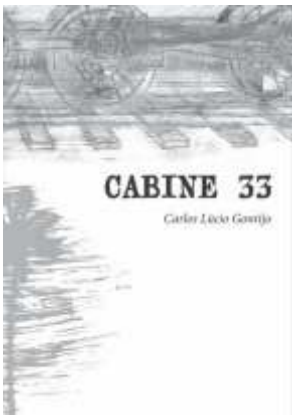
O carinho é o artesanato do corpo: é o sentimento feito a mão.

E todos renderam graças à redescoberta de seus céus interiores, que, uma vez estendidos, são a única forma de afagar e fisgar estrelas no espaço sideral recôndito e íntimo do coração daqueles a quem amamos.

GARIMPANDO "CABINE 33"

(Livro editado em 2004)

Dedicatória



(Bodas de Prata)

Nina

Se durante uma tempestade, com
nuvens espessas empanando
o sol, eu, Amanda, Lucas e Luara nos
perdêssemos de você,
saiba que não nos apavoraríamos.
Cientes de que você sempre
atrai luz, bastar-nos-ia ficar atentos,
pois onde batesse claridade
é lá que você estaria (e está).

De Carlos Lúcio (marido)
Amanda (filha)
Lucas (filho)
e Luara (neta),
Pelos 25 anos de vida e poesia
conjugal (desde 05/05/1979).

Introdução

Os sonhos que nos movem são sonhados a sós, mas todos eles necessitam de mãos amigas para lhes atar os nós. Tudo se perde e voa quando nos embebemos em profusa solidão. Os encontros que temos ao longo de nossos caminhos são os mesmos encontros projetados pela sinergia de nossas mentes, e talvez por isso, em muitas ocasiões, temos a sensação de já ter experimentado o momento novo que nos surge.

Nada é eterno, a não ser as marcas deixadas pela entrega verdadeira, um dia ou a lagoa enche e nos expulsa ou o trem da vida passa e nos arrasta, ainda que como pingentes, a outras viagens e aventuras.

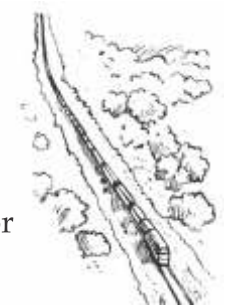
A beleza da existência humana está na transitoriedade tanto das conquistas quanto das derrotas, fazendo de tudo um manancial de aprendizado.

Estamos todos no mesmo trem da existência, cada qual em seu vagão ou em sua cabine, segundo seu nível de tolerância e compreensão diante das diferenças de pensamento, formação, credo, raça e cor.

Quem sabe não haja mais caminho que não tenha sido percorrido neste mundo, mas o que conta é a maneira de caminhar. Numa mesma paisagem uns vislumbram flores, outros fixam o olhar nos espinhos, tornando realidade a filosofia que nos ensina que parte significativa das cores que pigmentam o meio ambiente em que vivemos está na dependência das tintas e pincéis que trazemos em nossa retina.

Individualmente, cada um de nós, dentro do livre-arbítrio, é dono de seu tempo, responsável por suas claridades e sombras, por seus encontros e desencontros, que se vão sucedendo um após o outro, à medida que o trem da existência avança rumo aos mistérios do fim – certamente misericordioso e luzidio –, que, mesmo em caso de não-cumprimento da promessa cristã da ressuscitação, se traduz em eternidade por intermédio da energia erigida pelas amizades sinceras, afetos, amores e paixões ardentes, que irradiam calor humano, um miraculoso fenômeno, que nos aproxima dos mandamentos do Criador e nos insere no feixe de luz dos faróis da locomotiva celestial, cuja missão é transportar espaço sideral afora as lavas provenientes da erupção de todo sentimento vivido em verdade e sob o mais absoluto respeito ao próximo.

Capítulo I



Trem da vida

A locomotiva da vida não tem autonomia
Não fia destino no aço dos trilhos
Seu brilho e calor vêm do nosso olhar
É nosso sangue o combustível de seu motor
Seu jeito de percorrer a grande linha
Alinha-se à forma do nosso caminhar
Faz do coração ninho, estação e mar
Pois se nos trilhos não der pra seguir viagem
Busca em outros meios o idílio da aragem
Às vezes transforma-se em embarcação
E prossegue sua sina de consumir jornada
Sorte que não combina com falta de viração
Nem a desculpa de haver pedras na estrada

Entender a realidade, de penetrar no âmago das coisas para extrair a metáfora, que nos ensina que tudo voa quando sonha, que toda realização é alada; é andorinha fazendo verão...

Não pensem vocês que essa dor me traga. Sou maior que ela e, além do mais, ninguém se liberta no sofrimento. Jesus Cristo não se fez grande porque morreu na cruz, mas pelo fato de ter ressuscitado!

Veja o povo maltrapilho que fez de suas vestes o rio de cores que, no carnaval e nos batuques do cotidiano, alegram as ruas do Brasil.

Era mais um a deixar seu espírito se cobrir com o manto do cão zangado, uma entidade que costuma atacar toda vez que nos entregamos à intolerância ou à incompreensão diante das vicissitudes da vida.

Amor verdadeiro é aquele que assiste sem queixas ao amor passando... Devido à consciência tranquila de se ter dado por inteiro.

É hora de eu limar a saudade no ferro-lâmina dos trilhos e entregar meu espírito ao embeber do calor desse contato, em que a locomotiva, de fato, sou eu. Estou na encruzilhada, se ficar aqui estarei tocando o sino de um cortejo fúnebre; e viajando estarei acompanhando a procissão de meus sentimentos – que me chamam e têm preferência na rota de minha existência.

Capítulo II

Através da simplicidade das camadas mais humildes se aprendem os usos e costumes de uma comunidade.

O sol morria muito longe, por detrás das serras, pintando o céu de luzes cambiantes: ouro, róseo, rubro e, por fim, lilás e roxo, indo embora arrastado pela jornada rítmica dos mistérios celestiais, que assim permanecem, apesar de todos os avanços da ciência dos homens.

A literatura é uma bela forma de alguém perpetuar sua passagem pela Terra. Um livro, um autor pode, às vezes, não ser muito lido nem reconhecido durante anos e até séculos, mas sua obra permanece nas estantes das casas, nas bibliotecas...

Vamos à minha história de homem que glorifica o molho de estrelas, que nos aquece e ilumina; a natureza que nos guarnece e todas as coisas que nos rodeiam, explicitando-nos que a ausência física de Deus é, contraditória e metaforicamente, a prova cabal de sua existência. Ou seja, Deus é real e está materializado através de sua criação. Seria algo meio shakespeariano: faço, logo existo.

Deus nos premiou com o livre-arbítrio, responsabilizando-nos por parte da beleza e da luz de toda paisagem, que se encontra entregue e dependente da nossa arte individual de trabalhar com as tintas e os pincéis de nosso olhar. Nós somos os únicos responsáveis pela aquarela de nossas vidas; a moldura (o mundo pronto), Deus nos

ofertou, mas a tela está por nossa conta, segundo o desenvolvimento de nossos dons.

Sempre tem flor nos caminhos dessa vida.

Poeta, predicado que nos abre o leque de visão, percepção e sensibilidade, possibilitando-nos penetrar nas profundezas das coisas.

No passado, na adolescência, um daqueles amores que "as coisas" de um e de outro, ficam o tempo todo nas mãos de um e outro, mesmo quando não tocam... Daqueles amores em que os amantes se despem com um simples olhar e passam a andar nus por onde andam.

Quando estamos arrastando em nós os grilhões de relação mal resolvida, cometemos o erro de não ver nem sentir os amores que continuam a entrar em nosso peito.

Capítulo III

Não sei o que me move, mais sei que caminho à medida que meu peito se enche de luz: o combustível do meu espírito.

A vida é passageira, mas o amor não. Ele extrapola nossa existência, segue conosco após a morte. Trabalho artístico é ato de amor – fica!

Acredito tanto no poder da claridade, que, diante das manhãs, vem-me sempre a certeza de que a escuridão do Apocalipse será bem maior para os que, antecipadamente, apagam as luzes do caminho.

Não é preciso conhecer profundamente uma pessoa para respeitar o santuário de sua existência.

O inimigo maior é sempre aquele com o qual mais nos parecemos. Muitos são os que combatem ditadores sanguinários e acabam construindo afiadas lâminas mentais e louvando o poder de eliminação da guilhotina como

garantia de imposição do pensamento unitário, fortalecido pela decapitação dos oponentes, no afã de catapultar seus projetos de transformação. Talvez desse comportamento venha a indiferença e o condenável analfabetismo político das grandes massas populares, que têm carradas de razão para visualizar em todo agente do poder um inimigo em potencial.

Os poetas e pintores descrevem ou desenham o mar e nós escutamos a brisa e o vento movimentando as marés. Os políticos discursam sobre os oceanos e percebemos o naufrágio das embarcações...

A verdadeira luz democrática não tem dono nem atende a fundamentalismos ideológicos: é gerada por aquele que, agindo como magistrado, ilumina o caminho independentemente de quem o percorrerá.

Nossas elites são de beira de cais: ou para esperar especiarias estrangeiras como no passado colonial, ou para navegar a outras plagas se forem impedidas de traficar os paus-brasil.

Venho do Nordeste e já assisti a muito senhor de renda e posses que, quando dão de morrer (os abastados também morrem), não conseguem quórum de mãos amigas nem para conduzir seu caixão até a última morada. E, pelo jeito que anda a sociedade, cada vez mais hedonista praticando um individualismo extremado, em breve esse insólito acontecimento se tornará fato tão normal, que os caixões sairão das funerárias já desprovidos de alças.

Os Estados se tornaram incapazes de ordenar a convivência social, mas são competentes defensores dos interesses comerciais de poderosos conglomerados internacionais (e nacionais), que tanto elegem quanto depõem governos ou governantes.

Capítulo IV

Em sua boca, encontrava o trono para assentar meus beijos, seus olhos eram como castelo, em cujos labirintos o meu olhar sentia o gozo de se afastar e se entregar cego e tateante, mas sem vontade alguma de recuperar a visão, bastava-lhe a fogueira daquela escuridão de afeto, tomada como uma visão celestial, onde enxergar é sacrilégio, é inibir o poder do tato e dos poros – olhos naturais do corpo.

A Margarida que eu amei jamais existiu, não passava de um tecido alvo, translúcido, invisível, uma tela sobre a qual, com o meu próprio sangue e o cinzel da alma nas mãos, esculpi e dei vida com o sopro de mágica ilusão.

Se deixou arrastar pelo cordão umbilical da cantoria da vida que vence a morte, da alegria que supera a tristeza.

Capítulo V

O indivíduo de sucesso é aquele que, conhecendo seu propósito na vida, cresce no sentido de atingir o seu potencial máximo e lançar sementes que beneficiem outras pessoas.

Algumas ausências se fazem tão sentidas que, em plenitude, se transformam numa espécie de presença.

É na convivência sincera com as pessoas que tanto construímos quanto garantimos a nossa primeira e material eternidade, pois se nada houver no misterioso "andar de cima", aqui na Terra, por meio dos que nos estimam e nos querem, nossa memória será cultivada, seremos energia circulante.

Nosso único filósofo deveria ser Jesus Cristo, pois nele estão contidos todos os demais.

O povo (a massa amorfa, formada por todos nós, em que se acomoda a síntese da moral da raça humana) não finge; não salga carne podre nem dá corda em relógio estragado...

Todavia, a sábia reação popular, fazendo valer o velho axioma "a voz do povo é a voz de Deus", costuma demorar muito; geralmente após o registro do grande desastre perpetrado por falsos brilhantes intelectuais e por crápulas em pele de cordeiro, que se aproveitam do palco lasso montado pela sociedade-espetáculo, onde o que conta é a imagem, sob cujos holofotes se dá a manipulação dos fatos seguida pela propagação da mentira como se transparente verdade fosse.

Capítulo VI

Não é preciso procura. O guizo da paixão sempre nos acha.

A tarde começa a desfazer as pétalas do dia, sob o anestésico da promessa do recomeço, do eterno refazer da rosa clara do amanhecer.

Vai derramando um copo de vinho no peito que lhe destila velhas lembranças que sua voz vai liberando feito alambique de saudades.

Quem entra nessa penumbra de consciência, só recobra a luz da realidade depois que a borrasca esboroa não apenas a sua vida, mas todas as suas crenças, quando as falas decoradas perdem o encanto.

O universo não conspira pela felicidade ou infelicidade de ninguém; em verdade as forças celestiais tanto preservam quanto abrigam todas as energias geradas pelos seres vivos, bem como o calor desprendido por todas as fontes de calor e luz, não importa se dos céus ou do inferno... Em todo amor há um mal; em todo mal, há um bem. A luta entre as forças positivas e negativas é uma constante eterna. Todos nós achamos que somos mais infelizes do que merecíamos, mas nunca nos julgamos mais felizes do que merecíamos ser. Na roda do tempo ainda não nos sobrou um segundo sequer para pensar no outro, a não ser quando indagamos aos céus:

por que eu, Senhor? Numa tentativa de atirar nos ombros de outro qualquer a dor que é nossa.

A amizade é como um diamante nas profundezas do chão que alguns garimpeiros encontram, outros não! Tal assertiva me dá a certeza de que amigo a gente não faz, reconhece.

Passam-se as fantasias e nós acabamos abraçados de maneira monolítica ao que nos resta. Cada um nesse mundo carrega seus trastes e trapos como se portasse um pote de ouro.

As coisas que mais nos calam ao coração têm como unidade de medida o nosso ponto de vista individual.

A maioria das vezes sequer temos consciência instantânea dos amores que nos entram no peito e que, muitas vezes, são descortinados tarde demais, quando a peça saiu de cartaz, as luzes se apagaram e os personagens foram ao encontro de novos enredos.

Capítulo VII

Os amores estão no ar. Cada qual com seu esvoaçar, seu porto-seguro. Assim como o amanhecer sabe a luz, todos reconhecemos a mão que nos seduz...

A natureza é como se fosse a comunicação de Deus com o ser humano. É uma pena que sejamos tão cegos sentimentalmente que não consigamos nem ao menos tatear, apalpar esse braile natural que se encontra grafado por todos os cantos, por todos os lugares.

No esfregar de corpos, no encontro de bocas e no derramar de êxtases e licores de orifícios e poros carnais está a centelha, a tocha olímpica celestial que se mantém acesa iluminando a cooperação entre todas as coisas, animadas e inanimadas, em prol da perenização da vida tecida pelo Criador.

E desde quando mascatear não é algo parecido com fazer verso. Tanto as mercadorias quanto os poemas só são aceitos se agradar aos olhos e penetrar na festa de desejos do coração.

Você já parou para pensar que aceitou a maldição como coisa definitiva? Em vez de sair atrás de respostas, você preferiu ficar com as perguntas, as insinuações, os indícios... Abraçar a maldição como fenômeno inquestionável é o mesmo que premiar o diabo.

Uma lembrança que permanece doce no tacho de cobre ensolarado de sua memória.

Por mais que você conheça uma pessoa, sempre existirão segredos impenetráveis, aos quais, em muitos casos, não devemos mesmo ter acesso ou porque não compreenderemos ou pelo fato de aquela particularidade ser a vestimenta espiritual da pessoa. E quem é que consegue trafegar ou se entregar com naturalidade sob a sensação de estar frequentemente nua...

Tanto o mal quanto o bem são passageiros, e eles são tão-somente parte do amor, que é um fenômeno maior: é o ventre em que se dá o parto do bom e do ruim, que são, em síntese, o resultado final de estar grávido de vida.

A larva, mesmo quando morre antes de chegar a borboleta, tem consciência do voo – é por ele que rasteja!

Capítulo VIII

A verdadeira festa é aquela que levamos no peito...

Beijos em que os amantes se despedem e a boca fica.

Capítulo IX

Tudo caminha para a valorização do que se faz explícito e diz a que veio, não importa se a elaboração de um simples

currículo profissional ou se a árdua redação de um trabalho literário. Infelizmente, a facilidade de edição e inserção de cultura por via eletrônica está provocando o aparecimento de um excesso de informação inútil, que por sua vez é mal absorvida ou assimilada e, como se fosse uma regurgitação, vai enchendo o meio cultural de um ranço acre de vômito, como se estivéssemos criando uma geração inteira de leitores-crianças, que hiperexcitados e superalimentados de informação, passam mal e, vez por outra, são obrigados a enfiar os dedos na garganta...

Ela se jogou sobre mim, colocou em minhas mãos não apenas o seu corpo, mas também sua alma, que murmurava em meus ouvidos as ondas de seu mar interior. Meus ouvidos guardaram o som de sua voz rouca como as conchas guardam o murmúrio dos oceanos.

Capítulo X

Independentemente do trem ou de qualquer outro meio de transporte, o tempo vai passando e nos arrastando, por isso devemos procurar a retenção do controle da vida em nossas mãos.

Acredito que a sociedade, economicamente, virou as costas para o governo, estruturando a produção informal. A de feudo de quintal!

O governo se transformou numa entidade arrecadadora e, cada vez mais, abocanha a parte mais significativa da produção nacional sem a devida contrapartida em prestação de serviços. Fica explícito, então, que povo desunido é sempre punido pelas elites e pelo governo que agem nas lacunas abertas pela discórdia.

Uma vez alicerçado ou enraizado o sentimento de união entre as pessoas, até a violência se estiolará num passe de mágica por meio do amor ao próximo e da substituição da

competição pela cooperação em todos os planos da vida em comunidade.

O amor não prospera sob a carência material. Dentro da filosofia de Santo Agostinho, temos que a pobreza enfraquece e aniquila as fontes de virtude. Ou seja, o lirismo com que alguns intelectuais descrevem a miséria é mentiroso, não passa de sublimação de uma situação social originária da ganância permitida (e glorificada) pela cultura de acumulação de bens.

Semeamos em nós o grão de trigo da amizade. E por ser trigo, muitos serão os joios em nossa trajetória, pois a amizade, como qualquer sentimento verdadeiro, encontra obstáculos e percalços, porém haveremos de vencer as intempéries.

Assim como a quietude do universo constrói diálogos através da claridade estelar, o silêncio está para os amantes como a pulsação está para o corpo dos seres vivos: fala, revela...

Capítulo XI

A primeira eternidade é desenhada por aqui mesmo. Há em nós uma caixa-preta instalada, que se abre no instante em que morremos. Então, assistimos em primeira mão às cenas de nossa vida. Do nascimento até a morte, como num filme em que Deus, antes de seu julgamento, quisesse nos cientificar de nossos atos, fazendo-nos juiz de nós mesmos, através do acesso à gravação de nosso comportamento e das nossas escolhas no exercício do livre-arbítrio... Alguns dirão que o livre-arbítrio é limitado, porém isso não nos torna menos responsáveis por nossas decisões a cada minuto da vida. Não temos saída, segundo a lei cósmica da ação e reação, mais cedo ou mais tarde, todos nós pagamos o que devemos.

O Natal deve ser visto não como uma época de simples troca de presente, mas como uma oportunidade de reflexão sobre a vida e a necessidade de alimentarmos nosso espírito com o combustível de bons sentimentos extraídos do óleo santo do amor em sentido amplo, com o qual nos doamos um ao outro, como Cristo nos doou a vida e o perdão. Sem que nos abramos para o renascimento que nos propõe a comemoração do Natal, o que temos é a eternização da crucificação de Jesus Cristo, condenado a reconstruir ininterruptamente o amor que insistimos em despetalar, apesar de ele ser o prazer e o tesouro imprescindível à nossa sobrevivência.

Esta vida que vivemos é produto de uma safra que não se repete. Nem aqui nem no paraíso.

Capítulo XII

Tecendo lembranças no tear da memória.

Amar é antes de tudo convicção; é preciso estar com a porteira dos sentimentos aberta para o amor entrar e pastar em nós o seu alimento exposto espontaneamente no cocho do coração.

Desde que o mundo é mundo isto acontece. O instinto de fera anda em pleno florescimento nas selvas de pedra em que se transformaram as cidades.

Rapidamente esvaziaram a garrafa e foram dormir, para descansar o corpo e permitir à alma voejar rumo ao mar de luzes onde, em outras dimensões, se banham todas as estrelas do universo.

Tenho mania de acordar ao romper da aurora, é como se assim procedendo eu estivesse acendendo o meu archote interior.

Capítulo XIII

Não cabe prece onde é preciso passo.

A canção não está na viola, mas no coração do tocador!

Na vida tudo passa, menos a eternidade do que se passou. A realidade é que não importa o que tenhamos perdido, sempre descobrimos um facho de luz em nosso interior para iluminar o tempo novo, em que os milagres voltam a acontecer como parte da própria vida.

As palavras, trajadas de alforjes variados e de múltiplas cores, lastreiam consolos e solidariedade, erguem castelos, fazem a fantasia dos amantes e nos dão ânimo para suportar os pesares diários.

A palavra é som abstrato carregado de metáforas captadas e decodificadas pela mente, que joga tudo em quadros e molduras na galeria do arquivo de memória, fazendo-nos retornar à era da comunicação rupestre ao expor desenhos em nossa caverna cerebral.

Mas o que é a vida, amigo..., senão a busca de um pouco de amor, um tanto de glória, uma ideia nobre por que viver, um recanto de paz no coração e um clarão mágico de luz capaz de livrar-nos da violência e da discórdia, que podem nos tirar a vida...

O verdadeiro abrigo da poesia, do trabalho literário, não são as academias nem os holofotes da mídia, mas o coração das pessoas!

Só o amor é capaz de nos alvejar os lençóis que cobrem o leito de nossos horizontes.

O amor que temos é o sentimento que construímos com nossa emoção, nossa capacidade de entrega.

Nosso corpo é um instrumento que emana o som que compomos com a energia do pensamento positivo e que só se torna audível quando encontramos alguém com virtuose suficiente para nos tocar e extrair de nós toda a melodia escrita em clave colorida na partitura entre as fibras do coração.

Algumas pessoas nos chegam como velhas conhecidas, como se tivessem sido esquecidas em um canto de nossa memória.

Capítulo XIV

Deus

Deus é entidade do perdão
Pelo estender de mão é Pai
Não libera seu esbravejo à toa
Nem se magoa por qualquer bordejo
Nas praias de sua divina memória
Registra o dia-a-dia de nossa história
Grava na rocha nossos raros feitos
E para que a maré cheia os leve
Nossos defeitos na areia escreve

Atravessamos um período em que predomina a intolerância e a exclusão. Nossas elites dirigentes preferem investir na construção de presídios do que no soerguimento de escolas e valorização dos que nelas trabalham. Possuímos hoje um exército de pessoas situadas, intelectualmente, entre o baixo nível de informação e a total desinformação, fertilizando e abrindo caminho para a cultura da imagem, que embevece e encanta os olhos, mas não nutre o cérebro, principalmente quando as imagens são absorvidas sem qualquer análise crítica ou exercício reflexivo... Enquanto a ignorância prospera, segue com ela o apego a ideias reacionárias e manifestações de intolerância e desrespeito às diferenças... Quem mata larva acaba não conhecendo borboleta e quem não dá oportunidade ao ser humano em

dificuldades ou em erro termina perdendo a oportunidade de assistir ao milagre da recuperação, que conduz à alegria de começar de novo.

Se a beleza é visgo que atrai, a alma, cadinho em que ardem as energias invisíveis, é o sustimento, a corrente sem amarras que prende e une os amantes.

Ah, gente, eu aprendi que tudo que é profundo nos deixa nos olhos e na atmosfera um misto de companhia e solidão... É que quando estamos introspectivos nós vivemos a solidão intensamente e mesmo que estejamos sorrindo está lá aquela sombra amorfa, que os que estão por perto não definem, mas o dono dos olhos sabe o que é... Não tem nada demais, isso nem é defeito. A solidão está em todos nós. Não importa se homem da metrópole ou da zona rural. A diferença é que os sabichões como vocês revolvem pensamentos, prospectam o inconsciente, e os matutos feito eu simplesmente matutam...

Quem perdoa deve, também, sair à procura de quem perdoou. O perdão não se torna realidade com o mero pensamento; é um sentimento que exige o encontro dos dois polos – do perdoador e de seu alvo –, pois somente a partir daí é que se restabelece a energia. Que perdão é esse? Sem aperto de mão nem comunicação?

Capítulo XV

É conhecendo a árvore que se valoriza a floresta; é vislumbrando a primeira estrela que brilha ao cair da noite que se imagina a luz de toda uma constelação. A parte sempre nos dá a ideia do todo; se assim procedêssemos descobriríamos em cada ser humano um irmão, uma célula imprescindível no conjunto da humanidade.

Tomando outra direção, dobrando os sinaleiros da misteriosa eternidade, cuja linha invisível faz dos horizontes de luz os seus dormentes e vai avançando universo afora.

Sorriu um riso à meia face e boca, ao pensar desconfiado sobre a existência desse trem espiritual.

Talvez a eternidade seja sinônimo de aprendizado constante, infinito. Vida, tanto no campo espiritual quanto físico (na carne), não passaria de uma interminável viagem rumo às estações de portais, que são uma espécie de usina de depuração, onde vamos nos purificando e preparando nossos olhos para habitar ao lado do pai de todas as luzes que iluminam e regem o Universo.

Beijaram-se em arfante sofreguidão, trazendo à tona toda a umidade que o jarro-pote de ouro que o arco-íris da libido é capaz de derramar, colorida e abundantemente.

Eu fico a imaginar que menos coisas ajuntaríamos se tivéssemos erguido uma cultura em que mais importante que acumular fosse a necessidade de conhecer e viver as coisas... Se uma pessoa cuida de fazer o bem, colecionar amigos, ela permanece em nós. Mas se em vez disso, cuida apenas de juntar coisas e mais coisas, ela termina deixando grandes salas repletas de um enorme vazio que se estende sobre tudo e a tudo encobre.

Sabe por que, companheiros, vocês bebem, bebem e não se embriagam?... É porque hoje, e em qualquer outra ocasião de idêntica confraternização cristã sincera, os anjos descem, os espíritos amigos sobre nós voejam e bebem conosco, em nosso copo. Então, não nos embriagamos porque, sem que percebamos, dividimos com os que habitam o mundo invisível. É por isso, é dessa filosofia que se originou o hábito de se jogar um trago para o santo...

Até o último sopro de vida é possível não apenas encontrar, mas também viver um grande amor.

Os dois correram lado a lado, para desaguar no mar de alagados e pantanais do amor, onde, independentemente dos

assoreamentos e das pedras no caminho que o destino joga ou impõe ao leito e aos lençóis de ternura, há sempre um encontro marcado...

Margarida, à qual ele finalmente se juntava, para mais uma viagem de trem, não na segunda ou na primeira classe, mas em um vagão de luz, que tem como trilho os braços de Jesus Cristo, que os levará ao Pai Celestial para os que creem, ou para o nada, que também é algum lugar mágico, cheio de vazios a ser preenchidos por quem dessa dimensão levou consigo um pedaço de chão lavado (e fertilizado) com as lavas do vulcão do amor derramado dentro de uma cabine 33 qualquer, abaciada, bateando as impurezas do caminho, para que o trem da vida faça do arco-íris a sua linha férrea, guardando cada bem do mal do amor nos vagões do coração dos que se amam...

Presente de Santo Antônio do Monte

Na árvore da vida, a amizade verdadeira é o nó indesatável da madeira da existência.

GARIMPANDO "LóGICA DAS BORBOLETAS"

(Livro editado em 2007)

Dedicatória

Minha criação literária autodidata padece da síndrome da cultura do anjo torto que impregna tudo em meu país, para a insatisfação dos eruditos e puristas da estética artística.

Lógica das Borboletas – tecido com a linha quente do Equador de minha mente, que crê que A PALAVRA É IMAGEM SAGRADA QUE CARREGO COM CUIDADO NO ANDOR DO CORAÇÃO.

Assim como as borboletas, somos paisagem em movimento: não estamos no mundo para marcar tempo de vida, mas horas de voo...

Introdução

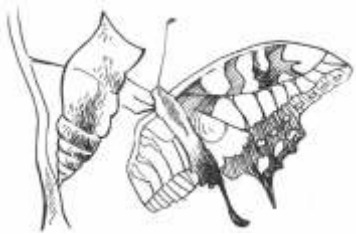
Quem agasalha o peito com tecido curtido em voos de borboletas sabe que as linhas da mão são lidas no idioma do espírito e não dos homens, ainda distantes de consciência coletiva capaz de lhes permitir divisão de riquezas idêntica à forma pela qual as borboletas compartilham seus espaços, demarcados por leveza e cores, e não em alqueires, cercas e lutas por posse.

Abaixo da linha do Equador as borboletas fazem as vezes do batom para o lábio da menina dos olhos de mulheres sofridas e preocupadas com o futuro dos filhos, enquanto seus maridos aram o chão, cientes de que nada vem de graça, nem a eternidade! – arranha-céu da alma que

deve (e só pode) ser construído tijolo por tijolo, em corrente de oração braçal.

Lavrar com o cinzel das mãos o destino é a sina dos homens. Breve é a vida de todos os seres vivos; independentemente do relógio biológico de cada espécie, todos devem tentar deixar a marca de sua passagem na Terra, através do instinto ou pela razão, característica exclusiva da raça humana. Todavia, é preciso conciliar a fria textura da matéria com a realidade esvoaçante dos sonhos, que são a fonte de toda a criação. Por mais que os castelos necessitem de fortes alicerces, toda base de sustentação precisa da seda rara da imaginação, pois a rigidez extrema e sem flexibilidade faz desabar construções e homens. Se brisa mansa não move caravelas, ventos fortes podem naufragá-las. Urge a busca do meio-termo entre as energias invisíveis que nos habitam e a matéria tangível que lastreia embates sangrentos mundo afora, maculando a imagem de ser racional dos humanos, que vai perdendo o brilho e o rumo à medida que se afasta da "Lógica das borboletas" e, por hedonismo doentio, insiste em negar a realidade que nos diz que, num retrato três por quatro, o verdadeiro rosto da sociedade é coletivo, para azar de celebridades, famosos e demais senhores de terras, engenhos e capital.

Capítulo I



Lógica das Borboletas
Cada borboleta é uma alavanca
Que arranca tumores do chão
Tudo então ganha asas e voa
Em coisa à toa se transforma toda mágoa
Não há por que se afogar em água rasa
Quando até larva se ergue alada
E faz do rastejar vida passada!

No encontro da treva com a luz, somente a luz é que brilha.

Entrelaçaram pernas e corpos feito cipós e árvores, em simbiose de desejo, ternura e amor.

Absorver a dor em mortal sangue-frio para sobreviver.

Eu a quero ao meu lado, na cama, na rede, na esteira, na relva. Abasteço-me de vida no movimento elétrico de sua cintura e mantenho em mim a vontade de caminhar de mãos dadas com você pelos campos, sob o sol e as árvores, ouvindo a sua voz como se fosse música para os meus ouvidos, independentemente do assunto...

Quando se unem interesses, capital e portadores de diploma de curso superior e mando, a truculência contra o pequeno nas demandas judiciais é coisa líquida e certa. Até mesmo pelas custas estabelecidas para ações impetradas na Justiça, o palco do privilégio debuxa no horizonte dos julgamentos.

Capítulo II

Tempo que dá o consolo e a cura para as cicatrizes abertas no peito pelo destino.

Meu amor, enlace-me. Corte-me com os estribos da paixão. Sou sua montaria, sua sela.

Sinto o seu suor formando alagados em mim. Chego pro seu abraço feito riacho e viro braço de mar, agiganto-me na entrega. Não me pertencer é achar-me. Não estar em mim é ter consciência do que sou...

A vida segue e a gente tem de dar um jeito, até em homenagem aos que amamos e não estão mais entre nós. Acredito, hoje, que a morte padece o castigo de jamais nos pegar vivos, pois quando nos pega já nos encontra mortos. Além do mais, a Bíblia nos diz que "a semente lançada à terra, ao perecer, produz frutos. A que não é semeada fenece." Independentemente de haver ou não vida após a

morte, a realidade é que os que perdem um ente querido se transformam em frutos dele.

Desculpe-me os olhos molhados. Mais fácil controlar estouro de boiada ou conduzir gado desgarrado para o curral do que conter a nascente de lágrimas do meu olhar...

Capítulo III

Todos os afastamentos, inclusive o definitivo, advindo da morte, são mais ou menos dolorosos na medida em que a mente pune os que não se deram enquanto podiam, os que foram relapsos e não marcaram presença nas confraternizações, ou melhor, não souberam celebrar a vida nem saborear os frutos produzidos pela lavoura da amizade. A esses cada revoada de borboletas nos jardins da lembrança é uma tortura – o remorso os corrói.

Construir uma amizade é uma doação. Carece de um grande esforço, de tolerância e compreensão.

Ser amigo é descobrir, em meio ao cipoal de defeitos que o outro tem, as qualidades com as quais podemos conviver e aprender.

A amizade aperfeiçoa o ser humano. Ele se torna melhor através da convivência e do exemplo do outro.

Cada mão que nos acena é a garantia de que sempre teremos para onde voltar.

Cada abraço que recebemos na despedida é a certeza de um porto...

O ônibus foi sumindo na estrada, os amigos se perderam de vista e ficaram vivos, vistos e revistos nas artérias do coração.

A rocha dourada do destino continuou sob os açoites da ventania incessante do tempo e a areia fina dos segundos enchendo a ampulheta dos dias.

A impunidade termina por ensinar que a vida não vale nada e pode ser tirada sem mais nem menos.

Preocupa-me a transformação da miséria em mercadoria, numa espécie de matéria-prima para a indústria da assistência social.

Assistimos a uma realimentação da pobreza, na medida em que os movimentos assistenciais se nos apresentam alicerçados em estrutura escravocrata, ou melhor, não libertadora do cidadão.

A mão verdadeiramente estendida não é a que nos apoia na caminhada, mas a que, desprendidamente, nos ensina a caminhar por nossa própria conta e risco. Na maioria das vezes, a gente confunde sociabilidade com solidariedade e, geralmente, os muito sociáveis não são solidários.

Comparativamente, uma borboleta pousada num galho de árvore, na horizontal como os casais, seja a figura representativa do sexo. Já a borboleta em pleno voo é o amor degustando paisagens e penetrando espaços, com o pensamento jogado em tabuleiro untado em óleo de libido purificada na bateia do gozo realizado.

É do arrolho amoroso dos casais e do abraço fraterno entre os amigos que vem o fortalecimento do que chamamos de calor humano.

Assim, como ninguém domina o dia de amanhã, toda festa adiada corre o risco de não mais acontecer.

Tenho os amigos como uma corrente, um terço de orações. Acredito que Jesus Cristo, ao transformar a água em vinho para garantir a alegria dos presentes a uma festa, pretendeu nos passar a mensagem da importância da confraternização ou comemoração em comunidade. É no contato com outras pessoas que absorvemos experiências

novas e muitas vezes podemos diluir nossos fracassos, decepções e frustrações, uma vez que, quando nos relacionamos amistosamente, temos a oportunidade de comparar, avaliar.

Vencerei, assim como as borboletas ultrapassam suas provações naturais até ganhar asas para voar sobre o chão em que rastejavam e do qual se erguem as flores que as alimentam, ensinando-nos a não amaldiçoar as fases de lodo que enfrentamos, pois quase sempre elas são elementos fertilizadores do crescimento de nossa árvore espiritual, cujo fruto tem o sabor com que temperamos a vida, que é, sem tirar nem pôr, o que fazemos dela; à nossa imagem e semelhança.

Capítulo IV

"BORBOLETEANDO"

Vou-me com as borboletas
Em seu voo
Sigo nas borboletas
O que eu persigo
Vejo nas borboletas
Meu enjanelado voejo
Quero uma viagem
Toque de sinos na capela
Aragem de beijo do meu amor
Sempre-vivas na lapela
Salivas virando mar
Corpos borboleteando em flor
Num mútuo despetalar
Até o raiar do fim da primavera
Quando o que era deixa de ser!

Ninguém nasce para ser pobre ou rico, apenas vem ao mundo para ser gente... Tem muita gente de terno e gravata se utilizando da desgraça alheia como ferramenta de autopromoção, aplicando técnicas de marketing...

Há uma diferença entre criar, que está no campo material, e o cuidar, que pertence ao aspecto do afeto... Nem sempre quem paga direitinho a pensão alimentícia está cuidando, pois não raro o abandono se dá através da ausência e negativa de amor e carinho aos filhos.

Capítulo V

Planos e metas, nunca é demais repetir, têm que ser buscados. Não há como caminhar em frente arrastando as coisas: sempre somos obrigados a deixar parte da bagagem para que possamos voar, assim como a borboleta se livra de cascas e fases.

Capítulo VI

Nós não podemos ser a medida de nós mesmos. É através do outro que nos descobrimos e temos a noção exata de nossas dimensões.

A autoestima semeada de fora para dentro, em que a pessoa só vê ao seu redor o reflexo de si mesma, cria os monstrinhos egoístas de que o mundo está cheio. A autêntica e benéfica autoestima vem da confiança de se sair para o outro de forma aberta e enjanelada.

Acho uma grande bobagem essa busca por contato com extraterrestres, quando a causa maior e mais promissora ao engrandecimento da raça humana seria o nosso contato imediato com as outras pessoas, com nossos irmãos terráqueos.

Dá-me um nó no peito quando comparo a extensão territorial e as riquezas naturais brasileiras com a Suécia e percebo que os suecos conseguiram fazer do pouco muito e nós, feito um Midas ao avesso, empobrecemos e contaminamos com ferrugem tudo o que tocamos.

A pressa que o capitalismo nos impõe, sob o lema de que tempo é dinheiro,

precisa de um contraponto. Tempo deve passar a ser sinônimo de vida.

O ser humano necessita de retomar valores da família, dos amigos, do tempo livre, do lazer, dos pequenos prazeres do cotidiano e até mesmo uma aproximação maior com as energias invisíveis, cada vez menos sentidas e perceptíveis por nossas mentes petrificadas pelo predomínio da visão materialista, que nos transformou em herdeiros radicais de São Tomé.

Creio mãe, com todas as forças de meu coração, na possibilidade de constituição de um ambiente de trabalho menos coercitivo, mais alegre, menos inibidor de vocações e talentos e, portanto, mais produtivo, onde seres humanos cumpram suas funções com satisfação e doando toda a sua capacidade.

Pés no chão é bom, mas o voo é absolutamente necessário à nossa alma. Aliás, viver intensamente é preciso, pois, se chegamos ao futuro sem asas, de que nos terá valido o estágio de larvas?"

Capítulo VII

Então é amor mesmo, pois os que são tocados por este sentimento se infantilizam por uns tempos. É como se a semente do amor reivindicasse a pureza da criança que um dia fomos para germinar em nosso peito.

A noite chegou na hora que a ampulheta do tempo bem quis.

Aprendi com as borboletas que a brevidade da vida não nos serve de desculpa para não realizar as coisas.

Há um verdadeiro complô contra a amizade, a convivência em comunidade, a família enfim. O hedonismo está eliminando a indispensável prática do amor ao próximo,

que mais que discurso cristão é um preceito social sem o qual as relações humanas empobrecem.

Lamentavelmente, a conduta humana, seja do ponto de vista social, político ou psicológico, permanece mais que nunca guiada pelo ganho material, com forte predominância do complexo de Zeus.

Tenho por mim que tudo diminui com o passar da idade, menos a vaidade...

Não, não tem nada de disco voador. Porém, é como se eu tivesse visto um, pois entrar em contato imediato com o amor por uma mulher é realmente navegar entre estrelas, é pousar em outro mundo: o coração do outro.

As borboletas chegam com as flores e não antes.

Capítulo VIII

O aroma da pessoa amada vai impregnando as coisas que nos rodeiam, alcançando até a nossa alma, que se deixa inebriar pela fragrância sublime do amor.

Assistindo da janela ao pôr-do-sol, cor-de-barro, entijolando os alicerces da noite.

Sem futuro, mais à frente, o presente não existirá.

Capítulo IX

Em sua solidão, Nestor especulava sobre o repouso das estrelas de seu universo como ser humano.

Estranho país esse Brasil, onde para tudo tem que haver um jeitinho extraoficial a fim de que as coisas andem.

À medida que o tempo passa e as estações se sucedem o fardo vai ficando mais leve, diminuindo de tamanho, porque minha alma aumentou a largura de meus ombros para suportá-lo.

Aprendi que tudo tem o seu tempo próprio e que não há nada mais errôneo do que ousar modificar o ritmo das coisas. Cada um de nós tem o seu jeito de caminhar. No tempo certo, e ao modo de todos nós, dá-se o aprendizado da vida. A natureza não queima etapas.

As cascavéis balançam o chocalho antes do bote e os homens peçonhentos cantam em contentamento antes de cometer o mal perpetrado.

Capítulo X

Dê tempo ao tempo e a larva triste da saudade se transformará em borboleta.

A única forma de encontrar Deus é no todo. Isto é, Deus está em cada coisa, por menor ou mais insignificante que seja o objeto, a matéria ou o ser vivo, lá está Ele. E a razão disso, meus amigos, é que Deus se doou com tal sofreguidão e entrega que foi se deixando nas coisas... Assim como não vislumbra a galáxia aquele que fixa o olhar numa única estrela; ou da mesma forma, não percebe a floresta quem se ocupa do corte de uma determinada árvore, feito o pescador que se "encanta mais com a rede de que com o mar", não se aproxima do Senhor dos Tempos o ser humano que não consegue juntar as partículas de Deus que estão inseridas em tudo e em todos nós. Enfim, ninguém precisa crer no Criador, porque ele crê em cada um de nós. Na prática, são atitudes vãs tanto a aclamação fundamentalista do nome de Deus pelas religiões quanto o negativismo radical proclamado pelos ateus. É mais ou menos como afirmarmos que o oxigênio não existe enquanto enchemos os pulmões de ar. Indubitavelmente, há um céu por detrás de nossos sonhos.

Não sei se Deus existe, mas por outro lado a vida me ensinou que coincidências em demasia é sinal de que, por trás de tudo, alguém planeja o coincidir.

A sociedade mundial foi assaltada por um culto exacerbado ao individualismo possessivo, que de forma alguma nada tem a ver com o autêntico exercício salutar da individualidade e sociabilidade. A erosão dos laços comunitários e coletivos, as mutações profundas, no tempo, no espaço, na economia e no trabalho, são os fatores responsáveis pelo atual salve-se quem puder, a pregação de autoestima baseada no querer é poder, suplantou a lição indispensável de que é preciso, antes, trabalhar e ter mérito. Sem obediência a tais preceitos criamos, socialmente, nicho perfeito para a eclosão de ovos de serpentes

Maus administradores tisnam os horizontes da sensibilidade social e são tão perversos quanto a pequenez de seus objetivos.

Os que combatem as borboletas não o fazem porque as larvas se alimentam de folhas das hortaliças, árvores e plantas, mas, inconscientemente, porque elas voam...

Capítulo XI

Na vida o que não vai embora, passa...

Aquário de amor, onde ambos são o barco a vela e o velejador um do outro.

Você sabe que toda borboleta é única e que as asas são uma espécie de impressão digital. Ou melhor, ainda que sejam
aparentemente iguais, cada borboleta é detentora de asas exclusivas.

Toda pedra se parece com o diamante, mas o diamante não se parece com pedra alguma.

Com a minha mente aboio as borboletas. As borboletas são o meu sonho alado.

Traficante prefere eliminar o cliente para evitar que a inadimplência prospere... Eles matam para servir de exemplo aos demais.

Nada mais irradiador de esperança que o nascimento de uma criança... Criança é sinônimo de esperança e responsabilidade. Pois, além de todos os cuidados, deve ser garantido a ela acesso a escola de qualidade, a fim de que a ignorância não prospere na humanidade, dando aos maus políticos a chance de mais facilmente manobrar e manipular grupos de desinformados e despreparados para o exercício da cidadania.

A ignorância custa caro ao próprio indivíduo e à sociedade... As nações podem cair em desgraça tanto por não contar com povo educado quanto por ser comandadas por chefe de Estado ignorante e secundado por assessores também incapazes e predispostos a discorrer, em descontrolada incontinência verbal, sobre temas que desconhecem.

Não é porque alguém faz trabalho braçal ou de menor exigência intelectual que deve abandonar a busca do aprendizado e do conhecimento. Inegavelmente, ao elevar seu nível educacional, a qualidade e a produtividade do trabalhador no cumprimento de suas tarefas também experimentam crescimento.

Não há nada além do que não há.

Fui pássaro que acompanhou morcego e agora, merecidamente, sinto-me dormindo de cabeça para baixo, envolto em meus pesadelos.

Agradecimento
Sinto-me um ser quântico: não ocupo espaço, estou no compasso do coração de quem me gosta. Invisivelmente sou, estou e existo.

GARIMPANDO
"DUDUCHA E O CD DE MORTADELA"

(Livro editado em 2009)

Dedicatória

À minha neta Luara Nina, sob a certeza de que adulto verdadeiro e bem-sucedido é aquele que não perde de vista a criança que o habita

Tranquila, vivia em um lar feliz// Enraizava toda a alegria que sentia/ Enquanto a mágoa, que às vezes ocorria/ Era intencionalmente feita a giz

Não deixava a dor viçar em seu jardim/ Ela logo a apagava com a luz do seu olhar.

Seus passos se soltavam pela casa feito raio/ Mesmo quieta, seus olhos tinham mil asas

Nada lhes servia de pára-raios/ Agiam com rapidez e sem ensaio/ A tudo vasculhavam com ligeireza de cavalo baio.

Duducha possuía uma cachorrinha chamada Kika/ Ela era pretinha como noite de arredia tempestade/ Porém, aquele açoite de negritude traduzia brilho de estrela/ Espaço para construir alegria que na alma se multiplica/ Provando que toda cor é bela e sempre se justifica

Gente boa e verdadeira marca presença ao nosso lado/ Tentando fazer nossa dor pungente virar simples passado.

Tinha apenas cinco aninhos/ Mas todos na casa gostavam de ler livros infantis para ela/ A fim de livrá-la, desde cedo, dos crivos e grilhões da ignorância/ Que jogam milhões de pessoas na pobreza e na mendicância.

GARIMPANDO "JARDIM DE CORPOS"

(Livro editado em 2009)

Infelizmente, não há como o ser humano assenhorear-se do tempo e a única forma de ampliar a vida dos que partem é mantendo-os redivivos em nossa memória.

No trabalho que nos liberta reside a nossa escravidão fúnebre.

Quem não acredita em milagre, vive sob o milagre de em nada acreditar.

Porque chove, desejo sol. Porque é noite escura, almejo estrelas. Porém, se há sol e noite cheia de estrelas, sequer olho para o céu. Padeço do mal de todo o ser humano: não valorizo o momento e, depois, choro ausências.

Introdução

No fim da vida todos gotejam memória, feito pote trincado e abandonado ao relento.

Nunca a existência humana foi tão movida pela visão materialista. Basicamente, não somos analisados por nossos feitos e atos, mas pelo que consumimos.

A inteligência, a sabedoria e a racionalidade podem, como dádivas divinas, enriquecer a humanidade, quando utilizadas sob o princípio fundamental da honestidade e consciência, ou produzir exatamente o efeito contrário, quando desprovidas e afastadas da ética, da moral e dos objetivos mais dignos das pessoas.

A honestidade, luz natural, baliza os sentimentos do ser humano, e não é somente uma prerrogativa do indivíduo, mas uma exigência do próprio bem comum.

É por meio da honestidade que as pessoas se elevam ou se rebaixam, promovendo o
bem ou incitando o mal, tornando feliz ou desgraçando a existência do homem e da sociedade.

Não tocamos seguidamente o mesmo ser humano, principalmente quando ele se faz guiar pela desonestidade - pois os desonestos se vergam tanto ao rigor dos vendavais quanto ao acalento da brisa. Não primam pelo princípio da rigidez de caráter e comportamento.

Pessoas bem-intencionadas conservam seus alicerces, ainda que, como se fossem nuvens, cedam ao sopro da vida e, enjaneladas, ganhem uma feição nova a cada dia.

O comportamento moral "camaleônico", flexível e revogável, transformou-se em filosofia de vida que inundou a comunidade mundial, confundindo esperteza com inteligência, sagacidade com competência.

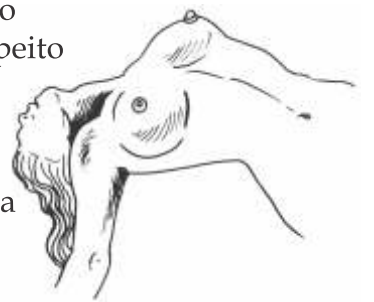
É a honestidade o único sol ao redor do qual gravitam todas as atitudes e virtudes humanas.

Ser ético e honesto é ser inusitado, fora de moda e estilo - inabilitado para competir nos mercados mundanos, nos quais imperam os que exercitam inescrupulosamente a astúcia e a trapaça.

Não raro encontramos realidades na ficção e afirmações falsas - tomadas como verdadeiras - nos jornais, que costumam tanto dourar a pílula da mentira, iludindo o povo ávido por algum sinal de esperança, quanto traduzir os

interesses imediatos dos proprietários dos meios de comunicação. Muitos são os fatos e os mitos criados dessa forma.

Capítulo I
Filtro



Umedece o barro de que sou feito
Encharca-me com o suor de teu peito
Estou afeito e pronto
Assim meio tonto de amor
Aceito o que vier e for
Depois de desmanchado em lama
Leva-me aguado para a cama
Apura-me no filtro dos lençóis
Pesca-me com os anzóis do coração
Desfia fio a fio a minha paixão
Dá-me uma forma nova
Prova-me que o amor transforma!

As mulheres são uma espécie de caravela - estendem o seu véu, soltam os cabelos, o vento bate e elas se movem...

Menina de 15 anos, mas com jeito e corpo de idade maior, que a sociedade detecta no físico e a lei determina na mente.

A realidade apaga as ilusões e todo o perfume de paixão não correspondida se evapora e esboroa diante do sal da indiferença.

Berçário - horizonte de gente. E gente é fruto de entrega. Às vezes, de um (o amar sem ser amado); outras vezes, de dois, quando mulher e homem se engravidam, construindo um canteiro mais apropriado para o semeio e geração de ser humano; criatura visceral, física e psicologicamente dependente de família bem constituída.

Capítulo II
Despudor

Castigo silencia e não soa
Violência não tem plumas
Violentado nunca voa
Nem sequer apruma
Torturado vive em pausa
Grande causa vence pelo destemor
Não há amor que dure
Se forjado no açoite do despudor

A casa vivia de portas e janelas abertas, respirando poesia e música.

O firmamento era sempre claro e sempre havia praia para um banho de amizade e camaradagem.

Colarinho branco não empana espírito embebido em nódoa e veneno.

Falta de oportunidade, discriminação e preconceito constroem um quadro social de estreita mobilidade.

Tudo depende de escola, estudo, acesso à informação de qualidade.

A lagoa é a expressão máxima do individualismo, da pessoa presa em si mesmo, que não sai ao encontro do outro, mas que, ao virar água de enchente, vai de encontro a tudo que encontra pela frente.

Capítulo III
Rama
Verdade é mentira que não se esconde
Paisagem por mais bela que seja

Não passa de aragem que beija o horizonte
Paixão é rama de vento
Dá tempo de cama e vai embora
Mas se vira um grande amor
Na alegria e na dor é para sempre

Enlagoado, alagoado, contido em si mesmo e se descobrindo escravo do que continha na mente, Federico era uma lagoa assombreada.

Aqui, quem não executa instrumento musical, é mestre em tocar as cordas melodiosas da paz e abrir as porteiras do coração para passar o comboio da amizade, nome que se dá ao rebanho de gente junta, amiga, solidária.

Brigar por espaço é fácil. Difícil é abrir o compasso da conquista para abrigar o sonho de outras pessoas.

O triste da história é que não houve nem a rama de vento de uma paixão. Ela foi apenas instrumento para a satisfação dos desejos de um homem poderoso e disposto a pagar pela virgindade de jovens pobres, sonhadoras e mal informadas pela mídia "barbiezada", que nos impõe modelos imorais e profetiza licenças e vácuos de valores, que nos levam ao desamor pelo próximo, à desvalorização da vida, à violência.

Não é possível que sejamos eternamente tocados que nem gado. Precisamos achar um meio para pôr fim aos eclipses moral e espiritual que nos assolam. O caminho para a posse das realidades superiores e definitivas nos é aberto pelas ferramentas do respeito e do amor ao próximo.

Não importa de que lado brilha o sol ou que ventos tocam a tempestade; sempre encontraremos sombra, paz e abrigo sob a capa majestosa da grande árvore enraizada no coração dos mansos e humildes: a honestidade!

A classe dirigente trabalha como se estivesse decidida a reinar no caos, pois tudo aquilo a que assistimos está direcionado ao agravamento dos fatores que infelicitam a humanidade: desinteligência, individualismo, egoísmo, excesso de autoestima, discriminação, preconceito, corrupção política.

Negar e destruir é prática comum aos desonestos, pois a destruição é a maneira mais fácil, tanto aos homens quanto aos animais irracionais, de manifestar sua pretensa força.

Chorava, diante da certeza de viver em um mundo onde tudo tem dono, pois sempre há olhos vigiando as nossas manhãs, controlando nossas tardes e predispostos a apagar as estrelas de nossas noites, jogando-nos na mais completa escuridão, sob o arrastão da malha fina do poder forjado em arame farpado.

Capítulo IV
Psicanálise

Na bandeja fria, a mente de Sartre
O olho do Freud que me espia
Eu salgo no vinagre
Degustando o milagre de me descobrir
Perdido numa rua escura de Paris
Bastilha nua que me liberta
Em ilha virtual demarcada a giz!

Contamos dias, guardamos datas, comemoramos aniversários. Aprendemos desde pequenos que são os dias que nos levam, porém a vida nos ensina que somos movidos pelo vapor originado da queima de paixões que semeamos em nosso peito.

Paixão é como uma planta verde e, muitas vezes, ao queimá-la, a fumaça é tanta que enchemos os nossos olhos de lágrimas.

Arma em casa, na maioria das vezes, é passaporte para a morte.

No âmbito coletivo, engravidava as pessoas com informações jornalísticas forjadas, guiadas pelo interesse de grupos poderosos, deixando de ser diretor de veículo porta-voz da população e ejaculando esforços para a gestação de uma massa disforme e incapaz de promover mobilizações coletivas em prol de mudanças sociais efetivas – pois que dividida perante a avalanche de notícias desencontradas e contraditórias, ardilosamente tecidas nos engenhos da imprensa para desvestir e desnudar vontades e consciências.

Capítulo V
A Mãe

Em berço de ferro não se levita
Como deter o choro da criança que me habita?
Como polir a prataria herdada
Se ela guarda a retina de mamãe?
Ofuscando o brilho por que trabalho
E eternizando minha condição de filho
Num refluir sem aviso nem atalho
Todavia em exaustiva constância
Marejando as lágrimas da minha infância

Uma vez que os filhos costumam não satisfazer as expectativas dos pais e estes, quase sempre, não são como os filhos gostariam que fossem. Enfim, os casais e as famílias não se complementam de forma absoluta, mas isto não nos deve levar ao desânimo definitivo. Viver tanto engorda quanto envelhece e frustra.

A maternidade atua como um catalisador de energias, trabalhando com o lado cheio de copo e sempre disposta a preencher lacunas.

Já são 16 horas e, em breve, a natureza nos servirá o cálice do entardecer.

Nada mais importante na vida do que manter boas amizades. Quem nesta vida não conquista amizades verdadeiras, termina enclausurado ou dependente do divã do analista: o substituto remunerado do ombro amigo! O irmão-camarada é figura tão valiosa em nossa vida, que, quando o chamamos, ele não vem: parece que se materializa, como se ao nosso lado já estivesse presente.

Quem observa bem os dias em que vivemos, vislumbra um mundo bastante "hitleriano", como se sua teoria de supremacia de raças houvesse vencido a batalha. Veja o perfil dos subjugados, dos discriminados, dos abandonados à própria sorte!

Vivemos sob o domínio do preconceito e da intolerância, pois o sistema econômico que adotamos não consegue contemplar a todos e, ainda pior, necessita que muitos experimentem os dissabores da miséria para que alguns privilegiados vivam nababescamente.

O ambiente de riqueza da vida moderna tem como alicerce um monte de esqueleto.

Nosso progresso tem como sustentáculo os excluídos, verdadeiros mortos-vivos!

Não é fácil manter o bom humor nem o ânimo diante dos dias conturbados por que passamos. O noticiário dos meios de comunicação nos dá a sensação de que o mundo se perde

na violência e na indiferença em relação às desigualdades sociais. A tristeza é um sentimento normal e que sempre acompanhou o ser humano, porém o entristecimento profundo constrói preocupante e generalizado quadro depressivo, transformando-se em doença social epidêmica, que precisa ser combatida e tratada...

É muito difícil controlar o sentimento de tristeza perante uma humanidade que não consegue entrar em acordo sequer para livrar o planeta Terra dos efeitos do aquecimento e modificações climáticas provenientes do lançamento de gases poluentes e danosos à atmosfera terrestre.

Infelizmente, no amontoado de aberrações, violência e apelos à exaltação do grotesco e desprovido de valor moral ou cultural, as boas ações e notícias alvissareiras se perdem, ficando estampado apenas o mal e a perversidade.

É inegável que a situação socioeconômica do país atua decisivamente no estado psicológico das pessoas.

Enfim, como o ecossistema natural, todas as ações humanas estão interligadas e têm o poder de causar felicidade ou provocar no ser humano distúrbios fisiológicos, aumento ou perda de apetite, excesso ou falta de sono, agitação ou letargia, bom ou mau desempenho e rendimento no trabalho.

...Alguma coisa a ver com ventre de mãe, esperma de pai – vida por renascer e acontecer!

Capítulo VI
Privacidade

Aonde vou levo minha casa
Minha intimidade está no outro
Perco privacidade se me escondo
Ela existe enquanto me revelo
Por autoestima velo o próximo
Como se cuidasse de mim mesmo
A amizade é joia de anjo
Arranjo divino para nossa sobrevivência

Ateu convicto está mais próximo de Deus que o mau cristão. E inimigo declarado é mais transparente que o falso amigo.

Quantas vezes a dor lancinante nos consome e os amigos somem. Amigos verdadeiros se contam nos dedos.

Infelizmente, o passar dos anos, que nos deveria trazer sabedoria, termina por nos encher de dúvidas. Tudo o que antes era uma certeza se embebe em desconfiança, como se a existência humana não passasse de uma dimensão onde tudo é precário e transitório.

Sob a razão o homem mata, faz guerra... Alguns endinheirados põem fé no poder da riqueza; outros disfarçam o seu primarismo com orações e Bíblia debaixo do braço, se tornam especializados em apocalipse, enquanto juntam e disputam honrarias terrestres, inclusive a liderança do pastoreio.

Refletir é estender nos varais da mente os pensamentos guardados, que, expostos à luz da razão, perdem o mofo e iluminam o sentido histórico da nossa vida. É sabendo de onde viemos que podemos medir quanto andamos e decidir para onde vamos.

Haverá um tempo em que a conservação e a preservação da natureza serão o objetivo e a razão da existência humana. Em vez de direitos humanos pautados no paradigma do individualismo, devemos lutar pela implantação de deveres da comunidade e do cidadão em prol do compartilhamento dos ecossistemas naturais que ainda nos restam.

O que me dói é ter de reconhecer que a violência nos dias de hoje é bem pior, uma vez que a civilização do conhecimento abandonou a sabedoria e pratica o mal conscientemente.

Capítulo VII
Censura

Deixo a palavra correr
Como se a polícia fosse chegar
Matar ou morrer!
Para a poesia acontecer
Eu tenho que me entregar...

No jogo da vida o segredo é jogar e deixar jogar, pois viver é um esporte coletivo.

O que prevalece é o lazer, a cultura da imagem sobrepondo à palavra.

Ser poeta é ter a humildade de deixar a poesia acontecer.

Ser verdadeiramente sensível é poder perceber no papel a sombra da árvore sacrificada.

RóTULO: Visionário sem visão / Janela sem cortina / Amor sem coração / Olho sem retina / Político sem mandato / Prato sem fundo / País sem mapa / Mundo sem sina /

Cana sem garapa / Padre sem batina / Carpideira sem pranto / Água sem mina / Santa sem manto / Espírito sem incenso / Festa sem canto / Sabedoria sem senso / Mãe sem parto / Quarto sem sono / Gravidez sem enjoo / Rei sem trono/ Pássaro sem voo / Escravo sem dono / A vida acontecendo / Sem a ferida do rótulo / Simplesmente amanhecendo.

Página de polícia dos jornais é coluna social de pobre.

Os cadernos de cultura dos jornalões não cobrem as atividades artísticas que ocorrem nas periferias, nos aglomerados. Fica parecendo que os pobres são uma outra espécie, ou melhor, vivem sem arte, sem lazer.

E o grave da questão é que, para os editores, o bom, o benfazejo, não vende. Em todo fato digno de elogio, eles sempre pinçam o lado negativo. E, ao fim de tudo, o que fica explícito é que a opção por esse tipo de cobertura jornalística, tida como indispensável norma prática, subtrai dos jornais um predicado importantíssimo, com o qual eles poderiam enfrentar o avanço da internet: a confiabilidade.

Esta é a sociedade em que vivemos: cheia de corruptos, monstros sociopatas e tarados de colarinho branco; todos com muito dinheiro, mandato ou poder político, et cetera e tal.

Capítulo VIII
O Pai

Presença de pai diante dos filhos
Licença para ceder ou tomar a palavra
Sair para pescar em rio sem peixes
E voltar com feixes de sabedoria
Pois que criar às vezes não é dar
É gerar alegorias e possibilidades
Alegrias e realidades imateriais

Foi agredida por dois jovens, tão robustos quanto vazios de respeito à vida e amor ao próximo.

Saudade é uma lágrima correndo descalço, na ponta dos pés e silenciosamente, no coração da gente.

Excesso de tirania nos rouba as palavras. E quando ficamos sem palavras, cessa o diálogo, perdemos o chão. Então, sem caminho, o que nos sobra e nos resta é a violência.

Os olhos do meu coração o veem muito misterioso. Há nele um quê de nuvens sombrias, um cenário escondido e macabro.

É o meu sexto sentido feminino, trazendo-me à tona visões e premonições.

Vou mergulhar meu pensamento na questão.

Deus inventou os pais para livrar os meninos-Jesus das Jerusaléns sitiadas.

Haja milhão para pagar honra, princípio, dignidade e tantos outros patrimônios morais e culturais indispensáveis à convivência humana.

Capítulo IX
Jade

Jade que cinge o meu caminho
Esfinge que me fascina
Menina que a minha alma tinge
Que no manejo libidinoso das mãos
Tira do meu esquecimento o jogo do desejo
Colocando-me sobre o fogo do amor
E mais que nunca sinto-me vivo
Deixo então o meu corpo queimar-se

E ao seu degustar me sirvo!

Energia positiva atrai e contribui para a geração de positivismo em cadeia.

A mulher pela qual nos apaixonamos é namorada de sonhos inalcançáveis, distante da vida real e, ainda que próxima, a gente tem dificuldade de lhe dizer as palavras doces de que o amor tanto necessita para florescer.

Observo que minha namorada, que nem sabe que eu a namoro, tem a felicidade sempre.

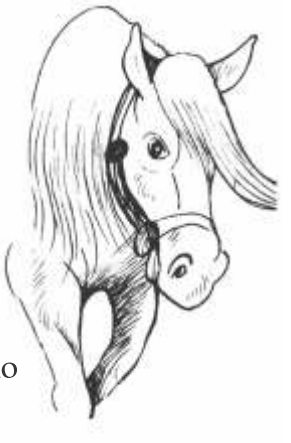
Nem imagino a lã com que agasalha e ensolara a data de seu aniversário, porém percebo nela uma criança que não abandona a nudez do sonho, que continua exalando os perfumes da primavera tão aguardada.

Em seus olhos vislumbro sopro de velas, amigos festejando, bebendo o vinho tinto da alegria viva em alma e sangue; lambuzando-se de glacê e fumaça.

Somos pessoas (seres frágeis), masculinas, femininas, carentes, ardendo em desejos e utopias que transformam o longe perto e o perto longe.

Alguém que se estende no varal do amor na esperança de que um vendaval de incontrolável paixão o atire em seus braços.

As palavras de amor são escovadas, uma a uma, e enfeitadas com iluminuras para agradar aos olhos do coração.



Capítulo X
Crina

Eis meu amor o meu apelo
Cavalgue-me com ternura
Sem sela e na loucura do pelo nu
Não me chegue o relho
Nem me fira com o estribo
Dispense bússola ou qualquer aparelho
O amor é minha tribo
Meus cabelos, minha crina
Carinho de mão é minha sina
Afague-me e construirei nosso ninho
Ame-me e encontrarei o caminho

Tudo na vida se resume em querer e decidir. Quem deseja viver amizades ou grande amor não pode se preocupar com ferimentos e cicatrizes.

No tempo de vida que me resta, eu quero é andar com as amarras soltas, bem distante do cais, navegar e espargir gestos de amizade, até ficar à deriva e sofrer o naufrágio final. Enfim, o que desejo mesmo é lutar e velejar. Não quero ser pego pelo destino recolhendo, mas sim estendendo velas, cumprindo a minha missão, como embarcação espiritual existência adentro.

Aprendemos com o tempo que o amor nunca é achado, ele é fruto do que semeamos ao longo de nossos caminhos: é uma espécie de ninho que tecemos nos olhos, onde abrigaremos a ave que prenderemos com o visgo de um flerte.

Não se plantam arrozais no deserto: tudo requer tempero e sabor, um meio-termo, chuva e sol.

Mesmo pessoas bem-intencionadas, imbuídas de sentimento cristão e desejosas de fazer caridade, aconselham as meninas grávidas a irem para casa, darem um tempo e ficarem tão-somente disponíveis para dar à luz e, depois, tomarem conta de seus bebês. Tal discurso nada mais é que um ato de exclusão.

Tem muita gente que ama mais a cruz, que é sinal de castigo e morte, do que a palavra de Cristo, que é fonte de esperança e vida.

Não aprendemos com os primeiros passos: o aprendizado é fruto da caminhada que amadurece, substituindo passadas por bater de asas.

O mundo está destruindo e menosprezando a poesia e a sensibilidade. As crianças e jovens são mais a imagem e semelhança da indústria de comunicação e informação do que reflexo da educação dada pelos pais.

Circunstâncias, fenômeno que a tudo modifica e transforma.

Debruçados sobre o berço da solidão, trocamos a fralda de nossa tristeza.

Imagem irretorquível do trabalho social em país onde o mar de carência é escasso de canoas solidárias. As classes bafejadas pela sorte material e os governos, que para elas administram, não querem saber de dobrar o cabo das tormentas e levar alguma esperança de vida mais digna para os pobres.

A educação fertiliza a mente do ser humano e, como se ela fosse um canteiro, a prepara para receber a semente da oportunidade de ascensão social.

Capítulo XI
Autoconstrução

Como pano de fundo da existência
No lar se apreende o mundo
A casa é o chão do ser humano
Sagrado é o direito ao teto
Concreto armado desarmando discórdia
Moradia é feito asas para o cidadão
Que nela encontra parapeito de sonhos
Entre quatro paredes, a liberdade
Nas ruas, a sede de passos em prisão
E a falta de espaço para a autoconstrução

Quando viramos desobjeto, os amigos que ficam nos guardam na memória; sentem o aroma de nossa presença; ouvem nossa voz no silêncio das paredes.

A evangelização, com propósito religioso, fincou os pilares do preconceito e da discriminação, uma vez que se iniciou sob o destempero de civilizações que se consideravam portadoras de cultura e conhecimento superiores ao de outros povos. Vem daí a teoria da supremacia de raças e a intolerância diante da diversidade de que se compõe a sociedade humana. Cristo permanece vivo porque, acima de tudo, pregou regras de convivência moral, respeito e amor ao próximo, que são práticas que devem ser obedecidas tanto pelos que professam alguma fé, quanto por aqueles que em nada creem.

Não ter fé não deixa de ser uma espécie de crença, assim como se dizer apolítico é uma tomada de posição política.

Reza por poeta morto é um samba lento em forma de oração.

O segredo de se ir embora sem dor desta vida é saber deixar-se materializado em obras e amizades.

Meu rincão, meu quintal, é maior que o mundo, nele eu degusto o sabor de chão, enquanto ouço a música de meus passos.

Pobre no meio de rico é mesmo que nada. Eles não veem a gente. Passam por cima... Povo é pra trabalhar.

Todos mandam flores, até os que não amam de verdade.

A insensibilidade e a indiferença em relação às diferenças sociais, aliadas à falta da prática de amor ao próximo, são fenômenos que crescem em consonância com o predomínio do materialismo e da onda consumista em que a humanidade navega.

Prova de que estamos diante de um mundo extremamente individualista reside no fato de os hospitais públicos conviverem constantemente com o drama de pessoas acidentadas em via pública ou atingidas pela violência urbana e que não recebem visitas durante o tratamento e, não raro, permanecem abandonadas pelos familiares em abrigos... As pessoas atingidas por algum acidente ou incidente em via pública não são tratadas com a devida atenção... Incrivelmente, muitos são os doentes que, além de esquecidos pela família e pelos amigos, não sabem o próprio nome nem se lembram de onde vieram. As assistentes sociais e terapeutas se desdobram para cobrir o imenso vazio de amor e ternura que toma conta da mente desses pacientes esquecidos, que, mais que despesas para os cofres públicos, são alerta para a sociedade, que, ao que parece, perdeu a sensibilidade na medida em que se deu o avanço generalizado da violência... A existência de pacientes

esquecidos e abandonados nos leva ao sentimento de que a nação brasileira, que se propaga como a terra de Deus, não comprova a sua fé cristã por meio de gestos de afeto, caridade e amor ao próximo.

Capítulo XII
Plateia

As mãos que me tocavam onde estão?
Agigantam-se as montanhas a procurar
Na amplidão dos céus de além-mar
Perdem o som as cordas do violão
Tudo ao meu redor silencia
Como se já soubesse o vazio
Que em minh'alma principia
Por meu riso indaga o rio
Você se foi para lugar distante
De agora em diante somos dois a sofrer
Eu por não ter a panaceia de sua aurora
E você por raiar sem a plateia dos meus olhos!

Os grandes veículos de comunicação sempre têm optado por determinado candidato político à Presidência da República, passando a protegê-lo em sua cobertura diária. E, depois, se o candidato por eles escolhido perde as eleições, os jornalões passam a combater o presidente eleito pelo povo, não aceitando o resultado das urnas.

Talvez, tenhamos a pior imprensa do mundo. Ela engana muita gente com o seu falso ecletismo e sua aparente pluralidade. Na maioria dos casos, serve a poderes ditatoriais e autoritários... Muitas são as denúncias de que a pujança hoje ostentada por alguns órgãos de comunicação é originária de benesses recebidas pela prestação de serviços que fogem à prática do bom jornalismo... Como acreditar numa imprensa investigativa, quando os indícios que todos

nós observamos nas hostes das elites dirigentes só viram manchete a partir do momento em que chafurdar o vespeiro é de bom alvitre aos planos comerciais dos meios de comunicação - quase sempre alojados em patamar bem acima da fictícia linha editorial.

Quem dos seus não cuida não se acha apto para zelar de outras pessoas...

Se ajoelharam diante do altar, não da igreja, mas do universo.

Família; o canteiro-viveiro insubstituível na arte de transformar sementes e mudas de seres humanos em gente.

Na vida não cabe revolta, a mesma barca que traz é a que leva. O fim proporciona o recomeço – é no terço abandonado que a oração nova se inicia.

Capítulo XIII
Renascença
Juntar o natural e o artifício
É o meu ofício de poeta
Numa discreta renascença real
Sob a crença da harmonia
Entre a metáfora e a agonia material

Devemos exercitar o Deus vivo e aprimorar o nosso espírito.

A locomotiva do tempo seguiu encarreirando dias sobre os trilhos do cotidiano. Gerações iniciando a vida enquanto outras da vida se despediam.

Não há, na dimensão superior, a necessidade de haver o mal para a extração ou o (re)conhecimento do bem – isso é coisa dos homens!

Chega um tempo em que fazer regime e cortar prazeres mais nos soam como morrer em vida.

Os coronéis de ontem são hoje as poderosas multinacionais ou grandes grupos financeiros.

O bate-papo rolou até tarde na cozinha, ao pé do fogão, cafezinho e pão de queijo, muita amizade e tudo, tudo o mais que vida tecida em verdade, boa conversa e vizinhança são capazes de fiar.

Capítulo XIV
Cobertor de Orelhas

Vaso de porcelana era nosso amor
Muita flor deu antes do fim
Hoje somos vasos quebrados
Síntese de jardins ressecados
E não adianta juntar os cacos
Nem visitar o velho guarda-roupa
Os casacos do passado perderam a textura
E além do mais é outra a temperatura
Total é o descomprometimento amoroso
O aquecimento é global
Frio só na alma e no coração
Neogélidas por absoluta vocação
Resolutas, as pessoas preferem "ficar"
Desamor é a moderna revolução
A regra é muito sexo antes de amar
Em dissonante concerto de cama
Cada um faz o que lhe dá na telha
Sem calor nem chama
Todos se aquecem sem cobertor de orelhas

Chega uma época em que vamos nos distanciando das coisas, como se os mistérios do mundo invisível estivessem

nos preparando para a imaterialidade. Tudo ao nosso redor vai se transformando em um vácuo sem dor, no qual convivemos apenas com o nosso aprendizado e com o calor do espírito que nos habita.

Somos aves de arribação. Nosso espírito pertence a outras paragens; está aqui só de passagem.

Retornando ao pó e ao barro mais um corpo que se fez carne habitada por espírito.

Estranhamente, a sociedade que não consegue lidar nem com a diversidade humana, luta pela proteção à biodiversidade da natureza, à qual insiste em depredar e poluir.

Carrego o meu jeito arruado e o esquecimento de meus passos.

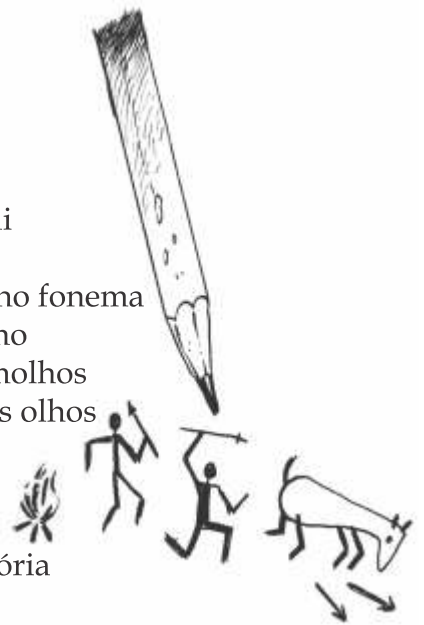
Já temos uma Justiça repleta de brechas e fóruns privilegiados para livrar a cara de gente graúda. Não é possível nem admissível que tenhamos uma imprensa que disponibilize espaços especiais para a fertilização da impunidade e da cultura de convivência com a injustiça social, como se ela fosse uma determinação do destino e não fruto da indiferença dos seres humanos.

Não pretendo cair no engodo do jornalismo de cores, fotos e texto-legenda. Isso é jornal para quem não lê. Meu desejo é manter conteúdo denso e interativo. Está todo mundo cansado do texto enxuto e sem emoção. É o sangue, pelo sangue. Todos os dias as pessoas adquirem nas bancas um banco de sangue em forma de papel.

Notícia por notícia não agrega informação nem valor. Não passa de colcha de retalho sem qualquer conotação cultural.

Um jornal não pode simplesmente reproduzir violência nem agir da mesma forma que os bandidos: liga a metralhadora, mata um punhado de gente e vai embora. Há um dever social a ser cumprido, pois a mancha de sangue estampada nas manchetes não entranha apenas no papel – aninha e perpetua-se na mente dos leitores, fossilizando a violência como componente natural dos estratos sociais.

Capítulo XV
Grafia



A civilização é escritural
Falta de alfabetização exclui
E compõe um grande mal
Em que tudo se esfacela e rui
Desenho de caverna já era
Compreensão eviterna está no fonema
Foi-se o tempo do simbolismo
Na imagem, o cinismo aos molhos
Mera satisfação imediata dos olhos
Não somos o que vemos
Mas o que lemos...
Sem grafia a vida porfia
A palavra revigorou a memória
Que saiu da tradição oral
E fez o bisão virar história
Pastar livre em nossa mente
Como semente viva de ontem

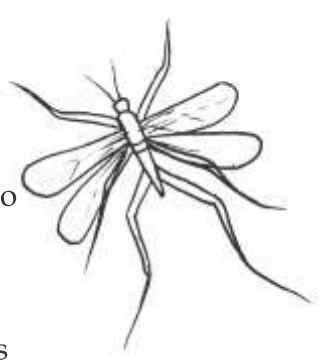
O celular veio unir-se à cultura da imagem na transformação do relacionamento humano numa espécie de *fast food*. As pessoas, hoje, pouco se veem e se tocam – as mãos não acariciam nem afagam corpos, apenas digitam e teclam. Infelizmente, essa tendência chegou aos jornais... O desapreço generalizado pela língua, que, no caso de um veículo de comunicação impressa, deveria ser vista como a principal ferramenta...

Na falta de abraços e mãos se encontrando, nós digitamos e liberamos nosso riso em gozo virtual: eis aí o "homem ponto com".

O mundo seria muito melhor se as pessoas praticassem o amor ao próximo. Mas não é assim que as coisas funcionam dentro do materialismo em que vivemos.

Toda vez que grupos ou pessoas avançam no tocante a ganho material, as palavras compartilhar, dividir e ser solidário são jogadas nos muitos lixões construídos pelo apocalíptico egoísmo humano.

Capítulo XVI
Abano



Se as libélulas tivessem seios
Gostaria de apertá-los contra o peito
Despertá-los em carne viva
E fazê-los revoar em esplendor
Num misto de sofrimento e dor
Aliviado pelo gozo do bater de asas

Hoje, sabemos que as camadas mais pobres toleram a falta de tudo e a indiferença de todos, mas não têm como lutar quando a doença lhes chega, pois precisam da saúde, da força de seus braços, para ganhar a ração diária com que sustentam suas famílias.

Os meios de comunicação vêm insistindo em ser autores de necessidades comunitárias em vez de simples condutores e meros divulgadores dos anseios da sociedade.

A separação contrariava a sua vocação para a união familiar, o convívio harmonioso entre pais e filhos. Pensou em Thaiastro com muita tristeza, pois via nele o estigma vivo

dos danos provocados pela perda da identidade familiar, que parece estar se esvaecendo e cada vez mais sem força perante a propagação de conceitos que abalam o núcleo dos lares.

Os meios de comunicação e modernos pensadores propugnam uma filosofia fundamentada na manutenção da sociedade em estado de choque permanente com o objetivo único de fazer valer a implantação do escândalo como sinônimo de liberdade e democracia, então mergulhadas em profundo e generalizado desregro.

Em um mundo extraordinariamente novo e moderno, as tradições familiares, quando não são simplesmente esquecidas, são consideradas ultrapassadas, autoritárias e de paladar intragável para as mesas vazias e privadas de afeto familiar, cujos membros não se reúnem nem para almoçar, lanchar ou jantar.

Quando nossas tradições não forem transmitidas aos filhos, toda a matriz de identidade de nosso grupo se perderá no tempo.

Creio que a violência com a qual convivemos, cada vez mais intensamente, é fruto do surgimento de uma geração sem herança cultural, sem identidade familiar e com ascendência desconhecida.

Meu meio-irmão não existe para mim. Ou seja, parentesco precisa de convivência, cumplicidade e, como a vida não nos deu esta etapa, ele é um "zero irmão".

A formação humana e psicológica dos que exercem a atividade médica deveria ter como sustimento o desinteresse monetário, a modéstia, dignidade e a extrema preocupação com o bem-estar do doente.

Mais que as doenças e as catástrofes naturais, o próprio homem representa o maior perigo para a humanidade, que não dispõe de mecanismos preventivos, nem vacinas ou antídotos, contra as anomalias psíquicas e epidemias filosóficas devastadoras que pregam o individualismo e o egoísmo, que são mais venenosos e mortíferos que a fome, os micróbios, o câncer, a aids ou qualquer outra moléstia.

A salvação está na honestidade, na solidariedade, no respeito e no amor ao próximo. Contudo, ao que nos parece, tais mandamentos não chegaram às hostes políticas.

Capítulo XVII
Pelegrafia

O amor é escrito em braile
Nele vale a linguagem de toques
Mãos tecendo tatos sem retoques
Coração na ponta dos dedos
Esfrega sem pudores nem medos
Escudada em pele, poros e pelos
Sob os apelos da libido derramada

Muitas vezes, somos levados a semear sombras na escuridão, sob a esperança de colher alguma claridade. A verdadeira insofismável é que as prioridades que elegemos são colocadas à prova pelas circunstâncias. Iniciamos nossas vidas sonhando com castelos deslumbrantes e terminamos, na maioria das vezes, digladiando por simples barracos aconchegantes.

Apenas o acesso à informação democratizada é capaz de dar ao indivíduo a oportunidade de mudança pelo convencimento propiciado e legitimado pela escolha baseada em dados, análises e opinião sincera e sem o vício da imposição praticada pelos que se julgam donos da verdade.

E o que é a vida senão uma combinação de amor, desamor, alegria e dor?

As coxias do palco da existência, onde tristezas e alegrias convivem em harmonia, distantes dos nossos olhos de seres humanos, que apenas enxergam (sem ver) os rizomas da natureza que nos circunda... Sentir o jardim da vida tão-somente no momento de seu reflorir é fechar os olhos para todo o ciclo de crescimento e formação de todos os seres vivos, onde o florir e o florescer são o início do fim. Ou seja, valorizamos a vida a que tanto prezamos quando ela está prestes a perecer, sucumbir-se: a roseira do jardim só é vista quando nos oferece rosas; e o próximo só é valorizado quando bem-sucedido e pode atender nossos interesses materiais ou de prestígio junto à sociedade a que nos encontramos inseridos.

A humanidade precisa encontrar o caminho do amor ao próximo e pôr um ponto final à indiferença alicerçada no regime capitalista da acumulação de riquezas. Não é mais possível defender uma civilização, que se propaga racional, onde dois terços da população não têm acesso aos bens produzidos pelos modernos meios fabris. Construímos o mais obsceno politeísmo de que a história humana tem notícia, em que misturamos a veneração a um Deus que nos reserva a vida eterna após a morte, com a exaltação a centenas de semideuses, aos quais, enquanto vivos, louvamos com extrema reverência e devoção: o dinheiro, o sexo, o poder e o consumismo.

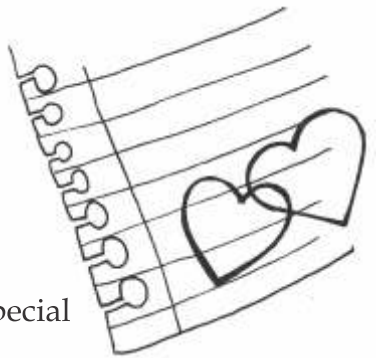
A vida é isso mesmo, repleta de nascimento e partida.

Temos o dever de fazer render os talentos e os dons que Deus nos concedeu. Não os podemos deixar ociosos ou desperdiçá-los em vão.

Sem risco não se caminha, não se progride, não se promove o bem.

Uma sessão cinematográfica de terror filmada pela realidade da vida, que tem como roteirista o destino, que escreve em braile e só se nos revela na escuridão, para que, tateando e vagarosamente, desvendemos a nossa sina.

Capítulo XVIII
Permanência



O amor não é isso
E muito menos aquilo
Não é preciso segui-lo
Retê-lo em nó de peito
Nem imaginar algum efeito especial
Ou ser tresloucado romântico
Aprisionando-o nas amarras do abraço
Pois o amor é fenômeno quântico
Não ocupa tempo nem espaço
É essência de corpo e alma
Eternizada no frasco da permanência

Ouça a orquestra do Criador e aprenda a viver a vida como uma doce melodia à espera da letra que escrevemos com os nossos atos.

Abraçaram-se longamente, derramando no peito um do outro o permanente aroma do amor, uma fragrância que entranha na pele dos amantes, eternizando libidos e cios.

Muitas vezes convivemos, mas não conhecemos as pessoas ou não sabemos ler os sinais.

Capítulo XIX
Calo

Em solidão, os mortos no cemitério
Solitários, os vivos na multidão
O rosário é vão na falta de fé
Cada qual com o seu calvário
Tudo é igual em desigualdade
Às vezes se vive sem vida
E atormentados pela ferida aberta
Perdemos a chance da descoberta
De que é a lágrima que irriga o caminho
Mais vida há no calo que aperta
Flor que mais prospera tem espinho
Conquista fácil perde a graça
Fruto bom é de árvore escassa
Pois o que vem sem esforço é breve
Nesta vida em que tudo passa!

Sua alma se estirou na esteira de vime estendida sob o sol da lembrança e sombras do passado.

A chama que tanto pode cozinhar o alimento que comemos quanto devorar a mata e tudo que nos rodeia com sua língua de fogo... São muitas as pessoas com duas caras, com duas personalidades completamente antagônicas e distintas.

Infelizmente, o mal também se une, arregimenta forças para agir e, na maioria das vezes, o bem demora a enfrentar os exércitos do desamor que se enfileiram e perpetram mil e uma maldades contra a sociedade, que perde, por indolência e letargia, valores indispensáveis para a convivência e o progresso comunitário.

Os mesmos amigos que aplaudem costumam acusar, culpar, responsabilizar.

Tristeza não seca lágrima nem choro apaga o fogo da dor que nos queima o peito.

O misticismo e as práticas espirituais costumam ser fenômenos mais fortes e relevantes em países e regiões onde é grande a insegurança e a desigualdade socioeconômica, com as igrejas não encontrando as respostas de que seus fiéis necessitam... Dentro do catolicismo, o conceito de morte é o de aniquilamento. Ou seja, quando as pessoas morrem, vão para o inferno, para o purgatório ou para o céu e aí termina qualquer comunicação com os vivos.

A nossa principal maneira de agradar ao Criador é orando no terço do trabalho, do amor ao próximo, da entrega a ações de âmbito social e, quando necessário, agir para expulsar ou afastar os vendilhões, os que pregam no sentido de construir uma sociedade mórbida, improdutiva e à espera de que uma chuva de benesses e bálsamo lhe caia dos céus.

A eternidade é uma grande pedra no mar do universo espiritual, onde depositamos o limo e o musgo que acumulamos na vida.

A certeza máxima é que se a propagação do conhecimento pode, num primeiro momento, disseminar discórdia, a permanência do povo na ignorância a eterniza entre nós.

Jardim de corpos... Deus não gosta de desperdiçar vida. Por isso, quando o homem retorna ao pó, o Criador o colhe, no campo santo, como se fosse um colhedor de frutas no pomar, ou flores no jardim.

O mal do mundo é que a gente troca o produto pelo resultado: não são as borboletas que vêm, são as flores que chegam.

Não temos, enquanto espíritos, idade: o tempo está além do espelho.

A mais real das eternidades está na marca que deixamos na mente das pessoas por intermédio de nosso trabalho... Na estação Terra, onde o trem da vida sempre continua e segue, sob outra forma e noutra dimensão, para além das linhas de nossas mãos.

Capítulo XX
Jardim de Corpos
No turbilhão da sorte de cada um
Os que eram conosco se vão sem passaporte
A morte é de levar – e leva!
O jardim de corpos é semeado
No mundo de tanta cobiça e pecado
Ninguém deseja "aquele" pedaço de chão
Onde aos olhos do divino jardineiro Criador
Gente em decomposição vira candeeiro de luz
Se não pelo milagre a que faz jus
Pela certeza de que tudo se transforma
E de alguma outra forma perdura
Sob a ótica religiosa e dos profetas
Ou sob a prodigiosa candura dos poetas

Ora, pois, é só entrar num velório para conversar e descobrir a importância do falecido. Em volta do caixão, todos estão a lhe dar voz!

Jesus Cristo se torna mais real e configurado quando o colocamos no meio de nós, em vez de aprisioná-lo egoisticamente dentro de nós.

Não basta olhar fixamente para o chão para se tornar conhecedor de raízes, o coveiro não entende de gente porque sepulta os mortos.

Mulher pelada fica melhor na cama e imagem visual é para tevê e não para jornal...

O importante para o jornal é o texto, o conteúdo, a análise. Se o veículo impresso estiver condenado a desaparecer que morra ostentando a palavra e não buscando salvação através da imagem, da fotografia, da ilustração.

Hegemonia malcuidada termina sempre em agonia ensandecida.

Ampliavam a admiração um pelo outro e se desnudavam mentalmente por meio da troca de amabilidades, de afagos, das idas ao cinema e do sorvete tomado na esquina, para conter calores internos e externos.

Toda ciência possui sua área de pesquisa objetiva, porém devemos levar em conta a existência de um universo não-material, um oceano invisível, ao qual as pessoas que morrem chegam como lagoas fechadas em si mesmas e se deixam misturar ao grande mar da existência universal, do qual tudo provém.

A principal oração é aquela feita com trabalho, na qual as contas do terço são formadas pelas gotas de suor que caem do rosto durante o esforço despendido na labuta.

Abraçado, com a cabeça sobre os seios de Fausta, ele bebia, sugava, o leite do amor que abre clareiras e nos ensina que o nosso verdadeiro rumo na vida está no coração do outro; quem não encontra nem experimenta a alegria da entrega a um grande amor não pode dizer que vive e, se assim morrer, seguramente não viveu.

Mais que paisagem e beleza, a mulher amada é caminho.

A mulher passou a ser uma tatuagem viva de Deus na Terra; um milagre ao alcance de suas mãos, braços, afagos e

lábios. Sentir amor por ela é como tocar a lâmina afiada do tempo, onde tudo se desmancha para se transformar em luz!

Feito a água que se evapora e retorna na forma de chuva, tudo vai e volta. Com gente, também é assim.

A morte é o afastamento definitivo. Não há como, depois de ela vir, convidar o falecido para ir ao cinema, assistir a um jogo de futebol, tomar sorvete, beber um chope.

Mesmo perante tantos sinais, a humanidade ainda não aprendeu que ninguém vai longe com trinta dinheiros. A vida é vento; o tempo do homem na Terra, simples brisa passageira.

Jamais remoa silêncios nem lamente ausências. Aprenda com o infortúnio, porque é para frente que se anda e viver é a arte de estar sempre em processo de renovação.

A dor não passa de uma entrega transitória ao sofrimento, não fosse assim o Sol jamais retornaria após um dia nublado.

Temos que compreender como fenômenos naturais a existência do bem e do mal. Tudo neste mundo está interligado e tem a sua razão de existir. A planície necessita dos olhos e da proteção das montanhas contra as intempéries; montanhas precisam da planície para experimentar cheiro de chão ao invés de constante aroma de céu.

Teve o palco de sua boca fechado pela cortina de um beijo liberado, escandalizado e sem censura... E assim, nas coxias da messe do amor, eles se amaram sob calor tão intenso que quem passasse aos arredores do cemitério assistiria a um fogo fátuo exalando de todos os túmulos e

teria, certamente, caso de assombração para contar pelo resto da existência.

As coisas estão aqui e acolá e, às vezes, dormem dentro da gente à espera de nosso despertar.

Nós ainda somos espiritualmente pobres para compreender e entrar em contato com o mundo invisível, que imagino ser paralelo ao nosso.

Podemos realizar verdadeiros milagres e, ao mesmo tempo, rezar aos céus, por meio do amor ao próximo e do trabalho comunitário voluntário.

Olhos de contemplação – feito amor platônico – veem, mas não alcançam o alvo almejado. A vida sempre cobra, além da fé límpida e sem acerbo, o passo...

Criança não se alimenta admirando os seios da mãe – é preciso a iniciativa de sugá-los, para que a vida ganhe a possibilidade e a esperança de prosperar.

No lasso da aurora sinto Deus espreguiçando e tomando xícara de luz adoçada com gotas de orvalho. E penso nos que trocaram o sol pela lanterna que, em algum momento de suas vidas, os livrou da escuridão e me certifico de que trocar o todo pela parte é um dos maiores equívocos dos seres humanos.

Quando o vampiro da morte tem de vir buscar o eleito, não adianta réstia de alho na janela: ele entra, leva o cliente, come o alho e lambe os beiços!

Quando viramos desobjeto, os amigos que ficam nos guardam na memória; sentem o cheiro de nossa presença, ouvem nossa voz no silêncio das paredes. Essa precária eternidade é real. Existe de fato.

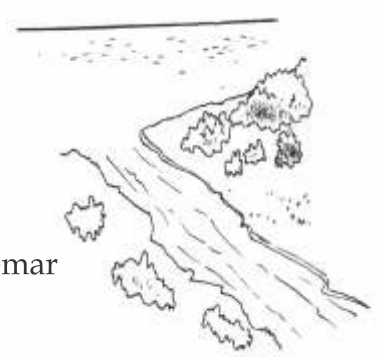
Enquanto na terra do jardim de corpos germinava mais um fio de luz para compor o tecido de que se reveste o cosmo, Francisco e Fausta semeavam na cama a festa dos sentidos, óvulos e espermatozoides, que, pouco mais tarde, serviriam na mesa da humanidade na condição de mais um ser humano. Em resumo, Francisco e Fausta se possuíram (e se consumiram), sob a crença de que só conseguimos executar a coreografia da vida quando deixamos o amor nos treinar.

Poucos são os que descobrem a partitura da cantoria, da felicidade e da harmonia espiritual em meio aos cotidianos arroz com feijão e couve refogada desta vida.

A linguagem do silêncio é, na maioria das vezes, a que mais nos ensina. À luz da razão, carecemos de nos educar para a vida, cuja duração efêmera só se nos revela quando dobramos a esquina e, surpresos, não reconhecemos a paisagem. Estamos mortos.

Na terra, berço das sementes, inclusive do gênero humano, dá-se o sepultamento nos cemitérios (jardim de corpos), onde pessoas retornam à argila e se abrem em buquês de luz que são colhidos pelo Criador. Tudo isso ocorre invisível e imperceptivelmente aos nossos sentidos, pois, no indevassável reino das sinergias imateriais superiores, todos têm o dom da clarividência poética, ensinando-nos que o bom poeta não conta passos – derrama caminhadas! E que o coveiro exímio não sepulta nem enterra – semeia gente no jardim de corpos, quando, finalmente, aprendemos o verdadeiro e espiritual gosto da maçã, que é nada mais, nada menos, que o sabor da nossa própria alma, fixada no mistério da existência eterna como a lesma grudada no silêncio da pedra, balbuciando em versos intimistas e simplesmente soltos ao vento das terras do

coração, ao feitio de tudo que é vida, pulsa e tem plena consciência do fim:



Não quero o tempo que corre
Tudo o que escorre morre
O que goteja termina
A virgindade da menina
Esvai-se num abrir de pernas
Dias inúteis, horas eternas
Tudo se resume no modo de remar
Por maior que seja o rio
Seu destino é o mar...

Entraves (Poema de contracapa)
...O amor é extrato da paixão que fica!

FECHAMENTO E AGRADECIMENTO À LEITORA (AGORA AUTORA) ÂNGELA MARIA

Caro leitor e querida leitora, esse aí, segundo a autora Ângela Maria Sales Dias, é o poeta, escritor e jornalista Carlos Lúcio Gontijo, em dose bastante resumida, numa síntese dificílima de ser feita, exatamente pela extensão de nossa obra literária (14 livros). Nós, os mineiros, vivemos geograficamente em terra de montanhas e, humanamente, nas planícies do coração.

E foi assim, sob esse sentimento, que Ângela Maria Sales Dias, leitora e cidadã nova-limense (à qual agradecemos pelo carinho no tocante à nossa literatura), guiada exclusivamente por seu gosto pessoal, sem qualquer intervenção ou sugestão de nossa parte, realizou um grande trabalho de síntese, tendo que, por questão de espaço e contenção de custo gráfico (afinal padecemos os rigores da edição independente), deixar de fora muitos pensamentos, frases e tantos poemas bem conhecidos como Oração dos casais, Doce no sal, Núcleo, Duas vidas, Nó de pedra, Simples voo, Amora doce... Além

de artigos jornalísticos dos tempos do jornal "Diário da Tarde" e muitas outras matérias de opinião, que foram (e ainda são) publicadas em nosso próprio site ou em blogs de gente idealista, que nos concede seu espaço virtual democrático, como é o caso do Antídoto em Revista sob o domínio e a direção do advogado e escritor João Silva de Souza.

Agora, depois de longos anos de ausência involuntária, moramos novamente em Santo Antônio do Monte (chão que registra minha infância e inebria meus pés!), carimbando oficialmente a filosofia propagada em um de nossos versos, no poema Doce no sal: Da minha parte sou poeta/ Sofro da arte de ficar nas coisas.

Num mundo soerguido sob a supremacia da imagem, onde o que vale é a esperteza em substituição ao mérito ou à competência, com as pessoas enganando e mentindo como se assim procedendo estivessem a ludibriar os olhos de Deus, pomo-nos mergulhados na crença enunciada em nossos livros, através da qual apregoamos a ideia de que "ninguém nasce para ser pobre ou rico, apenas vem ao mundo para ser gente", espargindo-nos a certeza de que "ser poeta é ter a humildade de deixar a poesia acontecer".

Procure-nos e faça com que a energia da palavra e a semente da poesia floresçam em nosso site cultural, onde você terá acesso a todo o conteúdo de nossos livros, por intermédio do endereço virtual www.carlosluciogontijo.jor.br, o FLANELINHA DA PALAVRA.

Apresentamos-lhes, por fim, logo abaixo, um artigo publicado no insubstituível e democrático "Diário da Tarde", em 11 de julho de 1996, cônscios de que nossa obra literária só existe à medida que a passamos para o papel, em constante levantar e sacudir a poeira da indiferença, sem nos entregarmos ao desestímulo cotidiano, que nos passa a constante lição de que a poesia é o voo da palavra abastecido com o combustível do coração; que os livros são festa para os

olhos e alimento para o cérebro dos seres humanos; que tudo na vida é transitório e que devemos encarar todo ganho material com humildade, pois como diz o verso de um poema antigo, que escrevemos nos anos de 1970: Em camisa emprestada não se coloca bolso novo. Afinal, caro leitor e querida leitora, como registra verso do poema Amora Doce, "A lágrima que corre é apenas vida que anda". Ou seja, a vida sempre segue em frente e cada um de nós deve imbuir-se da consciência de que O RECOMEÇO ACONTECE NO HORIZONTE DO QUERER.

A maneira de caminhar

Carlos Lúcio Gontij o

(...) Voltei pra casa porque sobraram-me/ As asas de um sonho renitente/ Abraça-me meu amor, afague-me/ Faça-me enj anelado, empregado e quente/ Apesar de tudo, precisamos continuar gente! (Trecho do poema intitulado Terrorismo, extraído do livro "Cio de Vento", editado em 1987).

As descobertas nos rejuvenescem. A poesia é a única realidade de que dispomos: Fernando Pessoa nos torna gente – e ser gente é o princípio de tudo. O dom é o sopro de Deus que nos abraça, não um produto de nossa opção. Ninguém amanhece poeta de repente. Como nos diz o escritor argentino Ernesto Sábato, mesmo vivendo em penúria econômica: "Se alguém se considera artista, a arte é sagrada. Não se deve fazer disso um negócio".

Mais que antes, hoje sabemos que escrever é abrir caminhos. As palavras não devem ser grafadas com o espírito de aprisionamento, porque os que escrevem almejam, em verdade, que a sua fala saia do papel e voe para o coração de seus leitores, despertando-os. As palavras escritas com sinceridade e compromisso permanecem soltas, a ponto de correrm os o risco de abrir o livro e elas não

estarem mais lá, como se tivessem, feito as andorinhas, ido buscar algum verão distante.

Uma das razões do fracasso do socialismo foi a proibição do sonho individual, pessoal, fazendo com que somente as vontades do Estado e do ideário socialista encontrassem ambiente e apoio para ser semeadas. Dessa forma, ao impedir os sonhos, o socialismo inibiu a criatividade, a liberdade e o senso humanitário. Pode-se dizer, então, que o sonho é o circo do capitalismo, pois, apesar das dificuldades econômicas, do agravamento da fome, mortalidade infantil e desemprego, a televisão se mantém ligada nas favelas e guetos, onde a música e a festa não deixam morrer o desejo de comunhão que ornamenta a busca de todas as pessoas.

Enquanto nossa cultura brinca de mundialização e os valores são medidos em número de vendagem, capaz de promover banalidades aos píncaros da fama e da glória, não nos alertamos para o fato de que a virulência do mercado está destruindo as culturas indefesas, que são bombardeadas pela ridicularização cerrada (e proposital) de seus costumes sociais e morais mais caros e essenciais, inclusive a depreciação da própria língua pátria.

Gandhi deixou-nos em sua filosofia, que o tempo cuidou de transformar em moldura de dimensões exatas para que nela encaixássemos a sociedade moderna, a seguinte assertiva: "A terra é suficiente para as necessidades básicas de todos, mas não para atender à cobiça dos homens". Os problemas por que passa a humanidade exigem que trabalhemos, imediatamente, na formação de pessoas mais solidárias, no sentido de descortinarem que sua felicidade necessita do contentamento de outros indivíduos e, também, de uma coexistência saudável com o bem comum cósmico, dos animais, das plantas, das águas e do ar.

Essa visão, aparentemente espiritual e imaterial, é – na realidade – um mecanismo fundamental para a construção de uma comunidade mundial menos desigual, em que o progresso seja mais equilibrado e que não use como combustível o ceifar de vidas humanas, criando exagerada injustiça na relação entre o capital e o trabalho e, depois, convocando a força policial a fim de conseguir a manutenção desta pseudo-ordem comunitária, erguida sobre os pilares de extremada injustiça social.

Talvez, só consigamos erigir algum projeto mais eficaz no combate às mazelas e anomalias político-sociais quando, ao invés de medirmos as distâncias em quilômetros, passarmos a nos atentar para o fato de que o que nos separa de um ponto e outro é a nossa maneira de caminhar, assim como as barreiras do preconceito e das fronteiras são demarcadas tão-somente pelo nosso jeito de olhar. Em síntese, Deus imaginou um sol que nasceria para todos, mas alguns seres humanos "inventaram" a força do privilégio e tomaram em suas mãos a distribuição da claridade.

Reciclagem de Estado

Carlos Lúcio Gontijo

O acesso à educação de qualidade, acompanhado por ampla proximidade com produtos culturais, como literatura, poesia, artes plásticas, teatro, atividades esportivas etc., é fator exponencial para a formação de cidadãos conscientes da necessidade de trabalhar em prol de uma convivência social pacífica e sob o signo de amor e respeito pelo próximo.

Assistimos ao clamor da população brasileira pela eficiência dos órgãos envolvidos com segurança pública, mas a realidade é que, independentemente do aumento do número de policiais nas ruas, não há como executar a missão de conter a avalanche de violência, quando nos vemos diante da decisão, por parte de grande contingente de pessoas, pela

afronta aos preceitos legais, exigindo a impraticável materialização de colocação de um policial em cada rua, em cada esquina.

Protágoras, filósofo grego (480 a.C.), afirmava que o Estado que não educa a criança é obrigado, mais tarde, a castigar o adulto. E é exatamente isso que está ocorrendo com a juventude brasileira, que se encontra no fulcro da violência, que ceifa a vida de 11 jovens a cada dia e, ao mesmo tempo, provoca a superlotação de presídios, solicitando investimento de dinheiro público (economizado na gestão do setor educacional) na ampliação do sistema presidiário.

Atenta e verdadeiramente, não podemos denominar como violência apenas a tortura, o espancamento, a intolerância, o racismo, o preconceito, a pedofilia, o estupro, o roubo, o assalto, o sequestro, o assassinato e a marca de sangue nas calçadas, pois temos a nos macular os atos de violência promovidos pelo próprio Estado, que deixa abandonada, em explícita lição de menosprezo pela vida humana, significativa gama de brasileiros, que morre de inanição ou à porta de hospitais e unidades de atendimento público de saúde, sem qualquer oportunidade de assistência ou socorro médico.

Preocupados e atônitos, indagamos sobre a porcentagem que cabe às entidades constituídas no tocante ao descalabro da violência que nos assola. Não conseguimos sequer imaginar o dano psicológico experimentado pelos que perdem seus entes queridos devido à inoperância do Estado nas questões de segurança pública e garantia a atendimento médico digno aos mais pobres e desprovidos de renda suficiente para arcar com planos de saúde.

Ao passo que as agremiações partidárias – cada qual se proclamando mais proprietária da democracia que a outra – se digladiam por cargos e poder –, avança em nós o sentimento de que problemas como educação, saúde e segurança pública não podem ser revestidos com cores partidárias e tomados como bandeiras temáticas para

inócuos discursos em palanque eleitoral, uma vez que país embebido no vermelho da sanguinolência e na letargia da ignorância e do baixo nível educacional de sua gente transforma o voto democrático e o sufrágio eleitoral em simples ato de unção de administrações e regimes autoritários, que usam as instituições públicas como mecanismos de coleta e maquiagem de antigas mazelas e corpos esquálidos, como se o Estado não passasse de entidade recicladora de miséria, desigualdade, mesmice, incompetência, indolência, desfaçatez e corrupção generalizada.

Nação não dispensa mérito

Carlos Lúcio Gontijo

Ini ci amos nosso arti go com os versos do poema "Méri to", que publi camos em 1993: Não há magi a na luz do acontecer/ Revoluci onári o não se perde em mágoa/ Todo amanhecer tem seu preparar/ Poi s Deus somente salga a água/ Após seu encontro com o mar...

Nossa soci edade se encontra i mpregnada de mazelas di tatori ai s, onde as pessoas só abrem seus ouvi dos para receber elogi os ou acatar i dei as favorávei s aos seus propósi tos i nconfessadamente ti dos como defi ni ti vos e resolvi dos.

Não é à toa que renomados i ntelectuai s e jornali stas responsávei s pelos arti gos de opi ni ão dos grandes jornai s termi naram por vender sua "pena" aos propri etári os, chegando ao ponto de anteci par o pensamento dos patrões – os chamados tubarões da mídi a naci onal –, aos quai s pretendem agradar de todas as formas, ai nda que maculando o seu concei to profi ssi onal junto aos lei tores. Infeli zmente, nossos jornai s de mai or expressão (e até blogs e si tes) são hoje veículos de comuni cação de uma nota só; ou melhor, de uma letra só.

Os debates no Brasil, principalmente os de cunho político, têm a perversa tendência de sempre desaguar na falta de apresentação de propostas, pois a cultura autoritária,

mergulhada em radicalismo, não tolera discussão e opta sempre pelo silêncio, como se pudesse haver progressão no mundo da proposição de ideias sem a devida confrontação de contrapontos, uma vez que, muitas vezes, a premissa aparentemente errônea pode conter o fio de luz que faltava para a concretização de uma solução.

Vemos avançar a marcha apartidária dos indignados mundo afora, enquanto entre nós as discussões costumam gerar mais calor do que claridade, mais hipocrisia que sinceridade, onde os interlocutores caminham sobre a trilha obscura da simples demonstração de frágil erudição, com os núcleos tribais demarcando o seu quadrado, a sua indisposição para o diálogo e o contentamento carnavalesco com a parada pelos gays ou pela liberação da maconha.

Acreditamos que ainda estamos longe de erigir uma visão social da realidade brasileira alicerçada em benefício de todos e não de determinados grupos. Não existe entre nós a obediência ao instituto do mérito como norma de julgamento e promoção individual do ser humano. O que há é a lei do mais forte, da qual fazem uso tanto os bandidos do narcotráfico quanto o honesto trabalhador de terno e gravata na sociedade tida com organizada e de bem, especializada no famigerado tráfico de influência e no histórico apadrinhamento.

É por essas e outras que a Academia Brasileira de Letras (ABL) se nos apresenta capaz de cometer o desvario de outorgar a medalha Machado de Assis ao jogador de futebol Ronaldinho Gaúcho, promovendo academicamente um retrocesso à pátria de chuteiras e ao pra frente Brasil sem livros nem cultura de qualidade.

Ao bem da verdade, é bom que se diga que a filosofia autoritária está por todos os lados, a começar pelo vezo social da explícita aceitação e louvor à prática do "levar vantagem em tudo", em nome do qual se desrespeita a indispensável observação ao predicado e ao mérito de cada cidadão.

Em ambiente assim desconcertante, até os laureados "imortais" da ABL se dão ao direito de jogar para a plateia ignara e escancarar as portas da Casa de Machado de Assis ao pagodeiro Ronaldinho em fim de carreira futebolística e praticante de boemia distante do incomparável Noel Rosa ou da inofensiva malandragem cantada por Moreira da Silva.

Enfim, sem a incondicional elevação do mérito de cada indivíduo na sociedade, o que vivenciamos é uma democracia que usa a unção do voto nas urnas para a legitimação de atos administrativos ditatoriais da República, enquanto o autoritarismo corre solto na maioria de nossas instituições públicas e privadas mais importantes, com os detentores de poder e mando destilando o seu rosário de maldades, impropriedades e interesses pessoais prejudiciais à coletividade, sob a absoluta certeza de que a gestão ditatorial dispensa a obediência ao mérito, requerendo apenas o gosto do ditador e não o desejo dos cidadãos que constituem a nação e vêm cometendo o equívoco de não colocar a sua indignação em marcha, a fim de que a mudança efetivamente aconteça.

Obras de Carlos Lúcio Gontij o

www.carlosluciogontijo.jor.br

· Ventre do Mundo (Poesia – 1977).

· Leite e Lua (Poesia – 1977).

· Cio de Vento (Poesia – 1987).

· Aroma de Mãe (Poesia – 1983).

· Pelas Partes Femininas (Poesia e prosa – 1996).

· "Coletânea" (Editada em dois volumes, no ano de 1988, contendo os cinco primeiros livros do autor).

· O Contador de Formigas (Romance e poesia – 1998 – 1ª edição; 1999 – 2ª edição).

· O Ser Poetizado (Poesia e prosa – 2002).

· O Menino dos Olhos Maduros (Novela e poesia – 2002).

· Virgem Santa sem Cabeça (Romance e poesia – 2002).

· Cabine 33 (Romance e poesia – 2004). Foi indicado para o vestibular da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (FASAM) nos anos de 2005 e 2007.

· Lógica das Borboletas (Romance e poesia – 2007).

· Duducha e o CD de Mortadela (Livro Infantil – 2009).

· Jardim de Corpos (Romance e poesia – 2009).

· Quando a Vez é do Mar (Romance e poesia – 2012).

· Participa da coletânea "Poetas del Mundo em Poesias". Volume I (abril de 2008), editora Gibim. Marca presença na coletânea "Galeria Brasil 2009 – Guia de Autores Contemporâneos", um livro organizado pela entidade Celeiro de Escritores e publicado pela Editora Sucesso, São Paulo/SP. Inscreve-se na "Antologia da Associação Internacional Poetas de Mundo". Volume I (setembro de 2011). Insere seu nome na Antologia ALB-Mariana, Aldrava Letras e Artes e Inbrasci-MG (dezembro de 2011), intitulada "Lumens em prosa e verso".

Escrever tem a ver com a própria respiração, ânimo de alma: às vezes minimamente; outras vezes profundamente – mas sempre verdadeiramente.

BIBLIOTECA CLG

Independentemente do amanhecer
Gente de maldizer sempre tem
Haverá quem diga já vai tarde
Quando desta vida eu partir
Contudo indiferente estarei a sorrir
Embebido no luzir de novo horizonte
Em dimensão distante de minha Samonte
Enquanto aqui, nesta biblioteca prazenteira
No alto do bairro Flávio de Oliveira
Sob quântico calor comunitário sem fim
Palavras em cântico gráfico-humanitário
Carpirão abecedários inaudíveis por mim
No intuito de preservar o emblema rijo:
"Biblioteca Comunitária Carlos Lúcio Gontijo"

(Observação: Poema em agradecimento e louvor à "Biblioteca Comunitária Carlos Lúcio Gontijo", que foi fundada e inaugurada no dia 31 de julho de 2009, por iniciativa do líder comunitário José Luís dos Santos, no Bairro Flávio de Oliveira, à Rua Olímpio Martins dos Santos, 60, em Santo Antônio do Monte, para a qual se podem enviar livros em doação. Foto na contracapa).

LIVRO NOVO

Carlos Lúcio Gontijo

Lançamento de livro é ato significativo
Batismo de organismo eternamente vivo
A palavra grafada em lápide de papel
Disposta a doar-se ao corcel da mente
Imutável e permanentemente exposta
Não é aposta a ser facilmente desfeita
Pode-se mudar de seita ou de religião
Descasar e desfazer-se de amizades
Substituir desejos ou renovar vontades
Até mesmo trocar de time no futebol
Mas livro é fenômeno sem arrebol
Uma vez lançado segue sempre adiante
Radiante lençol gráfico na linha do horizonte!

(Esse poema acima é uma homenagem a todos que nos apoiam, ou um dia nos apoiaram, no lançamento de nossos 14 livros, compreendendo a dimensão contida na impressão de uma obra literária, e também ao patrocinador de nosso site FLANELINHA DA PALAVRA, que está no ar desde 5 de junho de 2005: o **CREDIMONTE**).

Graças ao site, o nosso trabalho literário pôde chegar a todo canto, ganhando capacidade de cobertura que não lhe seria proporcionada por nenhuma edição impressa convencional, independentemente da quantidade de exemplares, como bem demonstra o e-mail (recebido via site) que abaixo lhe deixamos.

Nome: Efigênia Coutinho

Poeta. Presidente da AVSPE

Cidade: Balneário Camboriú

Estado: Santa Catarina

Mensagem: Poeta Carlos Lúcio Gontijo, em toda a sua obra literária, encontro uma poesia depurada, vezes alegre ou silenciosa, misteriosa, construída com uma "perícia artesanal no lidar com a língua", habitada sempre por um determinado sentido natural. Ler os seus poemas, Carlos Lúcio Gontijo, e contemplar as esculturas de mármore, por exemplo, são experiências que alimentam a inteligência do leitor-poeta-espectador. Um moderno, com uma atualidade de dar ciúmes aos contemporâneos, ou um mágico que revela a beleza misteriosa resistente ao tempo e encanta, mais ainda, quando escreve a vida na forma da beleza interior. É um poeta culto, produto de muitas leituras, sem negar o sensível, não precisa de pátria, sua geografia são os sentimentos!

Patrocínio em família

Um ditado é certo nesta vida
Sorrir é sempre o melhor remédio
Como a lágrima, não paga dívida
Mas pelo menos nos espanta o tédio.

No livro "Vintém de Cobre", de Cora Coralina, a festejada poetisa semeou o poema "O poeta e a poesia", em que assinala: "(...) Poeta é a sensibilidade acima do vulgar./ Poeta é operário, o artífice da palavra./ E com ela compõe a ourivesaria de um verso./ (...) Poeta, não somente o que escreve./ É aquele que sente a poesia,/ se extasia sensível ao achado/ de uma rima, à autenticidade de um verso./**O autêntico sabe que jamais chegará ao prêmio Nobel/ O medíocre se acredita sempre perto dele".**

Não aprendemos com os primeiros passos: o aprendizado é fruto da caminhada que amadurece, substituindo passadas por bater de asas.

Os poetas e pintores descrevem ou desenham o mar e nós escutamos a brisa e o vento movimentando as marés. Os políticos discursam sobre os oceanos e percebemos o naufrágio das embarcações.

Jesus Cristo, ao reunir os apóstolos em torno de si, nos deixou a prova concreta de que devemos evitar a caminhada solitária, pois tudo nesta vida deve ser dividido: a vitória em conjunto se transforma em festa de todos, ao passo que o fracasso é inegavelmente menos doloroso quando contamos com o ombro de algum amigo fraterno.

Não há espaço para lamentar ausência ou indiferença, pois a festa da vida é feita com pessoas que marcam presença e respondem efetivamente aos nossos apelos ou convites. Por isso, faço absoluta questão de registrar o espontâneo apoio do amigo **Olívio dos Santos Lima**, residente em Contagem/MG, um ser humano que me veio pelas mãos do desígnio literário. Ou seja, mais um desconhecido leitor que entrou em contato e se transformou em amigo do peito. Ele não foi

procurado por mim para me apoiar na edição, mas ao tomar conhecimento de minha luta me telefonou e pediu o número de minha conta bancária, com o objetivo tanto de me ajudar a cobrir os custos de impressão quanto de expressar a sua amizade e apreço por minha literatura.

Foi dessa forma que ele se juntou a mim (bafejado pela providencial sorte de contar com algum recurso disponível, graças à venda de sítio de herança, após 22 anos da morte de minha mãe **Betty Rodrigues Gontijo**, que me socorreu, mesmo habitando os mistérios do invisível). Minha filha **Amanda de Oliveira Gontijo**, que me concedeu a glória de experimentar tal gesto em vida. Meu irmão **Marcílio Múcio Gontijo**, que pouco tem, mas que muito passou a ter, à medida que se dispôs, sem que nada lhe houvesse pedido, a me ajudar, provando-me que o apoio advém do verdadeiro desejo interior e não de portentosa riqueza material.

E em último lugar, porém em ilustrado grau de adesão, meu pai (o "pai trocinador") **José Carlos Gontijo**, que na realidade puxou a fila, levado pela sabedoria de seu caminhar de homem de 88 anos, para a materialização deste 14º livro.

É por abençoadas manifestações como essas, que não me recuso a estimular os poetas e escritores que me procuram para elaboração de prefácio ou a emissão de algum parecer sobre o mundo da literatura, cada vez mais envolto no abissal caos da falta de leitores e da opção editorial por produtos intelectuais desprovidos de valor capaz de auxiliar na edificação de uma sociedade melhor.

Enfim, ainda bem que o esforço que realizei no transcorrer de minha trajetória é reconhecido por pessoas sensíveis ou por companheiros de empreitada na área do exercício da arte da palavra escrita, amenizando a triste constatação de que tem gente que não lê nada, que não prestigia nem apoia qualquer projeto cultural, agindo como se conhecimento e livros não fizessem parte da cesta básica necessária à sobrevivência digna de todo e qualquer ser humano.

Devo por todas as razões aci ma enunci adas, entregar-me à emoção profunda que i nunda o meu coração e, mergulhado em eterna grati dão, mai s uma vez nomear os meus ami gos mecenas, que vi abi li zaram a edi ção do romance QUANDO A VEZ É DO MAR:

José Carlos Gontijo (pai)
Betty Rodrigues Gontijo (mãe)
Amanda de Oliveira Gontijo (fi lha)
Marcílio Múcio Gontijo (i rmão)
Olívio dos Santos Lima (ami go).

Quem lê os romances-poesia de Carlos Lúcio Gontijo percebe, claramente, que o objetivo de sua ficção é, através de uma crítica social arguta e bem tecida, a busca por uma porta pela qual possam entrar os deserdados da sorte.

Celso Brant (Professor de Direito, jornalista, escritor e político).

Aqui, desejo expressar minha admiração pela tenacidade, pela garra que Carlos Lúcio Gontijo revela no seu fazer literário, na sua intenção de levar ao público essa mensagem de afeição e de esperança nas potencialidades do homem brasileiro. Sabe como poucos manejar essa língua portuguesa tão sofrida quanto seu povo. Utiliza seu talento literário como se estivesse esgrimindo com as palavras, vibrando golpes certeiros e contundentes na consciência do leitor. São substantivos, adjetivos e verbos empregados com precisão, de forma expressa e enriquecedora de situações, que em mãos menos hábeis passariam por banais.

Valter Alves Lima (Jornalista, no prefácio de 2ª edição do romance "O Contador de Formigas").

Carlos Lúcio Gontijo não nos destila nenhuma rebeldia estéril: mostra-nos um pedaço do mundo, mas tão pleno de poesia que é aquarela que nos induz a uma tomada de posição generosa e fértil diante da vida.

Harildo Norberto Ferreira (Poeta e jornalista).

Com formação humanista, o artífice Carlos Lúcio Gontijo tece no seu trabalho as palavras de esperança na chegada de amanhã com brilho grandioso e capaz de conter o vendaval degenerativo da qualidade racional do homem enquanto envolto no imediatismo da cobiça material.

João Silva de Souza
(Advogado e escritor).

Palavras se fazem poucas para a grandeza do escritor e poeta, Carlos Lúcio Gontijo, que honra o panorama cultural do seu país e alarga a mente de quem o lê, na sua pátria e além-fronteiras.

Carmo Vasconcelos (Poetisa portuguesa e diretora da revista luso-brasileira "eisFluências").

Carlos Lúcio Gontijo, filho da pantaneira mato-grossense Dona Betty, sabe viver a vida. Revolta ele sente, nas angústias muitas que vê, na desigualdade da vida em sociedade, e dos falsos talentos subindo os degraus da fama... Porém, sabe tomar decisões sérias, firmes, nos arroubos de José Carlos Gontijo, seu pai (o "paitrocinador").

Maria Greco (Professora).

MANTRA DE DRUMMOND

Na vida a pedra é eterna senda comum

Cada um de nós herda a sua própria fenda

Mas em Itabira o Poeta Maior incomum

Entrelaçou mar na peneira de versos em corrente

E na renitência garimpeira de mineiro sozinho

Ensinou a gente a gotejar mantra de paciência

Sobre a dura consistência da pedra no caminho

Carlos Lúcio Gontijo

Ao receber carta em que lhe dizíamos de nossa alegria com o lançamento do primeiro livro, o poeta Carlos Drummond de Andrade, autor do famoso poema "No meio do caminho tinha uma pedra / Tinha uma pedra no meio do caminho. E eu nunca me esquecerei / Que no meio do caminho tinha uma pedra / Tinha uma pedra no meio do caminho.", enviou-nos incentivadora e afetuosa resposta que ainda hoje serve de alento ao navegar de nossos versos.
Rio de Janeiro, 15 de junho de 1977.

Prezado Carlos Lúcio Gontijo:

"Ventre do Mundo" está aqui sobre a mesa, com a sua carta informativa e simpática. Obrigado pela lembrança gentil. Um livro de poemas e aforismos que se esgota em quinze dias é sinal de que o seu autor soube dar o recado. E você o deu numa forma gráfica elegante e nova. Deve estar contente. Parabéns, e vá em frente, xará.

O abraço e a simpatia cordial de Carlos Drummond de Andrade